INFORME PUBLICITÁRIO

# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

DOMINGO, 20 DE MARÇO DE 2022

R$ 7,00



# Rock Brasil

## 40 ANOS

A maior homenagem à história do Rock Brasileiro dos anos 80

# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.954 — DOMINGO, 20 DE MARÇO DE 2022 — R$ 7,00

# Governo Bolsonaro usa órgãos federais para difundir Telegram

Oferta de serviço público no aplicativo cresceu após presidente adotá-lo como canal com militância

O governo Jair Bolsonaro (PL) tem promovido o aplicativo de mensagens Telegram, que deve ser suspenso por determinação do ministro do STF Alexandre de Moraes, com a oferta de serviços de órgãos federais nesse canal.

Entre os que utilizam o Telegram para tratar com a população estão ministérios (Justiça e Segurança Pública, Relações Exteriores e Desenvolvimento Regional), a Polícia Rodoviária Federal e a Defesa Civil.

Alguns, como o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e a Receita Federal, oferecem ainda atendimento com robôs.

Especialistas em tecnologia apontam riscos para quem adere a esses canais.

As pastas citam o alcance do Telegram para justificar o uso, mas o avanço dessa oferta coincide com a adoção da plataforma como ferramenta central de comunicação de Bolsonaro com a militância em janeiro de 2021.

Por meio da Advocacia-Geral da União, o governo Bolsonaro acionou o STF contra a decisão de Moraes. Política A4

**Ministro do STF dá 24 horas ao Telegram para cumprir ordem** Política A5

## País reduz diplomados em setores estratégicos

Na contramão da tendência mundial, a quantidade de diplomados por universidades brasileiras em boa parte das áreas conhecidas como STEM (Ciências, Engenharia, Matemática e Computação) caiu ao longo de uma década. De 67 mil formados nesses campos em 2009, o número passou para 60 mil em 2019. Mercado A15

## Por eleição, aliados de presidente falam em esconder Guedes

Apoiadores de Bolsonaro dizem que políticas defendidas por Paulo Guedes (Economia) podem retirar votos na corrida à reeleição e defendem "esconder" o ministro. Dilema é comparado com o de Lula sobre Dilma Rousseff. Mercado A16

## Viagem de Carlos à Rússia aciona no TSE temor de interferência

Política A6

**Wilson Gomes**

*Permita que eu me apresente*

Abomino autoritarismo, não tolero dedos em riste, não concedo razão automaticamente, nem a minorias nem à massa. Nem a seus contrários. Sou de esquerda, mas posso não ser da sua. Ilustríssima C3

Passa a escrever mensalmente

Denis Ferreira/ AFP

**GRUPO DE 29 REFUGIADOS UCRANIANOS CHEGA AO PARANÁ**

Dez mulheres, dois homens e 17 crianças são recebidos na Associação Batista de Ação Social de Curitiba; eles viverão em Prudentópolis e Guarapuava

## Podcasts e fake news

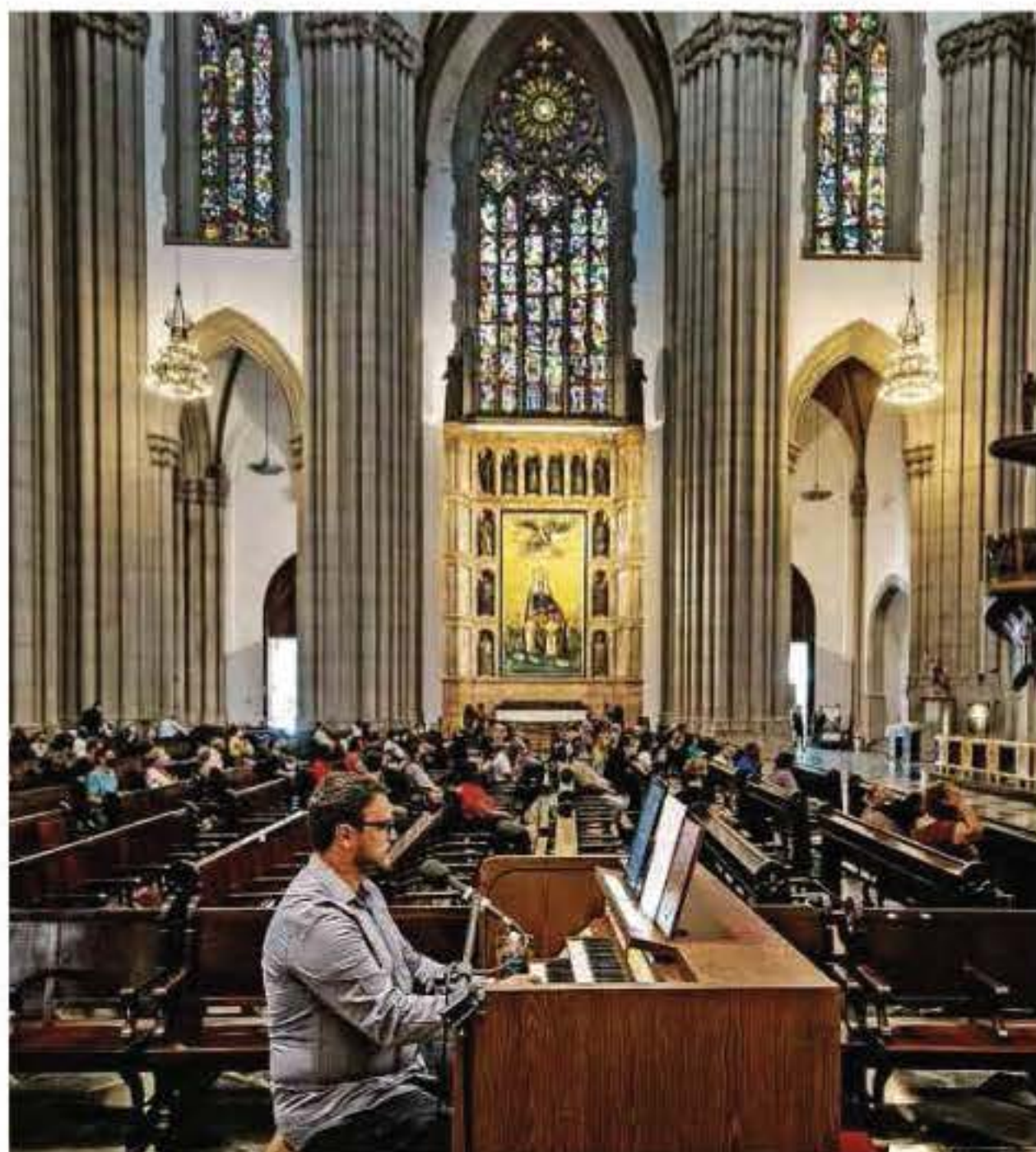
Plataforma vira mina de ouro do streaming, mas incorpora lógica das redes sociais C4

**MÔNICA BERGAMO**

Após superar câncer raro, Heloisa Périssé encena peça, volta à TV e escreve filme C2

**Esporte B7**

## Queda de braço

Conselho e Ronaldo travam duelo em renegociação da SAF do Cruzeiro

Eduardo Knapp/ Folhapress

**ÓRGÃO DA CATEDRAL DA SÉ COMPLETA 20 ANOS SEM USO**

Delphim Porto toca órgão eletrônico em missa; instrumento original tem tubos entupidos e parte elétrica danificada, e arquidiocese não consegue captar recursos do restauro Cotidiano B6

## Brasileiros vão à Ucrânia buscar bebês de barriga de aluguel

Em meio à guerra, casais têm ido à Ucrânia para buscarem seus filhos nascidos de barriga de aluguel —prática permitida no país europeu. De acordo com o Itamaraty, cinco famílias já conseguiram retirar os bebês. Mundo A11

## Corrida armamentista gerada pela guerra favorece EUA A10

## Mais de 65% das cidades do país não cumprem pré-natal

O Sistema de Informações em Saúde para a Atenção Básica revela que mais de 3.600 cidades descumpriram, no quadrimestre final de 2021, metas do pré-natal no SUS, como a que prevê que 60% das gestantes façam 6 consultas. Saúde B1

## Negros com altas habilidades veem diagnóstico tardio

Pessoas negras com altas habilidades atribuem a racismo a demora no diagnóstico escolar de suas características. Matheus Franco, 20, diz que ninguém considerava suas notas altas. "Era o aluno negro bagunceiro." Cotidiano B2

**EDITORIAIS A2**

*Generoso de repente*

Sobre medidas eleitoreiras do governo Bolsonaro.

*Atualizar o impeachment*

A respeito de revisão da lei que regula o instituto.

**ATMOSFERA**

São Paulo hoje: 23° / 18°

| | Hoje | Amanhã |
|---|---|---|
| Rio | 22 32 | 21 26 |
| Brasília | 19 28 | 18 28 |
| Ribeirão | 20 30 | 19 29 |

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 33954

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.



Jean Galvão

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Generoso de repente

**Bolsonaro corre para oferecer bondades à população, mas perde o foco dos mais pobres**

Um surto de generosidade abateu-se sobre o Palácio do Planalto. O fato de o Brasil estar a menos de sete meses das eleições presidenciais e de o chefe do governo, candidato à recondução, aparecer em desvantagem nas pesquisas de intenção de voto não é coincidência.

Como resultado da bonomia repentina, anunciou-se nesta quinta (17) um "pacote" dimensionado pelo próprio governo em R$ 150 bilhões. Misturam-se, para atingir a cifra, ações de crédito, de antecipação de pagamentos e possibilidade de trabalhadores sacarem recursos de sua poupança compulsória.

Beneficiários do INSS e programas sociais como o Auxílio Brasil, sucedâneo do Bolsa Família, poderão comprometer até 40% —contra um limite anterior de 35%— de seus estipêndios mensais com o pagamento de parcelas de empréstimos consignados.

O 13º salário de aposentados e pensionistas do INSS, que habitualmente é pago no final do ano, será antecipado para abril e maio, o que acelerará a entrada em circulação de um volume de R$ 56,7 bilhões.

Trabalhadores que detêm saldo no Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, poupança acessível em poucas situações, poderão excepcionalmente sacar até R$ 1.000. A expectativa do governo é liberar até R$ 40 bilhões com essa medida.

Além de mostrar certo desespero do presidente Jair Bolsonaro (PL) com as suas perspectivas eleitorais em outubro, o recurso cada vez mais frequente aos chamados pacotes de bondades reflete também os novos choques econômicos propiciados pela invasão militar da Ucrânia pela Rússia.

O crivo para justificar medidas mitigatórias emergenciais nesse contexto deveria levar em conta pelo menos dois aspectos fundamentais. Essas ações beneficiam as populações mais vulneráveis? São proporcionais aos danos e pontuais o suficiente para não deixarem sequelas que atravanquem o desenvolvimento do país?

O elenco de iniciativas anunciado nesta quinta passa relativamente bem pelo segundo quesito. Trata-se de antecipações de saques e pagamentos —que seriam de todo modo realizados em algum momento— e de facilitações pouco extravagantes de acesso ao crédito.

Quanto à eficácia social, as medidas atingem sobretudo segmentos relativamente mais protegidos: trabalhadores formais e segurados do INSS. É uma opção melhor, sem dúvida, do que a ideia cada vez mais fortalecida no Planalto de ampliar subsídios à gasolina, o que seria um presente para os mais ricos.

Mesmo em sua corrida sequiosa por votos para a reeleição, o presidente Jair Bolsonaro perde o foco da metade mais pobre da população, desproporcionalmente afetada pela carestia e o desemprego.

## Atualizar o impeachment

**É bem-vinda iniciativa de rever lei, que deveria fixar prazo para decisão do presidente da Câmara**

O impeachment no Brasil é regulado pela lei 1.079, de 1950. Com isso se pode dizer que o instituto está duas constituições atrasado. O diploma foi elaborado à luz da quinta Carta brasileira, a de 1946, e já estamos na sétima, a de 1988.

O Supremo Tribunal Federal, porém, entendeu que a lei é compatível com a atual Constituição e, com base nessa norma, o país já afastou dois presidentes, Fernando Collor de Mello, em 1992, e Dilma Rousseff (PT), em 2016.

A decisão do STF foi essencialmente correta. Mas é claro que nada impede o Congresso de aprimorar a norma infraconstitucional, adequando-a aos novos tempos. Nos mais de 70 anos que nos separam do legislador de 1950, houve mudanças consideráveis nas práticas políticas, na técnica legislativa e até na percepção da população.

Nesse contexto, é bem-vinda a iniciativa do Senado Federal de instalar uma comissão de especialistas que têm a missão de apresentar, dentro de seis meses, uma proposta de atualização. O comitê é presidido pelo ministro Ricardo Lewandowski, do STF.

A tarefa mais complexa será redefinir quais os crimes de responsabilidade em que presidente, vice e outras autoridades do Executivo e do Judiciário podem incorrer e dar-lhes uma redação mais precisa.

Vale observar, porém, que um instituto como o impeachment não pode dispensar alguns dispositivos mais vagos, como a preservação da "dignidade, honra e decoro do cargo". Por vezes, é só nessa imprecisão que a dimensão política do afastamento encontra oportunidade de se manifestar.

Outro ponto a enfrentar é o controle sobre a abertura do processo de destituição contra o presidente da República. Uma omissão do regimento interno da Câmara acabou dando ao presidente da Casa o poder absoluto de decidir se o procedimento será iniciado, o que desequilibra a própria democracia.

Não está estabelecido um prazo para que o deputado se pronuncie sobre cada pedido que recebe. Assim, ele pode manter engrenagens imóveis —e mesmo um chefe de Estado como Jair Bolsonaro (PL), alvo de mais de uma centena de pedidos, pode dormir tranquilo.

Há que reparar essa lacuna, com imposição de prazo e possibilidade de recurso por parte de maioria absoluta do plenário. Para o afastamento do mandatário, a legislação deve exigir quórum mais elevado, como o de dois terços dos parlamentares hoje vigente.

## Mulheres na filosofia

**Hélio Schwartsman**

São quatro filósofas de primeira linha, que não poderiam ser mais diferentes. Elizabeth Anscombe era católica fervorosa, daquelas de fazer piquete na porta de clínicas de aborto. Foi a pupila favorita de Wittgenstein. Philippa Foot pertencia à nobreza transatlântica. Seu pai era da aristocracia britânica, e a mãe, filha do presidente Grover Cleveland, dos Estados Unidos. Para defender o aborto em algumas situações, criou a "trolleyologia", que se tornou um profícuo campo de reflexão ética. Mary Midgley conciliou a filosofia da biologia com a ética e a militância pelos direitos dos animais. Iris Murdoch era comunista. Voluntariou-se para espionar para os soviéticos. Levou o existencialismo francês para as ilhas britânicas. Destacou-se também pela extensa produção de romances e pelos amantes, homens e mulheres, que colecionou.

Elas se conheceram na graduação na Universidade de Oxford, durante a 2ª Guerra, e, apesar das diferenças, se mantiveram amigas por toda a vida. "The Women Are Up to Something" (as mulheres estão tramando algo), de Benjamin Lipscomb, conta as histórias dessas mulheres. Mostra as muitas dificuldades que enfrentaram. Na avaliação da própria Midgley, elas só puderam crescer como filósofas porque a universidade se viu sem homens, que haviam ido para a guerra. Quando eles voltaram, elas estavam lá.

Lipscomb sustenta que o quarteto promoveu uma revolução na filosofia ética. Ao rejeitar o paradigma de autores como Ayer e Hare, que insistiam na impossibilidade de extrair valores de fatos —o que nos deixaria perigosamente perto do relativismo—, elas abriram caminho para o que mais tarde ficou conhecido como éticas da virtude, nas quais a preferência por certos valores e não outros surge como uma faceta de nossa racionalidade ou da própria biologia. Elas teriam reumanizado a ética. A tese de Lipscomb não é incontroversa, mas o livro definitivamente vale a pena.

helio@uol.com.br

## O faroeste das redes

**Bruno Boghossian**

Em menos de um ano, o Telegram descumpriu seis decisões do Supremo e ignorou quatro tentativas de contato do TSE. Depois que o ministro Alexandre de Moraes resolveu bloquear o aplicativo, o criador do serviço disse que as mensagens haviam sido enviadas para um email errado e prometeu se adequar para atender às ordens da Justiça.

A suspensão do Telegram foi um tiro de advertência do STF para o período eleitoral. A reação da empresa e a oferta de um canal para futuras demandas mostram que o disparo funcionou. Mas as nuances do caso sugerem que o ambiente dessa rede deve passar por uma evolução mínima: saem do status de terra de ninguém para a condição de faroeste.

O Telegram mandou o primeiro sinal de que pode obedecer determinações da Justiça brasileira. Apesar da defesa de uma liberdade de expressão quase irrestrita, o aplicativo já cedeu a pressões do governo alemão e bloqueou mais de 60 grupos negacionistas. Por aqui, ainda não se sabe qual será o tamanho da boa vontade da empresa.

Apesar do choque provocado pela suspensão do aplicativo, o Telegram não disse se pretende mudar sua política de moderação —que hoje permite discursos de ódio, desinformação, teorias conspiratórias e quase todo tipo de conteúdo criminoso. Isso indica que o aplicativo pode até remover mensagens e usuários, mas só por determinação judicial.

É uma situação que concentra um enorme poder de controle nas mãos do Supremo e do TSE, além de estabelecer uma tensão constante com o aplicativo. A suspensão estabelecida na sexta-feira (18), com uma exótica ameaça de multa a usuários que driblarem o bloqueio, prova que esse é um cenário com alta propensão de produzir medidas excessivas.

O episódio também deu combustível a bolsonaristas que exploram decisões desagradáveis do STF para denunciar um suposto ativismo judicial contra o presidente. Nenhum deles sabe explicar por que o capitão depende tanto de um aplicativo que se esforça para fugir da Justiça.

## São João Coltrane

**Ruy Castro**

Leio no The New York Times que, entre as mil seitas religiosas nos Estados Unidos, existe uma igreja dedicada a John Coltrane. Como você sabe, ele é o saxofonista que revolucionou o jazz nos anos 60 e cuja morte, de hepatite, aos 40 anos, em 1967, elevou ao grau de religião o culto que já se fazia a ele por motivos musicais. Mal Coltrane baixou à sepultura, um casal de pastores avulsos em San Francisco fundou a Igreja de, aportuguesando, São João Coltrane. Seu primeiro templo foi numa garagem, e os rituais, entre pneus e latarias, se davam ao som de "A Love Supreme", disco de Coltrane, de 1965.

Em seus 55 anos, a seita recebeu a adesão de potências como os Panteras Negras, o casal Ike e Tina Turner e da viúva de John, Alice Coltrane. Ganhou adeptos, prosperou e os pastores são hoje conhecidos como o Eminente Arcebispo Franzo W. King e a Máxima Reverendíssima e Mãe Suprema Marina King. Infelizmente, em 1981, Alice resolveu fundar sua própria igreja, em Malibu, e processou o casal King por exploração da marca Coltrane e por botar letras em sânscrito nos temas de "A Love Supreme". O litígio só se resolveu quando os Kings aceitaram deixar de chamar Coltrane de Cristo encarnado —exclusividade de Alice—, reduzindo-o a santo padroeiro.

Um pouco da culpa por essa guerra santa coube a Coltrane. Em 1957, em heroína até as orelhas, ele disse ter ouvido a voz de Deus, que o mandou parar com a droga e trocar o saxtenor pelo sax-soprano. Ao contrário de Charlie Parker, Billie Holiday e Bill Evans, que não O escutaram, Coltrane obedeceu, sobreviveu e, pelos dez anos seguintes, o jazz ganhou mais um gênio.

Por algum motivo, a Igreja de São João Coltrane nunca ficou muito tempo no mesmo endereço em San Francisco e, com a pandemia, mudou-se de vez para a internet.

Melhor assim. Evita que seus fiéis cruzem na rua com os devotos do ainda vivo São Sonny Rollins.

## Distorcendo o jogo

**Muniz Sodré**

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Há algo além de simples incidentes colaterais na multiplicação de episódios de violência, de tiros a bomba caseira, por parte de torcidas de futebol em várias capitais brasileiras.

Não é nenhuma novidade enxergar no jogo da bola um lugar de representações sociais que circulam no campo ideológico das diferentes classes na formação social brasileira. Simbolicamente, ele sempre capitalizou aspectos de uma ideologia populista difusa, em que se misturam anseios de entretenimento com ascensão social.

Historicamente, ao profissionalizar-se e "escurecer", o futebol foi assimilando negros e pardos, os grandes constituintes das classes pobres. Mais do que qualquer outro, esse jogo mobiliza a energia psíquica de indivíduos e grupos, por vezes à maneira de uma encenação teatral, como se fosse ele próprio um objeto deslocado de tendências político-sociais frustradas. Nos momentos de Copa do Mundo, o jogo produz sempre um mito de ajustamento identitário no nível da nação. Diz-se que futebol seria muito mais criatividade, habilidade pessoal e malícia, "coisas que pouquíssimos europeus possuem".

A globalização, com o fluxo empresarial de jogadores e técnicos de um lado para o outro, tem concorrido para atenuar o ufanismo. A corporeidade atlética é hoje mais neoliberal do que nacional. Do lado das torcidas, algo parece não ter desaparecido: o mito de nação embutido no jogo é mais claro do que qualquer outra ideia cívica.

Ao contrário das obscuras engrenagens do Estado, a justiça social se faz visível, de imediato, pelo apito na boca do árbitro. Torcer é como enraizar-se em paixão por um sujeito coletivo, o time de cada um. Isso sempre houve, só que o torcedor de agora, distante da realidade milionária e midiática dos jogadores, tende a identificar-se mais com a "bolha" fechada em torno de um clube, como numa rede social ou, no limite, como numa célula extremista.

Essa condição não significa violência em si mesma, que só se revela em sua aparição concreta. Mas pode começar na separação de uma minoria e nas singularizações do excesso. Na bolha, como na torcida, o um é múltiplo, o grupo se faz uno e compacto. Mas o que em campo se extravasa como paixão de um público pela arte da bola torna-se, na bolha, o clímax de um ressentimento polarizado. Não há mais "torcida" e sim distorção odienta de afeto.

Futebol é tão só pretexto para que a violência se autonomize, reduzindo o tempo de um cotidiano insuportável à expressão mais simples de um instante, o ato destrutivo. Isso talvez ainda seja parte de um jogo cênico, de vocação delituosa. Apenas falta a esse ator a coragem do bandido.

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## *Presidência da República: a verdadeira primeira via*

Vamos ajudar a defini-la; bem-vindos, candidatos

**Horacio Lafer Piva, Pedro Passos e Pedro Wongtschowski**

Empresários

Há atualmente três vias alternativas para se chegar ao próximo ocupante da cadeira presidencial em Brasília.

Começando pelo fim, há a terceira via, que representaria a continuidade de uma gestão em que prevaleceram o fanatismo, o desprezo à democracia, o amor às armas, o menosprezo pela ciência, pela cultura e pelo conhecimento, a insensibilidade social, o negacionismo das mudanças climáticas e da importância do meio ambiente e um prazer suicida de ser visto como um pária pelo mundo civilizado. Uma gestão que desrespeita os mais comezinhos princípios da higidez fiscal. Uma gestão que julga a educação o setor a menos merecer o apoio e o suporte do governo.

Há uma segunda via, cujo programa ainda insiste em representar o passado. Parece ver o nosso século com os olhos de um tempo que ficou para trás; não entende que o mundo, os costumes, a economia e as relações entre os países não são hoje mais os mesmos. Uma visão distorcida do papel do governo em um Estado moderno; a insistência em tentar resolver os problemas de hoje com soluções que nem no passado funcionaram. Uma visão corporativa, centralizadora e autoritária: são os iluminados, donos únicos, indiscutíveis e seguros de suas verdades, que acabam por contaminar a economia com privilégios e corrupção.

Há, finalmente, como esperança dos que pensam o país daqui para frente, uma primeira via.

Esta primeira via pensa o futuro com os olhos no presente e a experiência do passado. Sabe que a indústria do Brasil tem sim futuro, desde que modernizada tecnologicamente e sustentável ambientalmente. Sabe que a saúde tem solução, com o uso da informática, com a valorização do trabalho médico preventivo, com a busca da eficiência e do respeito pelas pessoas. Sabe que a iniciativa privada é a fonte real de riqueza para todos. Sabe que o meio ambiente deve ser protegido; que a crise climática exige ação determinada e firme. Sabe ser a nossa justiça falha, tardia e incerta. Sabe que a ciência e a inovação são as bases para uma sociedade mais produtiva, mais eficiente, pensando no consumidor consciente. Que a educação é a base da criação de uma sociedade mais igualitária. Que a fome é intolerável e que as desigualdades atuais são inaceitáveis.

A primeira via vê o Brasil com expectativas; sabe que somos trabalhadores, majoritariamente corretos e ambiciosos por uma sociedade próspera e equilibrada, uma sociedade tolerante, que valoriza o conhecimento, este sim a base para uma convivência justa. A primeira via que traz a esperança de um Brasil melhor para nossos filhos e netos.

Sabemos todos que o melhor candidato não é o que provoca adesões antecipadas e apressadas, nem o que vocifera desde já contra os seus possíveis oponentes, mas o que compreende o tempo da disputa e o valor do debate. Estes serão os atributos que gerarão o projeto que haverá de receber o apoio de uma sociedade diversa como a nossa — e que representará o triunfo da democracia brasileira.

Aqueles que escolhem cedo demais não estão dando tempo para o surgimento de alternativas. Estão, sim, lavando as mãos, tratando com pressa e displicência uma eleição muito importante, fulanizando açodadamente o que depende mais de um coletivo do que um só líder.

Há diagnósticos, há projetos, há um exército de pessoas competentes para executá-los imediatamente após escolhida a liderança correta, disposto a compartilhar os desafios sem arrogância, egolatria e com visão de longo prazo.

Vamos ajudar a definir esta primeira via, que será a única a colocar de pé um sonho e um programa que conquistarão mentes, corações e o entusiasmo dos brasileiros.

Bem-vindos, candidatos da primeira via.

Claudia Liz

## *Sanções à Rússia, inflação e a estratégia chinesa*

Antes impensável, embargo afeta múltiplas frentes

**Emanuel Pessoa**

Advogado especializado em direito econômico internacional, é mestre em direito (Universidade Federal do Ceará e Harvard Law School) e doutor em direito econômico (USP)

O barril de petróleo do tipo Brent chegou a ser negociado a US$ 139 pelo temor de embargo ao petróleo russo. Já o gás natural atingiu mais de 330 euros por megawatt-hora (MWh), um aumento superior a 70% em pleno inverno europeu.

Essa subida de preços foi uma antecipação do mercado ao que parecia antes impensável: o embargo ao setor exportador de energia russo, já que uma sanção desse tipo prejudica as já superendividadas economias das potências ocidentais, além de atrapalhar a retomada econômica após as longas quarentenas decorrentes da Covid-19.

Contudo, sem esse embargo, a Rússia não se vê privada dos recursos que necessita para custear a guerra contra a Ucrânia. Na verdade, a disparada dos preços do petróleo e do gás natural beneficiam o país, que, com o aumento dos preços, compensa, ainda que parcialmente, parte das perdas que sofre com outras medidas de coação.

As sanções atuais prejudicam mais o povo que o próprio Estado russo, mas o embargo sobre o petróleo e o gás afeta principalmente o governo, que se vê privado do fluxo de moedas estrangeiras, forçando a utilização das reservas internacionais que não foram bloqueadas e perdendo o apoio de grande parte da oligarquia local, que lucra com a exportação de energia.

A medida era considerada altamente improvável, já que reduziria o crescimento econômico dos Estados Unidos, além de aumentar a inflação, que já erode a popularidade do presidente Joe Biden em pleno ano de eleição legislativa.

Isso, provavelmente, explica porque a China ainda não tomou medidas concretas em relação à Taiwan, aproveitando a inação militar ocidental: o gigante asiático quer ver o quanto o Ocidente está disposto a sacrificar suas economias.

A economia chinesa depende fortemente de exportações, sendo o principal comprador os Estados Unidos. Se a China percebe que há disposição da classe política e da sociedade para tolerar uma inflação maior para garantir os compromissos norte-americanos com seus aliados, uma incursão militar em Taiwan pode ser adiada. Um embargo a produtos chineses também geraria forte reação inflacionária nos países ocidentais, que dependem do país para suprir a maior parte dos bens de consumo que adquirem.

Na Europa, a alta do gás também deve se refletir na perda de poder de compra da população por conta da inflação, assim como no aumento de custos da produção industrial — principalmente na Alemanha, que conta com a Rússia para prover mais de 50% do gás natural que utiliza.

No curto prazo, isso deverá levar a Alemanha a rever a sua política de fechamento de usinas nucleares e modificar o ritmo de diminuição da utilização de combustíveis fósseis. O contrário seria impor preços mais altos aos consumidores europeus e arriscar uma perda de mercado para os produtos industrializados alemães.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

### ASSUNTO
### VOCÊ SE SENTE INSEGURO EM SUA CIDADE?

Só em minha rua, neste mês, tivemos quatro casas invadidas, segurança zero.
**Ricardo Zuppo** (São Paulo, SP)

Sim, muito inseguro. Alguns tipos de roubo se tornam rotina, ocorrendo durante o dia todo. Acho que a ausência de policiamento preventivo facilita. Em certos locais não há sequer uma viatura policial circulando. As ações são pontuais e só. Agora vão utilizar as câmeras que os cidadãos instalaram para melhorar essa segurança. Parece que o policiamento ficará "assistindo TV".
**George Machado** (São Paulo, SP)

*

Moro na zona sul da capital paulista e a sensação de insegurança é alta. Frequentemente recebo notícias sobre crimes que ocorrem ao meu redor. A gente acaba entrando em um estado de tensão diante dessa situação, fabulando formas de não ser a próxima vítima.
**Victor Rubens da Silva Santos** (São Paulo, SP)

*

Sim. O trabalho dos órgãos de segurança nunca conseguirá garantir à população tranquilidade enquanto a raiz dos problemas sociais não for resolvida. Falta de assistência aos jovens da periferia e a escandalosa desigualdade entre os mais carentes e os ricos, comprovada pelo elevado valor do índice Gini, formam um caldo que gera desesperados que acabam se lançando ao crime.
**Moisés Spiguel** (Campinas, SP)

*

Não me sinto seguro em Campinas nem em lugar nenhum. Drogas tem sido o câncer em estado letal por todo o tecido social brasileiro.
**Luiz Roberto da Silva** (Campinas, SP)

*

Tanto em meu bairro, como na cidade de maneira geral, de uns meses para cá o número de assaltos aumentou muito. Nunca haviam tentado entrar em minha casa, e só do Natal até janeiro entraram duas vezes. Assim como já foi dito em outra matéria da **Folha**, em nosso bairro temos um grupo de WhatsApp no qual compartilhamos informações em prol da nossa segurança.
**Paula Callera** (Araraquara, SP)

*

Já fui vítima de assalto a mão armada perto da casa dos meus pais. Sinto-me inseguro ao realizar minhas caminhadas.
**André Paulo Ferreira** (Santo André, SP)

A sensação de insegurança é permanente. Nunca sabemos de onde virá a próxima violência e nem de quem.
**Robson Sciola** (Peruíbe, SP)

*

Não há segurança pública na serra de Petrópolis ou na estrada que liga o Rio à serra. Quanto à segurança nos bairros de Itaipava, Araras, Nogueira ou Retiro, para citar os principais, fica clara a inexistência total de segurança pública. Mas, como nasci no Rio, morei em São Paulo e andei de Porto Alegre a Manaus, sei que essa deterioração da segurança pública é em todo o Brasil.
**Henrique M. Fonseca Lima** (Petrópolis, RJ)

*

Temos assaltos diários em Barão Geraldo, perto da Unicamp. Todo dia temos um relato de alguém que foi assaltado, mulheres sendo perseguidas e aterrorizadas na rua, até pessoas apanhando de ladrões. Está acontecendo até de eles usarem as mochilas falsas do iFood para tirarem a suspeita inicial, o que é péssimo para as pessoas que estão de fato trabalhando com delivery.
**Gabriela Pascholati do Amaral** (Campinas, SP)

Muito insegura. Em qualquer horário. Em qualquer bairro.
**Mônica Maria Ayres Meireles** (Fortaleza, CE)

*

Moro em Niterói e trabalho em Duque de Caxias, circulo diariamente na Linha Vermelha e na alameda São Boaventura, locais onde tudo pode acontecer, de tiroteios a alagamentos. Não me sinto segura. Niterói tem áreas patrulhadas constantemente pela PMERJ, mesmo assim o clima não é de segurança. Duque de Caxias é ainda mais instável, pois temos áreas de disputa entre o tráfico e as milícias.
**Jordana Peixoto** (Niterói, RJ)

*

Mesmo morando em uma cidade do interior de Minas Gerais, com 20 mil habitantes, nos sentimos todos inseguros. Há uma escalada de violência e desordem que não havia por aqui.
**Luis Eduardo Souza Flamini** (Guaranésia, MG)

*

Nós, negros, nos sentimos inseguros duplamente. Devido ao aumento da criminalidade e por causa do racismo das polícias. Embora não possamos generalizar.
**Pedro Valentim** (Bauru, SP)

**Temas mais comentados pelos leitores no site**
De 12 a 18.mar - Total de comentários: 10.910

Comentários

- 307 — Alexandre de Moraes determina bloqueio do Telegram em todo o Brasil (Política) **18.mar**
- 226 — Aliados de Lula agora defendem Alckmin e criticam delação da Ecovias (Política) **17.mar**
- 209 — Bolsonaro diz que Petrobras demonstra não ter sensibilidade com população (Mercado) **12.mar**

### OUTROS ASSUNTOS

**Telegram banido**

Concordo. ("Governo Bolsonaro aciona STF contra ordem de bloqueio do Telegram", Poder 19/3). São inadmissíveis veículos que se prestam a ser instrumentos de ódio, mentira e conspirações.
**Samuel Fagundes** (São Paulo, SP)

*

Todo conservador é tachado pela velha imprensa de extrema-direita. Já a extrema-esquerda não existe. Até Lula e MST são moderados.
**Adriana Mara de Moura e Souza** (Barroso, MG)

*

A missão do STF é a garantia de liberdade e não a censura. Um precedente muito perigoso.
**Manuel Ribeiro Filho** (Salvador, BA)

**Paulo Guedes**

Mais do que já está escondido? ("Aliados de Bolsonaro avaliam 'esconder' Guedes na campanha", Poder 19/3) Só se mandarem à Crimeia.
**José Roberto Gomes Rocha** (Aracaju, SE)

**Lula**

O dilema das redes: "No WhatsApp, coordenadores de grupos de direita pediram que seus membros se manifestassem com respeito às ordens das forças de segurança." Não é só de informações falsas que se trata. Os grupos nas redes bolsonaristas são estruturas de comando. Prestam-se à conspiração e à ação golpista. ("Lula ataca Bolsonaro e Moro na volta a Curitiba e diz não crer em Paraná 'conservador'", Poder, 19/3)
**Luiz Otavio Cruz Teixeira** (São Paulo, SP)

# política

## PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

### Escrituras

A Igreja Universal do Reino de Deus tem utilizado seu jornal semanal para desferir ataques à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva e do PT, associando-os ao inferno e ao totalitarismo. A despeito de atritos recentes, a igreja comandada pelo bispo Edir Macedo é apoiadora da reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL). A campanha contra Lula tem sido promovida pela Folha Universal, que completou 30 anos neste mês e tem tiragem de 1,7 milhão de exemplares.

**AUTORIA** Alguns artigos, embora identificados como "editoriais", são assinados pelo advogado Denis Farias, do Pará, que é fiel da igreja e já ocupou cargo em governo do Republicanos, partido associado à denominação neopentecostal. Outros não têm assinatura.

**VISÃO** O editorial mais recente diz que o comunismo persegue cristãos e que a maneira de deter isso no Brasil seria rechaçar Lula nas urnas. Em nota, o departamento de comunicação da Universal afirma, sobre Farias, que todo texto de opinião reflete o ponto de vista de quem o redigiu, "e pode, ou não, coincidir com as convicções do veículo."

**EFEITO** Apoiadores de Jair Bolsonaro (PL) avaliam que o banimento do Telegram pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, vai re-energizar e reunificar a base do presidente, que andava dispersa. Alguns chegam a dizer que a injeção de ânimo será comparável à que teve a facada em 2018.

**ME AJUDA...** O Ministério da Ciência e Tecnologia disse ser "inadmissível" a falta de cooperação das plataformas com autoridades brasileiras no combate à desinformação. A manifestação foi feita no documento no qual pede para a AGU impedir o bloqueio do Telegram.

**... A TE AJUDAR** Em outro trecho, a pasta fala sobre a necessidade de mecanismos para garantir o cumprimento da lei brasileira. Menciona a liberdade de expressão com responsabilização, mas sem inviabilizar o uso do aplicativo.

**VELHA GUARDA** Pré-candidato do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao governo de SP, Tarcísio Freitas (Infraestrutura) reuniu-se na última terça (15) com o ex-prefeito de Osasco e ex-candidato a governador Francisco Rossi. Ligado ao PL, o veterano político acenou com apoio ao ministro na disputa eleitoral.

**TENTE OUTRA VEZ** A senadora Simone Tebet (MDB-MS) e o presidente nacional do MDB, Baleia Rossi, terão uma nova rodada de conversas com o presidente do União Brasil, Luciano Bivar, na próxima quarta (23). Os três tentam encontrar um caminho para os pré-candidatos da terceira via chegarem a um nome único para presidente.

**METAMORFOSE** A filiação de Geraldo Alckmin ao PSB é parte de um pacote que inclui mudanças profundas no partido, que quer passar a ser visto como uma legenda próxima do centro, embora traga a palavra "socialista" no nome.

**MODELO** Em abril, a sigla fará em Brasília um congresso em que deve aprovar novos programa e estatuto. "A ideia é que o partido fique mais parecido com a social-democracia europeia", diz o governador do Maranhão, Flávio Dino.

**EM CASA** Segundo Márcio França, ex-governador de São Paulo, Alckmin vai se sentir "totalmente à vontade" no novo PSB. Uma das mudanças é a defesa do parlamentarismo, sistema que historicamente é associado ao PSDB, de onde o ex-governador acaba de sair.

**CONVERSÃO** Crítico de João Doria (SP) nos últimos anos, o empresário Diogo da Luz, ex-Novo, filiou-se ao PSDB na companhia do governador, a quem teceu elogios. "Doria, além do preparo e da inteligência, sabe ouvir, agregar, negociar e resolver", escreveu.

**MEMÓRIA** Até recentemente, contudo, ele não poupava ataques ao tucano. "O Doria não é dono da vacina. Chega de politizar a saúde", disse em junho de 2021, por exemplo.

**SUPERA** Luz disse ao Painel que todos erraram muito na pandemia e que teve divergências firmes com o governador, mas que não quer mais "polarizações autoritárias".

**RISCO 1** Prefeito de São Bernardo do Campo (SP) e aliado de João Doria, Orlando Morando (PSDB) diz que o partido poderá ser alvo de ação do Ministério Público caso ignore o resultado da prévia para presidente no ano passado.

**RISCO 2** "O partido gastou dinheiro do fundo partidário nessa consulta, que é recurso público. Como fica se esse gasto não tiver servido para nada?", pergunta.

**EMPOLGUEI** As últimas pesquisas animaram a deputada federal Renata Abreu (SP) a ser candidata ao governo de SP pelo Podemos, o que daria um palanque a Sergio Moro. Ela chegou a 7% em um levantamento. Mas a possibilidade maior ainda é de o partido se aliar a Rodrigo Garcia (PSDB).

com Guilherme Seto e Juliana Braga


GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| DO 1º AO 3º MÊS | R$ 1,90 | R$ 1,90 |
| DO 4º AO 12º MÊS | R$ 9,90 | R$ 9,90 |
| A PARTIR DO 13º MÊS | R$ 29,90 | R$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa seg. a sáb. | Venda avulsa dom. | Assinatura semestral* Todos os dias |
|---|---|---|---|
| MG, PR, RJ, SP | R$ 5 | R$ 7 | R$ 827,90 |
| DF, SC | R$ 5,50 | R$ 8 | R$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 6 | R$ 8,50 | R$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE | R$ 9,25 | R$ 11 | R$ 1.420,90 |
| Outros estados | R$ 10 | R$ 11,50 | R$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
363.733 exemplares (janeiro de 2022)


O presidente Jair Bolsonaro (PL) no Palácio do Planalto Pedro Ladeira - 17.mar.22/Folhapress

# Governo impulsiona Telegram com órgãos oficiais e deixa riscos

Plataforma relevante para Bolsonaro nas eleições foi adotada para atendimentos em ministérios, mas especialistas questionam

Alexa Salomão

**BRASÍLIA** O governo de Jair Bolsonaro (PL) impulsionou o acesso da população ao Telegram por meio de órgãos oficiais. Ministérios e instituições públicas oferecem o aplicativo como um canal para serviços. A estratégia é questionada por especialistas da área de tecnologia, que identificam riscos para quem aderir a esses serviços pelo aplicativo.

Na sexta-feira (18), o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, determinou a suspensão do aplicativo a pedido da Polícia Federal, em decisão classificada por Bolsonaro como "inadmissível".

Nos lances mais recentes de adesão pública à plataforma, a Defesa Civil Nacional anunciou em fevereiro que passaria a enviar alertas de desastres pelo Telegram. Em março, o Ministério das Relações Exteriores divulgou que informações sobre atendimento consular na Ucrânia poderiam ser obtidas por telefone, Facebook e Telegram.

Mas o avanço ocorreu nos últimos dois anos, quando parte dos organismos criou canais para divulgar informações, a título de ampliar opção aos já utilizados Facebook, Twitter, Instagram, YouTube e LinkedIn. Ministério da Justiça e Segurança Pública, Ministério do Desenvolvimento Regional e Polícia Rodoviária Federal são exemplos.

Outros foram além. Adotaram o Telegram para fazer atendimentos via bot, nome em inglês para robô.

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos tem cinco serviços com bots. É possível denunciar violência contra mulher e violação de direitos humanos, por exemplo. A Receita Federal tem um atendimento remoto para consulta e solução de problemas com o CPF. A CGU (Controladoria-Geral da União) estendeu ao bot do Telegram a seu sistema de ouvidoria.

No caso do Portal da Transparência, da mesma CGU, o aplicativo tem ainda outra função. Existem apenas duas maneiras de receber notificações desse serviço, por email ou Telegram.

Quem acompanha a área de tecnologia afirma que não é possível dissociar esse avanço do fato de o Telegram ser o aplicativo para onde Bolsonaro migrou em janeiro de 2021, convocando a sua militância.

Na ocasião, outras plataformas começaram a restringir conteúdos considerados falsos ou que instigassem a violência. O ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, por exemplo, teve a conta suspensa pelo Twitter.

De lá para cá, o aplicativo passou a ser usado em 60% dos smartphones do Brasil, contra 99% no caso do WhatsApp. Bolsonaro atraiu mais de 1 milhão de seguidores e as redes bolsonaristas aumentaram de forma exponencial.

O Laboratório de Humanidades Digitais, da UFBA (Universidade Federal da Bahia) pode dar uma dimensão do contingente. Ele acompanha mais de 500 grupos de extrema direita no Telegram. Um grupo pode ter até 250 mil integrantes, e uma boa parte deles tem 80 mil em média.

O coordenador desse estudo, professor Leonardo Nascimento, que atua no novo campo da sociologia digital, se declarou "abismado" quando viu os canais com bots do governo federal.

"Estão colocando o cidadão para dentro da estrutura de desinformação da direita", afirma. "É como se você desse de presente um aparelho de TV para que as pessoas pudessem ver os programas que você vai produzir."

Segundo Nascimento, apesar de o sistema de bots do Telegram ser muito eficiente, tudo o que é oferecido pelo governo no aplicativo poderia ser desenvolvido pelo Estado. "Mas por alguma razão, que precisam explicar, preferem mandar as pessoas para o Telegram", diz ele.

Nascimento e outros especialistas são unânimes em afirmar que o Telegram não é seguro para a prestação de serviços públicos por questões técnicas.

O Telegram é híbrido. Envia mensagens e tem o seu sistema de armazenamento em nuvem. Tudo o que é postado fica nos servidores, ainda que seja posteriormente apagado. Não é como no WhatsApp, onde os dados são criptografados. Para piorar, não existe clareza sobre como essa massa de informações é resguardada ou utilizada e o aplicativo não faz moderação de nada que é publicado.

"Diferentemente do WhatsApp, o Telegram não é só um serviço de mensagens, é também um serviço de armazenamento em nuvem, e qualquer uso de plataforma privada para a prestação de serviço público é complicado", diz Ronaldo Lemos, diretor do ITS (Instituto de Tecnologia e Sociedade) do Rio de Janeiro e colunista da **Folha**.

"Ele também não tem sede no Brasil e consistentemente se nega a obedecer a ordens judiciais. Outros aplicativos, por mais problemas que possam apresentar, têm representação no Brasil", afirma.

Paulo Renê, professor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da UniCEUB, em Brasília, e integrante da Coalizão Direitos na Rede, lembra que o Telegram é quase uma deep web.

Tráfico de armas e de drogas, pedofilia, pornografia, grupos neonazista e muita informação falsa passam por essa "internet profunda". Por isso, ele afirma que o governo precisa deixar claro qual o nível de segurança para quem acessa o aplicativo. Ele acionou alguns e identificou deficiências.

No caso da Receita Federal, por exemplo, há cinco opções, e o usuário pode ser vítima de canais falsos. "Digitando ReceitaFederalOficial na busca do Telegram aparecem opções que parecem não ser oficiais e podem enganar pessoas menos atentas. Em um deles, ao menos 7.000 pessoas podem ter sido ludibriadas", afirma.

No canal de denúncias do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, as declarações de vítimas de violência doméstica seguem para a nuvem da empresa com zero garantia de anonimato.

No Telegram, uma conversa pode se privada, caso se recorra ao chat secreto, mas essa alternativa, porém, não está disponível no canal que a pasta disponibiliza no aplicativo.

Os especialistas também lembram o Telegram é um aplicativo excepcional no aspecto técnico — por isso é poderoso para o bem e para o mal.

"Os recursos de automação são inúmeros", afirma Carlos Affonso Souza, diretor do ITS e professor da Faculdade de Direito da UFRJ (Universidade

Continua na pág. A5

**ENTENDA O CASO TELEGRAM**

**O que é o Telegram?**
É um aplicativo de mensagens com funcionamento parecido com o do WhatsApp. Além de ter alta capacidade de viralização, com grupos que podem comportar até 200 mil membros, o Telegram possui uma dinâmica que se assemelha muito mais a redes sociais. Apesar disso, não modera conteúdo — a não ser em casos como de terrorismo

**Qual é a preocupação do TSE?**
Como a empresa tem uma postura de nenhuma cooperação e não tem sede no Brasil, o tribunal tem dificuldade de fazer a legislação nacional ser efetiva

**Quais medidas no Brasil?**
O bloqueio do Telegram gera preocupação em especialistas na área, dadas as possíveis consequências legais e técnicas da medida. Outro cenário seria aceitar o crescimento desenfreado de uma plataforma que não atende aos contatos do Judiciário brasileiro

Continuação da pág. A4
do Estado do Rio de Janeiro).

Os bots podem identificar o que um usuário leu e compartilhou, um refinamento que o WhatsApp não oferece.

Reconhecem os temas mais sensíveis a cada usuário, e selecionam baterias de mensagens que possam envolvê-lo. Os canais abrigam um número realmente incontável de pessoas, e o administrador tem poder para decidir quem vai se manifestar.

Ninguém sabe se, como e quando o Telegram poderá ser desligado no Brasil, nem quanto tempo duraria o bloqueio, mas os especialistas visualizam mais radicalismo em seu interior.

"É quase lugar-comum dizer que a polarização vai aumentar no segundo semestre", diz ele. "Mas influenciadores estão preparando um caldeirão de desinformação partir do Telegram, e vai ser um desafio combater o que vem pela frente."

## Órgãos defendem abrangência e dizem que app é seguro

**OUTRO LADO**

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos afirmou, em nota, que o Telegram, pela abrangência, merecia ser incluído entre as opções do ministério, que ainda incluem atendimento telefônico, aplicativo próprio, o site da ouvidoria e o WhatsApp. "O foco é sempre a vítima, que pode ter apenas aquela ferramenta para um pedido de socorro", diz o texto.

A Receita Federal, também destacou que o Telegram é um dos aplicativos mais utilizados no país.

"Muitos órgãos públicos têm optado por essa solução por ela ser gratuita para utilização corporativa, e também por disponibilizar sem ônus um conjunto de API (interfaces para desenvolvimento de serviços informatizados) que permite a criação de aplicativos e bots para interação com cidadãos", diz o texto.

A Receita considera o sistema de nuvens do Telegram tão seguro quanto o de outros sistemas. "Várias consultorias especializadas já se manifestaram que, quando eventualmente há um vazamento de dados em serviços em nuvem, a responsabilidade é normalmente do usuário ou do administrador do sistema cliente, e não do fornecedor dos serviços de computação em nuvem", afirma o texto.

O Ministério da Justiça e Segurança Pública destacou, também em nota da assessoria, que o Telegram é uma das várias plataformas que utiliza para divulgar suas ações, inclusive seus cursos de capacitação, e que garante a segurança dos usuários.

"Nenhuma informação publicada no Telegram pelo ministério é sigilosa. Geralmente, os posts são informações replicadas do site e de outras mídias sociais", afirma o texto.

"Quanto a canais falsos, constantemente equipes realizam a checagem para verificar se existem outros canais utilizando de forma irregular o nome da pasta ou de seus órgãos vinculados."

Os demais órgãos e ministérios citados na reportagem não se manifestaram até a conclusão deste texto.

# Moraes afirma que aplicativo cumpriu só parte das ordens

## Ministro cobrou empresa e deu 24 horas para que atenda às determinações

**Vinicius Sassine**

BRASÍLIA O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou que o Telegram cumpra em 24 horas uma ordem judicial do próprio Supremo que vinha sendo descumprida pela empresa de aplicativo de mensagens.

A nova decisão de Moraes, que já ordenou a suspensão do Telegram no país, foi adotada neste sábado (19). O ministro do STF procedeu a "imediata intimação" da empresa por um email indicado pelo empreendimento. A intimação ocorreu às 16h44 deste sábado.

O entendimento de Moraes é que houve um restabelecimento de contato com o Telegram, depois do descumprimento de decisões judiciais.

O ministro do STF fez quatro determinações na nova decisão: necessidade de indicação do representante da empresa no Brasil (pessoa física ou jurídica); informação de todas as providências adotadas para combater desinformação e divulgação de notícias falsas no canal; imediata exclusão de publicações no link jairbolsonarobrasil/2030; bloqueio do canal claudiolessajornalista.

Na nova decisão, Moraes lembrou ter determinado suspensão "completa e integral" do funcionamento do Telegram no Brasil.

"O Telegram, até o presente momento, cumpriu parcialmente as determinações judiciais, sendo necessário o cumprimento integral para que seja afastada a decisão de suspensão proferida em 17/03/2022", afirmou.

O ministro citou cinco descumprimentos de decisões pelo Telegram.

A plataforma não bloqueou os perfis allandossantos, artigo220 e tercalivre. Allan dos Santos é um blogueiro bolsonarista que está foragido.

Em outubro de 2021, Moraes determinou a prisão preventiva e o imediato processo de extradição do blogueiro, que vive nos EUA. Ele é suspeito de difusão de fake news e de integrar milícia digital para atacar a democracia brasileira.

Depois de efetivado o bloqueio, o Telegram deixou de fornecer os dados exigidos pelo STF, como os responsáveis pela criação dos canais e confirmação de suspensão de monetização deles.

A plataforma não informou se Santos criou novos canais nem se houve bloqueio imediato das novas contas.

Também não houve, conforme a decisão, imediata exclusão e fornecimento de dados das contas jairbolsonarobrasil/2030 e claudiolessajornalista.

Sobre a determinação de suspensão da plataforma no Brasil, a intimação ocorreu pelo serviço de suporte do aplicativo e por meio dos sócios do procurador no país, o escritório Araripe & Associados.

O Telegram enviou email à PF e ao STF informando cumprimento parcial das decisões, como consta no despacho proferido neste sábado.

Segundo a empresa, 36 canais que seriam associados a Allan dos Santos foram bloqueados. A plataforma não adota a prática de remunerar os canais, conforme informado ao STF.

Moraes citou ainda o pedido de desculpas publicado pelo fundador do Telegram, Pavel Durov, em seu canal oficial na plataforma.

Amplamente usada pela militância bolsonarista, a ferramenta é hoje um dos desafios das autoridades brasileiras engajadas no combate à desinformação eleitoral. Até o momento, elas não tiveram sucesso em estabelecer um contato com os responsáveis pela plataforma.

A determinação de Moraes de suspensão do aplicativo acolheu pedido da Polícia Federal e determinou que as plataformas e provedores de internet bloqueiem o funcionamento da plataforma em todo o Brasil.

Na decisão de 18 páginas e que veio a público na sexta (18), Moraes salienta reiteradas vezes a "omissão" do Telegram em fazer cessar a divulgação de notícias fraudulentas e a prática de infrações penais.

A decisão estipula multa diária de R$ 100 mil caso as empresas deixem de adotar as providências necessárias para suspender a utilização do serviço de mensagens.

Neste sábado, o presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou que a decisão de suspensão do Telegram não tem "nenhum amparo no Marco Civil da internet e em nenhum dispositivo da Constituição".

Esta foi a única resposta do presidente aos questionamentos de jornalistas sobre a decisão de Moraes.

**+ Governo aciona STF contra ordem de bloqueio**

A Advocacia-Geral da União entrou com um pedido de medida cautelar ao STF contra a ordem de bloqueio do Telegram. O pedido não foi direcionado ao ministro Alexandre de Moraes, que determinou a suspensão, mas à ministra Rosa Weber, em ação relatada por ela.

OMBUDSMAN | folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br | Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

credito

# Quando os relógios empacam

Folha publica denúncia desatualizada e esquece o que é censura por horas

**José Henrique Mariante**

*Jornais diários, como o próprio nome diz, estão presos à lógica das 24 horas. A melhor edição de tudo o que aconteceu em um dia deveria estar naquilo que carrega certo ar definitivo, a edição impressa do dia seguinte, no papel ou em sua versão digital. Na prática, porém, essa melhor edição já nasce amanhecida. Tudo que está lá já foi lido. O fluxo jornalístico moderno torna o compasso dos diários uma espécie de luxo para poucos.*

*O momento é de troca frenética de manchetes; os grandes jornais do mundo estão com coberturas ao vivo alçadas à notícia principal desde o começo da guerra na Ucrânia. O britânico The Guardian tem profissionais baseados em Redações no Reino Unido, nos EUA e na Austrália se sucedendo sem parar na condução do acompanhamento. Em seu site, a luz do dia brilha a qualquer hora, literalmente.*

*No atual estado de coisas, portanto, chegar à manhã seguinte com uma notícia que só você tem pode ser um grande sucesso, um furo, por exemplo, tão exclusiva que ninguém conseguiu recuperar, ou sintoma de que algo que não está muito certo. A Folha, na última semana, protagonizou a versão negativa dessa experiência.*

*Na quarta-feira (16), pouco antes do meio-dia, o jornal publicou um título que resume a história: "Alckmin recebeu R$ 3 milhões em caixa 2 da Ecovias, diz executivo em delação". De acordo com o texto, a Polícia Federal investigava pagamento a Geraldo Alckmin relatado pelo ex-presidente da Ecovias, a concessionária responsável pelo sistema Anchieta-Imigrantes, em São Paulo. A matéria vinha na esteira de outras reportagens da Folha sobre a delação, que expôs políticos de vários partidos e denunciou um cartel nas concessões de rodovias paulistas. Todas em gestões do PSDB, nas últimas décadas. Pelo acordo, empresa e executivo vão desembolsar R$ 650 milhões para não serem processados.*

*Cerca de duas horas após a publicação da Folha, o Estado de S. Paulo recuperou o caso, mas com uma diferença importante: a Polícia Federal já havia concluído a investigação sobre o ex-governador em fevereiro, apontando falta de provas que corroborassem a palavra do delator. A Folha manteve sua versão, que acabou publicada no impresso de quinta-feira (17). Só que, também na manhã de quinta, o Valor Econômico trouxe informação ainda mais atualizada sobre o episódio: a Justiça Eleitoral já tinha arquivado o inquérito contra Alckmin, por falta de provas, no dia 10 de março.*

*Diante das evidências, no começo da tarde a Folha publicou uma nova reportagem, dando conta do arquivamento. Antes disso, porém, o estrago já estava em curso em torno do ex-governador, provável vice na chapa presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva. Alicerçado na revelação caduca, o jornal repercutia a nova saia justa para os petistas e ainda encontrava um bate-boca de 2018 entre Alckmin e Guilherme Boulos para explorar.*

*Em crítica interna, observei que a apuração da Folha se mostrara defasada ou que, talvez, o jornal tenha se deixado levar por um vazamento seletivo. Pontuei também que o ciclo noticioso se encerrava desequilibrado e que era preciso refletir e reapertar os parafusos, dado que o ano eleitoral promete confusões de toda sorte, inclusive delações e operações requentadas.*

*Em resposta, o editor de Política, Eduardo Scolese, afirmou que havia interesse público na divulgação da delação e que o processo corre sob sigilo, o que dificulta muito o trabalho.*

*Questionada, a Secretaria de Redação diz que não via necessidade de correção da reportagem, em que pese ter sido publicada flagrantemente desatualizada. O texto, porém, acabou sendo reformado no site na noite de sexta-feira (18).*

*No lugar de publicar um Erramos, a Folha preferiu voltar no tempo.*

**Censura nunca mais**

*Não é fácil explicar para os mais jovens o que foi a censura durante a ditadura. Há até quem veja com tolerância certa dose de proibição, mesmo sem compactuar com delírios bolsonaristas. Para quem a suportou, no entanto, a simples discussão de não ter acesso a alguma obra por determinação do Estado é incabível.*

*Foi surpreendente perceber que a Folha levou horas na terça-feira (15) para chamar de censura a censura estabelecida pelo Ministério da Justiça ao filme "Como se Tornar o Pior Aluno da Escola". O primeiro texto sobre o assunto tinha um título que quase naturalizava a exceção: "Filme que Mario Frias chama de pedófilo deve sair do streaming, decide governo". Decide governo?*

*A palavra apareceu em um título da Folha como substantivo apenas à noite, quando o editorial "Censura de volta" foi publicado. Surgiu também na boca de interessados ouvidos pelo jornal, como Danilo Gentili e Globo. Também não foi esquecida pelos títulos do impresso, na manhã seguinte.*

*Às vezes, o tempo resolve.*

# Viagem de Carlos à Rússia aciona no TSE temor de interferência eleitoral

Possível influência estrangeira em fake news e ataques às instituições já é alvo de investigação

**Matheus Teixeira**

BRASÍLIA A ida do vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ) à Rússia reforçou a preocupação de ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) sobre uma possível interferência internacional na eleição brasileira deste ano.

O Supremo já investiga como funciona a influência estrangeira na disseminação de fake news feita por aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) e, agora, passou a temer que isso se repita no pleito.

A preocupação também existe na Polícia Federal, que já mencionou a relação de bolsonaristas com responsáveis por propagação de notícias falsas nos Estados Unidos em diversas representações apresentadas aos dois tribunais.

Vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ) na viagem do presidente à Rússia Alan Santos - 16.fev.22/Divulgação Presidência

O temor expressado nos bastidores entre os magistrados foi exposto em duas decisões do ministro Alexandre de Moraes, que será o presidente no TSE durante o pleito.

Na mais recente, ele citou como um dos motivos que torna necessário o governo federal dar explicações sobre a ida de Carlos ao Leste europeu o fato de o autor do pedido de investigação ter mencionado que a "Rússia é origem de notórios ataques hackers relacionados às votações do Brexit, em 2016, e às eleições nos Estados Unidos, em 2016 e 2020".

Em outro indício da importância que o magistrado tem dado ao tema, ele se negou a retirar o caso da alçada do inquérito das fake news, que está sob sua responsabilidade.

Geralmente, pedidos de investigação contra aliados do governo apresentados por integrantes da oposição —neste caso o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP)— são feitos em petições à parte, não nos autos de investigação criminal, como nesta situação.

O ministro, entretanto, afirmou que os fatos apontados pelo parlamentar "guardam aparente relação" com as apurações sobre fake news em curso no Supremo, o que exige que ambos os casos sejam investigados em conjunto.

Por isso, a ordem de Moraes, proferida dentro de um inquérito, para que o Palácio do Planalto e a Câmara Municipal do Rio de Janeiro expliquem a viagem de Carlos, em fevereiro, ganhou natureza criminal.

Além disso, em outubro do ano passado, em mais um indicativo do temor do TSE em eventual ajuda estrangeira à rede bolsonarista para difusão de fake news, Moraes citou o vínculo do blogueiro bolsonarista Allan dos Santos com um dos invasores do Capitólio para justificar a prisão do correligionário do chefe do Executivo.

No pedido de prisão, a Polícia Federal mencionou, em trecho transcrito por Moraes em sua decisão, que o comunicador bolsonarista articulou-se com pessoas "diretamente envolvidas" na invasão do Congresso americano.

A polícia argumentou que Santos usou o canal de Jonathon Owen Shroyer, processado pelo caso do Capitólio, "para reiterar e reverberar, dessa vez em solo americano, a difusão de teorias conspiratórias voltadas a desacreditar o sistema eleitoral brasileiro, instituições e/ou pessoas".

"Em solo americano, o investigado se associou a pessoas ligadas aos violentos atos criminosos que ocorreram em Washington D.C., no prédio do Capitólio, que buscavam contestar o resultado das democráticas eleições americanas", escreveu o ministro.

Outro fator que desperta preocupação de ministros do TSE diz respeito à proximidade de outro filho do chefe do Executivo, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), com Steve Bannon, ex-conselheiro de Trump.

Em agosto do ano passado, a PF afirmou à corte eleitoral que canais bolsonaristas replicam a estratégia usada pelo ex-presidente dos EUA em 2016, quando venceu o pleito, de tentar diminuir a fronteira entre o que é verdade e o que é mentira.

Essas iniciativas são atribuídas a Bannon, que foi estrategista de Trump no pleito americano. Ele participou de eventos recentemente com Eduardo e reforçou o discurso bolsonarista de que as urnas eletrônicas não são seguras. Bannon chegou a dizer que Bolsonaro será reeleito, "a menos que seja roubado".

Em setembro do ano passado, em mais uma ação que visa entender o nível da influência internacional na rede de desinformação de aliados do presidente, Moraes mandou a PF colher o depoimento do empresário Jason Miller, ex-assessor de Trump.

Ele é fundador da rede social Gettr, que tem como público-alvo a extrema-direita, e foi questionado sobre eventual envolvimento na disseminação de pautas antidemocráticas. Dois dias antes, ele havia se reunido com Eduardo Bolsonaro.

A preocupação dos ministros não se restringe ao período eleitoral. Em fevereiro do ano passado, o ministro Dias Toffoli, do STF, afirmou que as redes bolsonaristas se valem de dinheiro estrangeiro para desestabilizar a democracia.

Segundo o magistrado, os inquéritos que apuram atos antidemocráticos e fake news no país identificaram, por meio da quebra de sigilos bancários, financiamento internacional a pessoas que usam as redes sociais para atacar o próprio STF.

"Esse inquérito que combate as fake news e os atos antidemocráticos já identificou financiamento estrangeiro internacional a atores que usam as redes sociais para fazer campanhas contra as instituições, em especial o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional", disse o ministro em entrevista ao programa Canal Livre, da Band.

Toffoli foi quem determinou, de ofício, a abertura do inquérito das fake news, e quem delegou Moraes como relator do caso.

"A história do país mostrou ao que isso levou no passado. Financiamento a grupos radicais, seja de extrema direita, seja de extrema esquerda, para criar o caos e desestabilizar a democracia em nosso país", afirmou.

# *Irresponsáveis são os responsáveis*

Recusar proteção da máscara é decorrência da idiotia congênita ou patológica

**Janio de Freitas**
Jornalista

*Ao menos duas novas variantes do vírus da Covid-19 foram captadas nestes dias em que numerosos governadores e prefeitos dispensam o uso da máscara contra contaminação.*

*Foram também os dias recordistas de contaminados na Alemanha e na Coreia do Sul, com volta no aumento das mortes. Os dias, ainda, em que os Estados Unidos, com vacinação insuficiente, recaíram nos temores de nova onda, com as variantes recentes.*

*A Fiocruz e os mais autorizados no tema da pandemia discordam da liberação feita pelos políticos/administradores. Em vão. Os cientistas críticos, há tão pouco consagrados como a própria ciência contra os cloroquínicos, foram relegados também a lugares secundários no noticiário.*

*Mas não se vislumbra nem um traço de racionalidade e senso de responsabilidade nas dispensas de cuidados, por um governante atrás do outro.*

*Muito ao contrário, todos sabem que às ondas de contaminação se sucedem refluxos, e novas ondas e refluxos, até que a natureza ou a ciência ou ambas se imponham aos atacantes. Antes disso, se há variantes circulando, há risco de nova onda.*

*Portar máscara não é mais do que pequeno incômodo. O benefício, coletivo e individual, é imenso. Recusá-la é decorrência da idiotia congênita ou patológica.*

*A precipitação dos governantes é, portanto, um serviço gentil e interesseiro, logo, de má-fé, aos populosos segmentos eleitorais da incapacidade de discernir. Tanto que nenhum dos governantes apresentou sequer um argumento para a dispensa das máscaras, só a diminuição promissora, mas inconfiável, das contaminações. Motivo forte, aliás, para manter a máscara e assim acelerar a redução de casos e a resistência a nova onda.*

*Uma das tantas sínteses possíveis do Brasil pode ser a do país onde se prefere entregar as responsabilidades aos irresponsáveis.*

*Em qualquer nível. Saber, por exemplo, de um senador especialista em extorsões cordiais, à maneira suave da mineirice, só entre nós. E só aqui enriquecido e impune por proteção da Justiça criminal. Para isso, o conhecido juiz Ali Mazloum, da 7ª Vara Federal de São Paulo, apresenta argumento interessante, e inovador, em sua sentença de absolvição do hoje deputado Aécio Neves: "O ato de transportar dinheiro não configura delito algum".*

*Depende. Primeiro, porque se o juiz Ali Mazloum aceitasse levar em seu carro oficial, apenas levar a um destino qualquer, o dinheiro de uma extorsão, incorreria em vários delitos.*

*Entre eles, conivência com a extorsão, uso de bem público para transportar e proteger produto de crime e corrupção política, e talvez também formação de quadrilha. Nesse enredo hipotético, se o juiz Ali Mazloum não fosse julgado pelo juiz Ali Mazloum, estaria sob provável condenação.*

*Segundo, o ato de carregar dinheiro não foi a razão da denúncia judicial de Aécio Neves, mas a extorsão maneirosa que praticou contra Joesley Batista, executivo do Grupo JBS. Extorsão e corrupção gravadas e informadas à Polícia Federal. Com isso, as entregas de dinheiro, no total de R$ 2 milhões, foram flagradas.*

*Associado a Eduardo Cunha e lançador das acusações de fraudes no sistema eleitoral vigente; impulsionador da conspiração para derrubar Dilma Rousseff (o relator-promotor foi seu obediente Antonio Anastasia), Aécio Neves viu até sua irmã e comparsa na cadeia, e, impune, segue como uma consagração da irresponsabilidade dos responsáveis.*

*Mas o tempo é de guerra, e as características do Brasil não são exclusivas. Então o astro do momento, Volodimir Zelenski, lança ao mundo uma lufada de aparentes racionalidade e responsabilidade: "É hora de negociar com Moscou".*

*O que daí surge, no entanto, é uma zona obscura entre a bravura exibida por Zelenski e a sua responsabilidade pela Ucrânia. A frase sugere a aceitação da exigência básica de Putin — o compromisso formal da Ucrânia de recusar a entrada na Otan e qualquer atração contra a segurança da Rússia. Isso significa que Zelenski não considera a Otan e bases americanas indispensáveis à soberania da Ucrânia.*

*Logo, o agora poderia e deveria sê-lo antes da iniciar-se a guerra. E, mais ainda, antes de mantê-la à custa de tanto sofrimento do povo ucraniano e do seu futuro posto em cinzas. O heroísmo exibido talvez não seja mais do que terrível irresponsabilidade.*

*A ser assim, Zelenski e Putin poderiam sentar-se lado a lado no Tribunal Internacional de Crimes Contra a Humanidade.*

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

# Lula falará de combustíveis, e Dilma fica fora de inserções

Além da política de preços da Petrobras, petista lembrará ações de seu governo

**Julia Chaib e Victoria Azevedo**

Os ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff durante campanha em 2010
Paulo Whitaker - 23.ago.10/Reuters

**BRASÍLIA E SÃO PAULO** O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) abordará o aumento do preço dos combustíveis na primeira leva de propagandas partidárias nacionais do PT neste ano. Além da política de preços da Petrobras, Lula também lembrará legados de seu governo e mencionará a criação do Bolsa Família.

Esses temas constam nos roteiros das primeiras peças que foram gravadas e serão divulgadas ainda em março.

A ex-presidente Dilma Rousseff (PT), eleita para dois mandatos, ficará de fora das inserções, mesmo as que tratam exclusivamente da participação das mulheres na política.

Caberá à presidente do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), abordar o tema. Segundo a dirigente, Dilma não gravou porque estava em viagem ao Chile representando o partido, na semana passada, na posse do presidente Gabriel Boric.

Cinco anos depois de ter sido extinta, a propaganda partidária obrigatória na televisão e no rádio retornou neste semestre. A lei prevê a obrigatoriedade de se destinar ao menos 30% do tempo total disponível aos partidos à promoção e à difusão da participação política das mulheres.

Além da obrigatoriedade eleitoral, o eleitorado feminino será tratado como uma das prioridades no programa, como antecipou o Painel. Ele é um dos calos do presidente Jair Bolsonaro (PL), que registra alta rejeição nesse segmento.

Petistas dizem que há a intenção de incluir a ex-presidente nas próximas propagandas, assim como representantes mulheres da bancada do PT no Congresso.

Segundo Gleisi, ainda haveria uma tentativa de gravar com Dilma para as primeiras inserções, mas, por causa do tempo remanescente, as chances seriam remotas.

A participação da petista na campanha de Lula é motivo de debates internos no PT. Como a Folha mostrou, a cúpula do partido decidiu se vacinar contra críticas à política econômica implementada no governo de Dilma, antecipando o debate que deverá marcar a corrida presidencial.

A crise econômica que antecedeu o impeachment da presidente, em 2016, se tornou munição de adversários, entre eles Bolsonaro. Dilma já avisou a pessoas próximas que ela mesma defenderá seu governo quando atacada durante a campanha.

A presidente do PT, porém, nega que haja qualquer tentativa de esconder Dilma.

"Dilma tem participado de nossas atividades, inclusive fazendo agendas [no Brasil] e agendas internacionais representando PT e Lula, como essa do Chile. Não há a menor possibilidade de Dilma não estar presente na campanha", afirma Gleisi.

O secretário de comunicação do PT, Jilmar Tatto, diz ainda que o fato de o partido ter dois ex-presidentes da República é motivo de "orgulho e comemoração" para a sigla. "Vamos aproveitar todo esse potencial para dialogar com o povo brasileiro e o Lula voltar a governar o país", afirma.

Mulheres ligadas ao PT e que participaram de evento com o ex-presidente Lula na semana passada, em SP, também devem aparecer no programa, como a governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra, e a socióloga e noiva do petista, Rosângela da Silva, a Janja.

Durante sua fala, Gleisi deverá defender o aumento da participação feminina na política e ressaltar o fato de que o PT tem a única governadora mulher do país.

O partido também pretende adotar o tom da "esperança" em suas propagandas. O mote é resgatar a "felicidade" e o "orgulho" dos brasileiros nos anos em que governou o país.

Segundo relatos, o partido pretende dar um tom propositivo às inserções, abordando também demandas atuais do povo brasileiro, como o combate à fome e à miséria.

Há uma preocupação, porém, de que ele não apresente propostas, para não configurar campanha antecipada.

A alta no preço da gasolina, do diesel e do gás de cozinha é motivo de crise no governo Bolsonaro pelo potencial de atrapalhar os planos de reeleição do presidente.

Lula tem dado entrevistas e feito publicações nas redes sociais sobre o tema. A mensagem que o ex-presidente deverá passar é que, durante os seus governos, a Petrobras era do povo, e não de acionistas. Ele também vai criticar a política de preços praticadas pela estatal atualmente.

Em entrevista à rádio RDR (Rede de Rádios do Paraná), em fevereiro, o petista afirmou que, em um eventual novo governo, não manterá o preço dos combustíveis vinculado ao dólar, como hoje.

"Nós não vamos manter o preço dolarizado. Eu acho que os acionistas de Nova York, os acionistas do Brasil, têm direito de receber dividendos quando a Petrobras der lucro, mas é importante que a gente saiba que a Petrobras tem que cuidar do povo brasileiro", disse Lula na entrevista.

Bolsonaro, ciente do desgaste eleitoral que a alta nos preços pode lhe causar, busca uma solução.

O presidente articulou junto ao Congresso a aprovação do projeto de lei que altera a cobrança de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre combustíveis e zera as alíquotas de PIS/Cofins sobre diesel e gás até o fim de 2022, ano eleitoral.

A expectativa é que a proposta evite que 100% da alta seja repassada aos consumidores, mas não consegue barrar tudo. Bolsonaro articula outras medidas que possam segurar preços e trabalha ainda com a hipótese de trocar o presidente da Petrobras, general Joaquim Silva e Luna.

Enquanto isso, o presidente adota uma narrativa de críticas ao aumento no preço dos combustíveis e tenta jogar no colo da Petrobras a culpa pela alta.

O entorno do mandatário também pretende investir na campanha no discurso de que os problemas econômicos que o país atravessa são causados pelos efeitos da pandemia e da guerra na Ucrânia.

Embora Lula tente explorar eleitoralmente eventuais problemas da Petrobras no governo Bolsonaro, a gestão da estatal pelo governo petista também é alvo de críticas dos outros pré-candidatos.

A Petrobras também pode se tornar vidraça para o PT. A estatal foi o epicentro do escândalo de corrupção que abalou a imagem do partido e ajudou a criar as condições políticas para o impeachment da ex-presidente Dilma.

Na Operação Lava Jato, desvelou-se um esquema que aparelhou gerências e diretorias com indicados de partidos, incluindo PT, MDB e PP, para desviar recursos de contratos e irrigar esquemas de propina e até campanhas políticas.

> Nós não vamos manter o preço dolarizado. Eu acho que os acionistas de Nova York, os acionistas do Brasil, têm direito de receber dividendos quando a Petrobras der lucro, mas é importante que a gente saiba que a Petrobras tem que cuidar do povo brasileiro
>
> **Lula, ex-presidente**
> em entrevista a rádio

> Dilma tem participado de nossas atividades, inclusive fazendo agendas internacionais representando PT e Lula
>
> **Gleisi Hoffmann**
> presidente nacional do PT

**Ex-presidente ataca Lira e fala em pior Congresso da história**

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez críticas ao Congresso e ao presidente da Câmara, Arthur Lira, durante evento com apoiadores do MST no Paraná. Lula disse que há um excesso de poder nas mãos de Lira e afirmou que esse é talvez o pior Congresso da história. O ex-presidente também alertou para os problemas do orçamento secreto (as emendas de relator), chamado por ele de "orçamento lesa-pátria".

# Bruno Brandão

# País praticamente legaliza corrupção ao restringir controle e ampliar fundão

Chefe da Transparência Internacional no Brasil, que fez relatório sobre cenário institucional do país, vê desmanche de políticas pós-Lava Jato

**ENTREVISTA**

Felipe Bächtold

SÃO PAULO A elevação do financiamento público aos partidos e o afrouxamento de controles sobre eles geram uma situação de corrupção "quase legalizada" no país, afirma o chefe no Brasil da Transparência Internacional, Bruno Brandão.

O braço brasileiro da ONG divulgou no último dia 9 um documento pedindo que organismos estrangeiros pressionem para que o país reveja o que chama de retrocessos institucionais, frisando a questão anticorrupção.

O documento cita, por exemplo, a ampliação do fundo eleitoral público deste ano para R$ 5 bilhões e a falta de transparência nos gastos e de mecanismos de prestação de contas.

No ano passado, a reformulação da Lei de Improbidade Administrativa, aprovada no Congresso, estabeleceu que os partidos não podem mais ser processados com base nessa legislação. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), tentou ainda fazer uma megarreforma no Código Eleitoral, que foi travada no Senado.

Brandão é crítico da abordagem ao tema da corrupção dada pelas três principais candidaturas à Presidência neste ano. Diz que a pauta está obstruída e "intoxicada por disputas narrativas e de interesses".

Sobre o ex-juiz e pré-candidato Sergio Moro (Podemos), diz que ele hoje se restringe ao falar de sua experiência pessoal, sem propostas concretas de políticas públicas na área.

O relatório da entidade, de 37 páginas, critica os três Poderes. Menciona a anulação de casos da Lava Jato por causa do alegado elo com crimes eleitorais e uma série de medidas do governo Jair Bolsonaro (PL), como o pagamento das emendas de relator a parlamentares.

*

**Quais as chances de o Brasil sofrer de fato retaliações internacionais por causa das questões citadas no relatório?** Não é uma possibilidade. Já está sofrendo. Em 2020, em medida sem precedentes, o grupo de trabalho antissuborno da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) criou um subgrupo para monitorar a situação do Brasil [em relação ao enfrentamento da corrupção]. Na próxima reunião plenária, em junho, entregará relatório sobre esse monitoramento.

Pode ter impactos relevantes do ponto de vista da inserção internacional do país.

**Algumas das medidas questionadas [na OCDE] são fruto de um debate acalorado nos últimos anos sobre abusos da Lava Jato. É o caso da Lei de Abuso de Autoridade e a reformulação da Lei de Improbidade. A Lava Jato não mostrou a necessidade de freio de arrumação em pontos em que ocorreram abusos?** Certamente essa experiência trouxe lições importantes de vários aspectos que deveriam ser corrigidos. O próprio modelo de forças-tarefas é institucionalmente frágil. Haveria muito o que aprimorar.

Antonio Cruz - 4.dez.18 / Agência Brasil

> “[O sistema político] reagiu a toda a essa experiência da Lava Jato criando mecanismos para que se blindasse disso tudo, quase que legalizando a corrupção

O que nós vimos não foi uma correção de erros, foi um desmanche.

São marcos legais que o país levou décadas para construir.

**Existe uma ideia disseminada de que o clamor anticorrupção de anos atrás gerou o enfraquecimento da política e consequentemente as crises institucionais de hoje. Como o sr. vê?** Um sistema político baseado na corrupção sistêmica, de financiamento ilícito de campanha, distorce a representação democrática. Torna o sistema uma ferramenta de atuação em prol de interesses de grupos privados. O resultado é um quadro de país campeão mundial da desigualdade social.

Sobre os efeitos da Lava Jato, o setor privado se adaptou rapidamente. Identificou uma mudança no ambiente de risco, das novas leis, e transformou suas práticas. Pouquíssimas empresas tinham sistemas de conformidade.

Óbvio que há muito a avançar, mas houve uma transformação, o que não ocorreu no sistema político, que parece que não aprendeu nada.

Ou aprendeu a lição equivocada, de como se tornar mais imune à aplicação da lei.

Os partidos não mudaram suas práticas, a democracia interna, de transparência. Ao contrário: passaram leis que reduziram ainda mais os controles sobre a utilização de recursos públicos pelos partidos.

Ampliaram enormemente o financiamento público [de campanhas]. Ele reagiu a toda a essa experiência da Lava Jato criando mecanismos para que se blindasse disso tudo, quase que legalizando a corrupção. É uma corrupção institucionalizada, por meio da explosão [da quantidade] de recursos públicos e da redução absurda dos mecanismos de controle.

**Bruno Brandão, 39**

Economista, é diretor-executivo da Transparência Internacional no Brasil desde 2016. É mestre em gestão pública pela Universidade de York e em relações internacionais pelo Instituto Barcelona de Estudos Internacionais

**Em 2018, a corrupção foi o grande tema da eleição. Qual foi o saldo, não só na figura do presidente, mas das bancadas, governadores eleitos na onda?** País nenhum verdadeiramente avançou na luta anticorrupção apenas na via penal. É um processo mais amplo de transformação das relações entre o Estado, a sociedade e o setor privado. É fundamentalmente um processo de construção de cidadania.

Isso nunca esteve no debate, nas propostas desses grupos que se aproveitaram da indignação com a corrupção. Foram incapazes de promover um debate sério sobre reformas, sobre políticas públicas.

**E quais as perspectivas para esse debate na eleição de 2022?** Será muito mais olhando para o passado do que para o futuro. Será uma disputa de acusações, de narrativas sobre o que aconteceu em anos passados. Com muito pouco espaço para uma discussão de reconstrução de marcos legais e institucionais.

Vemos um revisionismo, em uma disputa de interpretações do passado.

A candidatura do PT poderia valorizar o seu histórico. Foi muito por crédito de seus governos que o Brasil fortaleceu mecanismos institucionais para o combate à corrupção. Hoje, as propostas vão no sentido de questionar esse próprio legado e adotar medidas de menor independência das instituições.

O governo Bolsonaro não tem nada mais do que uma retórica populista e autoritária para esse e outros grandes temas. Seu legado foi um desmanche sem precedentes da capacidade do país de enfrentar a corrupção.

As propostas desse grupo da Lava Jato são extremamente baseadas na experiência limitada desses atores no campo do enfrentamento penal do problema. E com pouquíssimas referências no mais relevante: a construção institucional e de políticas públicas.

**A atuação política do ex-juiz Moro, destacando seu papel no Judiciário, não prejudica a credibilidade do trabalho feito, já que politiza a questão?** O primeiro movimento [dele] de participar de um governo com as credenciais de Bolsonaro, explicitamente autoritário e antidemocrático, já foi algo que prejudicou muito o legado dos feitos como juiz.

Não é bom para o sistema político nem para o sistema judicial que exista a migração tão abrupta do Judiciário.

A própria Transparência Internacional defende medidas que impõem quarentena.

**O sr. considera que havia motivação política nas autoridades da operação desde o começo do trabalho?** Não acredito que houvesse motivação originária. São agentes que dedicaram suas vidas a essa causa. Experimentaram a realidade do nosso sistema de impunidade.

A operação parece ter feito cálculos políticos em alguns de seus movimentos porque as defesas eram políticas. E isso acabou levando a grandes erros e excessos.

O contra-ataque para destruição do legado da operação empurra também esse salto dos agentes para o sistema político.

É muito prejudicial para o nosso sistema judiciário porque abre uma imensa brecha para questionamentos e deteriora a credibilidade, a independência das atuações.

**A Transparência Internacional questiona no relatório a interferência do governo na Polícia Federal. O diretor-geral já foi trocado pelo presidente quatro vezes. Houve queda na produtividade?** Na chegada ao poder de forças populistas autoritárias, o que primeiro fazem é capturar as instituições de controle porque são limitadoras do governante. Bolsonaro seguiu à risca o roteiro de captura do Estado.

Isso tem um impacto gigantesco para o enfrentamento da corrupção.

Muito mais grave é o controle político de um braço armado do governo federal, que pode fazer ameaças muito além, para nosso regime democrático.

**O sr. se refere à possibilidade de se tornar, digamos, uma "polícia política"?** É grande a preocupação que temos hoje, não só em relação à Polícia Federal, mas a outros órgãos, que ultrapassaram o patamar de blindagem de aliados e alcançaram o patamar muito mais grave, e perigoso, de perseguição de adversários.

Sempre houve disputa de espaços dentro das instituições, mas hoje se observa de maneira explícita um movimento de retaliações contra agentes que tentam confrontar interesses. Perdem suas funções, cargos, são expostos a sindicâncias.

Isso assumiu um grau alarmante.

[Há] atuação de inteligência clandestina, ilegal, que monitora membros da oposição, vozes críticas na sociedade. O grande risco que temos é a utilização desse aparato de inteligência, de espionagem, sem controle no contexto eleitoral. Pode ser o pior cenário que tenhamos que nos preocupar.

É preocupante a utilização cada vez mais disseminada de instrumentos de vigilância digital, sem os marcos adequados de controle democrático. A legislação brasileira é muito falha para o controle dessas ferramentas. Permite a aquisição sigilosa delas. Não se sabe o que hoje está em posse das Polícias Civis, do Ministério Público nos estados. Não se tem um inventário do que é utilizado como ferramenta de monitoramento, vigilância e espionagem pelo Estado brasileiro.

**Na série de reportagens chamada Vaza Jato [sobre diálogos de procuradores no aplicativo Telegram], um site publicou reportagem afirmando que havia uma aliança da Transparência Internacional com o então procurador Deltan Dallagnol. O sr. faz algum reparo em relação ao contato que havia com ele?** A Transparência Internacional tem diálogo e cooperação com os órgãos anticorrupção do Ministério Público em mais de cem países. Seria impensável que não tivesse com o Ministério Público brasileiro no contexto da Lava Jato. Assinamos um acordo de cooperação formal com o Ministério Público Federal para capacitação técnica, campanhas contra a corrupção, pelo controle social.

O foco da atuação da Transparência Internacional no contexto da Lava Jato foi na formulação de propostas de reformas, de políticas públicas, que levamos à discussão da sociedade.

Não temos contato hoje porque são pré-candidatos.

Santinhos jogados em frente a escola de Guarulhos (SP), no primeiro turno da eleição de 2018 Adriano Vizoni - 7.out.18/Folhapress

Juliana Freire

# O Incor voltou ao paraíso

É a medicina pública que garante a saúde dos brasileiros

**Elio Gaspari**

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Passaram-se 80 anos entre 1942, quando o garoto Disnei Zanolini chegou ao cirurgião Euryclides de Jesus Zerbini com um estilhaço numa parede do coração, até a quinta-feira da semana passada, quando foi operado o coração de uma menina de um ano e dois meses de Embu das Artes no Instituto do Coração da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Foi a 95ª em uma criança, num total de 845, só neste ano. Ali a medicina pública brasileira escreve uma de suas melhores e mais ilustrativas histórias.

Numa época em que a pandemia mostrou as virtudes do Sistema Único de Saúde e a desordem das cabeças coroadas de Brasília, o Incor comprova: são os hospitais públicos e as faculdades de medicina que garantem a saúde nacional. Quebrada essa aliança, o sistema desanda. Assim desandou a medicina do Rio de Janeiro a partir dos anos 1970.

O Incor nasceu pelas mãos de três gigantes: Zerbini, Luiz Décourt e Adib Jatene. Do nada, na USP, eles criaram o Instituto do Coração. Neste ano o Incor foi considerado o 24º melhor do mundo pela revista americana Newsweek e pela Statista, empresa alemã de pesquisas de consumo que ouviu 40 mil profissionais de saúde em mais de 20 países. Considerados apenas os hospitais públicos, nessa listagem seria o melhor do mundo.

Nem tudo foram flores para o Incor. Em 1978 ele gerou a Fundação Zerbini, capaz de firmar convênios, recolher doações e de reforçar os salários dos servidores. Pela eficiência virou o hospital das celebridades (Tancredo Neves morreu lá, no apogeu da fase de exibicionismo da instituição). O ego da fundação inflou-se e ela ficou a um passo da falência. O andar de cima havia lesado o coração do Incor.

Em 2011, o cardiologista Roberto Kalil Filho assumiu a presidência do Incor com os bens da fundação bloqueados. Aos poucos, Kalil e sua equipe desobstruíram as coronárias da instituição. Em 2018 suas contas estavam em ordem.

Hoje, os recursos do Governo de São Paulo cobrem 50% de seus custos. O SUS fica com 25% e convênios, bem como doações (poucas, porém heroicas) entram com 25%. De cada dez pacientes, oito vêm da rede pública.

A cada dia passam pelos três prédios do Incor cerca de 3.500 pessoas, atendidas por 3.700 funcionários, 520 dos quais, médicos. Lá acontecem a cada ano 22 mil consultas, 12 mil internações e 5.000 cirurgias.

A ligação do Incor com o Hospital das Clínicas da USP fez dele um verdadeiro centro de ensino e pesquisa. Em 45 anos formou 5.000 alunos da graduação à pós-graduação. A cada ano passam pelo Incor mil alunos em várias atividades.

A medicina privada brasileira é boa e faz muito, mas a saúde de Pindorama depende mesmo é da pública. Quando uma universidade entra nesse circuito, chega-se ao Incor e à medicina de São Paulo.

*

Serviço: o Incor aceita doações. Se for atendido, amplia seu centro cirúrgico.

### A mágica dos pedágios paulistas

A colaboração premiada da Ecovias feita em 2020 por seu ex-presidente Marcelino Rafart de Seras é bem-vinda em princípio, mas tomou um nefasto viés eleitoral que arrisca deixar a pé as principais vítimas da maracutaia: os motoristas que pagam os pedágios mais caros do país.

Pelo que se sabe, a empresa contou que aspergia propinas para políticos e topou ressarcir a Viúva, mas falta o essencial. Como funcionava o mecanismo que reunia 80 empresas, como se enfiaram aditivos e prorrogações dos contratos? Como se viciaram licitações?

Até agora, o peixe mais gordo mencionado na rede foi o ex-governador Geraldo Alckmin, sem que se conheçam as provas e sem que ele conheça as denúncias. A acusação foi arquivada nas esferas criminal e eleitoral.

As mutretas de cartéis e de propinas no setor de transportes dos governos de São Paulo são coisa velha e o então governador Alckmin sempre defendeu uma "apuração rigorosa" que foi a lugar nenhum.

Em agosto de 2013, numa ação desastrosa, ele anunciou que processaria a fornecedora de equipamentos alemã Siemens porque ela era "ré confessa". De fato, a Siemens confessara malfeitos e havia demitido seu diretor no Brasil. Isso era consequência de uma memorável faxina internacional promovida pela matriz alemã. Em vez de puxar o fio da meada, pisava-se nele.

Interessa saber os nomes dos políticos que mamavam nas concessionárias, mas interessa saber também quais gatilhos elas enfiavam nos contratos para cobrar caro por mais tempo. Até as pedras sabem que as prorrogações das licenças são moeda de troca nessas negociações.

Por exemplo: uma empresa ganha a concessão de uma estrada que precisa construir alças de acesso em diversos pontos do trajeto. Elas não entram no contrato e, quando surge o pleito, a concessionária faz as obras recebendo em troca uma prorrogação da concessão.

O que há de trágico na privatização das estradas paulistas é que elas melhoraram a vida dos motoristas. Os pedágios são caros, poderiam custar menos, mas o sistema é eficiente. A corrupção incrustada na privataria é coisa de cleptomaníacos, gente que rouba até para fazer o certo.

Nesse mundo, as propinas para políticos são detalhes de uma grande mágica. A exposição dos políticos metidos com propinas serve de biombo espetacular que protege empresas ineficientes, incapazes de fazer aquilo a que se propõem sem roubalheiras pelo caminho.

A colaboração da Ecovias veio à tona num ano eleitoral. Contaminada por esse veneno arrisca produzir mais fumaça do que fogo. Os promotores que cuidam desse caso são veteranos e sabem que a Operação Lava Jato, com seus excessos, caiu nessa armadilha. Pegou larápios, fabricou santos de pau oco e tudo continua como dantes no quartel de Abrantes, senão pior.

### Erro

No artigo de quarta-feira o signatário atribuiu ao senador romano Catilina a reclamação de que se abusava da paciência alheia. Errado, por dois motivos: não foi Catilina quem disse isso, mas Cícero. Catilina era o alvo dos quatro discursos que entraram para a História com o nome de Catilinárias.

A famosa frase de Cícero é a seguinte:

"Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?".

### Telegram foi aperitivo

A decisão de Alexandre de Moraes cancelando a plataforma Telegram era pedra cantada e é um aperitivo sinalizador de sua disposição no Tribunal Superior Eleitoral durante a campanha eleitoral vindoura.

### A porta de saída

No governo Bolsonaro entra-se em clima de festa. Sai-se aos pedaços.

Assim aconteceu a Gustavo Bebianno, a Sergio Moro e ao general da reserva Fernando Azevedo e Silva e poderá acontecer a seu colega Joaquim Silva e Luna, atual presidente da Petrobras.

# Ministros têm futuro político incerto às vésperas de prazo

Damares Alves e João Roma ainda não bateram martelo se serão candidatos

**Marianna Holanda e Julia Chaib**

BRASÍLIA A menos de duas semanas do prazo para deixarem seus ministérios, há três ministros com o futuro eleitoral ainda incerto no primeiro escalão do governo.

João Roma (Cidadania) e Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) ainda não bateram o martelo se sairão do governo e por qual partido disputariam a eleição.

Braga Netto (Defesa), embora seja considerado por auxiliares palacianos o que tem maior potencial de se lançar candidato, também não definiu a legenda para a qual migrará.

A aposta no governo é que o militar vá compor a chapa do presidente Jair Bolsonaro (PL) como vice.

Inicialmente, havia uma expectativa de que o vice fosse de outro partido da base aliada, o PP, para poder criar uma base sólida de sustentação à campanha. Bolsonaro, contudo, não tem demonstrado estar muito preocupado com essa costura.

No PP, dirigentes também dizem que a prioridade era tentar filiar o presidente. A vice, afirmam, é mais projeto pessoal do que partidário.

Hoje pessoas próximas a Bolsonaro consideram que o cenário mais provável é que Braga Netto vá para o PL de Valdemar Costa Neto. Ele não teve ainda qualquer conversa com o partido sobre filiação.

Já a ministra Damares tem oscilado nos últimos meses sobre sua candidatura. Inicialmente, refutava essa possibilidade, mas começou a falar sobre se lançar ao Senado.

Chegou a dizer que poderia ser candidata por seis estados, até admitir que estava mais próxima do Amapá.

"No coração [estado para se lançar senadora]? Amapá! Alcolumbre, tô chegando", disse a jornalistas, no fim de fevereiro, em alusão ao ex-presidente do Senado Davi Alcolumbre (União Brasil-AP).

Como a **Folha** mostrou, líderes evangélicos passaram a trabalhar por Damares, que é pastora, para tentar a vaga do senador no estado, cujo mandato termina neste ano.

Mais recentemente, contudo, ela tem demonstrado desânimo em disputar eleições. Integrantes do governo não sabem dizer com certeza qual será seu destino.

O cenário mais complicado, contudo, é o do ministro João Roma. Pré-candidato ao governo da Bahia, ele enfrenta dificuldade de construir seu palanque. O primeiro obstáculo é o seu partido, Republicanos, que resiste em garantir-lhe a legenda.

A ministra Damares Alves Pedro Ladeira - 21.fev.22/Folhapress

Além disso, o movimento do PP no estado de deixar o governo de Rui Costa (PT) para apoiar a campanha de ACM Neto (União Brasil) esvaziou o apoio a Roma. João Leão (PP) será candidato a senador na chapa do ex-dirigente do DEM.

Ainda assim, o ministro tem dito a aliados que a tendência é deixar a pasta para concorrer ao Palácio de Ondina.

Uma ala de aliados de Bolsonaro quer que o ministro dispute a eleição para dar palanque ao presidente na Bahia.

Se isso ocorrer, o ministro deverá se filiar ao PL. Embora integrantes do partido reconheçam que ele terá uma campanha esvaziada, dizem que é a única possibilidade que existe de Bolsonaro ter um palanque no estado.

Se o desejo não se concretizar, Roma deve continuar no atual cargo até o fim do governo. Sua mulher, Roberta Roma, é candidata a deputada federal.

O presidente tem insistido na campanha a governador da Bahia do seu ministro porque precisa de um palanque no estado, historicamente marcado pelo petismo e o carlismo.

Caso Roma, Damares e Braga Netto decidam concorrer a cargos públicos, a lista de ministros-candidatos saltará para nove.

O presidente fez na quinta-feira (17), no Palácio da Alvorada, o que deve ser a última reunião ministerial com a configuração atual da Esplanada. Ele pediu empenho aos ministros em reta final de gestão.

A legislação eleitoral determina que ministros que desejam disputar eleições devem deixar seus postos seis meses antes do pleito, que ocorrerá no primeiro fim de semana de outubro. O prazo da desincompatibilização é 2 de abril.

Dos 23 ministros, seis têm suas candidaturas certas. Onyx Lorenzoni (Trabalho) e Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) vão concorrer aos governos estaduais do Rio Grande do Sul e de São Paulo, respectivamente.

Tarcísio ainda não se filiou a nenhum partido. A expectativa inicial de aliados de Bolsonaro e do próprio ministro era a de que ele se filiasse no PL, o que ainda não se confirmou.

Já Flávia Arruda (Secretaria de Governo), Tereza Cristina (Agricultura) e Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) disputarão vaga de senador pelo Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Norte, respectivamente.

Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) sairá para deputado federal por São Paulo.

Para a sucessão dos seus ministros, Bolsonaro tem dado prioridade a quadros que já atuam no governo. Muitos, inclusive, secretários-executivos. Ele foi advertido por um aliado que privilegiar quadros inexpressivos, sem luz própria, nas palavras dele, poderia ser ruim em ano de eleição.

Até o meio do ano, quando permite a lei eleitoral, são eles que viajarão aos estados e farão publicidade do governo Bolsonaro. Por isso, alocar políticos seria interessante.

Até o momento, é dada como certa a promoção de dois secretários-executivos: Marcelo Sampaio e Marcos Montes, da Infraestrutura e da Agricultura, respectivamente.

O presidente do INSS é cotado também para assumir a vaga deixada por Onyx Lorenzoni no Trabalho.

No caso de Braga Netto assumir a vice, como tudo indica, disputam o Ministério da Defesa o atual Comandante do Exército, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, e o ministro da Secretaria Geral, Luiz Eduardo Ramos. O primeiro, contudo, desponta nas apostas de auxiliares do presidente, até o momento.

### Ministros com pré-candidaturas já definidas

- **Onyx Lorenzoni** (Trabalho) Governo do RS
- **Tarcísio de Freitas** (Infraestrutura) Governo de SP
- **Flávia Arruda** (Secretaria de Governo) Senado/DF
- **Tereza Cristina** (Agricultura) Senado/MS
- **Rogério Marinho** (Desenvolvimento Regional) Senado/RN
- **Marcos Pontes** (Ciência e Tecnologia) Câmara dos Deputados/SP

Sistemas antiaéreos S-400 russos durante exercício militar conjunto de Rússia e Belarus, antes do conflito na Ucrânia Ministério da Defesa da Rússia - 9.fev.22/AFP

# Corrida armamentista causada pela guerra na Ucrânia favorece os EUA

## Rússia, segunda no ranking de exportadores, é afetada por sanções enquanto a Europa se rearma

**Igor Gielow**

**SÃO PAULO** A guerra da Rússia de Vladimir Putin na Ucrânia já movimenta o mercado militar mundial, que se prepara para uma nova corrida armamentista devido à insegurança na Europa e à contínua ascensão da China na Ásia. Os Estados Unidos se posicionam como os principais beneficiários do processo.

Washington é o maior vendedor de armas do mundo, com 39% do mercado entre 2017 a 2021, segundo o Sipri (Instituto Internacional de Pesquisas da Paz de Estocolmo). Moscou ocupa o segundo lugar, com 19%.

A guerra levou o Ocidente e aliados como Japão e Austrália a impor sanções econômicas contra Putin, limitando sua capacidade de fazer transações no sistema internacional. Com o dólar como arma, EUA e Europa evitam o risco de uma Terceira Guerra Mundial inerente a uma ação militar contra a Rússia.

Contratos russos em curso e negociações futuras entram em xeque a partir de agora. Na quarta (16), os EUA anunciaram o fornecimento de nova versão do caça F-15 ao Egito.

Ocorre que o país árabe já havia encomendado à Rússia 24 aeronaves para a mesma função, o poderoso Sukhoi Su-35S, que fez sua estreia em combate na Ucrânia. O negócio foi anunciado em US$ 2 bilhões (R$ 10 bilhões, no câmbio da sexta, 18), e há relatos de que cinco aviões já haviam sido entregues.

O Egito é o terceiro maior comprador de armas russas, com 13% de suas entregas. O país é um fenômeno, tendo chegado ao terceiro lugar no ranking geral de gastos militares, com um aumento de 73% sobre suas compras de 2012 a 2016. Para especialistas, quem banca a empobrecida ditadura são os aliados Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, interessados em manter um flanco forte a oeste.

No começo do ano, com a crise ucraniana em ebulição, surgiram rumores de que o Cairo desistiria do negócio. Desde 2017, quem faz negócios militares com o Kremlin corre o risco de ser afetado.

Sanções limitam crédito nos EUA, entre outras penalidades impostas devido à anexação da Crimeia, em 2014.

Esse contexto já havia tirado o Su-35S de uma licitação na Indonésia, tradicional usuária de material bélico russo na Ásia, onde Moscou possui vários clientes. O país acabou anunciando neste ano uma compra no valor de US$ 22 bilhões (R$ 110 bilhões) de caças F-15 e modelos franceses Rafale.

A mesma dúvida se aplica à Turquia, que havia anunciado mais cooperação militar com Moscou depois de comprar sistemas antiaéreos S-400, os melhores do mercado.

Como membro da Otan, a aliança militar ocidental, Ancara deve deixar os planos de lado. O país, por sua vez, deve se beneficiar pela propaganda do desempenho de seus drones Bayraktar-TB2 na Ucrânia, depois de bem-sucedidos na guerra azeri-armênia de 2020.

Deve ficar para as calendas gregas o projeto do novo caça furtivo ao radar da Sukhoi, o Checkmate, que dependia de interesse externo.

Há uma compensação para a situação russa, que é o peso no seu "market share" bélico de dois países que se recusaram a criticar a invasão da Ucrânia: a aliada China e a amigável Índia.

Eles são os maiores compradores de armas russas. Para Nova Déli vão 28% delas.

Para Pequim, 21%. A relação com a Índia remonta aos tempos soviéticos e é marca da independência do país, que tem fortes laços com os EUA no grupo anti-China Quad e acaba de comprar jatos franceses e sistemas israelenses.

"A questão é que os indianos agora poderão se perguntar como serão os pagamentos", afirma Pieter Wezeman, pesquisador-sênior do Sipri. A maior dúvida é sobre a compra de baterias do S-400.

Elas foram encomendadas por US$ 5,4 bilhões (R$ 27 bilhões) em 2018 pelo país.

As fatias de mercado apontadas pelo Sipri não dizem respeito só ao valor em dólar vendido, mas a um índice que inclui o volume de vendas e o valor militar dos produtos.

Em ganho bruto, os EUA são líderes incontestes: venderam US$ 138 bilhões (R$ 690 bilhões) em 2021, ante US$ 15 bilhões (R$ 75 bilhões) russos.

Os dados variam muito porque não há métrica unificada. Segundo o Sipri, em 2020 as cem maiores empresas do setor venderam US$ 531 bilhões (R$ 2,6 trilhões).

A insegurança europeia com a invasão da Ucrânia e a contínua percepção de risco no Indo-Pacífico colocam o mundo no caminho de uma corrida armamentista. "Podemos esperar esse aumento, é algo que se verá ao longo de uma década, porque vendas militares levam tempo", afirma Wezeman. "Se vocês no Brasil, no ambiente pacífico em que vivem, têm preocupação em ter submarinos, imagine na Europa hoje."

A participação brasileira no mercado internacional, no qual já foi um dos dez maiores atores nos anos 1980, hoje é mínima. No ranking do Sipri, o país ocupa o 21º lugar entre os exportadores e o 33º entre os importadores.

O impacto mais imediato da crise para o Brasil é a dificuldade, revelada pela **Folha**, de levar adiante a cooperação com Moscou na tecnologia para o combustível e o reator de seu submarino nuclear.

No mais, a Força Aérea Brasileira (FAB) havia desativado pouco antes da guerra o único esquadrão de aeronaves russas que já teve, de 12 helicópteros de ataque Mi-35. "Apesar das dificuldades logísticas, o fator decisivo foi o aspecto operacional", diz o comandante da Força, Carlos de Almeida Baptista Júnior.

Ele descarta relação com o conflito e afirma que não haveria impacto significativo das sanções porque a manutenção dos helicópteros era feita por uma empresa brasileira capacitada havia dois anos pela Russian Helicopters. A questão é que o aparelho é caro de operar e não prioritário —em dez anos, cada aparelho voou em média 3 minutos por dia.

A demanda europeia poderá favorecer a Embraer, que já vendeu seu cargueiro KC-390 para Portugal e Hungria, ambos membros da Otan. Ela já está encarnada no anúncio alemão de triplicar seu orçamento militar de 2022 de forma emergencial, atingindo 100 bilhões de euros (R$ 553 bilhões), devido à guerra.

Com isso, os americanos se deram bem. Berlim anunciou que irá comprar 35 de seus caças de quinta geração F-35. Além disso, outros 15 caças europeus Eurofighter Typhoon e novos sistemas antitanque e antiaéreos americanos deverão ser comprados, e Washington deverá fornecer US$ 4 bilhões (R$ 20 bilhões) em helicópteros pesados.

A Polônia anunciou que vai encomendar drones pesados de ataque americanos Reaper.

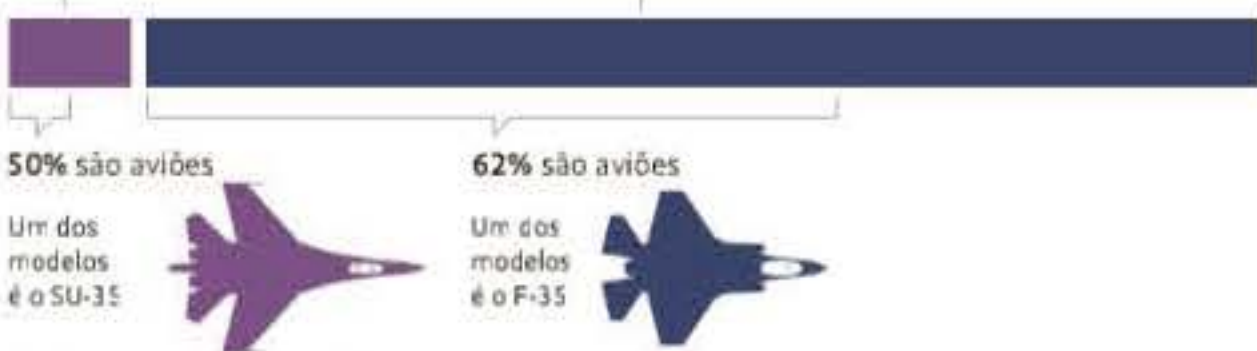
"O impacto da guerra no mercado deve ser maior para a Rússia. De forma mais ampla, alguns países estão revisando suas presunções sobre necessidade de gasto militar", afirmou o especialista em defesa aeroespacial Douglas Barrie, do IISS (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres).

No ranking do IISS de gastos militares totais, os EUA são soberanos, com US$ 754 bilhões (R$ 3,8 trilhões) gastos em 2021, quase equivalente aos cerca de US$ 800 bilhões (R$ 4 trilhões) dos 14 próximos na lista e mais que o dobro dos US$ 360 bilhões (R$ 1,8 trilhão) do resto do mundo.

A Rússia figura em quinto lugar, com US$ 62,2 bilhões (R$ 311 bilhões). No ranking geral, o Brasil está em 16º, com US$ 21,8 bilhões gastos (R$ 109 bilhões) —80% para pessoal.

**Guerra na Ucrânia impacta mercado mundial de armamentos**

Os maiores do mercado, 2017-2021*

| Ranking | 1º | 2º | 3º | 4º | 5º | 6º | 7º | 8º | 9º | 10º | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Exportadores | EUA | Rússia | França | China | Alemanha | Itália | Reino Unido | Coreia do Sul | Espanha | Israel | Outros (21º Brasil) |
| Importadores | Índia | A. Saudita | Egito | Austrália | China | Qatar | Coreia do Sul | Paquistão | E. Árabes | Japão | Outros (33º Brasil) |



*A fatia do mercado não é em dólares ganhos com venda de armas, mas segundo o índice de valor criado pelo Sipri (Instituto Internacional da Pesquisas da Paz de Estocolmo), que usa critérios adicionais, como o volume efetivo vendido e seu impacto militar. **Aqui o valor é dólares de 2021, no ranking do IISS (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres), e diz respeito ao gasto militar total, com pessoal, equipamento, compras, operações de guerra etc. Fontes: Sipri e IISS

# Brasileiros vão a Kiev para resgatar seus bebês

Ucrânia é polo do mercado de barriga de aluguel; Itamaraty diz que cinco famílias já conseguiram retirar os filhos

**Flávia Mantovani**

SÃO PAULO Em algum lugar de Kiev, João Levi pode nascer a qualquer momento. Filho do casal de brasileiros Priscila e João Paulo Bogucki, o bebê foi gestado no útero de uma ucraniana, que agora aguarda em um abrigo antibombas a chegada do parto, previsto para a próxima quarta-feira (23).

Por suas leis favoráveis e preços acessíveis, a Ucrânia é muito procurada por estrangeiros que buscam o processo de gestação de substituição —a chamada barriga de aluguel, proibida em vários países, inclusive no Brasil. No início da guerra, em 24 de fevereiro, dois casais brasileiros que tinham ido buscar seus bebês em Kiev acabaram retidos pelos toques de recolher, até conseguirem escapar, no último dia 2.

Agora, outras famílias que esperam o nascimento de seus filhos terão que entrar no país para buscá-los em meio ao conflito. Segundo Priscila Bogucki, 39, essa foi a única alternativa apresentada pela clínica.

"Quando a guerra eclodiu, ela [a gestante] já estava em Kiev, na reta final da gravidez. Não dava para sair de lá", afirma. "E sair de Kiev com um recém-nascido é muita responsabilidade, na clínica disseram que não podem entregar para qualquer pessoa, só para os pais."

Priscila e João Paulo, que moram em Vitória, no Espírito Santo, compraram passagens para viajarem até a Polônia no dia 26. O plano é atravessar a fronteira e chegar a Lviv, cidade que tem sido ponto de parada da maioria dos refugiados. De lá, o casal tentará ir até a capital, provavelmente de trem.

"A logística no momento é essa, mas tudo pode mudar", conta Priscila. "Ficamos com medo, mas é o nosso sonho que está lá, não dá para esperar. Vai que o acesso a Kiev fecha de vez. Vai ser difícil, mas vai valer a pena." Segundo ela, a embaixada brasileira, que neste momento funciona em Lviv, irá ajudá-los.

O Itamaraty informou à Folha que auxiliou até agora cinco famílias brasileiras que saíram da Ucrânia com seus bebês recém-nascidos e que outras duas deverão fazer o mesmo até o fim de março. De acordo com o ministério, foram flexibilizados alguns requisitos para o registro de nascimento e a emissão de documentos de viagem aos recém-nascidos, "em caráter excepcional e dada a gravidade da situação".

"O escritório consular do Brasil em Lviv tem organizado comboios regulares com destino à Polônia, por meio dos quais brasileiros e familiares têm logrado deixar a zona de conflito", informou o Itamaraty.

Antes de recorrer à barriga de aluguel, Priscila e o marido tinham feito quatro tentativas de fertilização in vitro, a primeira em 2017. Em março do ano passado, eles viajaram à Ucrânia para iniciar o tratamento.

O casal tem recebido atualizações sobre a gravidez por meio da clínica, que afirma que a gestante está em um prédio com outras mulheres na mesma situação, monitoradas por um médico. "Parece que a gente foi do céu ao inferno. Tivemos a alegria da gravidez, de chegar à reta final. A sensação já é de que essa reta final demora muito. Agora, com a guerra, parece que o tempo não passa."

> Parece que a gente foi do céu ao inferno. Tivemos a alegria da gravidez, de chegar à reta final. A sensação já é de que essa reta final demora muito. Agora, com a guerra, parece que o tempo não passa
>
> **Priscila e João Paulo**
> casal de brasileiros que vai à Ucrânia resgatar filho que está para nascer

Em Minas Gerais, um casal que iniciou o tratamento pouco antes do início do conflito já se conformou em ter que esperar mais do que o previsto. J., que deu entrevista com a condição de não ser identificada, enviou três embriões para a Ucrânia há cerca de dois meses.

Ela já estava selecionando a gestante para o contrato, mas o processo foi suspenso. Os embriões do casal, duas meninas e um menino, estão em um bunker, conservados sob refrigeração, com geradores para garantir que não falte eletricidade.

Com a intensificação dos bombardeios a Kiev e os hospitais obstétricos voltados para o atendimento de feridos de guerra, não tem sido fácil obter informações, afirma. Segundo Bruna Alves, diretora da operação brasileira da agência contratada por eles, o plano é transportar os embriões futuramente para outro país, onde o tratamento poderia ser retomado de maneira segura —ela cita a Geórgia como uma boa opção.

Dos 150 casais com processo em andamento na Ucrânia pela Tammuz Family, 35 são brasileiros. "Tivemos muitos pedidos dos pais para removermos os embriões da Ucrânia. Mas agora não é viável. É um material muito sensível, não pode ser transportado de qualquer maneira."

Por enquanto, a clínica está conseguindo trocar semanalmente o nitrogênio usado para a conservação, como é requerido. "No momento estão seguros. Mas é difícil saber como vai estar daqui a alguns dias", afirma.

As gestantes contratadas pela Tammuz já foram levadas a outros países. A dificuldade, nesse caso, é o registro dos bebês, já que os cartórios ucranianos estão fechados, e a legislação muda de um país para o outro. "Mas isso dá para resolver", diz Alves. "Graças a Deus não temos nenhum bebê em bunker."

## Casais ajudam ucranianas que gestaram seus filhos

SÃO PAULO "Artur foi levado. Tropas desembarcaram em nossa área. Estamos esperando o ataque."

As notícias foram enviadas na última quarta-feira (16) via mensagens de texto por Maria, uma ucraniana de 34 anos, à brasileira Ludimila Molotievschi, 38. O marido dela, Artur, foi convocado para defender a cidade de Horishni Plavni, no centro do país, da ofensiva russa.

Ludimila escreve diariamente para Maria e diz que a considera uma madrinha de seus filhos —uma menina de dois anos e um bebê de três meses. Foi a ucraniana que carregou as duas crianças em seu útero, por meio de um tratamento de barriga de aluguel.

Após o início do conflito, Ludimila e outras cinco mães que passaram pelo mesmo tratamento criaram um grupo para oferecer ajuda às ucranianas que gestaram seus bebês.

Como as clínicas não costumam divulgar o contato dessas mulheres para as famílias, elas tiveram que ir atrás de algumas delas, partindo do nome, da cidade e da data de nascimento, citados no contrato.

"A dificuldade é que eram todos nomes muito comuns, e lá eles não usam tanto as redes sociais que a gente usa aqui", afirma Ludimila. "Eu já tinha contato com a Maria porque a encontrei no Instagram há mais tempo. Mas, investigando, conseguimos achar as outras."

Segundo ela, algumas famílias enviaram dinheiro para ajudar nas despesas e outras ofereceram suas casas no Brasil como abrigo. "Elas não pedem muito, a gente é que oferece. Tentamos ajudar ao menos emocionalmente. A maioria quer ficar na Ucrânia porque os maridos não podem sair", diz Ludimila.

A brasileira, que antes de recorrer à gravidez de substituição tentou cinco fertilizações e perdeu dois bebês, foi à Ucrânia em janeiro, para buscar seu caçula, Rafael. A filha mais velha foi batizada de Maria.

Enfermeira cuida de bebês nascidos de barriga de aluguel em um abrigo nos arredores de Kiev para o qual foram levados após a invasão russa Gleb Garanich - 15 mar.22/Reuters

# Ataque a quartel mata ao menos 50, diz Ucrânia; Rússia diz ter usado míssil hipersônico no oeste

LVIV E KIEV | REUTERS E AFP Autoridades ucranianas disseram neste sábado (19) que um ataque ocorrido na véspera contra um quartel em Mikolaiv, no sul do país, deixou ao menos 50 soldados mortos. Se confirmado, o evento poderá ter sido o mais letal para o lado ucraniano desde o início da invasão russa, há 24 dias.

As estimativas variam, mas testemunhas afirmam que cerca de 200 soldados dormiam no local quando houve o bombardeio. O número de vítimas poderia passar de cem, segundo militares locais.

O governador da região de Mikolaiv, Vitali Klim, disse que a cidade voltou a sofrer ataques neste sábado. "Não damos conta de fazer o alerta. A mensagem [de alerta] e as bombas chegam ao mesmo tempo", declarou.

O sul e sudeste da Ucrânia têm sido alvo dos mais intensos ataques da Rússia, que tenta criar uma ponte terrestre ligando a península da Crimeia, anexada pelos russos em 2014, à região do Donbass, onde estão duas autoproclamadas repúblicas separatistas.

O foco da ofensiva é Mariupol. O Ministério da Defesa da Rússia alega que suas tropas, com apoio dos separatistas do leste, apertaram o cerco e já estão presentes no centro da cidade, de 400 mil habitantes. Autoridades da Ucrânia, por sua vez, afirmam que os bombardeios na região têm prejudicado a busca por sobreviventes e descrevem Mariupol como uma região sensível.

O governo local calcula que 40 mil pessoas tenham deixado a cidade nos últimos cinco dias e que outras 20 mil esperem para ser retiradas, somando-se aos mais de 6,4 milhões de deslocados internos.

Também afirma que 2.500 pessoas morreram na cidade desde o início da invasão, informação difícil de ser confirmada de forma independente, em especial porque organizações internacionais, como as Nações Unidas e a Cruz Vermelha, têm pouco ou nenhum acesso ao local. Até aqui, a ONU confirma a morte de 847 civis em toda a Ucrânia, ainda que reconheça ser uma cifra subnotificada.

A vice-primeira-ministra da Ucrânia, Irina Vereshchuk, afirmou neste sábado que o país pretende abrir dez corredores humanitários para retirada de civis. Um deles seria justamente em Mariupol, embora esforços anteriores tenham sido frustrados, uma vez que o cessar-fogo temporário, foi desrespeitado.

A intensificação dos ataques, entre outras coisas, tem prejudicado os trabalhos de busca em um teatro da cidade bombardeado na quarta (16). Autoridades dizem que centenas de pessoas estavam abrigadas ali. Ao menos 130 teriam sido resgatadas na sexta, e cerca de 1.300 ainda estariam dentro do edifício, provavelmente num abrigo antiaéreo.

A Ucrânia havia afirmado, na sexta, que perdera "temporariamente" acesso ao mar de Azov, que banha Mariupol.

Também foram registrados novos bombardeios em Zaporíjia, na porção sul do país, onde pelo menos nove pessoas morreram e 17 ficaram feridas, disse o vice-prefeito Anatoli Kurtiev. O governo decretou toque de recolher na região por pelo menos 38 horas.

Ainda neste sábado, a Rússia afirmou que lançou mísseis hipersônicos Kinjal para destruir um depósito de armas na cidade de Ivano-Frankivsk, no oeste da Ucrânia. Essa teria sido a primeira vez que os russos usaram armas do tipo desde o início da guerra.

Armas rápidas que podem evitar a detecção por sistemas de defesa, os mísseis Kinjal, segundo militares russos, podem atingir alvos a distâncias de mais de 2.000 km.

Um porta-voz do Ministério da Defesa russo disse que o depósito atingido na sexta-feira (18) abrigava mísseis. As Forças Armadas da Ucrânia confirmaram o ataque.

O primeiro-ministro da Hungria, Viktor Órban, discursa em comício em Budapeste, capital do país Marton Monus - 15.mar.22/Reuters

# Orbán equilibra posições em busca de se manter no cargo

Aliado de Putin, premiê húngaro vê guerra na Ucrânia afetar corrida eleitoral

Michele Oliveira

MILÃO Sinais de alerta contra possíveis fraudes, canais de mídia estatal e privada alinhados a um único partido, ambiente interno polarizado. A eleição marcada para o dia 3 de abril na Hungria já era um caldeirão borbulhante antes da invasão da Rússia na Ucrânia.

Com a guerra, um novo ingrediente efervescente foi adicionado à reta final da campanha. Mas, segundo especialistas, o cenário arquitetado nos últimos anos pelo primeiro-ministro Viktor Orbán é robusto o suficiente para garantir suas vantagens, ao menos no curto prazo.

Líder de um país que faz parte da União Europeia e da Otan, a aliança militar no centro do debate sobre o conflito no Leste Europeu, Orbán posicionou nos últimos anos a Hungria como um país bastante amigo —o maior dentro da UE— do presidente russo, Vladimir Putin, deixando para trás a posição antissoviética.

No começo de fevereiro, quando a escalada militar se desenhava, o premiê viajou a Moscou, em "missão de paz", como definiu. "O presidente disse que as demandas da Rússia por garantias de segurança são normais e deveriam estar na base das negociações. Concordo, temos que negociar", disse ele na ocasião.

Acrescentou que a Rússia não tinha intenções de avançar em território ucraniano e afirmou que as sanções em discussão pelos seus próprios aliados estavam "destinadas ao fracasso". Três semanas depois, lá estava Orbán condenando a invasão russa e dizendo sim às sanções impostas pelo bloco europeu.

A nem todas, porém. No dia 11, num encontro de líderes europeus em Versalhes, na França, afirmou que o bloco não vai impor restrições que atinjam o gás e o petróleo fornecidos pela Rússia, dos quais a Hungria é dependente.

A exemplo de outros políticos europeus da direita nacionalista próximos a Putin, como a francesa Marine Le Pen e o italiano Matteo Salvini, também Orbán se viu obrigado a manobrar suas posições depois da invasão. De um lugar mais delicado, no entanto —não só devido ao cargo proeminente, mas pelas relações econômicas nutridas entre os dois países. O premiê húngaro e o presidente russo, por exemplo, negociam projeto de energia nuclear de cerca de € 12 bilhões (R$ 66,7 bilhões) e, no ano passado, assinaram acordo de 15 anos para o fornecimento de gás, o que ajuda a manter os preços baixos para a população de seu país.

Se publicamente Orbán procura se alinhar à UE e à Otan, dentro da Hungria a impressão é outra. Desde que foi escancarado o conflito, opositores relatam haver uma campanha de desinformação pró-Rússia sendo veiculada em canais de comunicação ligados ao partido do primeiro-ministro, o Fidesz. No início de março, manifestantes protestaram em frente à sede da TV estatal, em Budapeste.

Em artigo publicado no site do Conselho Europeu de Relações Exteriores, o sociólogo húngaro Tibor Dessewffy diz que a guerra na Ucrânia forçou Orbán à sua mudança retórica mais dramática até agora. Mas isso seria algo contornável. "Orbán parece um DJ que mantém seu set em movimento misturando diferentes samples e linhas de baixo, sempre operando por instinto. Claro, ele tem enorme vantagem diante de um império de mídia controlado pelo Estado, o que lhe permite filtrar sons dissonantes", afirmou.

Desde que chegou ao poder, em 2010, pelo Fidesz, de ultradireita, Orbán promoveu uma série de mudanças nas instituições húngaras que o fizeram acumular poderes e desequilibrar o jogo a seu favor.

Fez trocas no Judiciário, na Constituição, na lei eleitoral e obteve o controle da imprensa. Com discurso nacionalista, anti-imigração e anti-LGBT, conta com apoio majoritariamente da população mais velha, mais pobre e moradora das áreas rurais. Na votação de 3 de abril, o primeiro-ministro terá como concorrente, pela primeira vez, uma frente única de partidos. Chamada de Unidos pela Hungria, reúne seis siglas e movimentos, de socialistas até o principal adversário de Orbán em 2018, o partido Jobbik, de direita. O nome que encabeça a coalizão é o de Péter Márki-Zay, prefeito de uma cidade no sudeste do país.

Segundo a pesquisa mais recente, do instituto Medián, no fim de fevereiro, Orbán tinha 39% das intenções de voto, à frente da chapa única, com 32%. Mas 20% se diziam ainda indecisos.

"Com as reformas que ele implementou, ficou muito difícil para a oposição", afirma à Folha Simona Guerra, professora de questões contemporâneas na política da Universidade de Surrey, no Reino Unido, na qual pesquisa democracia e euroceticismo.

"Ele fez tudo o que era possível para tornar impossível a oposição voltar ao poder. O que é muito parecido com o que Putin tem feito na Rússia."

No sistema eleitoral, alterações no número e no perímetro de distritos resultaram em uma distorção que permite o controle do Parlamento, com 199 cadeiras, mesmo a uma coalizão que obtenha percentual menor do total de votos.

E, para a próxima votação, também pode desequilibrar a disputa a realização do referendo sobre questões LGBT no mesmo dia da eleição parlamentar. Uma das perguntas é "você apoia a exposição irrestrita de menores de idade a conteúdo de mídia sexualmente explícito que pode afetar seu desenvolvimento?".

Se o ambiente já era desfavorável para a oposição, a guerra na Ucrânia, afirma a professora, também pode ajudar Orbán. O lugar de líder da UE o habilita a fazer o discurso de que está preparado para atuar em tempos de crise.

Para o instituto Political Capital, em Budapeste, o conflito pode interferir na campanha eleitoral, mas não a ponto de desequilibrar a disputa entre governo e oposição. "Por enquanto, o partido no poder continua a ser o mais provável a ganhar as eleições. A guerra, até agora, não piorou as chances eleitorais do governo e pode até ter um efeito benéfico para o Fidesz", diz um relatório compartilhado no dia 10.

Os analistas avaliam que a "bolha de opinião" criada pelo partido do governo é tão eficiente que as mensagens da oposição não conseguem penetrar. A situação, no entanto, pode mudar no longo prazo.

"As ações extraordinariamente fortes dos Estados democráticos ocidentais podem pôr fim aos sonhos de construção de um império de Putin e também às ideias de Orbán sobre uma nova ordem mundial."

# Polêmica gastronômica na eleição da França expõe falsa polarização

Patricia Pamplona

SÃO PAULO Uma frase dita pelo candidato comunista à Presidência da França, Fabien Roussel, despertou a ira dos eleitores, que correram para tachá-lo de nacionalista e direitista. A polêmica girou em torno da fala "um bom vinho, uma boa carne, um bom queijo: isso é a gastronomia francesa", dita ainda no início de janeiro em um programa de TV e publicada em seu perfil no Twitter, o que gerou diversas reações de indignação.

"Faça avançar a esquerda em vez de fazer convites discretos à direita identitária", respondeu um usuário. Outro sugeriu que o Partido Comunista, do qual o político faz parte, virasse o Partido Conservador.

"Roussel, hoje, é acusado por uma parte da esquerda de ter, sob certos aspectos, um discurso que recupera aquele da direita", diz o cientista político Tristan Haute, professor na Universidade de Lille. "E que contribui para evidenciar a dissensão da esquerda sobre questões relativas ao consumo em geral."

À primeira vista, a polêmica pode parecer uma edição francesa do "coxinha x mortadela" que marcou a polarização entre tucanos e petistas na eleição presidencial de 2014 no Brasil. Seriam carne, vinho e queijo, tão marcantes no imaginário do brasileiro como símbolos da França —talvez não a carne—, itens da dieta de direitistas e conservadores? O que estaria, então, na mesa dos esquerdistas e progressistas?

Na realidade, essa disputa ideológica se limita a uma briga entre eleitores e não reflete uma polarização entre os políticos. Nesta campanha presidencial, a esquerda se encontra fragmentada, e a concorrência maior está concentrada principalmente no campo da direita e da ultradireita.

Haute descreve o cenário político francês como muito fatiado, mas sem uma polarização. "A França foi o arquétipo da divisão esquerda-direita, mas hoje não é mais." Por outro lado, explica ele, essa divisão continua quando os eleitores são incitados a posicionar os candidatos. Ainda que eles não se considerem de esquerda nem de direita, conseguem distribuir facilmente os presidenciáveis nesses campos.

E ainda que não haja uma polarização na prática, esse engajamento da população também faz parte de uma estratégia para mobilizar os eleitores, tendo em vista que a sombra da abstenção sobrevoa o pleito, cujo primeiro turno ocorre no dia 10 de abril. Roussel, porém, não é o único a fazer uso dessa tática. "Para Marine Le Pen [da ultradireita] e, do outro lado, Jean-Luc Mélenchon [esquerda], há o desafio de mobilizar esses eleitores que são mais da classe trabalhadora e também são muito jovens", avalia Haute.

Juventude que não está muito disposta a votar, mas não abre mão de discussões na internet. Nesse ponto, a discussão motivada pela fala do comunista tem outra camada: o que é, afinal, a identidade francesa?

Segundo levantamento de janeiro do Ifop (Instituto Francês de Opinião Pública), para apenas 8% dos entrevistados pão, queijo e vinho são símbolos franceses —os primeiros lugares vão para o idioma (21%) e para a tríade liberdade, igualdade e fraternidade (20%).

Ainda assim, 66% afirmam acreditar que a identidade do país, seja ela qual for, está desaparecendo. Para Pascal Perrineau, analista político e professor na Universidade Sciences Po em Paris, essa crise de identidade tem como pano de fundo a migração, que acabou também colaborando para um fortalecimento da direita no país.

"A questão da migração ligada ao islamismo se tornou algo extremamente importante para muitos franceses. Impõe questões de identidade nacional, e nesse sentido as forças da direita se posicionam melhor", afirma o acadêmico. "A esquerda se incomoda por essa questão migratória, de identidade."

Assim, o que era para ser uma defesa de Roussel do acesso aos produtos, e provavelmente da tradição francesa, acabou se tornando alvo de ovadas virtuais. "E se não bebemos? E se somos vegetarianos? Veganos? A gastronomia francesa não se limita a isso. O que é preciso defender é o acesso à alimentação mais saudável possível", defendeu um usuário. "E quando você não gosta nem do vinho nem da carne nem do queijo... Você entrega sua carteira de identidade?", questionou outra usuária.

Aos vegetarianos houve quem ainda respondesse com a frase atribuída —provavelmente de forma equivocada— a Maria Antonieta, quando o pão estava a preços exorbitantes num país que fervilhava às vésperas da Revolução Francesa. "Que comam quinoa." O grão, claro, substitui o brioche da célebre frase.

A guilhotina para Roussel, porém, será figurativa. Com uma esquerda em crise, o candidato tem só 4,5% dos votos nas pesquisas, sem chances de avançar para o segundo turno e derrotar Emmanuel Macron.

**+ Intenções de voto no 1º turno na França**

| % | Candidato |
|---|---|
| 29% | Emmanuel Macron |
| 17,5% | Marine Le Pen |
| 13,5% | Jean-Luc Mélenchon |
| 13% | Eric Zemmour |
| 11% | Valérie Pécresse |

Fonte: Ifop. Pesquisa feita de 15 a 18 de março, com margem de erro entre 1,4 e 3,1 pontos percentuais

Roussel [Fabian Roussel, candidato à Presidência pelo Partido Comunista] é acusado por uma parte da esquerda de ter, sob certos aspectos, um discurso que recupera aquele da direta. E que contribui para evidenciar a dissensão da esquerda sobre questões relativas ao consumo em geral

**Tristan Haute**
professor na Universidade de Lille

# Telegram passou a respeitar lei alemã após cerco e multas

## Alemanha conseguiu que contas que incitavam crime de ódio fossem banidas

Michele Oliveira

MILÃO Quando a pandemia da Covid-19 começou a bater níveis recordes de contaminação na Alemanha, no fim de novembro, um outro movimento despertou a atenção das autoridades alemãs —a radicalização de grupos contrários às medidas para a contenção do vírus e o uso do aplicativo Telegram para ameaçar políticos.

Envolvidos em disseminação de notícias falsas e incitação de crimes de ódio, cerca de 60 perfis acabaram bloqueados em fevereiro, após semanas de tentativas das autoridades do país em fazer com que o app cumprisse a legislação que combate conteúdo ilegal em redes sociais, uma das mais severas da Europa.

Como ocorre no Brasil, houve dificuldades dos órgãos federais para notificar os responsáveis pelo aplicativo, que tem sede em Dubai (Emirados Árabes Unidos). Após pressão pública do novo governo, com aplicação de multas e ameaça do bloqueio da plataforma —o que no Brasil se concretizou, com a determinação do ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes nesta sexta (18)—, as primeiras contas foram removidas.

"Desde o primeiro dia no cargo, trabalhei para que o Telegram cooperasse. Essa pressão está funcionando", disse a ministra do Interior, Nancy Faeser, a um jornal alemão.

Faeser assumiu em 8 de dezembro, com o novo premiê Olaf Scholz. Ainda no começo de dezembro, dois membros do governo do estado da Saxônia foram alvo de grupos que haviam se radicalizado.

A secretária da Saúde Petra Köpping recebeu em frente de casa um ato noturno de cerca de 30 pessoas, algumas com tochas de fogo. A suspeita é de que o ato tenha sido organizado pelo Telegram, no qual circularam mensagens de intimidação contra ela.

Dias depois, Michael Kretschmer, governador da mesma região, foi alvo de um grupo que teria discutido planos de matá-lo, na sequência do anúncio de medidas anti-Covid. A partir do rastreamento de mensagens do Telegram, a polícia fez buscas nas casas de cinco membros do grupo, em Dresden e Heidenau, onde armas teriam sido encontradas.

Polícia alemã fez buscas relativas a grupos extremistas no Telegram Matthias Rietschel - 15.dez.21/Reuters

Os casos acenderam um alerta que circulava havia meses entre especialistas: no Telegram, radicais publicavam livremente conteúdo ilegal, ferindo a legislação contra crimes de ódio e desinformação.

"A sociedade civil e os pesquisadores estavam, havia meses e até anos, apontando os riscos possíveis desses grandes grupos que atraíram extremistas. Mas o governo passou a focar mais esse problema quando as ameaças contra políticos se tornaram mais óbvias, públicas e diretas", diz à **Folha** Julian Jaursch, do think tank SNV, sigla em alemão para Fundação Nova Responsabilidade, em Berlim.

O Telegram não é a rede social mais popular no país, mas está entre as que tiveram maior crescimento desde 2019. Segundo levantamento de janeiro da agência federal que regula os serviços de telecomunicações do país, o aplicativo era utilizado por 16% dos alemães adeptos dos serviços de comunicação online.

Ao menos três fatores explicam o fato de o Telegram ter se tornado um nicho para circulação de conteúdo extremista na Alemanha. Primeiro, a entrada em vigor, em janeiro de 2018, da Lei de Melhorias na Aplicação das Leis em Redes Sociais, chamada de NetzDG.

Depois, o entendimento, apenas recentemente, de que o Telegram deveria se encaixar na legislação. Por fim, a moderação de conteúdo realizada pelas demais plataformas para coibir notícias falsas relacionadas à pandemia.

O NetzDG, pacote de leis que estendeu ao ambiente online medidas que já se aplicavam no offline, tem entre suas regras a obrigatoriedade, a plataformas com mais de 2 milhões de usuários registrados no país, de manter um canal para recebimento de denúncias e, em casos em que o conteúdo é claramente ilegal, de removê-lo (ou bloquear o acesso a ele) no prazo de 24 horas após o recebimento da reclamação. Se a plataforma não cumprir as regras, pode ser multada em até 50 milhões de euros (R$ 277 milhões).

Como o NetzDG não se aplica a serviços de mensagens individuais, como WhatsApp ou emails, o alcance da legislação ao Telegram ficou em debate por meses, até que, no ano passado, o Ministério da Justiça entendeu que, devido à possibilidade de comunicação de uma pessoa com várias, em grupos ou em canais de transmissões, o aplicativo também deveria se encaixar nas leis das redes sociais.

A decisão foi acompanhada de duas multas, uma por não manter um canal para denúncias, outra por não ter um representante no país para o recebimento de solicitações das autoridades alemãs. E aí ficaram evidentes as dificuldades de estabelecer contato com os responsáveis pelo Telegram e fazê-los cumprir as regras — algo que só foi obtido há poucas semanas. No meio tempo, as autoridades subiram o tom.

A ministra Faeser chegou a dizer publicamente que, se o aplicativo não reagisse às medidas, poderia ser banido do país. Nos dias seguintes, segundo jornais locais, foram estabelecidos os primeiros contatos entre autoridades e responsáveis pelo app e o consequente bloqueio de 64 contas. Procurado, o Ministério do Interior não respondeu. A Polícia Federal disse que não poderia comentar ações em andamento.

O Telegram não respondeu às perguntas da reportagem, enviadas por email, sobre o bloqueio das contas alemãs. Em sua página de perguntas e respostas, a plataforma afirma, sobre a existência de conteúdo ilegal na rede, que todos os chats individuais ou em grupos "são privados entre seus participantes", mas que os canais são públicos, e indica como denunciar conteúdo impróprio.

Ainda que os primeiros resultados tenham sido alcançados, com a remoção de contas com conteúdo ilegal, especialistas apontam os limites da ação. "Não dá para ficar nessa situação de caso a caso, não é uma boa abordagem. As autoridades devem melhorar os mecanismos em vigor para que as empresas possam se comprometer com as regras", avalia Jaursch.

Um caminho, segundo ele, é fazer com que a legislação de regulação das plataformas online ganhe escala internacional e possa ser aplicada no nível da União Europeia, algo que está já em discussão.

Desde dezembro de 2020, tramita no Parlamento Europeu proposta de Lei de Serviços Digitais da Comissão Europeia, que tem como principal meta criar um ambiente digital "seguro, em que os direitos fundamentais dos usuários sejam protegidos". Um dos pontos é justamente o de estabelecer novos mecanismos de cooperação das plataformas com autoridades nacionais. A expectativa é de que o pacote, que precisa ser aprovado por todos os 27 países, possa entrar em vigor no próximo ano.

# Segredo de submarino foi dado em sanduíche a agente disfarçado

Rafael Balago

WASHINGTON O casal que tentou vender ao Brasil segredos dos submarinos nucleares dos EUA chegou a pedir US$ 5 milhões pelo material. Ao negociar com um agente disfarçado do FBI, Jonathan e Diana Toebbe conseguiram receber US$ 100 mil em criptomoedas —e então foram presos.

Segundo relatório do FBI, obtido pela **Folha**, a polícia federal americana começou a investigação em dezembro de 2020, após ser contatada pelo governo de um país estrangeiro. Reportagem do jornal The New York Times revelou que o país era o Brasil.

O pacote inicial enviado por Jonathan a autoridades de inteligência veio em um envelope pardo com quatro selos e carimbo de Pittsburgh. Dentro, documentos da Marinha dos EUA, um cartão de memória do tipo SD e instruções.

O remetente dizia ter a intenção de vender informações confidenciais, manuais de operação e relatórios de desempenho de submarinos a propulsão nuclear —que chegam a custar US$ 3 bilhões e para os quais poucos países têm tecnologia de produção.

"Peço desculpas pela tradução ruim. Por favor, encaminhe esta carta para sua agência de inteligência militar. Acredito que a informação será de grande valor para sua nação. Isso não é um trote", afirmavam na carta de abril de 2020, identificando-se como Alice.

O material foi entregue ao representante do FBI no Brasil oito meses depois. Em 26 de dezembro de 2020, um agente americano começou a investigação. Ele enviou um email para o remetente, via ProtonMail, perguntando se a proposta ainda estava de pé.

A resposta veio dois meses depois —Jonathan disse que não andava checando aquele email devido à pandemia.

Em seguida, o agente do FBI, dando a entender que era representante do governo brasileiro, pediu detalhes de um arquivo específico. "Temos um amigo de confiança em seu país que tem um presente para você por seus esforços."

Em 5 de março, Jonathan respondeu que não se sentia confortável com um encontro. Propôs salvar os arquivos na nuvem e liberar o acesso a eles mediante US$ 100 mil em criptomoedas. Duas semanas depois, o agente sugeriu deixar um "presente" em local neutro. Nova contraproposta: deixar um cartão SD com dados num local específico e receber o pagamento online.

O agente aceitou pagar US$ 10 mil adiantados e US$ 20 mil depois, para receber a chave de criptografia. Jonathan pediu provas de que estava falando com um agente do governo: solicitou que um sinal fosse colocado no prédio da representação daquele país em Washington, no feriado do Memorial Day, em maio.

O FBI "conduziu uma operação para colocar o sinal como solicitado" —o relatório não detalha qual foi o sinal usado.

A embaixada do Brasil em Washington possui dois prédios: um de escritórios, visto facilmente da rua, e outro que é a residência do embaixador, mais distante da calçada.

Em 31 de maio, Jonathan disse ter visto o sinal e concordou em avançar. O FBI pagou US$ 10 mil em 10 de junho, e a entrega do cartão foi feita no dia 26. Um agente viu quando

Diana e Jonathan Toebbe, presos acusados de tentar vender segredos militares da Marinha dos EUA à inteligência do Brasil Divulgação Autoridade Regional Penitenciária e Correcional da Virgínia Ocidental

Jonathan deixou o material no lugar combinado, na Virgínia Ocidental. Diana foi vista lá, parecendo vigiar o local.

O cartão SD foi envolto em plástico e colocado em um sanduíche de pasta de amendoim. Dois dias depois, o FBI pagou mais US$ 20 mil ao casal e recebeu a senha para acessar os arquivos —que continham informações secretas sobre submarinos dos EUA.

Em julho de 2021, nova entrega de dados, agora no sul da Pensilvânia. O casal usou o mesmo carro e de novo foi visto por um agente do FBI. Dessa vez, o cartão foi afixado dentro de um curativo adesivo em uma embalagem de comida.

Com os documentos, Jonathan enviou uma mensagem. Disse ter mais de 10 mil páginas de informações secretas, que toparia vender por US$ 5 milhões. Contou que não tinha acesso a novos segredos, mas que poderia responder a questões técnicas se preciso.

Também disse que preferia vender as informações aos poucos, para não despertar suspeitas. "As forças de segurança dos EUA são preguiçosas. Também têm orçamentos limitados", escreveu, irônico.

Jonathan, 43, entrou para a Marinha americana em 2012, após um mestrado em física nuclear —no começo da carreira, chegou a dar aulas em escolas. Ele havia deixado o serviço em 2017 e ficaria na reserva até julho de 2020. Diana, 42, era professora do ensino básico. Os dois viviam em Annapolis, em Maryland.

Uma terceira entrega foi combinada para agosto. A essa altura, o celular de Jonathan já estava sendo rastreado pelos agentes. Ele foi sozinho até o local na Virgínia e colocou o cartão com os dados em um pacote de gomas de mascar.

Dessa vez, o FBI pagou US$ 70 mil pela senha. Com os dados, havia uma mensagem na qual Jonathan se dizia incomodado com o fato de o local ter só uma entrada, o que poderia ajudar a identificá-lo.

O casal foi detido em 9 de outubro, após mais uma entrega de dados. Eles se declararam culpados das acusações em fevereiro e devem ir a julgamento até agosto. Jonathan pode pegar pena mínima de 12 anos de cadeia, mas está sujeito a prisão perpétua.

Luciano Salles

# Endurance

Descoberta do navio traz a esperança de que Zelenski possa içar a Ucrânia do abismo

**Candido Bracher**
Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos.

*"I am just going outside and may be some time" (Vou lá fora e posso demorar um pouco).*

*Com essas palavras, o capitão Lawrence Oates despediu-se do comandante Scott e outros dois companheiros com quem dividia a tenda, sob a intensa nevasca no fim do verão antártico em 1912.*

*Dois meses antes, o grupo, que então contava cinco integrantes, alcançara o ambicioso objetivo de atingir o polo Sul geográfico; aquele ponto único na Terra, em que, para qualquer lado que uma pessoa se vire, estará sempre voltada para o norte. Mas foi um triunfo amargo, pois ao lá chegarem encontraram a bandeira norueguesa fincada 33 dias antes pelo explorador Amundsen. Eles haviam sido batidos na disputa pela conquista de um dos últimos pontos desconhecidos do planeta.*

*A extensão do desafio fica mais clara se sabemos que o polo Sul geográfico se situa a mais de 2.800 metros de altitude e dista cerca de 1.300 quilômetros da costa. Para percorrer essa distância, ascender ao polo e retornar, enfrentando os rigores do clima antártico com a tecnologia disponível à época, eram necessários mais de três meses e uma complexa logística que envolvia o estabelecimento de depósitos de provisões para serem consumidas no caminho de volta, uma vez que era impossível ao grupo carregar todos os mantimentos necessários.*

*Abatidos pela derrota e impactados pela morte de um companheiro no início do percurso de volta, os quatro membros restantes enfrentavam tempestades que atrasavam sua marcha. A incerteza quanto ao êxito do retorno era agravada pela lentidão de Oates, cujos pés estavam tomados por gangrena e úlceras do frio.*

*É nesse contexto que devemos entender a frase no início deste texto. Oates, como tacitamente esperado por todos, jamais voltou à barraca e sua frase entrou para a história como um exemplo extremo de cavalheirismo e autossacrifício. Porém, o seu propósito não foi atingido; seus três companheiros morreriam de inanição poucos dias depois, a 17 quilômetros do próximo depósito de mantimentos.*

*Três anos antes, em janeiro de 1909, outro explorador inglês, Ernest Shackleton, chegara com três companheiros a apenas 150 quilômetros do polo geográfico, já no alto do planalto. Temendo não dispor dos recursos necessários para atingir o polo e completar a viagem de volta, decidiu retroceder, contentando-se com o fato de ter batido o recorde de proximidade do polo até aquela data.*

*Em uma carta para sua mulher, Emily, ele incluiu uma frase que, embora careça da elegância e dramaticidade daquela que abre este texto, tem também sua dose de sabedoria:*

*"I thought, dear, that you would rather have a live ass than a dead lion" (Eu pensei, querida, que você preferiria um asno vivo a um leão morto).*

*Shackleton era persistente. Se o polo Sul já havia sido conquistado, restava o desafio de cruzá-lo de um lado ao outro. Essa foi a expedição que ele concebeu e liderou três anos após a conquista de Amundsen, conhecida como Expedição Endurance, nome do navio que a transportou.*

*Mas a travessia do polo nem sequer foi iniciada. O Endurance ficou preso no gelo antes de chegar ao ponto de partida do percurso a pé. Shackleton e os 27 homens que o acompanhavam tiveram que passar o inverno antártico de 1915 imobilizados, até que o Endurance foi esmagado pela pressão do gelo e afundou.*

*Durante meses o grupo acampou até conseguir colocar os botes salva-vidas na água e rumar para uma ilha deserta, Elephant Island, a partir da qual Shackleton, com cinco companheiros em um dos botes, empreendeu uma viagem de 1.300 quilômetros pelo mar de Drake, um dos mais perigosos dos cinco oceanos, em busca de socorro.*

*Chegando ao objetivo, com inúmeros percalços, Shackleton providenciou o resgate dos companheiros que haviam ficado em Elephant Island, mais de um ano após o naufrágio. Todos os homens retornaram em segurança à Grã-Bretanha.*

*O que transformou uma expedição fracassada do ponto de vista de seu objetivo declarado em um episódio épico de sobrevivência foi a capacidade de liderança e a preocupação com a segurança de seus homens, que Schakleton já demonstrara em 1909, ao abandonar o objetivo de atingir o polo. Na expedição Endurance ele levaria essa sua qualidade ao paroxismo, tendo liderado seu grupo em condições extremamente adversas, enfrentado e superado insubordinações, tornando-se um exemplo de equilíbrio, coragem e dedicação.*

*Nestes dias sombrios em que o passado parece ter voltado para nos assombrar, quando assistimos pasmos a uma invasão militar em território europeu, com bombardeios sobre populações civis e a ameaça mal velada de um conflito atômico, a extraordinária descoberta do Endurance preservado pelo frio das águas abissais da Antártica nos traz à memória esse marco da capacidade humana de conquistar através da empatia, da determinação e do destemor. Traz também a esperança de que Zelenski tenha o mesmo êxito de Shackleton e que em breve seja possível içar a região do abismo a que foi projetada.*

Prédio do curso de engenharia civil da Universidade de São Paulo (USP), na zona oeste da capital paulista Eduardo Anizelli - 24.nov.16/Folhapress

# Na contramão mundial, Brasil reduz diplomados em áreas estratégicas

## Universidades públicas também perdem participação no total de formados em campos-chave

Douglas Gavras

**Diploma de universidade pública perde espaço**

Fonte: Inep, com idados

**SÃO PAULO** Na contramão da tendência mundial, o número de diplomados por universidades brasileiras em boa parte das áreas conhecidas como Stem (Ciências, Engenharia, Matemática e Computação) caiu ao longo de uma década. De 67 mil formados nessa área em 2009, o número despencou para 60 mil em 2019.

Esses campos são estratégicos tanto para o mercado de trabalho quanto para inovações científicas, e a queda do número de especializados prejudica ainda mais o país na corrida pela economia do futuro.

O ponto fora da curva foi a área que inclui a engenharia, em que o número de formados triplicou no período.

O levantamento, feito pela consultoria IDados a partir de dados do Inep, mostra que as universidades públicas, especialmente, perderam participação no número de formados em áreas prioritárias para o mercado de trabalho, apesar de um aumento no total de brasileiros com ensino superior na maior parte das carreiras.

Em 6 de 8 setores de conhecimento analisados, elas tiveram queda no percentual de diplomados na comparação com as instituições privadas.

Na comparação entre 2009 e 2019, na área de saúde e bem-estar, por exemplo, o percentual de formados nessas instituições caiu de 20,7% para 16,4%, enquanto a fatia do setor privado subiu de 79,3% para 83,6%. Na de agricultura, silvicultura, pesca e veterinária, a universidade pública perdeu quase 12 pontos percentuais, de 59,2% para 47,8%.

Mesmo quando ocorreu um aumento significativo no número de diplomados — como os da área de engenharia, produção e construção, que passaram de 21,4 mil para 61,1 mil no período —, a fatia das instituições públicas caiu de 38,2% para 24,5%.

O desempenho errante do país em formar profissionais voltados principalmente para ciência e computação vai na contramão do resto do mundo. Um estudo recente, da colunista da **Folha** Cecilia Machado, em parceria com os pesquisadores Laísa Rachter, Fábio Schanaider e Mariana Stussi, usou diferentes bases de dados para mapear os trabalhadores Stem no Brasil.

No terceiro trimestre do ano passado, o número de trabalhadores em funções Stem era de 1,5 milhão, enquanto os demais passavam de 7,6 milhões. Enquanto isso, na economia norte-americana, 10 milhões (7%) ocupam essas funções.

Segundo o pesquisador do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas) Fernando Veloso, é visível o esforço que os países desenvolvidos têm feito para aumentar investimentos na formação de trabalhadores do futuro.

"Há uma tentativa de preparar as futuras gerações e também sobre como requalificar quem já está no mercado de trabalho. No Brasil, a experiência mais recente foi com o Pronatec, mas que teve resultados muito abaixo das expectativas."

Ele destaca que os programas em que o governo tenta determinar as áreas de formação costumam ter um desempenho pior do que aqueles em que há um diálogo com as empresas para facilitar a empregabilidade do aluno no futuro.

Veloso também considera que há, muitas vezes, um excesso de academicismo nas instituições públicas de ensino superior. "O ensino, muitas vezes, é mais voltado para pesquisas e com menos conexão com o mercado de trabalho. Uma alternativa, como o que acontece nas faculdades comunitárias norte-americanas, seria tentar tornar a universidade pública mais flexível, sem perder a qualidade."

"A gente ouve muito falar na baixa produtividade do trabalhador brasileiro, então, poderia haver uma orientação mais clara por parte do governo federal para avançarmos nessas áreas-chave", diz o pesquisador Guilherme Hirata, da IDados.

Já na avaliação de Amauri Fragoso de Medeiros, do Andes-SN (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) e professor da Universidade Federal de Campina Grande (PB), gerar conhecimento apenas tendo em vista suprir o mercado de trabalho é uma questão falaciosa.

"O mercado é apenas uma célula da sociedade, não é a sociedade inteira. Além disso, o que se observa é que as universidades privadas pegam as camadas mais pobres da população, na ilusão de comprar com a educação uma melhora na qualidade de vida que não veio."

Para Claudia Massei, executiva da Siemens na Alemanha, além de formar mais profissionais voltados para as profissões do futuro, o Brasil precisa desenvolver um mercado de trabalho que absorva mais profissionais após formados.

"Do lado privado, muitas empresas de grande porte que estão no Brasil não têm centros de pesquisa no país. Na política pública, falta estratégia para definir o profissional que será demandado em cinco ou dez anos."

Sobre a perspectiva de aumento na oferta de vagas para as áreas Stem, Elizabeth Guedes, da Anup (Associação Nacional das Universidades Particulares), que também é irmã do ministro da Economia, Paulo Guedes, tem a avaliação de que isso deve se dar de forma contundente nos próximos anos.

"O futuro social e econômico do Brasil depende da formação de profissionais preparados para enfrentar os novos desafios de um mundo onde as cadeias de valor estão interligadas", diz ela.

### Instituições públicas não conseguem acompanhar privadas

A universidade pública não conseguiu acompanhar o ritmo das particulares, mesmo quando elas conseguiram um aumento no número de vagas, diz Hirata, da IDados.

"A depender da área de formação, a redução foi considerável na proporção dos que saem da universidade pública. Já a expansão de universidades privadas foi fomentada por programas de financiamento e descontos de mensalidades, o que facilitou bastante o aumento de diplomas."

Segundo Adriano Senkevics, pesquisador do Inep e doutor em educação pela USP (Universidade de São Paulo), o período de 2009 até 2019 compreende dois momentos opostos para o ensino superior: o que vai até 2015 é de um novo olhar para universidade pública, por meio do Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), e de apoio ao ensino privado, com Fies e ProUni.

Do lado privado, muitas empresas de grande porte que estão no Brasil não têm centros de pesquisa no país. Na política pública, falta estratégia para definir o profissional que será demandado em cinco ou dez anos

**Claudia Massei**
executiva da Siemens

O mercado é apenas uma célula da sociedade, não é a sociedade inteira. Além disso, o que se observa é que as universidades privadas pegam as camadas mais pobres da população, na ilusão de comprar com a educação uma melhora na qualidade de vida que não veio

**Amauri Fragoso de Medeiros**
professor da UFCG

O futuro social e econômico do Brasil depende da formação de profissionais preparados para enfrentar os novos desafios de um mundo onde as cadeias de valor estão interligadas

**Elizabeth Guedes**
presidente da Anup

"Ao longo da expansão do ensino superior, no entanto, o setor público perdeu espaço, enquanto o privado cresceu em ritmo forte, absorvendo uma massa de jovens maior ao longo do tempo e aumentando sua participação relativa", diz.

Ele pondera que pesa nessa diferença de desempenho a política do setor privado de oferta de cursos mais baratos e voltados para o mercado de trabalho, enquanto o público tem carreiras mais caras e que dependem de professores mais especializados. "A diferença qualitativa dos dois sistemas também impõe ritmos de expansão distintos."

A partir de 2015, quando o país entrou em recessão, ambos os sistemas ingressaram em uma fase difícil.

Do lado das universidades públicas, o período foi de recursos minguados, cenário que persiste até hoje. Uma reportagem do jornal O Globo mostrou, a partir de dados do Painel do Orçamento Federal, que os recursos para gastos discricionários (usados para pagar água, luz, bolsas, insumos para pesquisas, entre outros itens) estavam em 2021 no nível mais baixo desde 2004, mesmo com o dobro de alunos nas universidades públicas.

No caso das instituições privadas, o freio na expansão se deu pela dificuldade de pagamento das mensalidades.

"O setor privado sentiu essa queda econômica, com a crise de 2015 e 2016 e agora com a pandemia, e só tem respirado por meio de cursos EAD como estratégia de redução de custos", diz Senkevics.

De acordo com o Censo da educação superior, de 2020, havia 2.457 instituições de educação superior no Brasil. Dessas, 2.153 (87,6%) eram privadas ,e 304 (12,4%), públicas. E 3 em cada 4 estudantes estavam em centros particulares.

Massei, da Siemens, concorda que a universidade pública, pela melhor qualidade de ensino, costuma formar profissionais qualificados para trabalhar diferentes áreas, enquanto boa parte do aumento expressivo nos alunos de cursos particulares se deveu por questões comerciais.

"No Brasil, a maior parte do sistema privado de ensino superior acaba sendo guiada pelo lucro, e o sistema público sempre depende muito do orçamento e da orientação governamental."

Medeiros, do Andes-SN, diz que, embora as universidades tenham autonomia para gerir o número de vagas e de cursos, essa liberdade é limitada pela falta de recursos.

"Nos últimos anos, apesar do Reuni, houve uma clara virada de investimentos do governo no setor privado, o que explica boa parte da perda de participação da universidade pública em alguns setores."

O porta-voz do Andes também destaca o papel fundamental que as instituições públicas têm no desenvolvimento de pesquisas, bem a frente do setor privado.

A ligação das instituições particulares com o mercado de trabalho faz com que elas atendam de forma mais rápida às demandas por determinadas áreas de formação, rebate Elizabeth Guedes, presidente da Anup (Associação Nacional das Universidades Particulares).

"Teoricamente, as velocidades deveriam ser iguais, uma vez que gozamos da mesma autonomia. Mas sempre olhamos as vagas atuais e as tendências para o futuro, considerando que as profissões estão mudando de forma contínua e não suprir essa demanda é destinar nosso aluno ao desemprego", diz.

Procurado para comentar a perda de participação das universidades públicas, as dificuldades de abertura de vagas e a redução na verba, o Ministério da Educação não havia respondido aos questionamentos até a publicação desta reportagem.

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*
painelsa@grupofolha.com.br

## Rodrigo Faustino
# Ensino de inglês com cultura negra atrai interesse de empresas

SÃO PAULO Nascida em 2008, quando as primeiras experiências de cotas em universidades públicas começavam a formar alunos negros para o mercado de trabalho, a escola de inglês Ebony English os ajudava a preencher o requisito do idioma exigido nos programas de estágio das empresas, segundo o fundador Rodrigo Faustino.

Hoje, depois de atravessar a transformação digital da pandemia, a Ebony vê crescimento na demanda empresarial por seus cursos de inglês, que têm metodologia focada na cultura negra.

"Nos últimos anos, o mercado corporativo, que era pequeno para nós, cresceu bastante. Empresas, principalmente de tecnologia, que têm uma mente mais aberta, começaram a nos procurar", diz.

Neste ano de revisão da Lei de Cotas, Faustino afirma que a realidade do negro mudou no Brasil, mas não está concluída.

"Interromper isso seria um retrocesso", diz o empresário.

*

**O que mudou na escola nesses últimos anos?** Quando a escola nasceu, em 2008, a gente estava na discussão das ações afirmativas, aumentando a população negra nas faculdades, o que era só a primeira barreira a ser ultrapassada. Mas chegava no estágio, e um dos requisitos para entrar era o inglês. Ainda hoje é assim.

Para uma população que vem, na grande maioria de escola pública, isso é outra barreira. Quando a Ebony surgiu foi para atender essa demanda da população negra, para ter um nível de inglês melhor e conseguir acessar o estágio.

Ao longo dos anos, a coisa foi mudando. Melhoramos na questão da diversidade e do acesso. A escola enxergou o inglês para cultura negra como negócio, que pode crescer, progredir. Nos últimos anos, o mercado corporativo, que era pequeno para nós, cresceu bastante. Empresas, principalmente de tecnologia, que têm uma mente mais aberta, começaram a nos procurar.

E a nossa visão também mudou para o aluno pessoa física, para abrir portas de parcerias e trabalhos.

No final do ano passado, eu estive em Dubai e percebi como a gente perde oportunidades no continente africano. Estou falando de intercâmbios, cultura, empreendedorismo entre os jovens do Brasil e da África. Hoje, a Ebony é também um centro de conexão.

**Esse preparo para tais oportunidades de negócios também envolve o estudo das pronúncias que vão além do inglês britânico e americano?** Temos a questão da fonética. O inglês do nigeriano é diferente do americano e do canadense. Na área de TI tem muita gente da Índia, por exemplo. É naturalizar e entender que faz parte da cultura.

Outro diferencial forte nosso é ensinar inglês com a cultura negra. Por exemplo, para usar música no curso, as escolas de inglês traziam no máximo Michael Jackson. Eu adoro Beatles e Metallica, mas tenta colocar uma Aretha Franklin, uma Ella Fitzgerald. Trazer essas questões para dentro do ensino conecta.

Criamos um material pedagógico muito forte, pesquisamos, fizemos referências, contatos com as embaixadas para oferecer a história dos países.

A Ebony não tem alunos só negros. E eles também se conectam ao estudar com a história do Nelson Mandela a partir de uma referência sul-africana.

**Como foi a transição para o digital e a expansão?** Começamos em 2008 com aula presencial em uma pequena sala no centro de São Paulo. Em 2013, começamos a pensar no online, mas ínfimo ainda. Em 2017, desenhamos a plataforma que temos hoje. E a pandemia mudou tudo, trouxe possibilidade de crescimento.

Até 2019, 90% dos alunos ficavam em São Paulo. Hoje, cerca de 45% são de outros estados. E temos três alunos fora do Brasil. Tem aluno de comunidade quilombola no Tocantins, de comunidade indígena em Goiás.

Isso traz a possibilidade de pessoas de diferentes locais se conhecerem. Não é só uma escola de inglês e para conectar pessoas assim a gente precisa do online.

**Como o sr. disse, a Ebony começou no contexto das ações afirmativas, e neste ano tem revisão da Lei de Cotas no ensino superior. Como estão vendo isso?** Para nós é muito importante a manutenção. É algo que mudou a realidade no Brasil, mas é uma realidade que não está concluída.

A gente resolve cotas nas universidades, mas não resolveu ainda a questão da educação de base, do acesso. Para falar do fim, a gente precisa resolver a base. Interromper isso seria um retrocesso.

Em educação, sendo muito otimista, precisaria de uns 50 anos para resolver o problema no Brasil.

**Além do aspecto cultural que vocês levam para a sala de aula, o noticiário também entra? Casos como o do assassinato de Moïse são discutidos entre os alunos?** Nós levamos porque é algo que nos afeta diretamente. Não estamos descontextualizados da história. O assassinato da Marielle, o músico Evaldo Rosa com 80 tiros, a Ágatha, George Floyd nos Estados Unidos. Todos esses fatos são conectados por racismo. Eles morreram em função da cor da pele.

No ano passado convidamos uma adolescente americana para contar a versão dela do período dos protestos do George Floyd. Foi marcante para eles e para ela. É tanta dor. Ela chorou no meio da aula. E você sente essa dor. A gente acaba tendo oportunidade de discutir esses temas na sala de aula. Mas não é fácil.

Não é simples falar do Moïse. Lembra o caso do americano Rodney King, de 1992, que apanhou dos policiais.

**Raio-X**
Em 2008, fundou a Ebony English School e hoje é vice-presidente de estratégia de negócios da empresa. Cursou engenharia na Fatec (Faculdade de Tecnologia de São Paulo)

# Aliados de Bolsonaro avaliam 'esconder' Guedes na campanha

Grupo se divide sobre participação do ministro; dilema é comparado por alguns ao vivido pela equipe de Lula em relação a Dilma Rousseff

**Marianna Holanda, Julia Chaib e Fábio Pupo**

O ministro da Economia, Paulo Guedes Pedro Ladeira - 17.mar.22/Folhapress

BRASÍLIA Aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) avaliam que as políticas defendidas pelo ministro Paulo Guedes (Economia) podem retirar votos do candidato à reeleição em 2022 e defendem "esconder" o chefe da equipe econômica durante a campanha.

Além disso, temem declarações polêmicas do ministro, como quando falou recentemente que há mais iPhones no Brasil do que população. Palacianos mais pessimistas dizem acreditar que a inflação, de forma geral, não cederá a ponto de fazer diferença positiva na vida das pessoas.

A discussão é levantada em um momento de incógnitas no entorno do ministro quando o assunto são as eleições. De acordo com os relatos, Bolsonaro e Guedes ainda não conversaram sobre como será a participação do ministro na campanha.

A indefinição tem afastado Guedes de debates públicos ao lado de assessores econômicos de outros pré-candidatos sobre as políticas a serem adotadas pelo país nos próximos quatro anos.

Aliados do ministro ouvidos pela **Folha** reconhecem as incertezas, mas minimizam a ausência do ministro nos debates dizendo que a plataforma defendida por Guedes já é conhecida. Estão na agenda as reformas, a diminuição do tamanho do Estado, as privatizações e as concessões à iniciativa privada.

Além disso, mencionam que o ministro continua tendo participação ativa no cotidiano do governo e aparecido em eventos ao lado de Bolsonaro em Brasília, como no lançamento do Plano Anual de Fertilizantes, uma agenda do Ministério da Agricultura.

O afastamento de Guedes da campanha do presidente não é unanimidade entre os aliados mais próximos de Bolsonaro.

Há quem compare Guedes com a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) na campanha do petista Luiz Inácio Lula da Silva: quanto mais tentar esconder, mais os adversários vão explorar.

Integrantes da campanha confirmam que os detalhes sobre eventual participação mais direta de Guedes nas propagandas do PL, que começam em junho, ainda não foram discutidos.

Mas os mesmos que defendem que o chefe do Executivo "assuma" o ministro da Economia dizem que, mesmo que Guedes não apareça no horário eleitoral ou no material de campanha com tanta frequência quanto em 2018, ele estará presente por sua política econômica.

Recentemente, em meio às discussões sobre aumento no preço dos combustíveis, Bolsonaro criticou a Petrobras, mas voltou a dizer que, para qualquer outra medida para baixar o preço da gasolina, precisaria ouvir primeiro Guedes — a quem se referiu como ministro de sua confiança.

Mesmo com as demonstrações públicas de apoio, nos últimos anos os dois bateram de frente muitas vezes. Bolsonaro defende corporativismos, como de militares, por exemplo, e medidas que desafiam o ajuste fiscal.

O ministro da Economia menciona a aliados que o apoio do presidente à agenda liberal já foi superior a 90% e hoje mal passa de 50%.

> **"** Eu acredito no presidente Bolsonaro, acho que ele quer o caminho da prosperidade. Agora, há atrativos, há entornos, tem gente que quer desviá-lo, tem gente que acha que as estatais são boas, que Correios, Casa da Moeda, Petrobras têm que ficar com governo mesmo
>
> **Paulo Guedes**
> ministro da Economia

Ao longo de todo o mandato, o presidente não participou ativamente da defesa das reformas (como a da Previdência) e ainda adiou o envio de outras (como a administrativa) por medo da reação popular.

Além disso, muitas vezes Guedes acaba defendendo seu posicionamento praticamente sozinho — e acumula desgastes com a própria equipe em meio às discussões. O maior exemplo disso foi a debandada de integrantes do Ministério da Economia no ano passado em meio ao drible no teto de gastos para acomodar o pagamento dos precatórios e um Auxílio Brasil de no mínimo R$ 400 (Guedes era contra inicialmente, mas acabou cedendo).

O ministro da Economia tem resistido às desavenças internas e defendido que abandonar a agenda liberal seria um tiro no pé para Bolsonaro — pois afastaria votos em vez de atrair.

Guedes continua demonstrando admiração por Bolsonaro e diz que sempre estará ao lado "da centro-direita" nos embates com a esquerda. Os problemas acumulados ao longo do mandato, entretanto, fizeram o ministro criar desde o fim do ano passado uma espécie de demanda para avaliar sua eventual continuidade. Dúvidas similares são levantadas inclusive por integrantes da campanha de Bolsonaro.

O ministro tem sinalizado que precisa sentir a existência de apoio à agenda liberal para poder prosseguir ao lado do chefe, colocando em dúvida sua permanência caso sinta que suas propostas serão deixadas de lado.

O sentimento, expresso a aliados há algum tempo, foi externado em entrevista à TV Jovem Pan News no mês passado. Quando lhe foi perguntado se estava pronto para mais quatro anos de governo, Guedes respondeu que isso dependia de sentir entusiasmo.

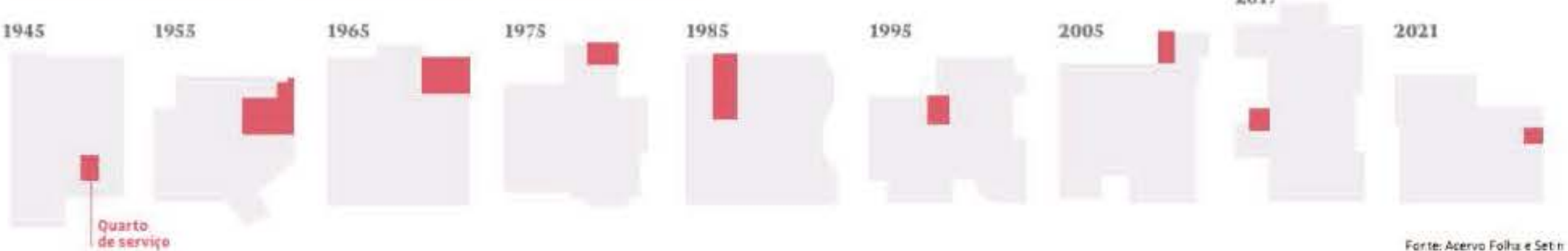
"É o que eu digo do entusiasmo. Se você tem a crença dentro [bate no peito], se ver que essa aliança de conservadores e liberais está seguindo, você está entusiasmado. Agora, se for um governo só conservador e não tiver...", afirmou, sem completar a frase.

"Eu acredito no presidente Bolsonaro, acho que ele quer o caminho da prosperidade. Agora, há atrativos, há entornos, tem gente que quer desviá-lo, tem gente que acha que as estatais são boas, que Correios, Casa da Moeda, Petrobras têm que ficar com governo mesmo", disse.

"Se trocar dirigismo de esquerda para dirigismo de direita, a gente conhece as experiências históricas e o que vai acontecer", afirmou.

**Evolução da área do quarto de serviço nos apartamentos brasileiros**

Anúncios antigos da Folha e plantas recentes mostram transformação da dependência

Fonte: Acervo Folha e Setin

# Quarto de serviço ainda resiste em imóveis de luxo

Cômodo, porém, tem dias contados, segundo especialistas do setor

**Ana Luiza Tieghi e Douglas Gavras**

SÃO PAULO Apartamentos com cômodos específicos para empregados domésticos ainda são lançados no país.

Porém, se na década de 1960 o espaço era encontrado até em apartamentos de dois quartos, hoje o ambiente, chamado de quarto de empregada, de serviço ou dependência de empregado, só aparece em unidades grandes, uma minoria do mercado —em 2021, apenas 1% dos apartamentos lançados em São Paulo tinham mais de 180 metros quadrados, de acordo com dados do Secovi-SP (Sindicato da Habitação).

Nos imóveis menores, a valorização do preço por metro quadrado e a demanda por mais espaço para os dormitórios e a porção social da casa, como sala e varanda, têm a prioridade no uso da área que poderia ser utilizada pelo quarto de serviço, analisa Bianca Setin, diretora de operações da incorporadora que leva seu sobrenome.

Historicamente, a dependência de serviço foi um espaço que poderia ser convertido em outro cômodo. Em prédios de décadas passadas, é possível encontrar quartos com duas portas, uma para a área de serviço e outra para a área social do imóvel, de forma que os moradores pudessem escolher qual uso fariam do espaço.

"[Em imóveis] a partir de 200, 250 metros quadrados, você encontra [o quarto de serviço], mas não significa que ele vai ser usado, normalmente o quarto vira depósito, prataria, home office", afirma Marcello Romero, diretor-executivo da imobiliária Bossa Nova Sotheby's, especializada em alto padrão.

Durante a pandemia, conta Maria Augusta Justi, professora do curso de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o cômodo foi uma opção para quem precisava de um espaço para estudar ou trabalhar. Com reformas, ele pode ser anexado à sala, aumentando o espaço da área social, ou à cozinha. Também é possível criar ali um novo banheiro para o imóvel.

As incorporadoras já se antecipam a essa vontade de modificar a área e oferecem plantas com usos diferentes para esse espaço. A Setin, por exemplo, anunciou o residencial H.I. Pinheiros, lançado no ano passado, com unidades de 178 metros quadrados com opções que incluíam quarto de empregada, despensa ou cozinha ampliada.

Segundo Bianca Setin, a proporção entre os compradores que escolhem manter o cômodo como quarto de serviço, usá-lo como despensa ou aproveitar o espaço para aumentar a cozinha é semelhante.

"Quando estudei, era muito comum ter que dividir o espaço [do imóvel] entre serviço, social e íntimo, mas hoje esses espaços interagem", diz. "Não usamos mais essas separações classistas dentro do projeto de residência."

Maria Augusta Justi explica que o quarto de serviço é uma continuação da dinâmica entre casa grande e senzala, que se arraigou na cultura dos brasileiros quando as cidades foram verticalizadas.

"Esse espaço já vem há muitos séculos na história da arquitetura brasileira e nasceu com a finalidade de segregar trabalhadores", afirma.

Também é um cômodo que está fadado a desaparecer ou ter outras utilidades, diz Justi. Isso porque, em 2018, menos de 1% dos empregados domésticos brasileiros —cerca de 46 mil trabalhadores— dormiam em seu local de trabalho, segundo estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Em 1995, no início da série histórica, eram 12%, chegando a 23% no Nordeste.

Nesse sentido, o mercado imobiliário se adapta à nova realidade de legislação trabalhista e de cultura das famílias, o que deverá impactar projetos futuros.

O cômodo é, via de regra, apertado, com espaço para uma cama de solteiro e um armário. Segundo o Código de Obras e Edificações de São Paulo, um cômodo habitacional dedicado ao repouso precisa ter uma área mínima de 5 metros quadrados, mas uma norma da ABNT sobre desempenho das edificações utiliza outros parâmetros, como conforto térmico, de luminosidade e ventilação, o que permite um volume diferente, segundo a professora.

"Ele pode ter um dos lados com 2 metros e outro um pouco menor", diz Justi.

Na Setin, por exemplo, os quartos costumam ter cerca de 3 metros quadrados. Em pesquisa no site de sete incorporadoras, foram encontrados quartos com área de 3 a 5,86 metros quadrados —tamanho inferior ao menor dormitório encontrado na área social dos imóveis buscados, de 6,55 metros quadrados.

Hoje, a redução do tamanho das famílias diminui a quantidade de serviço doméstico que precisa ser realizado, e a tecnologia permite contratar funcionários de acordo com a demanda, como no caso das diaristas, chefs de cozinha, passadeiras e do serviço de transporte por aplicativo, o que contribui para a queda na contratação de domésticas que durmam nas residências.

Levantamentos da consultoria IDados e do pesquisador Daniel Duque, do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas), apontam que, em dezembro do ano passado, 91,6% desses trabalhadores eram mulheres, segundo dados do IBGE.

Além disso, a renda média era de R$ 953 mensais —para os homens, essa média era maior, de R$ 1.210— e abaixo da renda média mensal de todos os trabalhadores brasileiros (R$ 2.377). Os números também mostram que a idade média de quem presta serviços para as famílias era de 43,1 anos e que 65,8% deles se declararam como pretos ou pardos.

Duque concorda que as mudanças culturais, a redução da desigualdade salarial e as reformas trabalhistas (inclusive as mudanças específicas para domésticas) tornaram proibitivo para a grande maioria das famílias manter um trabalhador doméstico fixo, principalmente aquele que dorme em casa.

Ele pondera, no entanto, que não é necessariamente bom ou ruim para o trabalhador poder prestar serviços para mais de uma família durante a semana. "Por um lado, aumenta a volatilidade de rendimentos desses trabalhadores, mas também muda as relações de trabalho para algo mais próximo de cliente e prestador de serviço, como ocorre em países mais desenvolvidos, e permite rendimentos médios maiores", diz.

Segundo a advogada do Sindoméstica (Sindicato das Empregadas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo), Nathalie Rosário, é ruim para o trabalhador quando o empregado fixo se torna diarista, já que a fiscalização se torna mais difícil e um maior número deles fica desprotegido e sem direitos previdenciários.

Para Tatiana Roque, professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e vice-presidente da Rede Brasileira de Renda Básica, a PEC das Domésticas trouxe reações sociais negativas pela maior dificuldade que algumas famílias de classe média tiveram de manter o trabalhador em casa.

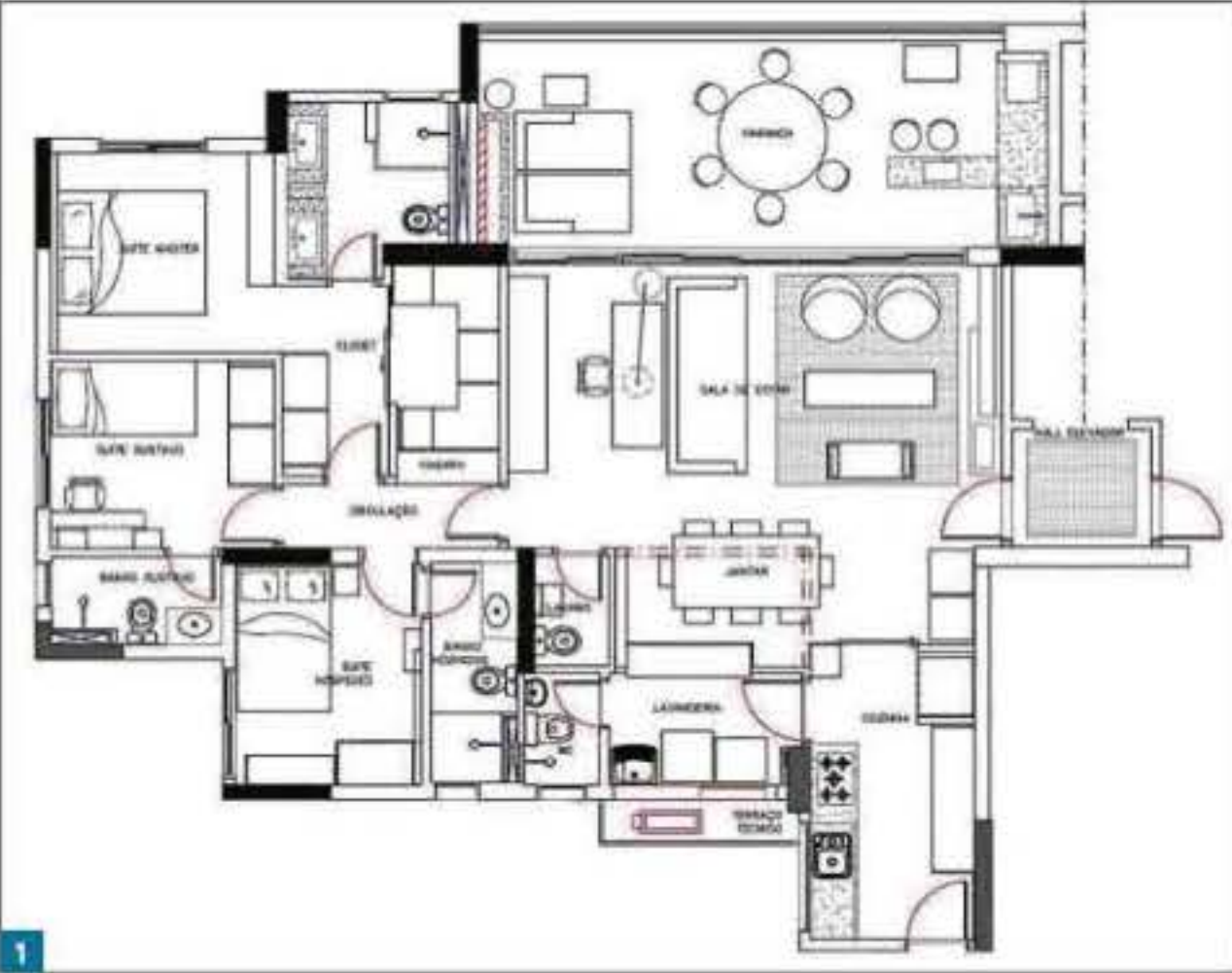
"A maior dificuldade para contratação, nesse caso, foi positiva. O desamparo que a pandemia trouxe para esses trabalhadores, no entanto, é algo preocupante e que precisa ser observado. O ideal é que os demitidos voltem para o mercado mais treinados e com opções de carreira."

Ela acrescenta que o menor número de domésticas que dormem no trabalho e o reflexo disso no mercado imobiliário é algo positivo.

"Ou essas pessoas eram exploradas ao longo do tempo ou viviam muito longe de seus empregos. É por isso que defendemos uma renda básica para que ninguém tenha de se sujeitar a condições de trabalho ruins."

"Os apartamentos maiores têm tendência a serem espaços totalmente personalizáveis onde, na maioria dos casos, os clientes utilizam [o quarto de serviço] para outros usos", diz Guilherme Benevides, diretor-executivo da incorporadora Gafisa.

**Transformação dos cômodos amplia área social**

Divulgação

1 No projeto da arquiteta Cristiane Schiavoni, a dependência de serviço deu lugar à sala de jantar 2 Projeto da arquiteta Ana Paula Navarro transformou quarto de serviço em home office 3 Sala de jantar ocupa espaço que antes funcionava como quarto de serviço 4 Quarto de serviço adaptado para escritório

# O massacre dos velhos, sem máscara

Covid mata mais agora do que entre outubro de 2021 e janeiro de 2022

**Vinicius Torres Freire**

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

*Todo mundo estava de máscara na padaria lotada no final da tarde de sexta em Higienópolis, bairro rico do centro de São Paulo. Era assim também no vizinho bairro de Santa Cecília, no sacolão frequentado por idosos de peque na classe média e pelo pessoal LGBTQIA+ e hipster da região.*

*Nas redes sociais, conhecidos publicam as fotos do momento "dois anos depois", da volta de encontros, almoços e jantares com grupos grandes. A diarista conta que em Carapicuíba, cidade da periferia de São Paulo, "o povo lá" pouco usa máscara desde o Natal, afora em ônibus e trem.*

*Tanto no Brasil como em São Paulo, o número de mortos de Covid por dia (395) ainda é maior do que era entre outubro de 2021 e fins de janeiro de 2022. Mas faz meses que as pessoas administram uma espécie de fim para a epidemia que não terminou. Não importa muito o que diga ou faça o governo, que em São Paulo acaba de liberar máscaras em lugares fechados. Não importa muito, mas importa. Máscara em lugar fechado e melhorias de ventilação ajudariam a conter o número de vítimas. A doença é perigosa e deixa sequelas mesmo em casos "leves". É preciso cuidar dos vulneráveis.*

*Durante a ômicron, mudou o perfil das mortes, que pesaram ainda mais sobre velhos e doentes. Nas últimas quatro semanas, 85% dos mortos de Covid tinha 60 anos ou mais (na epidemia inteira, 68%), no estado de São Paulo. Cerca de 95% dos mortos tinha mais de 60 anos ou uma comorbidade, na maioria cardiopatia ou diabetes.*

*A probabilidade de um vacinado saudável e jovem morrer de Covid é pequena, embora ainda não dê para calcular o risco, pois o governo paulista não divulgou dados sobre mortes e vacinação por idade. Com desolação, ouve-se mais gente falando de modo resignado, fatalista ou indiferente da morte de velhos e doentes.*

*Em São Paulo, entre as pessoas de 70 anos ou mais, 1 de cada 40 morreu de Covid. É impreciso, mas é dessa ordem, um massacre. A estatística de população é velha e imprecisa e há subnotificação de mortes.*

*Há fatalismos e fatos consumados, ressalte-se: o novo hábito da população e políticos que querem partir para as campanhas eleitorais decretando o fim da epidemia ou da máscara.*

*A mudança de ânimo era notável na virada do ano. Era evidente mesmo quando o número de mortos voltara a quase 900 por dia, em meados de fevereiro. Por necessidade econômica, física, psicológica ou o que seja, o grosso da sociedade decidiu seguir adiante, mesmo com riscos e sinais de medo, quem sabe de mudanças estruturais. Pelo menos um quarto dos passageiros não voltou ainda ao transporte público na grande São Paulo (na comparação com 2019 ou 2018).*

*É verdade que houve alguma reação razoável ao avanço da ômicron. Em fevereiro, a média de doses de vacina aplicada por dia foi de 1,16 milhão, a maior desde outubro (em dezembro, a média fora de só 701 mil por dia).*

*No Brasil, mais de 74% da população recebeu pelo menos duas doses (84% em São Paulo). É uma taxa igual à da Alemanha, maior que a do Reino Unido e muito maior que a da vergonha dos Estados Unidos.*

*A ômicron BA.2 se espalha pela Europa. Circula no Brasil desde o fim de janeiro. Não dá para prever se vai fazer estrago, dizem cientistas. O inverno é estação propícia para a disseminação do vírus, mas está longe uns três meses. Até lá, porém, pode ser que a imunidade, por vacina ou infecção, tenha diminuído. No Brasil, apenas 40% das pessoas tomaram a dose 3 (54% em São Paulo). É preciso dar dose 4 aos idosos. Ainda é tempo de salvar vidas.*

**EDITAL**

Pelo presente edital, o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Bragança Paulista, com base territorial em Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Bragança Paulista, Itatiba, Jarinu, Joanópolis, Morungaba, Nazaré Paulista, Pedra Bela, Pinhalzinho, Tuiuti e Vargem, no Estado de São Paulo, com sede na Rua Santa Clara nº 450, Centro, Bragança Paulista - SP, de acordo com as normas estatutárias, comunica que será realizada eleição no dia 20 de junho de 2022, no horário das 09 às 17 horas, para composição da Diretoria, Conselho Fiscal e Delegados Representantes, junto à Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado de São Paulo, devendo o registro de chapas ser apresentado à Secretaria do Sindicato, no horário das 09h00 às 11h00 e das 13h00 às 17h00. O prazo para registro de chapas será de 5 (cinco) dias, contados a partir do dia 21/03/2022 e terminando em 25/03/2022. O prazo para impugnação de candidaturas, que deverá ser protocolada na Secretaria do Sindicato, é de 3 (três) dias contados do primeiro dia útil ao do encerramento da inscrição de chapas, ou seja, do dia 28 de março de 2022 a 30 de março de 2022. O regulamento da eleição encontra-se afixado na Sede do Sindicato, onde haverá pessoa habilitada para prestar informações necessárias aos interessados. Bragança Paulista, em 20 de março de 2022. José Luiz Martins Cardoso - Presidente.

**Edital de Convocação - Assembleia Geral Ordinária Deliberativa**

A Diretora-Presidente do Sindicato dos Supervisores de Ensino do Magistério Oficial no Estado de São Paulo - APASE, nos termos do artigo 9º, incisos I e IV do artigo 12 e inciso III do artigo 27, do Estatuto APASE, convoca os filiados ao Sindicato APASE, para participarem da Assembleia Geral Ordinária Deliberativa a ser realizada em 26 de março de 2022, às 10h, em primeira convocação, ou às 10h30, em segunda convocação, com qualquer número de participantes, na sede do Sindicato APASE, sita à Rua do Arouche, nº 23, 1º andar, República, São Paulo, Capital. I - Pauta: 1. Leitura e aprovação das atas das assembleias de 30.03.2021 e 18/12/2021;2. Conhecimento das ações da Diretoria Executiva no ano de 2021, 3. Análise e aprovação das contas apresentadas pela Diretoria referente ao exercício de 2021, 4. Conhecimento do Plano de Trabalho para o exercício de 2022. 5. Análise e aprovação orçamentária para 2022. 6. Informes: Campanha Salarial 2022.

Rosaura Aparecida de Almeida - Diretora-Presidente



**ALERTA DE FRAUDE**

Macquarie Bank Limited, bem como o Macquarie Brasil Participações Ltda. (que atua como escritório de representação do Macquarie Bank Limited no Brasil), alerta o público que não comercializa ou prospecta empréstimos ou financiamentos a pessoas físicas no Brasil. Portanto, qualquer oferta de empréstimo ou financiamento realizada por telefone, aplicativos de mensagens ou qualquer outro meio, em nome do Macquarie Bank Limited, Macquarie Brasil Participações Ltda. ou qualquer outra empresa do Grupo Macquarie, se trata de fraude criminosa, sem qualquer vínculo com o Grupo Macquarie.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SINDASP – SINDICATO DOS AGENTES DE SEGURANÇA PENITENCIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. O SINDASP com sede na Rua Antenor Gonçalves, nº 128 – Vila Euclides, em Presidente Prudente/SP CEP 19014-040, através de sua Diretoria Executiva, devidamente representada por seu Presidente Sr. VALDIR BRANQUINHO, vem, através do presente edital, convocar todos os membros para Assembleia Geral Extraordinária, que será realizada na sede da entidade, às 09:00 do dia 21/03/2022, em 1ª convocação com 10% dos afiliados e uma hora após com qualquer número de associados presentes, com as seguintes ordens do dia:

1 – Adequações quadro diretivo;
2- Alteração de dispositivos do ESTATUTO SOCIAL;
3 - Outros

**PARANAPANEMA S.A.**

Companhia Aberta - CNPJ 60.398.369/0004-79 - NIRE 29.300.030.155

Edital de Convocação das Assembleias Gerais Ordinária e Extraordinária

Ficam convocados os senhores acionistas da PARANAPANEMA S.A. ("Companhia") a se reunirem em Assembleias Gerais Ordinária e Extraordinária ("AGOE"), a serem realizadas, em primeira convocação, no dia 20 de abril de 2022, às 13h, exclusivamente de modo digital, por meio da plataforma digital Zoom, nos termos da Instrução CVM nº. 481/2009, conforme alterada, para deliberarem sobre as seguintes matérias constantes da ordem do dia: 1. Assembleia Geral Ordinária: 1.1. Tomar as contas dos Administradores, examinar, discutir e votar o Relatório da Administração, as Demonstrações Financeiras da Companhia, acompanhadas do Relatório dos Auditores Independentes, do Parecer do Conselho Fiscal e do Parecer do Comitê de [illegible]

**EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA**

[illegible]



FILIAL - CIT

COMUNICADO DE EXTRAVIO/PERDA EQUIPAMENTO ECF:

A empresa Carrefour Comércio e Indústria LTDA, filial CNPJ 45.543.915/0204-50 e IE. 387.155.750.115, comunica o extravio/perda das impressoras fiscais ECF, marca IBM, DARUMA, modelo 4679 3BS, FS2100T, FS2000, MACH 2, série 36340, 50167, 8252231, 8252262, 8252625, 8253440, 8253444, 8253725, 8253763, 8253804, 8253805, 8253807, 8253812, 8254822, 8256355, 8267856, 82533811, DR0106BR000000082610, DR0914BR000000426453, conforme B.O nº 538162/2022.

COMUNICADO DE EXTRAVIO/PERDA DOCUMENTOS ECF:

A empresa Carrefour Comércio e Indústria LTDA, filial CNPJ 45.543.915/0204-50 e IE. 387.155.750.115, relata o extravio dos documentos fiscais: Atestado de intervenção nº 75743, [illegible]

[illegible]

FILIAL - PDP

COMUNICADO DE EXTRAVIO/PERDA EQUIPAMENTO ECF:

A empresa Carrefour Comércio e Indústria LTDA, filial CNPJ 45.543.915/0353-09 e IE [illegible]

[illegible]

# Juro sobe nos EUA

Processo inflacionário americano dá mostras de criar vida própria

**Samuel Pessôa**

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

*Na semana que passou, o banco central dos Estados Unidos, Federal Reserve, ou, simplesmente Fed, decidiu iniciar o processo de aumento dos juros. Elevou a taxa de um intervalo de zero a 0,25% para entre 0,25% e 0,50%.*

*Tudo indica que a alta da taxa de juros continuará pelas sete reuniões restantes neste ano e por outras tantas no próximo.*

*Os juros sobem pois a inflação está bem alta por lá. O IPCA deles fechou fevereiro em 7,9% em 12 meses. Nos últimos três meses, a inflação rodou a 8,3%, já anualizando a taxa. Ou seja, há pressão inflacionária adicional.*

*As medidas de inflação menos sensíveis aos diversos choques inflacionários que têm ocorrido há pelo menos sete trimestres também indicam inflação muito forte. Essas medidas menos sensíveis a choques são chamadas de núcleos. Os diversos núcleos têm rodado entre 4,5% e 6,5%. Quando consideramos os últimos três meses, os números variam de 6% a 7%, ou seja, superiores aos números em 12 meses, o que sinaliza maiores pressões inflacionárias à frente.*

*Serviços, excluindo os de energia, rodam a 4,4% em 12 meses, também acima da meta de 2%.*

*Os números do mercado de trabalho têm surpreendido para melhor. Nos últimos 12 meses, foram criados pouco menos de 7,5 milhões de empregos. Se nos próximos meses o ritmo se mantiver, em uns oito meses, aproximadamente, o mercado de trabalho estará tão apertado quanto estava em fevereiro de 2020, logo antes de a epidemia do coronavírus atingir os Estados Unidos. Era opinião generalizada que naquele ponto havia pleno emprego.*

*Outros indicadores apresentam um mercado de trabalho também bastante forte. Por exemplo, para cada trabalhador procurando um emprego, há 1,7 vaga de trabalho "à procura" de um trabalhador.*

*Como afirmou o presidente do Fed, Jerome Powell, "esse é um mercado de trabalho muito, muito apertado, em um nível insalubre".*

*Se é verdade que a inflação subiu em razão de um conjunto incrível de choques de oferta que atingem os Estados Unidos — e também o Brasil— há sete trimestres, a difusão do processo inflacionário e a elevada inflação de serviços e dos núcleos, em associação com o mercado de trabalho sem folga, são sinais de que o processo inflacionário adquire alguma inércia.*

*Os salários têm subido, apesar de ainda não conseguirem acompanhar a inflação. Não obstante, a melhor medida para salários, construída pelo Fed de Atlanta, sugere que eles já sobem a 6,5%, com grande aceleração na margem.*

*Inicia-se, mesmo que lentamente, um processo de espiral preços e salários.*

*Segundo as projeções da diretoria do Fed, ainda é possível um cenário de pouso suave da inflação. Isto é, que a reversão do choque e uma elevação leve da taxa de juros até a neutra sejam suficientes para aterrissar a economia em 2024 com inflação na meta, pleno emprego e crescimento próximo ao potencial.*

*Penso que as chances de um pouso suaves são pequenas. O processo inflacionário dá mostras de criar vida própria.*

*Foi perguntado a Jerome Powell, no fim de sua entrevista coletiva, após o anúncio da decisão do comitê de política monetária —Fomc na sigla em inglês—, se considerava que o Fed estava atrasado no ciclo monetário. Ele respondeu que, se lá atrás soubesse que as coisas transcorreriam da forma como transcorreram, os juros seriam hoje bem maiores.*

*Não ficarei surpreso se houver aceleração no ritmo de alta dos juros nos Estados Unidos.*

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Super Massa, marca da Estrela Eduardo Knapp/Folhapress

# Estrela consegue reverter destruição de brinquedos

Empresa disputa na Justiça com a Hasbro marcas e pagamento de royalties

**Daniele Madureira**

SÃO PAULO Na guerra entre a Estrela e a Hasbro, a brasileira venceu uma batalha contra a americana.

A Estrela entrou com recurso junto à presidência de Direito Privado do TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo), pedindo a suspensão da execução provisória da sentença proferida em 8 de fevereiro pelo tribunal, e foi atendida na sexta-feira (18).

Pela sentença, a empresa havia sido condenada a destruir os potes de massinha Super Massa, porque a Justiça entendeu que eles remetem à marca concorrente Play-Doh, da Hasbro.

A ordem judicial também mandava a Estrela transferir à Hasbro o nome Super Massa e outras 16 marcas registradas pela brasileira no Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial). A sentença havia condenado ainda a Estrela a pagar R$ 50 milhões em royalties à americana.

"Agora o Tribunal de São Paulo entendeu que é necessário impedir qualquer atitude até que o Superior Tribunal de Justiça [STJ] analise se há patente para regras de jogos no Brasil", disse à **Folha** o advogado que defende a Estrela, Henrique Ávila, do escritório Sergio Bermudes Advogados. Na defesa da brasileira, também está o escritório Wald, Antunes, Vita e Blattner Advogados.

"A Estrela entende que não há patente para regras de jogos no Brasil e que as marcas são dela, como sempre foram, e não da Hasbro", afirmou Ávila.

Já a Hasbro, cuja defesa é feita pelo escritório Lee, Brock, Camargo Advogados, argumenta nos autos do processo, aos quais a **Folha** teve acesso, que o contrato com a Estrela consistia justamente na adaptação de jogos estrangeiros ao mercado brasileiro —jogos estes desenvolvidos por ela, Hasbro, ou por companhias que mais tarde foram adquiridas por ela.

As duas empresas eram parceiras desde os anos 1970, quando a Hasbro fechou um acordo com a Estrela para que a brasileira lançasse os seus produtos no Brasil, com adaptações ao mercado local. Sendo assim, The Game of Life virou Jogo da Vida, Simon se tornou Genius, G.I. Joe foi rebatizado, primeiro de Falcon e, depois, de Comandos em Ação. O mesmo aconteceu com vários outros produtos adaptados.

Em 2007, a Estrela teria parado de pagar royalties à Hasbro. A americana, por sua vez, decidiu fincar os pés no Brasil na mesma época e trouxe uma representação comercial.

Hoje, a Hasbro enfrenta uma situação inusitada, ao concorrer com ela mesma no país: o seu Monopoly, criado em 1935, por exemplo, disputa espaço com o Banco Imobiliário, lançado pela Estrela no Brasil em 1944. A americana tem pressa em reaver as marcas que, segundo defende na Justiça, são suas, ao passo que a Estrela diz serem dela, porque foram adaptadas e apresentam diferenças em relação ao produto original.

A Estrela, por sua vez, defende que é dona das marcas que desenvolveu e que o contrato foi rompido unilateralmente pela Hasbro.

Procurada, a defesa da Hasbro não se pronunciou até a publicação desta reportagem.

Em entrevista à **Folha** publicada no final de fevereiro, o presidente da Estrela, Carlos Tilkian, afirmou que a Hasbro decidiu romper unilateralmente o acordo com a Estrela em 2007.

"Eles decidiram que era conveniente abrir um escritório comercial aqui no Brasil e importar, nunca quiseram produzir nada no país", afirmou.

Não há prazo para julgamento do caso no STJ.

Fundada em 1923, a Hasbro está entre as três maiores fabricantes de brinquedos do mundo, ao lado da Lego e da Mattel.

A americana tem operação em 35 países e faturou em 2020 US$ 5,47 bilhões (R$ 29,6 bilhões). Detém o direito de comercialização de nomes que viraram filmes e desenhos animados de sucesso, como Transformers, Peppa Pig, Power Rangers, My Little Pony e PJ Masks.

Ao todo, é dona de cerca de 1,.500 marcas. Em 1984, a Hasbro comprou a Milton Bradley Company, criada pelo magnata americano de mesmo nome, que lançou alguns dos jogos de tabuleiros mais famosos do mundo, como The Game of Life.

Já a Estrela, fundada em 1937, foi por décadas a maior fábrica de brinquedos do Brasil. Começou a enfrentar problemas nos anos 1990, quando os produtos importados, vindos especialmente da China, passaram a inundar o mercado nacional a preços muito mais baixos que os praticados pela empresa nacional. A companhia, que tinha ações em Bolsa, fechou o capital em 2015. Sua receita anual gira em torno de R$ 140 milhões. No ano passado, teve prejuízo de R$ 16 milhões.

# Pré-natal correto no SUS tem metas descumpridas em 65% das cidades

Pelas regras de programa do Ministério da Saúde, municípios que falharem terão corte de recursos

Cláudia Collucci

Grávidas aguardam atendimento em hospital municipal de Rosário, no Maranhão Felix Lima - 17.out.13/Folhapress

SÃO PAULO Quase dois terços dos municípios brasileiros (65%) não cumpriram a meta de pré-natal adequado no SUS, que, entre outras coisas, prevê que ao menos 60% das gestantes façam seis consultas, sendo a primeira até a 20ª semana de gravidez.

Mais da metade das cidades (52%) também não atingiu a meta de testar suas gestantes para HIV e sífilis, e 63% não oferecerem atendimento odontológico para 6 em cada 10 grávidas. Além disso, 93% não ofertaram teste citopatológico (Papanicolaou) para 40% das mulheres com idade de 25 a 64 anos, outra meta não alcançada.

Os dados foram extraídos do Sisab (Sistema de Informações em Saúde para a Atenção Básica) e se referem ao último quadrimestre de 2021 (setembro a dezembro). Ao todo são mais de 3.600 municípios que descumpriram as metas estabelecidas pelo programa Previne Brasil, do Ministério da Saúde.

O alerta vem no momento em que o Brasil registra um recorde de mortes maternas, tornando praticamente impossível atingir a meta global da ONU (Organização das Nações Unidas) de reduzir a taxa de mortalidade para 30 casos por 100 mil nascidos vivos até 2030. Dados preliminares mostram que em 2021 a taxa de mortalidade no país foi de 123,4 por 100 mil nascidos vivos —estima-se que 40% destas mortes estejam relacionadas à pandemia de Covid.

Segundo análise da Impulso Gov, organização sem fins lucrativos que atua fomentando uso de dados e tecnologia na gestão pública, se as falhas persistirem, além do prejuízo na vida de pacientes, haverá um impacto no orçamento dos municípios.

O Previne Brasil foi instituído em 2019, mas o seu início foi adiado devido à pandemia. A partir de janeiro deste ano, o Ministério da Saúde passou a calcular uma parte dos repasses federais aos municípios de acordo com o desempenho em sete indicadores, começando no primeiro quadrimestre pelos referentes ao pré-natal e exames de HIV e sífilis em gestantes.

Segundo a Impulso, se as regras estivessem valendo em dezembro de 2021, 36% dos municípios não teriam cumprido nenhuma meta. O volume de recursos recebidos teria caído 44% (de R$ 638,9 milhões para R$ 282,1 milhões).

"Esses resultados de reduções de cobertura nos cuidados de gestantes e crianças no Brasil são alarmantes e requereriam ações imediatas e intensivas por parte do governo federal", afirma a médica Ligia Giovanella, pesquisadora da Fiocruz e especialista em atenção primária.

Segundo Raphael Câmara, secretário da Atenção Primária do Ministério da Saúde, nenhum município perderá recursos com o Previne Brasil, em relação ao que recebia em 2019. "Se você recebia X já corrigido pela inflação e você fez um péssimo trabalho, vai continua recebendo X. Agora a gente está premiando quem está performando melhor."

Ele afirma que todos municípios tiveram tempo suficiente para se capacitar nos últimos anos e que receberam apoio do Ministério do Saúde.

"Vamos encerrar o mês com 27 oficinas do Previne Brasil nos 27 estados. Quem quer trabalhar bem está trabalhando bem e será recompensado por isso. Não tem desculpa. Eles tiveram tempo até demais para se adaptarem."

Ainda segundo Câmara, com as mudanças, a expectativa é que a piora dos indicadores se reverta. "Não dá para a gente continuar pagando recursos de forma plena para quem não está trabalhando bem."

Para João Abreu, diretor-executivo da Impulso, o baixo cumprimento das metas está relacionado à dificuldade de buscar informações nos diversos sistemas de saúde. Muitos municípios desconhecem quantas grávidas estão com o pré-natal em dia ou quantos hipertensos e diabéticos estão sem acompanhamento.

"O que a gente mais escuta não é que eles precisam de três vezes mais médicos ou enfermeiras para cumprirem as metas. Eles precisam de informação", conta.

Ele diz que muitas cidades pequenas têm que olhar ficha por ficha de pacientes para buscar dados para políticas. "Em geral, só cidades mais organizadas conseguem navegar pelos sistemas de informação", explica.

O caso de Braúna, município no interior paulista com cerca de 5.700 habitantes, é um exemplo. Segundo a enfermeira Márcia Oshiro, da Estratégia de Saúde da Família, a cidade já cumpria informalmente as metas do Previne Brasil, mas o maior obstáculo estava na digitação dos dados no sistema do ministério.

"Fazemos há muito tempo busca ativa das gestantes, acompanhamento do pré-natal e puerpério, inclusive com nutricionista. A gente tem muita produção, mas não estava acertando na parte burocrática. Aparecia zerado no sistema do ministério, não era computado o trabalho", diz Oshiro.

A partir das orientações da Impulso, o município atingiu as metas e algumas das suas experiências viraram modelo para outras cidades.

Sobre a questão das dificuldades de acesso aos sistemas de informação e de digitalização, Câmara diz que o ministério disponibilizou cerca de R$ 500 milhões para informatizar as unidades de saúde.

"No final, sabe quanto foi gasto? Menos de 10%. Por quê? Ou o gestor não quis ou não soube fazer a compra. Claro, fora locais muito específicos, nos rincões, no meio da floresta, onde não há nem cabeamento de internet."

Já para João Abreu o Previne Brasil criou incentivos para a melhoria dos indicadores da atenção primária, o que é positivo, mas não comunicou de forma efetiva nem criou mecanismos para tirar a política do papel.

O instituto criou uma plataforma gratuita para centralizar dados e análises sobre o Previne Brasil e apresentá-los de maneira simples aos municípios. A iniciativa foi financiada pela Fundação Behring, Instituto Opy de Saúde, Instituto Dynamo, Sanofi e Novo Nordisk e teve apoio institucional da Frente Nacional de Prefeitos. As organizações Umane, Artemísia e Instituto Votorantim também apoiaram a fase inicial do projeto.

Segundo as regras do Previne Brasil, são utilizados três critérios para determinar quanto dinheiro será enviado aos municípios, entre os quais o cumprimento de metas em sete indicadores.

A cada quadrimestre o ministério avalia o desempenho e calcula uma nota de zero a dez para a cidade. Se ela não atinge as metas, a nota cai e ela passa a receber repasse proporcional nos meses seguintes até a próxima avaliação. Se melhorar, receberá mais.

A mudança do modelo é criticada por especialistas de atenção primária. Para Giovanella, o fato de as transferências de recursos estarem atreladas ao número de pessoas cadastradas nas equipes de atenção primária, não mais no número de residentes do município, rompe com o princípio de universalidade do SUS, porque quem não estiver cadastrado não terá acesso aos serviços.

A extinção do apoio financeiro aos municípios voltado ao custeio dos Nafs (Núcleos Ampliados de Saúde da Família), que complementavam as equipes, foi outro retrocesso, segundo a médica.

Para Giovanella, as baixas coberturas de pré-natal e de vacinação infantil apontadas no levantamento foram agravadas pela falta de uma coordenação nacional do Ministério da Saúde durante a pandemia de Covid-19.

Câmara, no entanto, afirma que municípios nunca tiveram tanto recurso para atenção primária, em especial para a saúde materno-infantil, e que muitos deles, por problemas de gestão, não conseguiram gastar a verba emergencial destinada durante a pandemia.

Na avaliação do secretário, as críticas em relação ao Previne Brasil não se justificam. Ele diz que muitos gestores de saúde que antes criticavam o programa agora pedem desculpas.

> Esses resultados de reduções de cobertura nos cuidados de gestantes e crianças no Brasil são alarmantes e requereriam ações imediatas e intensivas por parte do governo federal
>
> **Ligia Giovanella**
> pesquisadora da Fiocruz e especialista em atenção primária

> Quem quer trabalhar bem está trabalhando bem e será recompensado por isso. Não tem desculpa. Eles [os municípios] tiveram tempo até demais para se adaptarem
>
> **Raphael Câmara**
> secretário da Atenção Primária do Ministério da Saúde

**Municípios descumprem metas de prevenção e cuidados**

Segundo indicadores do programa Previne Brasil*

| | Metas, em % | Nº de municípios abaixo da meta | % dos municípios abaixo da meta |
|---|---|---|---|
| Pré-natal (seis consultas) | 60 | 3.611 | 65 |
| Teste sífilis e HIV em gestantes | 60 | 2.907 | 52 |
| Cuidados de saúde bucal em gestantes | 60 | 3.523 | 63 |
| Exames citopatológicos | 40 | 5.365 | 96 |
| Vacinação de Pólio e Penta em crianças | 95 | 5.486 | 98 |
| Hipertensão - Aferição da pressão arterial | 50 | 5.294 | 95 |
| Solicitação de hemoglobina glicada (diabetes) | 50 | 4.476 | 80 |

*Referentes ao terceiro quadrimestre de 2021 Fontes: Sisab/Impulso Gov

# Estudos investigam como o desequilíbrio na microbiota intestinal pode levar ao Parkinson

José Tadeu Arantes

AGÊNCIA FAPESP Há evidências crescentes de que a microbiota intestinal pode influenciar nos distúrbios neurodegenerativos. Dois estudos recentes de pesquisadores brasileiros não só reforçam essa hipótese como descrevem o mecanismo pelo qual a disbiose —desequilíbrio entre espécies bacterianas patogênicas e benéficas no intestino— pode favorecer o surgimento da doença de Parkinson.

A investigação foi conduzida com apoio da Fapesp por cientistas ligados ao Laboratório Nacional de Biociências, que integra o CNPEM (Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais), em Campinas. Parte dos resultados foi publicada no periódico iScience. O segundo artigo foi divulgado neste mês na revista Scientific Reports.

"Estudos têm mostrado que o diagnóstico da doença de Parkinson ocorre tardiamente. E que o distúrbio pode se originar muito mais cedo no sistema nervoso entérico [que controla a motilidade gastrointestinal], antes de avançar para o cérebro", diz Matheus de Castro Fonseca, coordenador da pesquisa.

Vários trabalhos relatam consistentemente a existência de disbiose intestinal em portadores de Parkinson esporádico (casos em que não há um fator genético), com maior abundância da bacteriana *Akkermansia muciniphila* em amostras fecais de pacientes, quando comparados ao grupo-controle.

Fonseca diz que, recentemente, foi visto que células específicas do epitélio intestinal, as enteroendócrinas, têm propriedades semelhantes às dos neurônios, incluindo a expressão de uma proteína cuja agregação está sabidamente relacionada com Parkinson e com outras doenças neurodegenerativas.

Por estarem em contato direto com o espaço interior dos intestinos e se conectarem por sinapse com os neurônios entéricos, as células enteroendócrinas formam um circuito neural entre o trato gastrointestinal e o sistema nervoso entérico, sendo um possível ator-chave no surgimento de Parkinson no intestino, diz o cientista.

O grupo do CNPEM buscou entender se os produtos secretados pela *A. muciniphila* poderiam iniciar a agregação da proteína em questão nas células enteroendócrinas e se a proteína agregada poderia migrar para terminações nervosas periféricas do sistema nervoso entérico.

"Quando cultivamos juntos as células enteroendócrinas e os neurônios, vimos que a proteína agregada pode ser transferida de um tipo celular para outro", diz.

A descoberta é importante, pois mostra que a disbiose intestinal pode levar ao aumento de espécies de bactérias que contribuem para a agregação da proteína em questão, que pode então migrar para o sistema nervoso central —um possível mecanismo de surgimento da doença de Parkinson esporádica.

"A cascata de reações pode começar nos intestinos e subir para o cérebro. Pessoas com predisposição ao Parkinson esporádico geralmente apresentam, anos antes, quadros recorrentes de constipação. Em nossos modelos animais, verificamos correlação direta entre disbiose intestinal e Parkinson", diz Fonseca.

# Punição antissocial

Atacar quem continuará usando máscara mostra como sociedade perdeu noção do coletivo

**Reinaldo José Lopes**
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

*O leitor talvez tenha reparado que a gente consegue aprender muita coisa sobre a natureza humana quando coloca um bando de desconhecidos para participar de um jogo valendo dinheiro. Não, não me refiro a "reality shows", mas ao que acontece dentro dos laboratórios de psicologia social e economia comportamental mundo afora.*

*OK, os prêmios oferecidos por esse tipo de laboratório não chegam nem perto dos faturados por um ganhador do BBB, mas dinheiro é dinheiro, mesmo que seja pouco. Uma das modalidades mais comuns dos joguinhos científicos a que me refiro é uma espécie de investimento em conjunto, com regras cuidadosamente pensadas para fomentar treta.*

*Imagine que, no começo, cada um dos participantes recebe quatro notas de R$ 5 para investir num fundo comum. A cada rodada, os recursos investidos rendem, digamos, 10% de juros, que são divididos de forma igual para todos os participantes. O lógico seria todo mundo investir o total de seus recursos na empreitada, certo?*

*Só que, sacanagem das sacanagens, as regras dizem que os participantes não são obrigados a investir nem um centavo que seja. E isso significa que, do ponto de vista estritamente racional, vale a pena deixar que todos os demais coloquem dinheiro no fundo comum e ficar de braços cruzados enquanto os dividendos caem na sua conta, sem mexer nas suas notas de R$ 5.*

*Maquiavélica, porém, é a mente dos cientistas do comportamento. A maioria das versões desse tipo de jogo inclui uma modalidade de punição: você pode gastar parte do seu dinheiro para punir outros participantes, arrancando recursos deles.*

*Na maioria dos países desenvolvidos, em especial aqueles com sociedades civis decentemente estruturadas e desigualdade relativamente baixa, nas quais as pessoas tendem a confiar na Justiça e em outras instituições, o mais comum é que ocorra a chamada punição pró-social. Ou seja, o grupo gasta dinheiro para punir quem contribui pouco.*

*Em países com taxas elevadas de desigualdade e corrupção, porém, emerge a punição antissocial: quem é generoso "demais" acaba sendo punido pelos outros. Como assim você tem o desplante de confiar em todo mundo e ainda por cima dar a entender que a gente é mão de vaca?*

*A punição antissocial não precisa envolver dinheiro, é claro. Foi nela que pensei de imediato ao ver as reações nada edificantes de algumas pessoas diante do fim da obrigatoriedade das máscaras de proteção contra Covid-19 em São Paulo e outros locais do país.*

*Com cautela totalmente justificada, muita gente disse que vai continuar a usar máscaras em locais fechados, ao menos enquanto a situação da pandemia não melhora de vez.*

*A atitude dos que chamam máscara de "focinheira" e "mordaça", porém, foi o mais puro creme da punição antissocial: puseram-se a xingar quem preferia manter a proteção respiratória.*

*O cansaço pandêmico é a coisa mais compreensível do mundo. Entretanto, isso não muda o fato de que esse tipo de reação é mais um indício de que, infelizmente, fazemos parte do segundo tipo de sociedade — aquelas que são corroídas por dentro pela falta de confiança entre seus membros.*

*Para quem tem ouvidos para ouvir, os últimos dois anos trazem muitas lições amargas, mas é possível resumir quase todas em uma só: ou saímos dessa coletivamente, ou não sairemos nunca.*

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. **Atila Iamarino**, Esper Kallás

Morena Mariah, 30, descobriu no ano passado ter altas habilidades, diagnóstico que desafiou o que ela cresceu ouvindo nas escolas particulares onde estudou Zô Guimarães/Folhapress

# Para negros, racismo retarda avaliação de altas habilidades

Escolas têm dificuldade em reconhecer inteligência, dizem especialistas

**EDUCAÇÃO**

**Matheus Rocha**

RIO DE JANEIRO Morena Mariah, 30, cresceu achando que não era inteligente. Colegas de turma se recusavam a fazer trabalhos com ela por considerá-la burra, e uma docente já chegou a acusá-la de plágio.

"Teve professora que pediu para chamar a minha mãe porque achou que ela tinha escrito o texto. Então, fiquei depois da aula para ela me ver escrever. Quando entreguei o texto, ela ficou sem graça."

Em 2021, porém, Morena descobriu ter altas habilidades, diagnóstico que desafiou o que cresceu ouvindo nas escolas particulares onde estudou. "Fiquei muito surpresa, nunca cogitei essa possibilidade. Achava que era burra."

A Política Nacional de Educação Especial define a pessoa com altas habilidades como aquela com desempenho elevado em um ou mais aspecto avaliado, seja ele acadêmico, artístico, psicomotor ou de liderança.

Morena recebeu o diagnóstico da neuropsicóloga ao fazer testes cognitivos para investigar se estava no espectro autista. O próximo passo é receber o laudo da psiquiatra.

Para ela, o fato de ter sofrido racismo nas escolas atrasou o diagnóstico. "Se você é branco, suas habilidades são reconhecidas com mais facilidade. Mas, se você é uma pessoa preta, até o que é uma habilidade de sua pode virar um defeito."

Avaliação semelhante faz o universitário Matheus Luiz Franco, 20, que descobriu ter altas habilidades quando tinha 15 anos. À época, ele diz que uma representante do Instituto Municipal Helena Antipoff —centro de referência em educação especial do Rio— visitou sua escola e percebeu que ele tinha características de alguém com altas habilidades, como capacidade de liderança.

"Ninguém questionava qual o motivo de eu tirar nota alta mesmo sem fazer os deveres ou ler os livros. Todo mundo só olhava para o fato de eu ser bagunceiro. Eu era o aluno negro da sala que era bagunceiro. Os professores só olhavam para isso, mas não para outras características minhas", diz ele.

O estudante diz que, em vez de ser um alívio, o diagnóstico virou um fardo em sala de aula. "Os professores me olhavam com olhar muito acusador. Quando eu recebi o diagnóstico, isso só piorou. Eles falavam que só queriam nota dez", afirma. "Enquanto aluno negro, presidente do grêmio e alguém com altas habilidades, eu era cobrado muito mais. Hoje eu consigo perceber o quanto isso me afetou."

> Ninguém questionava qual o motivo de eu tirar nota alta mesmo sem fazer os deveres ou ler os livros. Todo mundo só olhava para o fato de eu ser bagunceiro. Os professores só olhavam para isso, mas não para outras características minhas
>
> **Matheus Luiz Franco**
> universitário

Segundo o censo escolar de 2020, o Brasil tem 24.424 estudantes com altas habilidades/superdotação na educação especial, mas não há dados sobre o perfil étnico-racial desse grupo. Nos Estados Unidos, pesquisas já mostram as disparidades raciais no diagnóstico de altas habilidades.

Em um artigo publicado no ano passado, a pesquisadora americana Marcia Gentry mostrou que negros são sub-representados entre os estudantes que recebem diagnóstico de superdotação nos EUA.

Segundo a professora da Universidade Purdue e especialista no assunto, esse grupo representa 15% da população total de estudantes matriculados em escolas públicas, mas apenas 8,5% deles são identificados como superdotados.

Já os estudantes brancos representam 48% do corpo estudantil, porém, constituem quase 59% dos alunos que recebem o diagnóstico.

"As unidades escolares não reconhecem a inteligência e a capacidade de pessoas negras. Eu trabalho com empresas e escolas que se perguntam como desenvolver talentos negros e eu sempre digo que é vencendo o racismo", diz Benilda Brito, pedagoga e uma das autoras do livro "Negras (In)confidências: Bullying, Não. Isto é Racismo".

"Nós somos um povo com talentos, mas sem a oportunidade de dar visibilidade, como a gente vai mostrar isso?", questiona ela, destacando que os docentes devem se posicionar contra a discriminação racial em sala de aula. "Não existe silêncio neutro diante do racismo. Se a gente não tem um currículo e uma prática antirracista, a gente é a favor dele."

O próprio teste de inteligência já foi alvo de questionamentos. Diretor do programa de pós-graduação em psicologia escolar da Universidade de Rider, Stefan Dombrowski diz que esse tipo de teste surgiu no começo do século 20 na França para identificar quais estudantes precisariam de ajuda na escola em razão de dificuldades de aprendizado.

No entanto, segundo ele, a avaliação não demorou a ser usada para reforçar teses racistas. Essas crenças pregavam que inteligência estaria ligada à raça e que pessoas do norte da Europa seriam intelectualmente superiores. "O teste foi desenvolvido como um instrumento. Como muitos instrumentos, ele pode ser usado para bons propósitos ou para propósitos ruins."

Dombrowski diz que mulheres que apresentassem QI abaixo da média eram esterilizadas à força no estado americano da Virgínia. Na Califórnia, com base nessas avaliações, alunos negros eram colocados em turmas voltadas a pessoas com deficiência intelectual, quando na verdade não tinham essa condição.

Ele afirma que, hoje, entidades que trabalham com testes de inteligência desenvolveram estratégias para eliminar práticas racistas. O especialista salienta, porém, que essas avaliações não podem ser vistas como a única forma de avaliar se uma pessoa terá uma vida bem-sucedida.

"É só um número no final das contas. Existem outros fatores que contribuem para o sucesso que vão além de um teste de QI, como o modo como você se relaciona com os outros, gentileza e responsabilidade", diz ele.

**cotidiano**

# No Instagram, golpe da oferta falsa dá prejuízo de R$ 3.500

## Hackers invadem perfis e anunciam a seguidores móveis e eletrodomésticos por preços bem abaixo do mercado

**Isabella Menon**

SÃO PAULO Quando a psicóloga Katyanne Shirata, 30, assistia aos stories do Instagram, um anúncio chamou sua atenção. Era de um médico, que ela já conhecia, e anunciava a venda de imóveis e eletrodomésticos para um amigo que estava de mudança.

Como ela se mudou há pouco, interessou-se pelos itens para montar a casa, em São Paulo. Mediu cômodos da residência e decidiu comprar uma televisão de 55 polegadas, uma máquina de lavar e secar, um sofá e um fogão. O total ficou em R$ 3.500, e o pagamento foi realizado via Pix.

Como o dinheiro em mãos, o usuário afirmou que os itens seriam encaminhados para a transportadora no dia seguinte. Logo depois, ao entrar em contato com o médico, via WhatsApp, descobriu que havia sido vítima de um golpe.

A fraude em que Katyanne caiu, no início deste mês, tem sido recorrente, principalmente, no Instagram.

Relatos de vítimas e boletins de ocorrência aos quais a **Folha** teve acesso apontam que criminosos recorrem a uma tática semelhante. Eles atraem os seguidores com stories em que dizem que um amigo ou parente está vendendo móveis e eletrodomésticos porque está de mudança ou afirmam que um conhecido está passando por um problema de saúde e precisa de ajuda.

Os itens que supostamente estão à venda sempre são muito mais em conta do que os de sites oficiais. A TV que Katyanne achou que tivesse comprado, por exemplo, custa ao menos R$ 5.000 e, pelo post, estava por R$ 950. Ela fez um boletim de ocorrência e entrou em contato com o banco. Só conseguiu um estorno de R$ 0,75.

A quase 900 quilômetros de distância de Katyanne, em Vitória (ES), a estudante de veterinária Pâmela Ribeiro, 26, foi vítima do mesmo tipo de golpe. O caso foi em fevereiro. Ribeiro acompanhava uma nutricionista com cerca de 20 mil seguidores no Instagram.

"Ela disse que estava vendendo para uma tia, e eu não desconfiei", diz a jovem, que escolheu máquina de lavar, TV e ar-condicionado. No fim, perdeu mais de R$ 3.000. Ela registrou um boletim de ocorrência e não conseguiu recuperar o dinheiro.

Carlos Henrique Ruiz, titular da Delegacia de Investigações Sobre Fraudes Patrimoniais Praticadas por Meio Eletrônico de São Paulo, afirma que a nova modalidade de golpe tem sido cada vez mais recorrente, porém ainda é cedo para falar em números. Quem teve a conta hackeada ou transferiu dinheiro para o usuário deve fazer um boletim de ocorrência.

Ruiz diz que o acesso via Instagram se dá sobretudo por meio da fraude chamada SIM Swap, em que o golpista consegue clonar o número do celular da vítima, transferir para outro chip e, assim, recuperar senhas por meio de SMS dos aplicativos instalados.

Os alvos costumam ser perfis que têm muitos seguidores e deixam o número do celular aparente, como dentistas, médicos e cabeleireiros. "Acontece, muitas vezes, por meio de uma empresa terceirizada e o verdadeiro dono fica sem a linha", explica o delegado.

Em seguida, o invasor obtém todas as senhas por SMS, em redes sociais e sites que para fazer o login contam com a opção "esqueci a senha". "Ele começa a recuperar a senha de email, WhatsApp, Instagram. Se a pessoa não tiver o chamado 'fator de dupla verificação', o criminoso recupera a senha e consegue entrar."

Outra armadilha é um link em que a pessoa automaticamente é hackeada ou compartilha códigos de SMS para algum colega por mensagem —neste último caso, o criminoso pede que um seguidor lhe transfira um código SMS com a desculpa de que não está conseguindo recebê-lo no seu próprio aparelho.

Foi o que aconteceu com a profissional de relações públicas Amanda Cássia, 26, cuja conta foi invadida e logo começaram a pipocar stories em seu perfil com ofertas falsas.

"Uma amiga caiu achando que era eu e transferiu R$ 900. O golpista leu meu histórico de conversas com ela e escrevia como se fosse eu", diz a jovem. Amanda teve a conta desativada e precisou criar um novo perfil no Instagram.

Recuperar o valor ou congelar as contas hackeadas é muito difícil, já que o pagamento é feito via Pix e os criminosos realizam o saque quase que automaticamente após o golpe.

Por isso, o delegado recomenda que usuários se atentem às ferramentas de segurança da plataforma, como a instalação em duas etapas, com programa autenticador independente —é recomendado baixar um aplicativo que realiza a autenticação caso o usuário entre na conta em outros aparelhos. Ele sugere ainda desvincular o número do celular do Instagram.

A Febraban (Federação Brasileira de Bancos) diz que os bancos buscam recuperar nas contas de destino o dinheiro transferido sempre que acionados pelos clientes. "Caso comprovado o golpe e os recursos ainda não tenham sido sacados, devolvem os valores envolvidos para a conta de origem."

O Instagram diz que a autenticação de dois fatores e solicitações de login, quando acionados, são capazes de barrar a invasão de contas. O aplicativo recomenda que usuários desconfiem de conteúdos que ofereçam produtos "com valor abaixo do preço de mercado e denunciem publicações e contas que considerem suspeitas".

A rede acrescenta que usuários não devem compartilhar links ou códigos de acesso recebidos do Instagram por SMS ou WhatsApp. Ao ser perguntada se pretende desenvolver alguma nova ferramenta para evitar o golpe das ofertas falsas, a empresa diz que "manter nossa comunidade segura é uma das nossas prioridades e uma área em que buscamos melhorar constantemente."

Apesar de raros, existem casos em que a vítima consegue ser ressarcida.

A advogada Isabelle Ströbel afirma que um cliente achava que havia comprado um tênis importado de R$ 2.000 em um perfil comercial que havia sido hackeado. Após negociar com o perfil, ganhou um vale-compras no valor do golpe.

Ströbel diz que é importante que, após recuperar a conta, o usuário que teve o perfil invadido poste o ocorrido e especifique o período de tempo em que ficou invadido.

Usuários que têm a rede social hackeada se sentem, de certa forma, culpados ao descobrir que amigos e parentes acreditaram nas falsas ofertas. Foi o caso da estudante de nutrição Danielle Lima, 39, que não tinha muitos seguidores.

Quando teve a conta hackeada, no último dia 14, ela não se preocupou, pois pensou que só perderia a conta. Porém, descobriu que ao menos três pessoas transferiram dinheiro para o invasor, que embolsou R$ 4.000.

"Fiquei sem saber o que falar e o que fazer, me senti culpada, mas sei que não sou", diz.

Ao receber os prints de quem caiu no golpe, notou que o golpista descobriu, lendo as conversas, dados como a profissão do marido e onde ela vive. "Fiquei com medo."

**Golpe do Instagram**

Como funciona

1. Hacker invade a conta de um usuário

2. Hacker posta, nos stories, móveis e eletrônicos com o preço abaixo do mercado

3. Seguidor entra em contato por DM e informa interesse no produto. Hacker informa o preço e lhe diz que o pagamento é por Pix

4. Seguidor realiza o pagamento, encaminha o comprovante

5. Pouco tempo depois, seguidor descobre que foi vítima de um golpe

A psicóloga Katyanne Shirata, 30, caiu no golpe de um perfil do Instagram hackeado e perdeu R$ 3.500 ao achar que comprou TV, máquina de lavar e secar, sofá e fogão Ronny Santos/Folhapress

# Ensino da Bíblia deixa de ser exigido em escolas de Barretos (SP)

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO A Justiça de São Paulo derrubou uma lei em Barretos, no interior paulista, que previa o ensino da Bíblia como obrigatório para alunos matriculados na rede municipal. Para o Poder Judiciário, tal prática é inconstitucional, pois viola a separação de Poderes. A decisão foi assinada na última quinta-feira (17).

A exigência do ensino da Bíblia na grade curricular do município passou a ser lei em 20 de dezembro de 2019. No entanto, ela nem sequer foi posta em prática.

"Em 2020/2021 com a pandemia e a necessidade das aulas online, houve uma priorização curricular na rede municipal de ensino, seguindo o currículo paulista", diz a Prefeitura de Barretos, em nota.

A ação que resultou na decisão dos desembargadores do Tribunal de Justiça foi proposta pela subseção de Barretos da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), que sustentou a violação da laicidade estatal, bem como os princípios da impessoalidade, legalidade, igualdade, finalidade e interesse público.

Em seu voto, o desembargador Elcio Trujillo, relator do processo, reconheceu a inconstitucionalidade integral da lei e destacou "o vício de iniciativa e violação à separação de Poderes".

Na decisão, ele ainda lembrou que ao município compete legislar sobre assuntos de interesse local ou suplementar à legislação federal e à estadual no que couber.

O autor da ação direta de inconstitucionalidade foi o então presidente do órgão, Belisário Rosa Leite Neto, que assinou a petição com a conselheira estadual da OAB Letícia de Oliveira Catani. Ele celebrou a vitória na Justiça.

"A decisão foi resultado de um trabalho em conjunto de advogados da subseção de Barretos, que veio a confirmar o nosso entendimento de que a lei era inconstitucional, de modo que prevalecerá a liberdade religiosa em nossas escolas", diz Neto.

Ele afirma que chamou sua atenção a rapidez do processo para aprovação da lei na cidade: em torno de três meses, da apresentação do projeto, aprovação pela Câmara Municipal e, depois, sanção pela prefeitura.

O projeto foi apresentado pelo vereador Raphael Aparecido de Oliveira (PRTB), em setembro de 2019.

Na época, ele usou como uns dos argumentos a necessidade de crianças e adolescentes terem acesso e serem estimuladas "a lerem a Bíblia Sagrada para que compreendam princípios básicos ensinados por ela, como a solidariedade, respeito ao próximo, a generosidade, a busca pela paz, a busca de uma sociedade mais justa e de um mundo melhor".

Em outro trecho, o vereador da cidade paulista disse que a Bíblia Sagrada ocupa um lugar insuperável na literatura mundial, pois trata-se da obra literária mais antiga, mais traduzida, mais editada e mais lida de todos os tempos.

À Folha, o vereador afirma discordar do entendimento da Justiça. "Não é um projeto de cunho religioso, muito pelo contrário, é um projeto de cunho histórico, cultural. É um projeto em que a gente está ensinando a história dos nossos antepassados para nossas crianças. Só isso, nada mais."

Para Oliveira, com a decisão, a Justiça atua contra o país e a população.

"Vários projetos que a gente demanda e consegue aprovar, eles entram e derrubam", afirma o político.

Antiga tecelagem em Jundiaí (SP) virou espaço para brincadeiras e reuniões sobre políticas públicas Fotos Bruno Santos/Folhapress

# Crianças ajudam a criar políticas públicas em 24 municípios

Cidades passam a escutar opinião dos pequenos e mudam práticas na busca de se tornarem mais amigáveis

Menina brinca em espaço da Fábrica das Infâncias Japy

Parque público incentiva crianças a criarem suas brincadeiras

**VIDA PÚBLICA**

**Tatiana Cavalcanti**

SÃO PAULO O Mundo das Crianças, parque público inaugurado há pouco mais de um ano em Jundiaí, no interior de São Paulo, foi construído baseado em muitas das demandas dos pequenos cidadãos: uma enorme casa na árvore, atrações aquáticas, parede de escalada, tobogãs e até jogos mais simples como amarelinha e espaços de sonorização.

Uma das preocupações das crianças era desenvolver no espaço uma área de lazer acessível para que jovens com deficiência pudessem aproveitar a estrutura completa, não apenas os brinquedos adaptados.

A escuta dessas crianças de 9 a 12 anos virou ferramenta para a elaboração de políticas públicas para melhorar a qualidade de vida delas mesmas e da população do município. A ação recebeu consultoria da Rede Urban95, que promove diferentes frentes em relação à primeira infância.

A iniciativa é da fundação holandesa Bernard van Leer, que investe R$ 16 milhões ao ano em projetos para fomentar a participação de crianças em decisões públicas em 24 cidades do Brasil, diz Claudia Vidigal, representante da organização.

Os pequenos jundiaienses fazem parte da Comissão das Crianças, fundada em 2018, e institucionalizada por decreto da prefeitura. Vinte e quatro crianças de cinco regiões da cidade participam de reuniões quinzenais na Fábrica das Infâncias Japy (antiga tecelagem) que, desde dezembro de 2021, tornou-se lugar para brincar e até para vacinação infantil contra a Covid.

Estudante do 7º ano, Laura de Camargo, 12, faz parte da comissão desde a primeira reunião, mas terá que dar lugar a outra pessoa. Ela atingiu a idade máxima permitida. Nesse período, ela conta que fez várias sugestões para o parque Mundo das Crianças, espaço de 170 mil m² que custou R$ 30 milhões.

"Pedi árvores, brinquedos naturais e lugares espaçosos. Uma das minhas sugestões, que ainda será implementada, são as lixeiras coloridas. Aí o pessoal pode jogar o lixo brincando, como se fosse uma cesta de basquete. É mais divertido fazer coisas quando você tem incentivo", afirma.

Laura diz gostar de cada pedacinho do local. "Tem um pouco de cada criança."

Fã de brinquedos aquáticos, a estudante Gabrielle Ferreira, 11, também colaborou com ideias. "Pensei: 'por que não ter um parque desses gratuito?' Fui ouvida. O mundo visto pelas crianças pode ser bem melhor", diz a menina.

Para Marcelo Peroni, gestor de cultura de Jundiaí e pesquisador de políticas públicas para a infância, todo município que deseja instituir uma política pública para a criança, antes de tudo, precisa escutar os pequenos cidadãos. "Além de terem opiniões relevantes, elas se sentem parte desse processo e valorizam o espaço."

Peroni diz que, no parque, foram plantadas 13 mil árvores nativas da mata atlântica. "As crianças pedem esse contato com a natureza."

Segundo pesquisa de 2019 da Rede Nossa São Paulo e do Ipec (Inteligência e Pesquisa em Consultoria), 4 em cada 10 paulistanos têm a percepção de que crianças e adolescentes nunca participam das decisões de questões que as afetam no bairro e no município.

"Isso acontece porque os gestores pensam as cidades para adultos, focados na questão produtiva, no descolamento casa-trabalho. Para as crianças que circulam pelo bairro, o transporte e tudo isso é secundário", diz Ana Cândida Pena, da equipe Urban95.

"É por essa razão que valorizamos a escuta das crianças e perguntamos o que elas gostariam de mudar na cidade, para fazer um trabalho baseado na realidade daquele município", diz Taís Herig, arquiteta e urbanista, da mesma equipe.

Em Niterói (RJ), o projeto Rotas Caminháveis, com a consultoria da Urban95, transformou a rua Doutor Luiz Palmier, que leva à ponte Rio-Niterói, no bairro Barreto, em uma área de lazer infantil segura. A via, rodeada por escolas municipais e particulares, e com um posto de saúde, era hostil às crianças. Carros tinham a preferência e as calçadas eram irregulares.

A educadora de trânsito da Prefeitura de Niterói Priscilla Lundstedt Rocha questionou alunos de 4 a 6 anos de uma escola municipal da região sobre o que queriam ver naquela rua, que ainda tem mata nativa. Com atividades lúdicas e literárias, eles responderam.

"Pediram uma ciclovia, mais árvores, lixeiras mais baixas para conseguirem alcançar, muros com desenhos divertidos e também calçadas seguras, uma solicitação feita por uma aluna cadeirante. Passamos a olhar o mundo com o olhar delas porque isso fornece autonomia", diz Priscilla.

Foi pensando na inclusão e na qualidade de vida, segundo ela, que várias mulheres de secretarias distintas se uniram para concretizar o que a educadora chama de pedidos justos.

"O muro de uma escola foi pintado com desenhos que essas crianças fizeram, e elas se sentiram representadas e conquistaram um espaço de lazer", conta Priscilla, que relata ainda haver pisos táteis e amarelinhas ao longo do trajeto para os pequenos alunos irem estudar já brincando.

O prefeito de Jundiaí, Luiz Fernando Machado (PSDB), afirma que as crianças também fizeram solicitações de calçadas mais apropriadas, inclusive para cadeirantes e, ainda, iluminação, vigilância e limpeza urbana. Essas reivindicações fazem parte de um documento já entregue no paço municipal.

"Nossa ideia é ter uma cidade amigável à criança. Trabalhamos com amparo técnico para instituir boas políticas públicas. E essas reuniões são a primeira semente que plantamos", afirma Machado.

O prefeito prossegue. "Não podemos infantilizar suas opiniões. As crianças mostraram que têm muito a dizer, é uma discussão qualificada e elas sabem o que querem. Isso traz transformações para a cidade."

O estudante Gabriel do Carmo, 12, está na comissão desde o segundo ano. Ele diz que as reuniões serviram para ele ficar mais alerta ao caminhar pelas ruas de Jundiaí. "Passei a reparar nas calçadas e na fiação elétrica em árvores. É 'daora' fazer parte de um projeto para ajudar alguém que você nem conhece."

O psiquiatra e psicoterapeuta Wimer Bottura, presidente do comitê de adolescência da Associação Paulista de Medicina, reforça a importância em escutar o que as crianças têm a dizer. "Adultos precisam prestar atenção a esses anseios para que os jovens tenham autoestima ao sentirem que têm um significado na sociedade e fazem parte do coletivo."

Mas Bottura alerta que escutar não significa fazer tudo que as crianças querem. "Nem sempre as necessidades daquela criança são as necessidades do coletivo. Por isso o diálogo se faz essencial, para mostrar que é possível mudar de opinião e respeitar o que foi relatado por outros grupos."

Em Canoas (RS), cerca de 20 crianças de escolas municipais, de 3 a 5 anos, pediram mudanças nos banheiros, como privadas e pias mais baixas, além de um trocador, em reunião realizada em dezembro pela Secretaria de Educação, com o apoio da Urban95. O pedido já está incluído no plano de ação do município.

Nas chamadas "plenarinhas", as crianças dão suas opiniões por meio de atividades lúdicas. Serão realizadas ações de escuta em outras quatro escolas do município, segundo a professora Juliana Cristina da Silva, uma das coordenadoras do projeto.

"A base desse trabalho é colher o olhar das crianças e construir políticas públicas com elas, respeitando suas singularidades. Isso ajuda a formar futuros cidadãos que serão interessados em participar das transformações de suas cidades."

## MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

## Bon vivant, jornalista foi o amigo poeta e de boas histórias

**FRANCISCO WANDERLEY MIDEI (1943-2022)**

**Patrícia Pasquini**

SÃO PAULO As muitas ruas do Canindé (região central) da São Paulo de antigamente viram Wanderley Midei até a sua juventude.

Filho caçula de pai operário de uma indústria de talheres e de mãe dona de casa e costureira, passou a infância brincando na avenida Cruzeiro do Sul, ao lado do trem. Conviveu também com imigrantes e viu o desenvolvimento da região.

Em 1961, tornou-se jornalista. E pelo tempo de atividade incorporou o título.

O início da carreira foi como foca em Santos (a 72 km de São Paulo), no litoral paulista, para a **Folha**. Também trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, no SBT e na extinta TV Manchete.

Mesmo cego por causa de um glaucoma, Wanderley nunca deixou de escrever. Além de jornalista, era escritor de contos e poesias e também compositor.

Segundo a engenheira florestal Daniela Midei, 46, sua filha, Wanderley publicou quatro livros e em parceria compôs músicas para um CD.

O senso de justiça o definia. No quesito generosidade, não era diferente. "Ele ajudou a todos que o procuraram em busca de oportunidade profissional ou por dificuldades. Meu pai cultivava as amizades", diz a filha.

Também foi um defensor da ética. "Para o meu pai, não existia meio ético. Você é ou não é. 'Faça as suas escolhas para ser ético. Aproveite e festeje a vida', ele dizia."

Bon vivant, o paulistano dava extrema importância aos prazeres da vida: comer e beber bem e principalmente dançar.

Na Redação ou numa mesa de bar ao final do dia, conversar com o Wanderley era privilégio. Amigo e afetuoso, o jornalista tinha um bom repertório de palavras e histórias.

"Ele tinha uma presença de espírito muito grande. Era carinhoso, bem-humorado, tratava a todos com respeito e atenção. Mesmo com todo o conhecimento que ele tinha, era um homem muito simples", relembra Maria Ângela Figueiredo, também jornalista. Os dois eram amigos desde o início dos anos 2000.

Wanderley morreu no dia 11 de março, aos 78 anos, em decorrência de choque hemorrágico devido a um abscesso hepático. Divorciado, deixa os filhos Daniela e Jefferson, e as netas Clara Flor e Luana Rosa.

**MATZEIVA**

**MELANIE FARKAS** Domingo (20/3) às 12h30, Cemitério Israelita do Butantã, setor L, quadra 264, túmulo 73. Avenida Engenheiro Heitor Antônio Eiras Garcia, 5530 Jardim Educandário, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Adams Carvalho

# Torta na cara

No teatro, participei de interessantíssima experiência de psicologia social

**Antonio Prata**

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

*Outro dia, indo assistir a uma comédia no teatro, participei de uma interessantíssima experiência de psicologia social. O público de comédia é bem específico. É um pessoal que não costuma ir ao teatro. Em muitos casais, você repara no marido um pé atrás. Ou dois. Ele preferia ter pedido uma pizza e estar assistindo a "Homem-Aranha no Multiverso", mas ela insistiu "Juro que não é chato! Você vai morrer de rir. É com o Mateus Solano e o Luiz Miranda!".*

*Aí o marido, meio contrariado, toma um banho, bota uma camisa que há oito meses não sai do cabide e vai em frente. Este homem banhado, arrumado e levemente contrariado também é oprimido pela cortina de veludo e pelas poltronas de couro. Num país ultradesigual como o nosso, a sacanagem não vem só da concentração de renda e das borrachadas da PM, mas também pelo nariz empinado da elite intelectual, que costuma produzir arte para poucos, mas isso é outra crônica.*

*O que nos importa para chegarmos logo à experiência é que o homem médio se sente, na plateia do teatro, como o Homer Simpson num balé. Some-se a isso a ameaça sempre presente de um ator te chamar ao palco, tacar um holofote na sua cara, te zoar na frente de 250 pessoas e o clima é, como já falei, de alguma apreensão.*

*Pois bem, toca o segundo sinal. Todos sentam-se, uma voz nos alto-falantes anuncia que a peça tem o patrocínio da empresa tal, tal outra e da doceria não sei das quantas, que escondeu embaixo de quatro poltronas cupons dando direito a uma torta grátis.*

*Imediatamente todos se inclinam e metem as mãos embaixo das poltronas: imediatamente o clima muda da água pro vinho. Relaxadas, as pessoas riem e puxam "Nada aí?", "Tenta mais no fundo!".*

*Em torno dos que acham os cupons surge uma confraria, como se a mera proximidade com o ganhador desse aos vizinhos algum mérito. A pessoa que achou o cupom o mostra pros outros, orgulhosa. Alguém comenta que, naquela doceria, a torta de brigadeirão é a melhor.*

*Se a recém-formada comunidade pudesse resumir a experiência, diria algo como: "Nós não nos conhecíamos. Não sabíamos nada uns sobre os outros. Éramos 250 estranhos. Estávamos tensos e nos sentindo peixes fora d'água, num ambiente pouco hospitaleiro, num corpo a caminho da morte, num universo indiferente. Então soubemos que todos fazíamos parte de uma mesma tribo, a dos que querem ganhar torta grátis — e uma brisa soprou em nossos corações".*

*A postura "quero torta grátis", vinda de quem tem dinheiro para pagar pela torta, funciona como a admissão de uma falta, a aceitação de uma incompletude. Um blasé não procura cupom de torta grátis embaixo da poltrona. Curvado e tateando na penumbra, ninguém é arrogante. Botar a bunda pro alto em busca do cupom é uma saudável admissão da gula, da avareza — e possivelmente de um cofrinho.*

*É engraçado que o papel cumprido pelo cupom nesta pré-peça seja justamente o da comédia, quando ela atinge uma das suas funções mais nobres: mostrar que tá todo mundo zoado nesse mato sem cachorro. É o exato oposto de um linchamento, em que todos os defeitos da humanidade são depositados num outro, que deve ser sacrificado para expiarmos nossos pecados.*

*Eu sei que, segundo a física e a lei da entropia, o princípio básico do Universo é o desmantelo, que para baixo todo santo ajuda. Não venho aqui bancar o Poliana. Só queria compartilhar: às vezes, do nada, também, por uns instantes, uma coisa ou outra pode dar certo.*

| DOM. Antonio Prata | SEG. **Marcia Castro,** Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

# Danificado, órgão da Catedral da Sé completa 20 anos sem uso

Restauro foi orçado em R$ 9,3 milhões; Arquidiocese de São Paulo tenta, sem sucesso, captar recursos há dois anos

**Mariana Zylberkan**

SÃO PAULO Quando o órgão original da Catedral Metropolitana de São Paulo, nome oficial da Catedral da Sé, foi tocado pela última vez, o organista Delphim Rezende Porto, 34, era um adolescente aprendiz do ofício. "Até consegui tocar uma peça, mas, na hora da missa, parou de funcionar", diz ele sobre a última vez que o instrumento foi utilizado, em março de 2002.

Na ocasião, ele havia sido convidado para se apresentar na catedral com o coral da igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no largo do Paissandu, no centro da capital, onde tocou suas primeiras peças durante as missas. "Foi a primeira vez que toquei um órgão de tubos", afirma Porto.

A apresentação ocorreu quando o marco histórico paulistano se preparava para reabrir ao público após ter ficado fechado por mais de dois anos para uma ampla reforma. Em julho de 1999, a catedral foi interditada pelo Contru (Departamento de Controle e Uso de Imóveis) por representar risco aos frequentadores.

Segundo funcionários da catedral, durante as obras, não houve cuidado em preservar os cerca de 10 mil tubos do órgão da poeira e do cimento, que ficaram entupidos e deixaram de propagar o som produzido a partir do ar comprimido vindo do fole acionado pelas teclas do instrumento.

Além disso, a parte elétrica foi danificada após um conserto malfeito, de acordo com funcionários. O órgão tem um contato elétrico para cada tubo, ou seja, 10 mil terminais têm que funcionar ao mesmo tempo. "O ofício de organista está em extinção e o de quem conserta o órgão mais ainda", diz Porto.

O projeto de restauro do órgão começou há 10 anos, quando foram calculados os custos para desmontar e transportar o órgão para Azzio, na Itália, onde está, desde 1829, a oficina de restauro de órgãos Mascioni. A oficina é herdeira da técnica da família Balbiani, que construiu o instrumento enviado ao Porto de Santos em 1953.

O orçamento do projeto de restauro é de R$ 9,3 milhões, mas a Arquidiocese conseguiu captar até o momento cerca de R$ 1 milhão via Lei Rouanet. "Quando pensei que a captação iria engrenar, veio a pandemia, que passou a ser argumento para os investidores adiarem os aportes", diz o padre Luiz Eduardo Baronto, cura da catedral desde 2015.

No ano passado, o padre conta que se reuniu com empresários italianos no Palácio dos Bandeirantes, a convite do governador João Doria (PSDB), para tentar convencê-los a patrocinar o projeto de restauro do órgão. "A adesão foi muito pequena", diz.

Entre as ideias para angariar fundos, o padre pensou no lançamento de uma campanha em que os moradores de São Paulo fossem convidados a apadrinhar cada um dos tubos do órgão por R$ 800. "É um mecanismo antigo que custeou, por exemplo, a fabricação dos vitrais da Catedral da Sé", afirma. "Cada família doadora fica com o nome gravado na obra que ajudou a financiar."

O provável, porém, é que o restauro seja financiado por doações de empresas via incentivo fiscal viabilizado pela Lei Rouanet, segundo o diretor cultural da Catedral da Sé, Camilo Cassoli.

Para ele, além da pandemia e da crise econômica, a dificuldade em financiar o restauro do patrimônio histórico de São Paulo esbarra no local onde está instalado, no centro, que enfrenta os reflexos de um processo de degradação.

Outra hipótese é a concorrência acirrada de outros patrimônios históricos paulistanos de peso que também passaram por reformas e disputaram a atenção dos patrocinadores nos últimos anos, como o Museu do Ipiranga e o Museu da Língua Portuguesa, recém-aberto cinco anos após o incêndio que danificou a estrutura do prédio.

Antigamente, a figura do mestre de capela, nome dado aos compositores de músicas sacras ao órgão de tubos, era considerada uma das maiores autoridades culturais da cidade e nomeado pelo arcebispo.

O último mestre de capela da Catedral da Sé foi o padre João Lyrio Tallarico, morto em 2009, depois de mais de 30 anos como organista da Sé.

O órgão de tubos que o padre tinha em casa foi doado à Unesp (Universidade Estadual Paulista), onde o atual organista da catedral concluiu seus estudos musicais. "Eu estudei no órgão doado pelo padre Tallarico e, agora, exerço o cargo que foi dele", diz Porto.

Uma vez recuperado, a intenção é que o órgão de tubos seja a estrela de uma programação cultural na Sé. "Na Sala São Paulo, por exemplo, a entrada é gratuita, mas há pessoas que não entram porque há catracas. Na igreja, não, todos se sentem confortáveis em entrar", afirma Porto, que toca a versão elétrica e mais moderna do instrumento durante as missas na catedral desde 2019.

crédito

crédito

**1** Delphim Rezende Porto, 34, é o atual mestre de capela da Catedral da Sé; **2** desde 2019, ele toca órgão eletrônico durante as missas; **3** o antigo instrumento foi utilizado pela última vez em março de 2002 Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

ESPORTE AO VIVO | 12h GP do Bahrein F1, BAND | 16h Novorizontino x Corinthians Paulista, RECORD/PREMIERE | 16h RB Bragantino x Palmeiras Paulista, PREMIERE/PAULISTÃO PLAY

# Conselho e Ronaldo travam duelo em renegociação da SAF do Cruzeiro

Ex-jogador faz novas exigências, e conselheiros passam a pedir percentual superior a 10%

**Léo Simonini**

BELO HORIZONTE O acordo entre Ronaldo e Cruzeiro em torno da SAF (Sociedade Anônima do Futebol) ganhou contornos de embate ao longo da semana. O Fenômeno sinalizou com novas exigências mediante o que afirmou serem dívidas que antes não competiriam à SAF, e até ameaçou largar o negócio com o time. O Conselho Deliberativo marcou reunião para debater essas exigências.

"Se eu não tenho essas garantias, é muito difícil continuar no processo e evoluir no projeto, porque, até para a gente ter novos investidores, patrocínios, o mercado está esperando essa definição", afirmou o ex-jogador em live na terça-feira (15).

Do outro lado, uma carta que seria apenas para Ronaldo, elaborada pela Mesa Diretora do Conselho Deliberativo do clube, vazou.

De acordo com Nagib Simões, membro da Mesa e um dos signatários da carta, o que a associação do Cruzeiro quer é apenas rever detalhes do acordo com Ronaldo após as novas demandas.

O Fenômeno quer que a Toca da Raposa I e a Toca da Raposa II (centros de treinamentos das categorias de base e da profissional, respectivamente) sejam vinculadas à SAF. E exige a aprovação imediata do pedido de recuperação extrajudicial ou judicial do clube para que antigas dívidas sejam renegociadas.

Ronaldo quer que centros de treinamento fiquem com empresa Rodrigo Sanches - 11.jan.22/Cruzeiro

"Não queremos abortar nada com Ronaldo. Queremos que ele fique, o nome dele vale mais do que dinheiro, mas temos que alinhar algumas coisas", afirmou o dirigente. "A Toca II, por exemplo, não tem nada a ver com dívida fiscal, só a [Toca] I está alienada. A Toca II ficar com ele acho legal, mas precisa haver alinhamento, só isso, e assim o negócio vai ser aprovado em um piscar de olhos."

Simões se refere a uma dívida tributária do clube com a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN). No acordo, a Toca da Raposa I foi colocada como garantia.

Indagado se o alinhamento com Ronaldo passa pelo aumento no percentual a que a associação teria direito —hoje são 10% contra 90% do investidor—, Simões desconversou.

Já Régis Campos, outro que aparece como signatário do documento, afirmou que essa é a intenção.

"A ideia era mostrar para o pessoal do Ronaldo, discutir com eles. No fundo, eles [Mesa Diretora] queriam um percentual maior do que os 10%", disse Campos, que disse que seu nome não deveria ter sido vinculado à carta. Ele não faz, atualmente, parte do quadro de sócios do Cruzeiro.

"Não participei de reunião, negociação, não tenho nada com isso. Faço parte da comissão que acompanha a venda da SAF. Ajudei na aprovação dessa SAF, mas não participei da carta", completou.

Já Nagib Simões, que é membro da Mesa Diretora, demonstrou surpresa e descontentamento com o trabalho realizado pela XP Investimentos, mediadora do acerto entre o clube e os investidores. Segundo ele, em dezembro a empresa afirmou que havia 17 interessados em negociar com o Cruzeiro, mas menos de 12 horas depois da aprovação da SAF apresentou Ronaldo como dono.

"Queríamos que a associação fosse majoritária, mas sabíamos que encontraríamos dificuldades em manter o percentual de 51% [clube] a 49% [investidor]", disse Simões. "Conseguimos aprovar o que era o melhor, a SAF ser até 90% de um investidor. Mas ficamos boquiabertos. Aprovamos numa sexta à noite e no sábado pela manhã soubemos pela imprensa que o Ronaldo era o dono."

Simões afirma que os conselheiros nem sequer tomaram conhecimento do que poderiam ser as outras 16 propostas. Segundo ele, a XP assegurou que Ronaldo investiria R$ 400 milhões e ainda assumiria as dívidas do clube, realidade que se mostrou diferente com a divulgação de documentos confidenciais.

"Seriam R$ 400 milhões de investimento, mais a dívida. Foi passado isso para todos, mas não é bem assim. Cadê as outras propostas? Nunca foi mostrada nenhuma a não ser a do Ronaldo. O nome Ronaldo é fantástico, mas ficamos sabendo de tudo depois", reclamou o conselheiro.

Procurada pela reportagem, a XP disse que "busca sempre a melhor negociação possível para seu cliente". Em nota, "reitera que o valor a ser investido será de R$ 400 milhões" e afirma que, no texto da Mesa, "há imprecisões e interpretações errôneas".

"Como assessora financeira do Cruzeiro, fizemos apresentações para aproximadamente cem potenciais investidores de diversos países, e foram enviadas apenas duas propostas, o que demonstra os graves problemas financeiros do clube", afirma a XP.

Os problemas entre Ronaldo e conselho cresceram na última segunda (14). Em reunião de mais de duas horas, o ex-jogador exigiu que os dois CTs ficassem com a SAF.

O presidente do clube, Sérgio Santos Rodrigues, divulgou duas notas em apoio ao craque. O argumento de Ronaldo foi o de que não estava previsto que cerca de R$ 200 milhões em dívidas tributárias recaíssem sobre a SAF.

"Essa nossa proposta é para assumir essa dívida, com essa pequena garantia, que são as duas Tocas para a SAF, de modo que a gente garante que não teríamos esse risco de penhora, de perder as duas Tocas, que são nossos locais de trabalho", disse.

Ainda segundo Ronaldo, a ideia seria se responsabilizar por uma renegociação da dívida tributária. "Honra o pagamento, garante a propriedade da Toca I, e, no final do pagamento, as Tocas passariam para a SAF. Com isso, posso garantir que o Cruzeiro não perde as Tocas e jamais vai ficar sem treinar."

Como resposta, os dirigentes quebraram a cláusula de confidencialidade do acordo. Expuseram que, em vez de R$ 400 milhões, Ronaldo teria que investir apenas R$ 50 milhões, sendo os demais R$ 350 milhões a título de "incremento de receitas".

Conforme o contrato, esse incremento vem da "receita média anual, apurada com base na média ponderada das receitas auferidas pelo Cruzeiro no período entre 2017 e 2021". Ou seja, Ronaldo terá que tirar dinheiro do próprio bolso só se a média estiver abaixo desse valor.

O Conselho Deliberativo do clube celeste marcou para o próximo dia 4 uma reunião extraordinária para discutir as exigências de Ronaldo. Já o ex-jogador, na noite de sexta (18), deu a entender que sua oferta é final.

"Depois de três meses de auditoria, a gente chegou a esse consenso. Chegamos a um plano final, a estratégia final, e eu acho que o melhor trabalho foi feito por especialistas", afirmou. "Então, acho que agora a bola está com o Conselho do Cruzeiro."

# *Abel para presidente*

Calma! Apenas para a CBF, onde serviria como luva, porque o da República tem de ser brasileiro nato

**Juca Kfouri**

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

*Não, não é porque o Palmeiras ganhou o terceiro clássico que disputou no Paulistinha.*

*Nem porque já tenha assegurado a condição de mandante nos confrontos decisivas do campeonato.*

*Muito menos por golear impiedosamente seus rivais.*

*Ou porque chega invicto à 12ª e última rodada da fase de classificação para enfrentar o perigoso Bragantino, que pode até aplicar uma peça e ser o primeiro a derrotá-lo, o que não mudará o preço escorchante da gasolina no Brasil.*

*Abel Ferreira merece a presidência da CBF pelo que tem reiteradamente dito sobre a miséria do calendário do futebol brasileiro desde que chegou da Grécia para ser vitorioso no Palmeiras.*

*Desde as primeiras entrevistas, diga-se de passagem, ainda antes de ser bicampeão da Libertadores.*

*Verdade que deu uma meia trava no começo, provavelmente advertido pela direção alviverde sobre as consequências das críticas, que poderiam causar perseguição ao clube.*

*Hoje, dono do pedaço, ídolo da torcida, exerce sua independência para as coisas fora de campo com a mesma naturalidade que impõe o padrão de jogo dentro.*

*Variado, impõe-se que seja dito, como bem demonstrado na categórica vitória no dérbi, quando o 2 a 1 sobre o rival Corinthians esteve longe de exprimir a superioridade do elenco que dirige.*

*Em casa, contra adversário coalhado de jogadores talentosos, tratou de impedir a criatividade de Renato Augusto e de levar permanente perigo à meta corintiana.*

*Reativo? Nada disso!*

*Embalado por 40 mil palmeirenses, esteve perto de esmagar o adversário, o que não conseguiu apenas porque ainda não tem o desejado centroavante.*

*Com as costas quentes dos vitoriosos, tem posto o dedo nas feridas da bagunça cebefiana, exigido respeito ao calendário da Fifa, cobrado a paralisação dos campeonatos quando as datas internacionais tiverem de ser obedecidas, clamado por punições de torcedores que agridam jogadores como tem acontecido semanalmente no país e, mais, denunciado a falta de fair play financeiro no futebol nacional.*

*Diferentemente do que prega a Constituição Federal de 1988, ao exigir ser brasileiro nato para exercer a presidência da República, o estatuto da CBF nada diz a respeito.*

*Abel Ferreira serviria como uma luva no cargo.*

*Ainda mais neste momento em que teremos eleição para a função, mais uma vez digna da escolha de chefões mafiosos, com caneladas acima do pescoço ou entre as pernas.*

*Durante anos o Brasil se queixou do domínio carioca na Casa Bandida do Futebol, embora de Ricardo Teixeira, que é mineiro, para cá, só tivéssemos como presidentes tristes figuras paulistanas: José Maria Marin, Marco Polo Del Nero e Rogério Caboclo, com bizarras interinidades do folclórico coronel paraense Nunes e, agora, do baiano Ednaldo Rodrigues, favorito no próximo pleito.*

*O problema da CBF nunca foi o berço de seus cartolas. Aliás, o melhor de seus presidentes, ou melhor, com o perdão da repetição, o único bom, foi Giulite Coutinho, tão mineiro como Teixeira.*

*Abel Ferreira, português de Penafiel, talvez já tenha cumprido a sua missão em terras brasileiras como treinador.*

*Poderia perfeitamente aceitar mais uma como dirigente. Quem sabe até trouxesse de volta Jorge Jesus para dirigir a seleção brasileira, já que Tite anuncia a retirada depois da Copa do Mundo.*

*Seria bestial, ó, pá!*

# *Antes do pensamento*

O craque, em uma fração de segundo, não pensa, faz; ele sabe, mas não sabe que sabe

**Tostão**

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

*Na eliminação do Fluminense na Libertadores diante do Olimpia, o gramado parecia muito maior do que o máximo permitido. Os espaços eram enormes para as duas equipes, uma afronta ao futebol moderno, como se fosse uma pelada oficial.*

*O Fluminense não marcou com oito ou nove jogadores próximos à área para contra-atacar, como fez o América, com sucesso, contra o Barcelona de Guayaquil, nem pressionou para tentar recuperar a bola antes do gol. Não foi ativo nem reativo.*

*O Fluminense jogou com três zagueiros, dois alas encostados à lateral, três na frente e apenas dois jogadores no meio-campo, para preencher um grande espaço. Não havia aproximação. O time perdia facilmente a bola.*

*Os erros são do técnico e dos jogadores, assustados, paralisados com a pressão paraguaia, mas nenhuma decepção justifica a violência dos torcedores do Fluminense.*

*Já no clássico entre Palmeiras e Corinthians, o gramado parecia pequeno, pela pressão para recuperar a bola, especialmente feita pelo Palmeiras. Abel Ferreira e os jogadores não deixaram o Corinthians ter a bola, como Vítor Pereira planejava. O volante Danilo marcava Renato Augusto de perto, de uma área à outra. A marcação do Palmeiras era individual, mas respeitando os setores.*

*Gosto muito das estratégias, mas o que mais me encanta são os lances bonitos, imprevisíveis, como o passe dado por Renato Augusto, por cima do zagueiro, para Fagner, que perdeu o gol, na única vez em que Danilo deixou Renato Augusto em paz.*

*Mas o lance mais bonito da semana foi o do jovem meio-campista Pedri, do Barcelona, na vitória sobre o Galatasaray, quando, sem tocar na bola, driblou um zagueiro, depois outro, deixando os dois no chão, para tocar no canto. O treinador Xavi sorriu. Deve ter se lembrado do companheiro Iniesta.*

*A ucraniana Clarice Lispector, craque da literatura, era obcecada pelo que havia antes do pensamento, antes da palavra. Ela disse: "Escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra –a entrelinha– morde a isca, alguma coisa se escreveu".*

*A improvisação e a execução de belos lances do futebol têm a ver com o desejo que está antes do pensamento. O craque, em uma fração de segundo, não pensa, faz. Freud diria que é um saber inconsciente, pré-consciente. Ele sabe, mas não sabe que sabe.*

*O mestre Armando Nogueira falava que esses espetaculares lances ocorrem por um reflexo medular, sem passar pelo cérebro, pela consciência. Os atuais neurologistas dizem que é uma inteligência espacial, cinestésica. Os craques, sem pensar, percebem tudo o que está à volta e calculam a velocidade da bola, dos colegas e dos adversários.*

*O poeta Fernando Pessoa falaria que muitas coisas não têm explicação, têm existência. O craque é.*

**Liga dos Campeões**

*Dos classificados às quartas, só Benfica e Villarreal não estão entre os candidatos ao título. Em jogos mata-mata, pode haver surpresas. O Atlético de Madrid não tem o brilho dos mais festejados, mas sabe jogar na defesa e contra-atacar. A eliminação do Manchester United pelo Atlético de Madrid não foi surpresa.*

**Homenagem**

*Parabéns a Formiga, grande jogadora, presente em sete Copas do Mundo, imortalizada na calçada da fama do Mineirão. Estou contente de estar ao lado dela.*

## NOSSO ESTRANHO AMOR | *Anna Virginia Balloussier*

folha.com/nossoestranhoamor

# Lucas escolheu esperar

Quem tem fama nem sempre deita na cama. A de Lucas Lima, 32, por exemplo, era a de ser "virjão".

"Confesso que ser virgem não é fácil", racionalizava aos 25 anos, o tom sereno, tal qual um Buda inabalável diante do corpo de dançarinas do Faustão.

Vontade não faltava. Mas Lucas estava em paz com suas "convicções espirituais": dizia acreditar que, antes de fazer uma mulher dizer "sim, sim, siiiiiim" sob os lençóis, era preciso convencê-la a responder "sim" no altar.

Demorou para conhecer sua cara-metade. Num celibatário 2015, não teve oportunidade de amarrotar o jogo de algodão azul neutro, 150 fios egípcios, que comprou numa loja de São José dos Campos (SP) para cobrir seu leito na casa onde morava com os pais.

Lucas encarava a longeva seca sexual com a garra de Moisés no deserto. E sua jornada, como a do profeta bíblico, não era solitária.

O jovem evangélico fazia parte do Eu Escolhi Esperar, o grupo coordenado por um casal de pastores que defende abster-se da "fornicação" antes do casamento para cumprir a "vontade de Deus".

Lucas foi além: não só deu like numa rede social do movimento (junto com as páginas de Bob Esponja, Call of Duty e Os Trapalhões) como se juntou, naquele ano, ao elenco da websérie musical "Eu Escolhi Te Esperar".

Como qualquer garoto da sua idade, claro que ele estava doido para transar. Mas perseverou. "O sexo, fora dos padrões que Deus me ensinou, traz consequências negativas pra minha vida como um todo", dizia então.

Não foi moleza. "Por exemplo: fui com uns amigos assistir a 'Loucas pra Casar', já que sou apaixonado pela Tatá Werneck. O bombardeio já começa no trailer de 'Cinquenta Tons de Cinza'! Caracaaaa..." A exibição em HD e 3D não ajuda. "Dá quase pra encostar a mão", brincou.

Para enganar os hormônios, ele tinha criado até um mecanismo de defesa. "Imagina uma tia morta, ensanguentada. Pronto, não tem mais nada!"

Algumas igrejas acham que até beijo é pecado. Lucas nunca foi tão radical, embora reconheça que uma bitoca pode ser "o começo de algo mais profundo". "É aquele negócio: não existe mal nenhum em tomar um vinho pra acompanhar o jantar, mas aquela taça pode ser o começo de um porre daqueles."

Enquanto não bebericava dessa fonte de prazer, restou a Lucas aguardar até que o cupido acertasse o alvo. "Vou me casar, sim. Assim como toda noite eu sei que o sol logo vai chegar para iluminar a escuridão, tenho convicção de que vou encontrar alguém para dividir doces e amargos momentos da vida e viver varias aventuras. Sexuais ou não."

Dois anos depois da nossa primeira conversa, a espera acabou, e o virgem de 27 anos teve sua noite de núpcias — para alívio do pai, que era inconformado com sua fé evangélica e também com sua decisão de não transar até casar. "Ele dizia até que era viadagem. Queria me levar numa casa de prostituição, me oferecia bebida. Falava que assim que eu experimentasse a coisa, eu desistiria de ser crente", Lucas me disse em 2020, pouco antes da pandemia começar.

Ele conheceu a futura esposa na igreja, na audição de um musical gospel, tem uma década. "Eu gostava dela, mas ela me enrolava", reconhece hoje o pai de Bella, 3. Demorou coisa de cinco anos para começaram a namorar, e dali pro matrimônio foi um pulo.

Bruna está grávida de novo, quase três meses. A filha olha com suspeita para a barriga da mãe. Ultimamente, deu de apontar e profetizar: "Tem três neném aí!".

Nesta semana, farão o primeiro ultrassom para saber se a primogênita está certa e se, depois de tanto esperar, Lucas vai praticar o milagre da multiplicação da prole.

Rubens Cavallari/Folhapress

## IMAGEM DA SEMANA

Mercado da rede Dia na alameda Barão de Limeira, centro de São Paulo, passou um cadeado na geladeira de carnes, que continha aviso para pedir o produto aos funcionários. O item tem ficado cada vez mais inacessível para brasileiros —e os preços continuam a subir, pressionados pelo conflito na Ucrânia. A prática de trancar prateleiras costuma se destinar a produtos de luxo: importados, cigarros e bebidas alcoólicas, mais sujeitos a causar prejuízo em caso de furto. A carne se tornou um item tão valioso que relatos de restrição de acesso crescem desde 2021, quando uma cliente do Extra afirmou ter recebido uma bandeja vazia sob justificativa de que ela só receberia a carne depois do pagamento. Na ocasião, o Procon esclareceu que a prática não é ilegal, mas pode assumir caráter discriminatório se for aplicada a partir de critérios como bairro

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**

**1.** Quilograma / Em tais quantidades **2.** Brio, amor-próprio **3.** O antônimo de baixo / Norma Bengell (1935-2013), atriz de "O Pagador de Promessas" **4.** (Quím.) O elemento de símbolo Ga / (Bater um) Telefonar **5.** (Ingl.) Uma rebatida de efeito no tênis **6.** Prato que pode ser acompanhado de torradas / Sufixo diminutivo feminino **7.** M / Fazer a seleção de **8.** Interjeição para espantar galinhas e pombos / (Fr.) Chefe dos garçons **9.** (Monte) Famoso distrito de Mônaco **10.** Caderno para anotação de compromissos / A UF das praias de Trancoso e Arraial D'Ajuda **11.** Imprimir desenhos em tecido, papel etc. **12.** Organização mundial que une as polícias de diversos países **13.** Conteúdo de um texto / Droga extraída dos frutos da papoula.

**VERTICAIS**

**1.** (King) O gorila gigante do cinema / (Red.) O dia anterior ao sábado / Charme, carisma **2.** Guia de Recolhimento / Microscópica parte da matéria / Unidade fundamental que transmite os caracteres hereditários **3.** A corrida do cavalo / (Bola ao) Outro nome do basquete **4.** Planta de raízes bulbosas e flores de cores variadas / Fazer durar **5.** O andar de cima de um prédio de dois andares / Demorar para chegar **6.** (Lau) Um personagem de Mauricio de Sousa / Vaga-lume **7.** Sigla do estado que formou-se do desmembramento de GO (1988) / Aquilo que é limitado / Um estilo musical **8.** Abrigar em refúgio recôndito ou protegido / Ilha da Indonésia, destino turístico e de surfistas **9.** (Pau de) Em certas festas, poste escorregadio, em cujo topo se acham prendas para quem chegar até elas / Ventilar o ambiente.

**HORIZONTAIS: 1.** Kg, Tantos, **2.** Orgulho, **3.** Alto, NB, **4.** Gálio, Fio, **5.** Topspin, **6.** Sopa, inha, **7.** Eme, Triar, **8.** Xô, Maître, **9.** Carlo, **10.** Agenda, BA, **11.** Estampar, **12.** Interpol, **13.** Teor, Ópio. **VERTICAIS: 1.** Kong, Sexta, It, **2.** GR, Átomo, Gene, **3.** Galope, Cesto, **4.** Tulipa, Manter, **5.** Altos, Tardar, **6.** Nhô, Pirlampo, **7.** TO, Finito, Pop, **8.** Ninhar, Bali, **9.** Sebo, Arejar.

## SUDOKU

texto.art.br/fsp

**DIFÍCIL**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 6 | 5 | | 8 | | | | |
| 2 | 8 | | | | 4 | | 3 | |
| | | | 2 | | | | | |
| | | | | | 8 | 3 | 7 | |
| 9 | | | 5 | | 1 | | | 8 |
| | 5 | 6 | 4 | | | | | |
| | | | | | 2 | | | |
| | 3 | | 6 | | | | 1 | 7 |
| | | | | 4 | | 6 | 8 | |

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem européia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

[illegible]

## FRASES DA SEMANA

**PONTUALIDADE BRITÂNICA**

**Liz Truss**

Chanceler britânica disse, que Ocidente demorou a agir com medidas mais duras para deter arroubos expansionistas do presidente russo Vladimir Putin

"Houve muita complacência. Não fizemos o suficiente para desafiar Vladimir Putin e agora estamos vendo esses crimes horríveis que violam a lei internacional"

**BATALHÃO HOLLYWOODIANO**

**Arnold Schwarzenegger**

O ator e ex-governador da Califórnia apelou pelo fim da guerra na Ucrânia em vídeo publicado em redes sociais e mandou recado a Vladimir Putin

"Você começou esta guerra. Você está liderando esta guerra. Você pode parar esta guerra"

**"POBRES" COITADAS**

**Benjamin Ribeiro da Silva**

Presidente do Sieeesp (Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo) afirma que a decisão do governo paulista de relaxar a exigência de máscaras demorou para ser aplicada

"A criança da escola privada já sofreu demais. O uso de máscara é totalmente impessoal, a criança não consegue usar as habilidades cognitivas direito"

**EM FESTA**

**Ewerton da Silva Carvalho**

Advogado de Kaique do Nascimento Mendes, jovem negro condenado injustamente de receptação de veículo roubado, comemora em vídeo a decisão do juiz de inocentar Kaique, anunciada três anos depois da acusação

"Mano, acabei de inocentar o moleque, mano. Acabei de inocentar o moleque, mano. Estou três anos mais velho brigando nesse processo, tá ligado? Ontem foi o meu aniversário e eu pedi para Deus e os orixás e falei: mano, eu preciso absolver esse moleque amanhã"

**TELEGHOSTING**

**Pavel Durov**

Fundador do Telegram se desculpou com o STF (Supremo Tribunal Federal), que bloqueou o aplicativo de mensagens no Brasil em decisão de Alexandre de Moraes e afirmou que houve falha de comunicação

"Em nome de nossa equipe, peço desculpas ao Supremo Tribunal Federal por nossa negligência. Definitivamente, poderíamos ter feito um trabalho melhor"

**TESTE DE FIDELIDADE**

**Dmitri Peskov**

Porta-voz do Kremlin disse que existe um processo de auto purificação de "traidores" da nação russa em curso, referindo-se às pessoas que estão deixando o país por medo de perseguição política

"Eles desaparecem sozinhos de nossas vidas. Algumas pessoas estão deixando seus postos, outros o trabalho, outros o país. É assim que a purificação acontece"

**INDEPENDENTE**

**Bruna Marquezine**

Atriz brasileira que estrelou novelas da Globo será primeira latino-americana a protagonizar franquia de super-heróis da DC Comics e tenta se distanciar da imagem de namorada de Neymar

"Não estou namorando há não sei quanto tempo e ninguém vai poder dizer que [a escalação] tem a ver com homem nenhum do mundo"

## ACERVO FOLHA

**Há 100 anos** **20.mar.1922**

### Rio receberá festa esportiva para celebrar Independência

Uma reunião foi feita no Rio de Janeiro, com participação do prefeito do Distrito Federal, Carlos Sampaio, na qual foram discutidos vários assuntos referentes à realização dos Jogos Latino-Americanos em setembro, como parte dos festejos do centenário da Independência do Brasil.

A competição deve ocorrer por conta do governo, que terá a seu cargo as despesas e que arrecadará as rendas.

Folha da Noite

O JURY

FOLHA DE S.PAULO
DOMINGO, 20 DE MARÇO DE 2022 C1

ilustrada
ilustríssima

# Palavras ao vento

Podcasts se tornam uma mina de ouro para o streaming, mas atrapalham a guerra contra as fake news C4



Ilustração *Silvis*

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

# Heloisa Périssé

# A arte pode englobar tudo desde que seja com verdade

[RESUMO] Após enfrentar um câncer raro nas glândulas salivares e a pandemia da Covid-19, atriz e comediante de 55 anos encena a comédia 'A Iluminada', em que satiriza o universo dos TED Talks e ensina como transformar dificuldades em coragem e confiança; artista volta à TV na série 'Cine Holliúdy', começa a escrever o seu primeiro filme dramático e conta que adoraria ter um programa cômico na Globo: 'As pessoas querem rir, precisam rir'

Por **Karina Matias**

A atriz Heloisa Périssé no Teatro-D, em São Paulo Eduardo Knapp/ Folhapress

A atriz e comediante Heloisa Périssé, 55, tinha acabado de sair de sua "pandemia particular" —como define o período em que tratou um câncer raro nas glândulas salivares em 2019— quando o coronavírus parou o mundo.

*

Poderia ser motivo de revolta ou tristeza enfrentar duas situações graves de forma seguida. Não foi o que aconteceu, afirma ela. "Eu não vou ser mentirosa e dizer que em nenhum momento eu me desesperei. Claro que isso aconteceu. Houve dias em que eu cheguei a dizer: 'Quero a minha vida de volta'", relembra.

*

Na visão dela, porém, existia um motivo para tudo o que estava vivendo. "Eu procuro sempre me harmonizar com as coisas que acontecem, porque eu realmente creio que tudo coopera pro bem daqueles que amam a Deus", diz.

*

Mesmo quando já estava se sentindo exausta do tratamento, ela afirma que não era uma opção deixar de fazer uma sessão de radioterapia. A saída era aprender a ressignificar aquele momento. É isso que Heloisa conta ter levado de aprendizado para a pandemia. É como se o câncer a tivesse preparado para o que ela e a humanidade enfrentariam a seguir.

*

"É como se eu já tivesse descoberto que dentro de mim há espaços que eu posso percorrer. [A pandemia] Foi mais suave para mim", comenta.

*

Mais do que isso, os anos de confinamento renderam frutos. Um deles é a comédia "A Iluminada", escrita e protagonizada por ela. A peça estreou no fim de 2021 em Portugal, e agora está em curta temporada no Teatro-D, em São Paulo, até o próximo sábado (26) —depois segue para uma única apresentação em Salvador, no dia 2 de abril, e um final de semana em Brasília, nos dias 15 e 16 de abril.

*

No monólogo, a atriz é Dorotéia das Dores ou Tia Doro. Ela diz que a personagem surgiu "há muito tempo" e contou com uma contribuição de seu amigo Paulo Gustavo, morto no ano passado vítima da Covid-19. Os dois, afirma a atriz, adoravam brincar de se caracterizar com adereços. "Foi ele, inclusive, que me deu a peruca da Tia Doro". Para o papel, Heloisa usa também próteses dentárias e um terno azul.

*

A protagonista tem uma profissão para lá de incomum. É 'cuoach'. Sim, com u mesmo e em referência à parte íntima do corpo humano. "Tia Doro faz um trabalho de base, começando por esse chacra [aponta para a região do intestino]."

*

A peça brinca com as palestras motivacionais, ao estilo das conferências TED Talks, que se tornaram uma febre nos últimos anos na internet. Um dos ensinamentos de Tia Doro é, antes de alguma atividade importante, a pessoa repetir para si mesma: coragem e confiança. Se ficar difícil de lembrar, ela indica abreviar as palavras para as suas iniciais, o que resulta em "cocô".

*

Embora o tom do espetáculo seja de brincadeira, a comediante diz que há "coisas reais", da sua própria experiência com o tratamento contra o câncer e o enfrentamento da pandemia. "Eu tive que ressignificar o c., né. Eu tive que ressignificar cocô e virar coragem e confiança", explica, aos risos.

*

"Não são coisas muito habituais que nós adultos falamos, porque já caiu no conceito 'isso é feio, isso não se faz'. Mas a verdade é que ninguém gosta realmente de estar entupido. Ninguém gosta de se sentir preso, no sentido de preso em algum lugar ou de alguma forma. 'A Iluminada' é isso, uma luz sobre essas questões."

*

Foi também durante o confinamento que a atriz cursou a sua primeira faculdade: artes cênicas na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). "Você pode me dizer: 'para quê? Você já tem 30 anos de carreira'. Não interessa, eu quis completar uma ficha de terceiro grau completo", responde, rindo.

*

Nas aulas online por Zoom, ela tinha a companhia da filha mais velha, a atriz Luisa Périssé, fruto do seu primeiro casamento com o ator Lug de Paula —Heloisa também é mãe de Antonia, do casamento com o diretor Mauro Farias. "Ela [a Luisa] ficava me esculhambando o tempo inteiro. Dizia: 'para de perguntar, já falou muito, não sei quê'. Eu era mais velha até que o professor né?", lembra, bem-humorada.

*

Fazer a faculdade foi, segundo ela, das "melhores decisões" da pandemia. E Heloisa já planeja um mestrado em filosofia "assim que tiver um tempo".

*

Para a atriz e autora, estudar é uma paixão, assim como ler. Além de filosofia, diz amar física quântica. E tem na Bíblia uma fonte constante de consulta e de fé. Todos esses universos, afirma, a inspiraram a escrever "A Iluminada".

*

Embora já tenha frequentado diversas igrejas —desde o catolicismo, passando pelo espiritismo, seicho-no-ie e denominações evangélicas —, ela afirma hoje não ter religião. "Eu sou cristã. É como eu me autodefino."

*

Em sua casa, Heloisa conta que construiu um "ceuzinho", um espaço em que faz as suas orações. "É um portal que eu atravesso e onde eu converso o tempo todo com Deus", diz. É o único lugar em que ela afirma não permitir que as pessoas entrem de sapato ou falem de outros assuntos que não tenham a ver com espiritualidade. "Você pode entrar para meditar ou pode entrar, sei lá, para orar virado para Meca. Mas é um lugar para orar."

*

Durante a entrevista, ela cita trechos bíblicos e também frases de filósofos e poetas. Ao falar sobre a paralisia facial parcial que sofreu na boca após as nove horas de cirurgia para a retirada do câncer, cita o apóstolo Paulo. "É o espinho na carne."

*

Questionada se a sequela física a incomoda, Heloisa hesita por alguns segundos, mas logo diz: "Não me incomoda, mas não tenho o mesmo sorriso de antes". Na sequência, acrescenta: "Nada a pedir, muito a agradecer. Pode ser o título da reportagem, hein", sugere.

*

Na pré-estreia de "A Iluminada" em São Paulo, no início de março, a atriz sinalizou para convidados, após apresentar o monólogo, que estava pensando em dar um tempo na atuação para se dedicar a escrever. "Acho que depois que eu fiz o meu tratamento, eu tenho mais vontade de ficar atrás das câmeras mesmo, criando textos para pessoas que eu admiro", confirma à coluna. "Mais isso é um pouco mais para frente, daqui uns dois anos, talvez".

*

Heloisa acrescenta, porém, que não é radical. "O homem faz planos, mas a palavra final é de Deus", pondera.

*

Dentre seus projetos para um futuro próximo está levar a sua outra peça, "Loloucas", para os cinemas. A direção ficará a cargo de Farias, que também é responsável por "A Iluminada".

*

"O humor é o meu olhar. Às vezes eu estou me lascando, mas eu consigo ver alguma coisa e fazer graça daquilo", diz. Apesar disso, Heloisa conta que se prepara para escrever seu primeiro drama, o filme "Ágape". "É uma história sobre violência no Brasil e o transmutar disso em um sentimento de amor. É bem pesado."

*

Ela afirma que não vai atuar no longa, e que nem sabe explicar como nasceu a ideia de fazer um drama. "Veio na minha cabeça. Eu sempre tive essas inspirações, mas certas coisas às vezes são muito claras e aí eu não tenho como não fazer. Parece doidinho, né?", diverte-se.

*

Na TV, ela segue contratada da Globo até 2023. Participou recentemente do programa The Masked Singer Brasil. Fantasiada de Coxinha, foi a quinta desmascarada da temporada do reality.

*

"Foi um bom desafio. Na minha vida é isso: eu quero ir da Coxinha a Dercy", afirma, citando a minissérie "Dercy De Verdade" (Globo, 2012), em que interpretou a famosa comediante. "Eu quero ser uma atriz com range [variedade] amplo, porque eu acho que a arte pode englobar tudo desde que você tenha verdade naquilo que você está fazendo. Eu amo o que eu faço", afirma, sinalizando que a aposentadoria dos palcos pode ficar para bem mais tarde do que ela mesma indicou.

*

Ainda neste primeiro semestre, Heloisa irá gravar as segundas e terceiras temporadas da série cômica "Cine Holliúdy" (Globo). "E agora eu venho empoderada, porque sou a prefeita", diz, animada sobre sua personagem Maria do Socorro.

*

Questionada se faltam programas de humor na TV aberta e na Globo —desde o fim do Zorra, em 2020, não há um humorístico na grade da emissora—, Heloisa concorda. "Faz falta. As pessoas querem rir, precisam rir. Eu acho que, em breve, isso vai começar a voltar. Tem que voltar, porque o humor tem um espaço importante", salienta.

*

Tem vontade de comandar uma atração cômica? "Gostaria sim", diz. "Por enquanto, não, porque estou com o 'Cine Holliúdy'. Mas em breve eu vou dar uma perturbada neles [da Globo] com essa ideia", finaliza, soltando uma risada.

# *Primeiramente, com licença*

Já que estou chegando, permita que eu me apresente nos meus termos

**Wilson Gomes**

Professor titular da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e autor de 'Crônica de uma Tragédia Anunciada'

*Já que estou chegando, e pode acontecer de a gente passar um tempinho juntos aqui, permita que eu me apresente nos meus próprios termos, antes que tome as suas próprias decisões, como é justo que o faça. São tempos difíceis, de raiva fácil, ódio espesso e julgamentos expressos, ainda mais quando se toca em política, e política é hoje tudo.*

*Não é que eu queira estragar a brincadeira "eu sei qual é a sua ideologia", a partir da qual hoje se decide que tipo de afeto e atenção o pobre escriba há de merecer. É só para oferecer o meu ponto de vista sobre a legítima questão "quem é o sujeito parado à nossa porta, chapéu na mão, ainda sem saber se pode entrar?". Dê licença, então.*

*Liberal. Sou bem liberal. Contra o absolutismo e por direitos e garantias individuais até a medula. Acredito em competição, merecimento, responsabilidade individual e tenho o maior respeito pelo individualismo. Acho que cada um deve viver a sua vida como bem lhe parece.*

*Podia ter dito progressista, mas sustento propositalmente que sou liberal em um país em que, para a esquerda, liberalismo não é o oposto do absolutismo, mas um outro nome para capitalismo, e liberal é basicamente o sujeito egoísta que odeia o Estado e não gosta de pagar impostos. Essa caricatura está para o pensamento liberal como a doutrina que pregam Malafaia e Marco Feliciano está para o cristianismo, quer dizer, é uma versão ruim e discutível e, mais importante, uma camuflagem.*

*Acho muito espertos os antiestatistas e os brutos darwinistas sociais que se vendem por liberais só para se diferenciar polemicamente da esquerda e para parecer descolados diante dos donos do dinheiro. Acho otário quem compra essa conversinha.*

*O "liberal na economia e conservador nos costumes", para ficar no padrão Paulo Guedes e dos "liberteens" da direita, são em geral apenas iliberais, liberticidas e autoritários, fazendo-se de liberais para não serem vistos como os ogros que são.*

*De esquerda, sim senhor. Acredito que os recursos da democracia devem ser usados para produzir justiça social, o máximo possível. Sociedades justas são muito melhores que sociedades iníquas e desiguais. Quando a maior parte dos cidadãos vive na miséria, na pobreza ou lutando todo dia para não ser tragado por elas, não lutar por algum nível importante de igualdade não pode ser só um traço de personalidade ou uma posição intelectual, mas questão de caráter.*

*Não sou, contudo, nem marxista nem anticapitalista. Ninguém precisa ser marxista para ser de esquerda; a esquerda já existia quando o marxismo foi inventado. Não troco a democracia e o liberalismo pelo socialismo nem em teoria nem na prática, mas acho que os princípios da democracia, inclusive a igualdade, devem guiar a economia de mercado, não o contrário.*

*Tenho horror ao populismo, não acredito na superioridade moral e intelectual do coletivo sobre o indivíduo, ou do povo, entendido como a classe subalterna de uma sociedade dividida em classes, sobre a elite. Nem vice-versa. Todo o mundo é capaz de tudo, no bom e no mau sentido. Abomino o autoritarismo, não tolero dedos em riste, não concedo razão automaticamente, nem a minorias nem à massa. Nem aos seus contrários. Então, cuidado, sou de esquerda, mas posso não ser da sua esquerda.*

*Democrata. A democracia é um regime sempre em processo, mas as suas premissas de que todas as pessoas são iguais enquanto membros da comunidade política e de que são todas igualmente livres, tornaram-na superior a todas as alternativas.*

*Acho poderosa a ideia de que ninguém está sob os pés de ninguém e de que cada um deve ter chances honestas de defender um ponto de vista, apresentar uma preferência ou rebater um argumento, venha de que fonte vier.*

[...]

Abomino o autoritarismo, não tolero dedos em riste, não concedo razão automaticamente, nem a minorias nem à massa. Nem aos seus contrários. Então, cuidado, sou de esquerda, mas posso não ser da sua esquerda

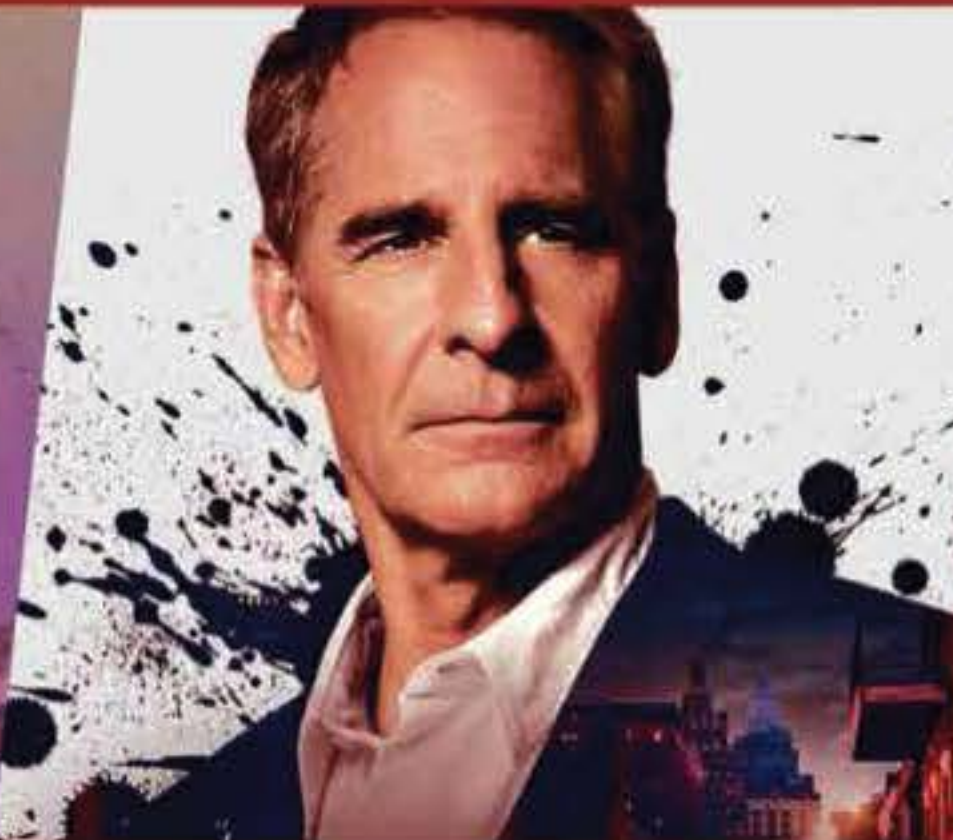
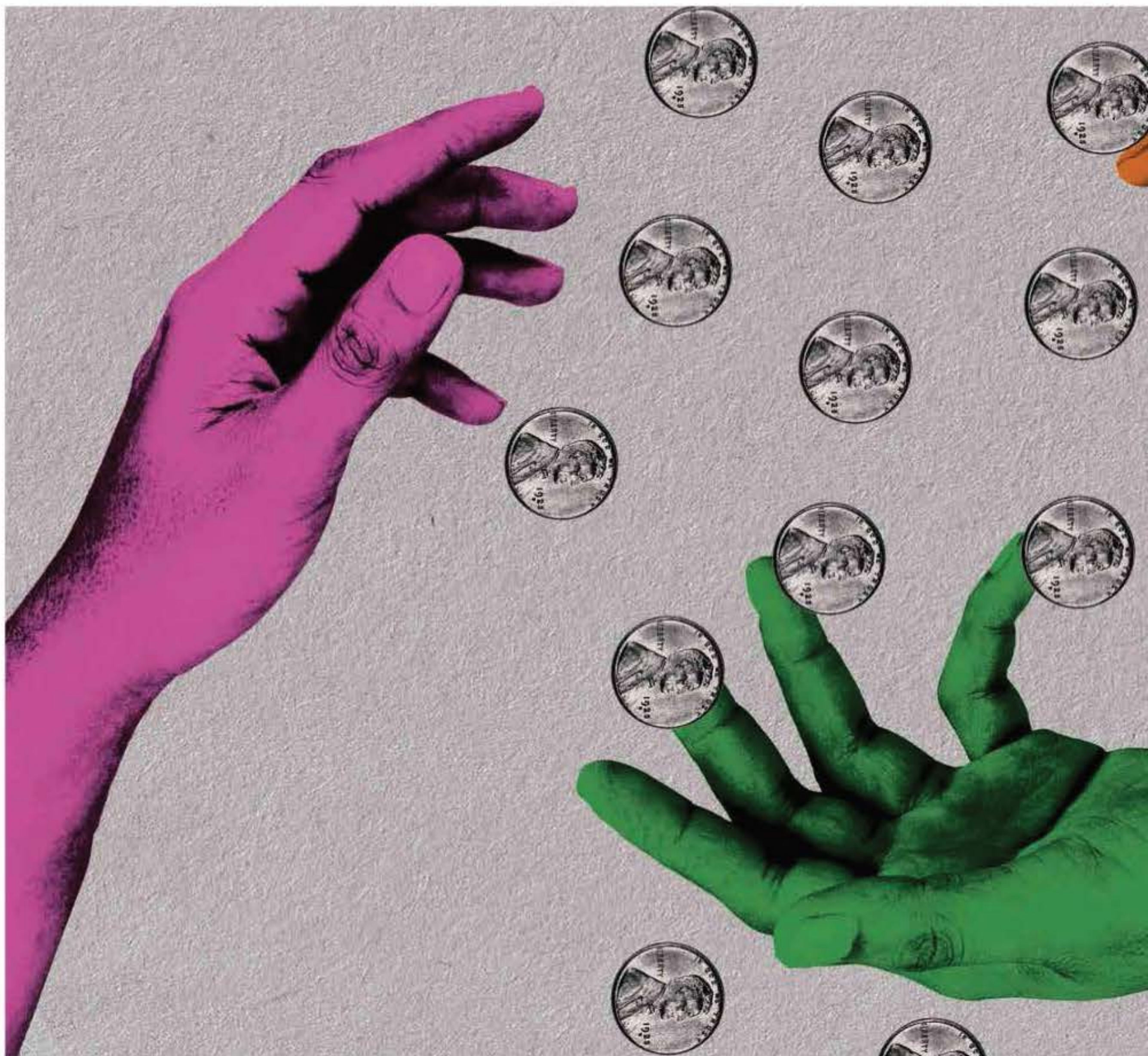
*Humanista. Acredito em dignidade humana como valor e que todos os outros valores valem menos que isso. Considero a impiedade, a impermeabilidade do coração, um sinal de pobreza humana.*

*Sou racionalista. Não aceito norma, princípio ou fato que não possa ser examinado, discutido e criticado. Sou antidogmático a não mais poder. Tenho um pendor ao ceticismo, não por afirmar que não podemos conhecer, mas por preferir retardar o meu juízo.*

*Realista. Acho o romantismo político uma tragédia, inventada apenas para produzir frustração em si e dor nos outros. E para sobrecarregar a democracia com expectativas irrealizáveis. Idealistas e românticos políticos parecem legais, na verdade se tornam facilmente dogmáticos, fascistas e fundamentalistas.*

*Meio cínico. A vida faz pouco sentido, e a morte é certa. Nesse interim, rir de tudo e, sobretudo, de si, é o melhor que se pode fazer.*

*Agora, se der licença, entro.*

**DOM.** **Bernardo Carvalho**, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, Wilson Gomes

# Língua solta

[RESUMO] Podcasts viraram a mina de ouro das plataformas de streaming, atingindo públicos mais jovens, menos afeitos aos padrões do jornalismo tradicional, e dinamizando as receitas da publicidade, mas, ao incorporarem a lógica das redes sociais, acabaram diluindo limites entre o público e o privado, afetando o combate à desinformação e impondo um debate sobre a moderação do conteúdo que eles transmitem

Por **Lucas Brêda**
Repórter da Ilustrada

Ilustração **Silvis**
Designer e ilustradora

No começo do mês, o Spotify, mais popular serviço de streaming de áudio do mundo, informou que estava fechando escritórios na Rússia, em retaliação aos ataques comandados por Vladimir Putin à Ucrânia. A decisão soou como uma provocação —uma lei assinada pelo presidente russo obriga empresas estrangeiras de mídia social com mais de 500 mil usuários a abrir escritórios no país, sujeitas ao risco de serem proibidas no território.

Mas, mais importante, o Spotify mexeu em seu conteúdo para se adequar à guerra. A plataforma divulgou que revisou milhares de obras sobre o conflito na Ucrânia e acabou removendo toda a produção das mídias estatais russas RT e Sputnik na União Europeia, nos Estados Unidos e em outros mercados do mundo.

Dias antes, o trecho de uma entrevista em nada relacionada à guerra também rodou a internet. "Não é um [papo de] botequim, porque tem uma multidão vendo lá fora. Isso aqui, querendo ou não, você sendo formado ou não, é um programa jornalístico, porra", disse o músico Rogério Skylab em entrevista ao podcast "Flow", um dos mais populares do Brasil. Monark, ex-apresentador do programa, então na bancada, rebateu. "Precisa ser? A gente não pode ser só dois moleques idiotas?"

O diálogo voltou a circular logo depois que Monark foi demitido e deixou de ser sócio da empresa que produz o podcast, a Flow Produções. A saída dele veio na esteira da pressão contra o youtuber, que defendeu a existência de um partido nazista no Brasil, em diálogo com os deputados Kim Kataguiri e Tabata Amaral.

A moderação do conteúdo russo, assim como o debate entre Skylab e Monark —sobre a responsabilidade do que é dito num podcast que entrevista figurões para um público de milhões—, evidencia dois fenômenos. O primeiro é o crescimento avassalador dos podcasts, que são mais atrativos para a publicidade do que a música e durante a pandemia se tornaram a galinha dos ovos de ouro das plataformas de áudio. O segundo é a consequência do primeiro —a necessidade de moderação desse tipo de conteúdo nunca foi tão debatida.

O termo podcast é usado desde o começo dos anos 2000, mas o formato como hoje é conhecido, com programas de áudio gravados e distribuídos online, foi se estabelecendo em paralelo ao aumento do acesso à internet ao redor do mundo. Mas eles só viraram febre quando passaram a ser incorporados pelos serviços de streaming de áudio, que ao longo da última década reinventaram a indústria fonográfica, então baseada na venda de produtos físicos.

Uma pesquisa realizada pelo IAB Brasil, o Interactive Advertising Bureau, associação que representa empresas de publicidade digital, revelou que, de 2019 para cá, o número de pessoas que ouviram pelo menos um podcast foi de 40% para 74% dos entrevistados. "Vários fatores contribuíram", diz Rodrigo Tigre, autor do livro "Podcast S/A" e presidente do comitê de áudio da entidade.

Continua na pág. C5

*Continuação da pág. C4*

"O primeiro é a facilidade de escutar, já que há três ou quatro anos empresas como Spotify e Deezer abriram suas plataformas para eles. Houve também o movimento da Globo, maior grupo de mídia do país, abraçando e divulgando o formato, e iniciativas de outros grupos, como a **Folha** fez com o Café da Manhã."

Se antes da pandemia os podcasts já eram uma realidade, depois dela ganharam mais relevância. "Os encontros passaram a ser através de telas, e isso gerou uma fadiga delas. O podcast entra aí. Estou aprendendo, me entretendo, me aprofundando sobre um assunto enquanto estou na academia, no transporte e nesses descansos de tela", diz Tigre.

De acordo com um estudo da empresa de tecnologia em áudio Voxnest, o Brasil teve um crescimento de 103% no número de novos podcasts em 2020. Em relação ao consumo, um estudo da Globo em parceria com o Ibope mostrou que 57% dos entrevistados começaram a ouvir podcasts durante a pandemia.

Segundo Christian Perrone, diretor de direito e tecnologia do Instituto de Tecnologia e Sociedade, o ITS Rio, a pandemia potencializou uma expansão dos sentidos, com os podcasts fazendo parte da vida das pessoas como um pano de fundo.

"Você quer ter uma experiência imersiva, entrar no metaverso, fazer parte da internet cada vez mais. É estar mais próximo dessa experiência concreta do espaço físico no espaço digital —uma sobreposição."

Essa tendência, ele diz, se encontra com outra, esta já mais estabelecida, que é a da "participação social de cada indivíduo fazendo coisas que originalmente seriam de profissionais ou de especialistas específicos". "Vimos isso no início dos anos 2000, com a explosão dos blogs. Veio a discussão sobre se o blogueiro tem que ser jornalista ou não, e o quanto isso se enquadra nas categorias protegidas pela liberdade de expressão."

No Brasil, o "Flow" é o ápice desses processos. O programa estourou na pandemia, adicionando novos elementos, como a transmissão ao vivo, em vídeo, da gravação dos programas. É a incorporação da linguagem dos youtubers como uma nova camada da produção de podcasts.

"Podcast é um programa de áudio distribuído pela internet que se pode assinar. Esse é o conceito de origem", diz Andreh Jonathas, presidente da Associação Brasileira de Podcasters, a ABPod. "Mas tem outras maneiras de incrementar. 'Ah, mas não é podcast porque tem vídeo.' Acho que é preciso superar esse debate. É uma mídia digital, que sofre transformações."

A adição do vídeo também acaba sendo mais um chamariz para a publicidade. "Os anúncios em podcasts eram muito testemunhais, gravados na voz do apresentador. Aquilo vira parte integrante do episódio e tem uma perenidade. Mas está restrito àquele episódio", diz Rodrigo Tigre.

"Hoje, temos tecnologia que possibilita ter anúncios que entram e saem dos programas, e que não necessariamente fazem parte dos episódios. Você consegue monetizar e entregar aquilo em todos os programas."

A divisão dos programas em bloco também é uma ruptura com o modelo do YouTube, em que anúncios interrompem um vídeo. "Como o anúncio está inserido no intervalo, sem interromper a escuta, é possível usar formatos maiores do que os seis segundos do YouTube. Dados do IAB mostram que esses são os formatos que dão mais resultado."

**Podcasts se tornaram ferramentas potentes de comunicação com uma juventude que está longe da TV e do rádio. Além disso, podem durar quatro ou cinco horas, com um formato menos engessado que telejornais. Ao mesmo tempo, são terrenos férteis para que políticos e cientistas possam disseminar informações falsas sem que sejam questionados. Nesse cenário, a moderação de conteúdo é hoje o grande desafio. De certa forma, plataformas como o Spotify se tornaram novas redes sociais, em que pessoas não especializadas produzem conteúdo e podem alcançar públicos mais numerosos do que um canal de televisão, por exemplo**

Segundo Andreh Jonathas, "a grande força do podcast é a atenção e a retenção". "Quem escuta ouve o programa inteiro. Eu assinei aquele conteúdo, eu ouço o que eu quero, é uma característica da mídia. E é um custo muito menor que investir numa TV, já que a operação, mesmo muito profissionalizada, é 'peso leve'."

Tudo isso faz dos podcasts uma seara potencialmente mais lucrativa para as plataformas do que as músicas, que são mais difíceis de monetizar. Não é à toa que o boicote de Neil Young, que retirou seu catálogo do Spotify acusando a plataforma de disseminar fake news e desinformação a respeito da Covid-19 no podcast de Joe Rogan fez muito mais barulho do que a reclamação constante dos músicos em relação ao que recebem por suas músicas.

Hoje com 406 milhões de usuários mensais únicos —20% deles na América Latina—, o Spotify divulgou que a participação dos podcasts no total de horas de consumo na plataforma atingiu um recorde histórico, sem revelar os números. Por ano, o aumento no consumo dos programas por usuário é de 20%.

A participação da publicidade na receita da plataforma no quarto trimestre do ano passado também atingiu um recorde, com 15% do total. Não é à toa que o acordo de exclusividade entre Spotify e Joe Rogan é estimado em mais de US$ 100 milhões, ou cerca de R$ 500 milhões.

Neste cenário, a moderação de conteúdo é hoje o grande desafio. De certa forma, plataformas como o Spotify se tornaram redes sociais, em que pessoas não especializadas produzem conteúdo e podem alcançar públicos mais numerosos do que um canal de TV, por exemplo.

"Isso coloca a indústria numa situação diferente", diz Christian Perrone. "Esses sistemas de streaming eram pensados como 'estou repassando algo que já passou pelas estruturas sociais'. Por exemplo, um filme já passou pela classificação indicativa. Mas, nesse processo de quase virar rede social, uma coisa é a Netflix. Outra coisa é uma Netflix misturada com YouTube."

No caso brasileiro, "dois moleques idiotas", como se definem Monark e seu ex-parceiro, Igor "3K" Coelho, conseguiram entrevistas de grande repercussão com figuras como os presidenciáveis Sergio Moro e Ciro Gomes e o deputado federal Eduardo Bolsonaro. Isso sem contar a audiência da participação do ex-presidente Lula no programa "Podpah", que surgiu no mesmo estúdio do "Flow", mas seguiu caminho próprio, apesar do formato praticamente idêntico.

Esses podcasts se tornaram ferramentas potentes de comunicação com uma juventude que está longe da TV e do rádio. Além disso, podem durar quatro ou cinco horas, com um formato menos engessado que telejornais —com tempo de fala restrito, discursos genéricos e forjados por equipes de media training.

Ao mesmo tempo, são terrenos férteis para que políticos e cientistas possam disseminar informações falsas sem que sejam questionados. Afinal, ao se classificarem como "dois idiotas", os apresentadores acabam se esquivando da responsabilidade de reunir informações para rebater um convidado ou apontar uma mentira.

"Quando a gente pensa na arte, na propriedade intelectual no geral, a gente tinha uma cultura mais voltada para ouvir os especialistas — uma cultura de leitor", diz Perrone. "Hoje, há uma cultura de leitor e escritor, porque as pessoas fazem parte do processo cultural. Você tem os blogs, que são o primeiro passo nesse processo, depois os youtubers e agora os podcasts, tiktokers e outros."

"Antes, existia uma linha, que agora se torna um espaço cinza entre o que efetivamente é o espaço privado, em que se tem o grau de liberdade de falar, e um espaço público, em que a minha liberdade tem que ser modulada pelo fato de que outras pessoas estão escutando", completa.

Segundo ele, já existe legislação que poderia dar conta da moderação. "Não é um problema de leis, mas de como essa nova circunstância se encaixa nas leis que nós já temos."

Mas como fazer para moderar tantas horas de conteúdo, em diversas línguas e fazer uso de recursos como a ironia? "Esse talvez seja o maior desafio para as plataformas", diz Pedro Kurtz, chefe de conteúdo da Deezer Brasil, que em 2021 duplicou o seu investimento em podcasts. "Temos um comitê de ética interno, com representantes dos países em que estamos inseridos, mas queremos trazer os usuários para o processo."

Na prática, diz, a moderação do conteúdo que viole as regras da plataforma —como violência, discriminação e discurso de ódio contra indivíduos ou grupos— vem após as denúncias de usuários, mas não houve até hoje um caso em que a própria Deezer excluiu um episódio de podcast por descumprir suas normas.

"É responsabilidade da plataforma também, mas é algo que a gente pretende criar com a comunidade", diz Kurtz, sobre a moderação. "É uma construção coletiva, do que a gente entende como sociedade."

No meio disso, é possível que a publicidade seja uma entidade moderadora, ameaçando a retirada dos patrocínios dos programas considerados danosos —como no "Flow". Monark, aliás, pode até produzir, mas não lucrar com anúncios em vídeos publicados por ele em qualquer canal que venha a criar no YouTube.

De toda forma, os podcasts são só a nova fronteira da discussão sobre o impacto da internet. "Há uma série de tecnologias que vão aparecer e vão tornar ainda mais complexa a nossa relação com essas plataformas", diz Perrone. "É só pensar em metaversos. Como se modera uma camiseta que tenha uma imagem com uma coisa próxima do que o Monark falou? É bom discutir isso agora, quando estamos criando essas estruturas." ←

# Justiça é cega

Uma única condecoração conseguiu envergonhar duas pessoas

**Ricardo Araújo Pereira**

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

*Quem quiser saber a diferença entre um poeta americano e um presidente brasileiro, olhe para aqui: quando o poeta americano se celebra e se canta a si mesmo, a gente aplaude; se o presidente brasileiro pendura uma medalha no próprio peito, todos criticam.*

*Bolsonaro é complexo como Walt Whitman, e é possível que, como o poeta famosamente declarou, também contenha multidões. Nas multidões que Bolsonaro contém, ao que parece, o seu índice de aprovação é bastante elevado —e isso distingue radicalmente as multidões que ele contém das que ele não contém.*

*Em março deste ano, Bolsonaro acredita ser merecedor da Medalha do Mérito Indigenista. Mas, em novembro do ano passado, Bolsonaro tinha distinguido com a Ordem do Mérito Científico o antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida, que sempre criticou a intenção do presidente de permitir a exploração de minérios nas terras indígenas. O que significa, logicamente, que Bolsonaro vê mérito científico em quem não vê nele mérito indigenista.*

*Ou seja, há uma possibilidade de o presidente se ter condecorado com a Medalha do Mérito Indígena contra a sua própria vontade. Nesse caso, a honraria terá sido mais um sacrifício a que ele se submeteu em nome do povo brasileiro. Vamos esperar que a medalha não lhe pese demasiado no peito.*

*Tudo bem, quem agora atribuiu essa condecoração a Bolsonaro não foi exatamente ele, foi o seu ministro da Justiça. É mais ou menos o mesmo, mas apesar de tudo é diferente. O ministro premiou o seu próprio chefe, pelo que deveria ter sido nomeado também grão-mestre da Ordem dos Puxa-Sacos. Quer isso dizer que, provavelmente pela primeira vez na história, uma única condecoração conseguiu envergonhar duas pessoas.*

*Normalmente, uma distinção honra uma pessoa. Essa desonra duas. Não é fácil. E há outro aspecto deste caso que não pode deixar de se considerar positivo: quando o ministro da Justiça atribui a Medalha do Mérito Indigenista a quem mais tem afrontado as comunidades indígenas ele demonstra, mais uma vez, que a justiça é cega. E é assim mesmo que deve ser.*

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

## É HOJE

**Tony Goes**
tonygoes@uol.com.br

### Globo Rural faz homenagem à carreira de José Hamilton Ribeiro

**Globo Rural**
Globo, 8h05, livre
José Hamilton Ribeiro recebe o apresentador Nélson Araújo em sua fazenda em Uberaba, em Minas Gerais. Recém-aposentado, o jornalista passou 40 de seus 60 anos de carreira na emissora, muitos deles dedicados ao Globo Rural.

**Homem-Aranha: Sem Volta para Casa**
Para compra ou aluguel no Amazon Prime Video, Apple TV+, iTunes, Google Play, Looke, Now, Sky, Vivo Play e YouTube, 12 anos
No novo filme da franquia, a identidade secreta do herói é revelada, e suas responsabilidades entram em conflito com sua vida pessoal. Tom Holland encarna mais uma vez o personagem, e Benedict Cumberbatch aparece como o Doutor Estranho. O final surpreendente garantiu ao longa, que concorre ao Oscar de efeitos visuais, a maior bilheteria desde o início da pandemia.

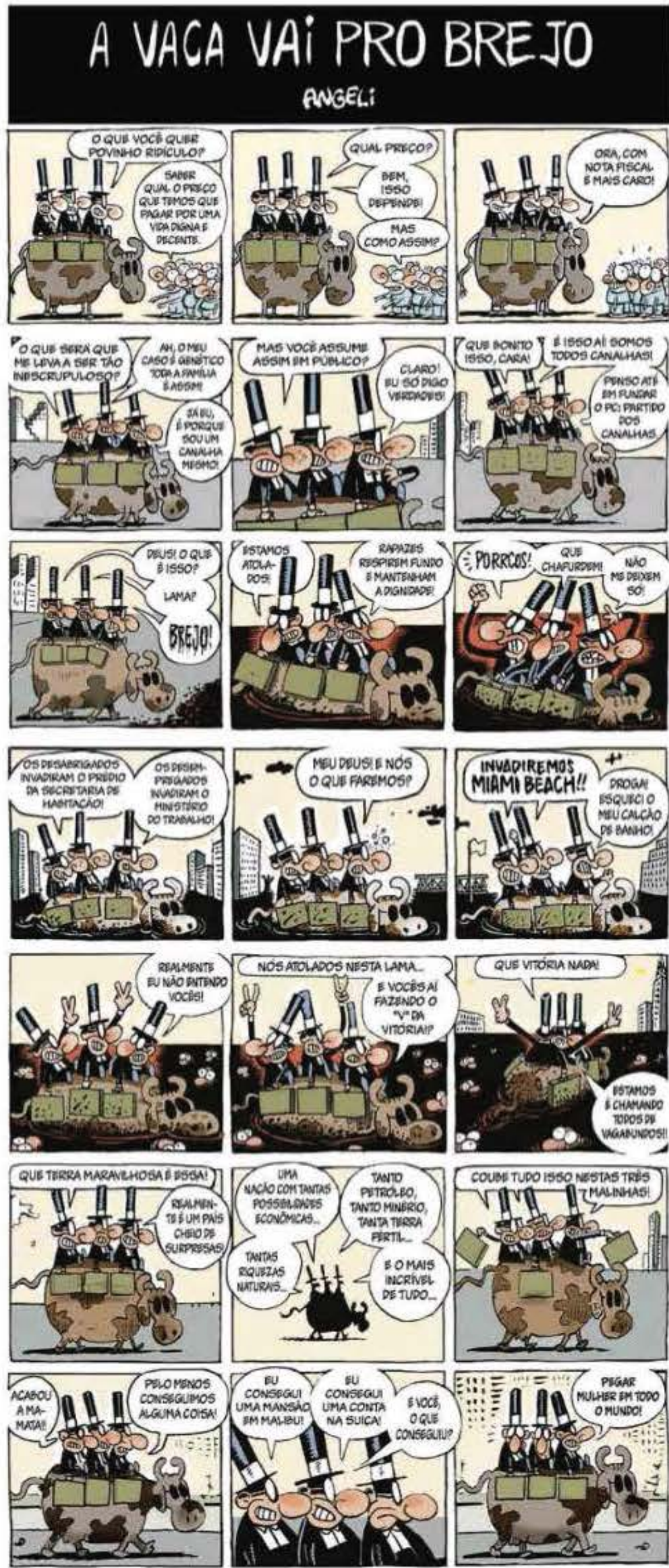
**Encanto - Versão Sing-Along**
Disney+, livre
Favorito ao Oscar de longa em animação, o filme ganha uma versão com as letras das canções, para cantar junto com os personagens —inclusive o hit "Não Falamos de Bruno".

**Antes dos Reis: A Era dos Juízes**
Record, 23h15, 12 anos
Antes da estreia da novela "Reis", na terça-feira, a emissora exibe este documentário gravado em Israel. O repórter André Tal visita ruínas que ajudam a contar a história dos hebreus, há 3.000 anos.

**Zelensky: O Homem que Enfrentou Putin**
GloboNews, 23h30, livre
Volodimir Zelenski, o ator e comediante que se tornou presidente da Ucrânia, tem sua trajetória improvável revista neste documentário inédito.

**Direção Explosiva**
Globo, 0h30, 14 anos
Neste thriller alemão, um homem recebe uma ligação anônima e descobre que há uma bomba no carro que dirige —e seus filhos estão no banco de trás.

**Canal Livre**
Band, 0h, livre
O programa recebe o ex-embaixador e ex-ministro Rubens Ricupero, para discutir os impactos da guerra na Ucrânia na economia e nas relações internacionais.

## QUADRÃO | Angeli

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

### Estrela do balé ucraniano morre em invasão a Kiev

SÃO PAULO O bailarino ucraniano Artiom Datsishin morreu nesta quinta-feira, aos 43 anos, três semanas após ser ferido no ataque das tropas russas a Kiev.

Ele estava internado no hospital desde a invasão. A morte foi confirmada por Tatiana Borovik, próxima de Datsishin, na última quinta, pelo Facebook.

Principal bailarino da Ópera Nacional de Kiev, com turnês realizadas na Europa e nos Estados Unidos, Datsishin atuou nos papéis principais de peças aclamadas como "O Lago dos Cines", "O Quebra-Nozes", "Bela Adormecida" e "Romeu e Julieta".

Coreógrafo russo e ex-diretor do balé Bolshoi, Alexei Ratmanski foi um dos nomes do balé mundial que lamentaram a morte de Datsishin. "Ele era um lindo dançarino, amado por seus colegas. Uma dor insuportável", escreveu em sua conta no Instagram.

O diretor da Ópera Nacional da Ucrânia, Anatoli Sovovianenko, também se manifestou sobre Datsishin. "Morreu nosso colega, um artista maravilhoso, um famoso solista da companhia de balé."

### Clube de Leitura Folha debate livro de Chinua Achebe

SÃO PAULO O Clube de Leitura Folha de março discute o romance "O Mundo se Despedaça", do escritor nigeriano Chinua Achebe, publicado no Brasil pela Companhia das Letras. O encontro acontece virtualmente, via Zoom, no dia 29 de março, a partir das 19h.

A obra foi publicada em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria, e é considerada um dos livros mais importantes da literatura africana do século 20. Conta a história de Okonkwo, guerreiro de um clã que conquistou sucesso como agricultor, mesmo sem herdar nada do pai.

O enredo apresenta o equilíbrio de costumes mantido por gerações e gerações na vida tribal para, então, mostrar como ele cai com a chegada do europeu.

A discussão terá neste mês a participação do diplomata e estudioso das literaturas africanas Alberto da Costa e Silva, que escreveu o prefácio ao livro. Fará parte do debate ainda a professora e pesquisadora do tema Alyxandra Gomes.

Para participar da discussão basta acessar a reunião de número 889 2377 1003 no Zoom.

Elza Soares em show da turnê do disco 'Planeta Fome', em Porto Alegre, em março de 2020 Junior Careca/Fotoarena/Folhapress

# Existir, vestir, resistir

**[RESUMO]** Alvo de deboche ao se apresentar na TV, em 1953, com vestido desconjuntado, Elza Soares personificou em sua longa carreira a liberdade de escolha de roupas, acessórios e cabelo, sem se guiar por modas e padrões oficiais, exemplo ainda inspirador contra os códigos de vestimenta que permanecem oprimindo e estigmatizando as mulheres, sobretudo as mais pobres

Por ***Arícia Fernandes Correia e Inês Virginia P. Soares***
Correia é procuradora do município do Rio de Janeiro e professora de direito da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Soares é desembargadora federal no TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região) e doutora em direito

Em 1953, uma caloura malajambrada, usando o vestido da mãe, ajustado com alfinetes de fralda para disfarçar os mais de 20 quilos a menos, penteada com uma ingênua maria-chiquinha, compareceu ao programa radiofônico Calouros em Desfile, apresentado pelo compositor Ary Barroso. Quando subiu ao palco, o apresentador, aos risos de deboche, teria lhe perguntado: "De que planeta você veio, minha filha?".

A candidata, encorajada por saber do talento de sua voz genuína, não se acossou pelo deselegante constrangimento a que fora submetida e prontamente rebateu: "Do mesmo planeta que o senhor, seu Ary. Do planeta fome!". Aquela voz potente, rasgada, irreverente, ousada — da negra, pobre, desconjuntada e corajosa menina — a todos calou.

Passadas quase sete décadas, o planeta fome continua habitado e superpopuloso, assim como persiste o machismo estrutural, com maior atenção à aparência e ao modo de ser e vestir das mulheres que ao seu talento, personalidade ou êxito profissional.

Em 2015, o Representation Project lançou a campanha #AskHerMore (pergunte mais a ela), com um apelo para que os jornalistas perguntassem mais às atrizes de Hollywood sobre seus papéis e menos sobre seus vestidos e penteados.

Nesse mesmo ano, a campanha #DistractinglySexy (distraidamente sexy), com fotos de mulheres cientistas trabalhando com seus uniformes nada sensuais, viralizou nas redes sociais depois que Tim Hunt, ganhador do Prêmio Nobel de Medicina, disse, em uma conferência mundial, que mulheres eram um fator de "distração" no trabalho.

O que parece uma pergunta fútil, sobre a marca da roupa que a atriz usa, ou um comentário infeliz, como o de que as mulheres distraem os homens nos escritórios ou laboratórios, são um indicativo da necessidade de mudanças urgentes e profundas na postura coletiva em espaços públicos, como forma de garantir a equidade de gênero, de proteger a integridade física e psíquica da mulher, bem como de lhe assegurar a liberdade de expressão e locomoção.

Em 2019, em meio às manifestações no Chile que trouxeram profundas mudanças na democracia do país, viralizou a performance "un violador en tu camino", realizada por mulheres de olhos vendados, que entoavam que a culpa é de quem estupra. Essa coreografia foi encenada em diversas cidades brasileiras, com o refrão "E a culpa não era minha, nem de onde estava, nem de como me vestia. O estuprador era você".

No ano anterior, 2018, na Bélgica, a exposição "A Culpa é Minha?" exibiu roupas usadas por vítimas na hora do estupro. A mostra teve bastante repercussão, pois, ao apresentar trajes absolutamente normais, refutou-se o óbvio: que não são as escolhas das mulheres sobre suas vestimentas que induzem a violência ou transformam alguém em assediador, importunador e estuprador.

As matérias brasileiras sobre a exposição belga traziam dados de uma pesquisa do Datafolha de 2016, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que diziam que, para mais de um terço dos brasileiros, "mulheres que se dão ao respeito não são estupradas" e "mulher que usa roupas provocantes não pode reclamar se for estuprada".

A atenção para os trajes das mulheres tem contornos jurídicos relevantes não apenas vinculados à sua vida e segurança, mas também ligados ao direito humano e fundamental ao exercício da liberdade de expressão.

Por essa razão, o assunto precisa ser apreciado com maior ênfase, devendo ser considerado inclusive no desenho de políticas públicas, na reformulação normativa e no julgamento sob a perspectiva de gênero.

Claudina Isabel Velásquez Paiz era uma jovem guatemalteca de 19 anos, estudante de ciências sociais, que foi encontrada morta com indícios de ter sido estuprada poucas horas depois de a família ter recorrido à polícia, diante de indícios de que sua filha estava em perigo. O Estado determinou que se aguardassem as 24 horas protocolares para o registro do desaparecimento, antes das quais o corpo da vítima foi encontrado.

Claudina foi apontada no processo como "XX", mesmo depois de sua identidade ter sido obtida. Além disso, houve falhas na investigação do crime em razão de estereótipos de gênero, prejudicando, assim, a observância do devido processo legal pelo simples fato de ser a vítima uma mulher, cujas vestimentas, "gargantilha no pescoço, piercing no umbigo e sandálias", levariam à ilação de se tratar de uma "bandida" ou "uma qualquer".

No julgamento do caso Velásquez Paiz versus Guatemala pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, reconheceu-se a violação, pela Guatemala, ao exercício do direito à vida e à integridade física da jovem, mas se determinou também que seria desnecessário emitir um pronunciamento a respeito das alegadas violações do direito à vida privada, à liberdade de expressão e ao direito de circulação.

Em voto com divergência parcial, um dos juízes consignou que também deveria ser declarada a "violação à liberdade de expressão pela vestimenta, particularmente feminina, em situações como no presente caso, em que o uso de roupas se transforma em elemento de identificação da vítima a camada social especialmente vulnerável e seguida de estigmatização, reconhecendo a negligência do Estado em levar a fundo as investigações de um assassinato.

O argumento do voto é que essa negligência e a violação ao devido processo legal também foram fundadas no fato de o cadáver da mulher ter sido encontrado em um 'bairro de classe média baixa'".

O caso aconteceu na Guatemala, mas estampou a violência institucional a uma liberdade de expressão (re)conhecida pelas mulheres brasileiras em seu cotidiano, ainda pouco estudada ou combatida em nosso país: a de aparelhar as instituições públicas e privadas com instrumentos, institutos, normas e outros meios que servem para frustrar a liberdade das mulheres em seu direito de não seguir "códigos de vestimenta" e de adotar a moda, os cabelos, os corpos, as indumentárias, os acessórios, as marcas corporais ou os gestos que quiserem.

Nesse voto, é constatado que a negação da liberdade de expressão de Claudina, pelo seu modo de vestir, foi uma violação "perpetrada pela ação do Estado, que denota que não será garantida a segurança da mulher que simplesmente parece exteriorizar, por meio de suas vestimentas, uma determinada identidade sexual ou cultural, bem como seu pertencimento a determinadas coletividades femininas".

É também destacado que a liberdade de expressão de vestir tem "conteúdo político relevante", já que "a escolha individual na vestimenta e adereços que modificam a aparência física serve para exteriorizar a adesão a determinado grupo ou cultura".

**A autenticidade da mulher também está no seu direito de usar a roupa que quiser, no âmbito de sua privacidade e no exercício do direito à autoimagem, a despeito de quem seja ou de onde venha, sendo proibidos quaisquer estereótipos de gênero, raça e classe**

Muito antes da Corte Interamericana de Direitos Humanos nos brindar com esse caso, Elza Soares, a caloura vinda de outro planeta, já havia exercido sua liberdade de escolha de indumentária e acessórios, transformando o escárnio sofrido em sua aparição inaugural, no programa de Ary Barroso, em manifestação política: nunca mais subiria aos palcos sem um alfinete espetado em sua roupa, segundo ela, "para nunca esquecer de onde viera".

O estabelecimento de códigos de vestimenta para oprimir as mulheres assume contornos mais perversos quando afeta aquelas já vulneráveis em razão da desigualdade social da realidade brasileira, marcada pela pobreza, restrição de acesso ao emprego, além dos fatores raciais e de gênero.

Os trajes escolhidos pelas mulheres para ir ao trabalho foi o mote do livro "Mulher, Roupa, Trabalho" (2021), de Mayra Cotta e Thais Farage, no qual as autoras debatem padrões e estruturas que, ao enquadrarem determinados estilos e roupas às profissionais das mais diversas áreas e classes sociais, limitam a liberdade feminina e desigualam os gêneros.

Em 2019, ao rememorar sua inspirada e pronta resposta a Ary Barroso na divulgação de seu então recém-lançado álbum "Planeta Fome", Elza afirmou: "Naquela época, eu achava que, se tivesse alimentos para os meus filhos, não teria mais fome. O tempo passou e eu continuei com fome, de cultura, de dignidade, de educação, de igualdade e muito mais. Percebo que a fome só muda de cara, mas não tem fim. Há sempre um vazio que a gente não consegue preencher e talvez seja essa mesma a razão da nossa existência".

No mesmo ano, na divulgação do citado álbum "Planeta Fome", Elza posa num cenário devastado e lúgubre, que remete ao fim do mundo, vestida num macacão de vinil preto colado ao corpo, com apliques contendo dois mil alfinetes, os "mesmos" alfinetes que a espetaram em sua estreia e a aclamaram no final de sua carreira.

Até o fim dos tempos, Elza esbanjou estilo com seus vestidos justos e sua orgulhosa cabeleira black. Usou seus figurinos também para defender questões étnicas, temas sociais, sustentabilidade e brasilidade. Foi autêntica, do princípio ao fim. A autenticidade da mulher também está no seu direito de usar a roupa que quiser, no âmbito de sua privacidade e no exercício do direito à autoimagem, a despeito de quem seja ou de onde venha, sendo proibidos quaisquer estereótipos de gênero, raça e classe.

Elza Soares nunca hesitou em fazer com que sua voz defendesse essa ocupação do espaço público da mulher, cis ou trans, de vestes recatadas ou exuberantes, do oprimido, do discriminado, da violentada, do esfomeado. Ousou demais, sofreu demais, denunciou demais, resistiu demais, amou demais e, acima de tudo, cantou demais: uma voz rasgada, como se sempre lhe arranhassem aqueles alfinetes da estreia; voz rouca, suingada, brasileiríssima; voz do milênio, segundo a aclamação na rádio BBC de Londres em 1999.

Fez da canção sua declaração de amor à vida e, por isso, prometeu que morreria cantando e não se importou em cantar sentada, porque a vida inteira transformara fragilidade em força. Grata pela vida, cantou Lupicínio Rodrigues, que lhe ofertou uma rosa no início da carreira, com um vestido de tule, bordado de flores, do qual, ao vestir, tirou o forro: era gratidão por poder ser quem era.

As pretas, as pobres, as sofridas, as sonhadoras, as mulheres cis, as mulheres trans, as gays, as travestis. A todas Elza representou, vestiu, cantou, levou ao mundo, amou, deu voz — e que voz! ←

# No eterno Febeapá

**[RESUMO]** Stanislaw Ponte Preta, heterônimo de Sérgio Porto, fustigou as arbitrariedades e a estupidez da ditadura militar em seu célebre Festival de Besteira que Assola o País, sucesso na imprensa e em livros nos anos 1960. Estivesse vivo, o escritor estaria mais atarefado que nunca nesses tempos bolsonaristas

Por *Alvaro Costa e Silva*
Jornalista e colunista da Folha. Autor de "Dicionário Amoroso do Rio de Janeiro"

Se dependesse de Sérgio Porto, a "sua" Copacabana —onde ficavam a casa na rua Leopoldo Miguez em que nasceu e cresceu e muitas pensões para jovens— jamais mudaria. Não teve jeito: a casa da infância foi demolida para a construção de um edifício, mesmo destino das pensões alegres na orla da praia.

Durante o dia, Sérgio trabalhava no Banco do Brasil. Como cronista da noite, usava terno e gravata, sapatos lustrosos. Nas peladas da praia, pegava no gol, e seus cabelos castanhos claros sempre estavam aparados e alinhados. O melhor jazz era o de Nova Orleans; o melhor samba, o tradicional (ainda não se dizia "de raiz").

Nascido há quase cem anos, em janeiro de 1923, homem do seu tempo, gentil, inteligente e espirituoso, aos olhos de muita gente ele era um conservador —na antiga acepção da palavra, não um "conservador" como conhecemos hoje nas mídias sociais—, cujo comportamento em nada lembrava o anarquismo de Stanislaw Ponte Preta, seu famoso heterônimo. Até que veio o golpe militar de 1964.

Na verdade, Sérgio Porto era um democrata, a quem aquela história de consertar o Brasil e acabar com o comunismo, botando tanques na rua para assumir o poder, não cheirava nada bem.

Com um general na Presidência, o próprio Stanislaw mudaria de tom e conversa, não abandonando as crônicas e anedotas de humor nem seu alvo preferido de antes, a classe ociosa das colunas sociais, mas passando a castigar os novos modos e costumes da "redentora", como ele costumava se referir ao regime recém-implantado.

No mesmo ano de 1964, Stanislaw Ponte Preta publica "Garoto Linha Dura", título que já alude ao ambiente pesado do país, sobretudo à perseguição política, censura e deduragem. "Escolhi para título a história do garotinho que se deixou influenciar pelo mais recente método de democratização posto em prática no Brasil", explica o autor na nota que abre a coletânea.

Pedrinho, o tal garoto linha-dura, para fugir do castigo por ter quebrado uma vidraça jogando futebol na rua, entrega um colega e diz ao pai: "Esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunta nada a ele não. Quando ele vier atender a porta, o senhor vai logo tacando a mão nele".

O texto "Militarização" fecha a antologia. Nele, um homem sonha que não existe mais emprego ou ocupação para civis no país. Era um pesadelo, mas ele acorda gargalhando, e a mulher pergunta o motivo: "É que, no sonho, eu passei em frente de uma boate e tinha um cartaz na porta escrito: 'Hoje sensacional strip-tease com o major Pereira'".

Atuando na imprensa desde 1947 —fez de tudo, da crítica musical a colunas em que selecionava mulheres de maiô, as "certinhas"—, Sérgio Porto preservou a alma de repórter. Algumas de suas melhores crônicas são flagrantes tirados da rua. Daí ter retratado tão bem aquele tempo brasileiro atropelado a uma só vez pela modernidade e pelo atraso. Sem falar nas besteiras.

**Não é preciso arrolar os inúmeros cacos de burrice explícita de Bolsonaro, como ter ido visitar a "Torre de Pizza" e confundido o político John Kerry com o humorista Jim Carrey, para notar as semelhanças com os tempos da redentora**

O Febeapá (Festival de Besteira que Assola o País) surgiu nas páginas da Última Hora de Samuel Wainer, principal vitrine de Stanislaw Ponte Preta. Alimentado pelos leitores que enviavam recortes de jornais e atualizado diariamente, reuniu as façanhas de políticos, militares, funcionários públicos e demais "cocorocas" que gravitavam em torno do poder. A rigor era um relatório, com pequenas histórias absurdas. Hoje, é história do Brasil.

O material publicado em jornal foi depois agrupado em livro em três volumes (1966, 1967 e 1968), também com o título "Febeapá". A mais recente edição, da Companhia das Letras, reuniu todas as crônicas em um só volume.

Historiador honesto, Stanislaw não sabia precisar o dia em que tudo começou: "Notei o alastramento do Festival de Besteira depois que uma inspetora de ensino no interior de São Paulo, portanto uma senhora de um nível intelectual mais elevado pouquinha coisa, ao saber que seu filho tirara zero numa prova de matemática, embora sabendo que o filho era um debiloide, não vacilou em apontar às autoridades o professor da criança como perigoso agente comunista".

Se o fato ocorresse hoje, ninguém estranharia. Em novembro, a Polícia Civil intimou o diretor da Escola Municipal Getúlio Vargas, em Resende (RJ), a prestar depoimento, baseando-se em denúncia anônima encaminhada pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Uma pessoa afirmava que os alunos estariam sendo "expostos a conceitos comunistas" e "ideologia de gêneros". A anônima inspetora de ensino dos tempos da ditadura transformou-se na poderosa ministra Damares Alves do governo Bolsonaro.

O jornalista Sérgio Porto, também conhecido como Stanislaw Ponte Preta, carrega livros sobre jazz, uma de sua grandes paixões Divulgação

Não é preciso arrolar os inúmeros cacos de burrice explícita do presidente —como ter ido visitar a "Torre de Pizza" e confundido o político John Kerry com o humorista Jim Carrey— nem ressuscitar o ex-ministro da Educação que não sabia escrever a palavra "impressionante" (grafava "imprecionante") para notar as semelhanças de estilo, intenção e gesto dos tempos bolsonaristas com os da redentora. O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, não deixa a peteca cair: "É melhor perder a vida do que perder a liberdade".

Na ditadura, quiseram prender Sófocles (que morreu por volta de 406 a.C.), autor de peça clássica, "Electra", considerada subversiva; o filme "Ivan, o Terrível", de Serguei Eisenstein, que conta a história do czar russo que viveu no século 16, teve sua exibição proibida em Belém para impedir que o "credo vermelho" fosse difundido entre nós. É bom ficar só nesses dois exemplos, para não dar munição ao secretário especial da Cultura, Mario Frias.

Até porque a pasta dele, em matéria de besteira, não precisa de incentivo. O braço direito de Frias, o capitão da PM André Porciuncula, ficou revoltado porque a imprensa brasileira repercutiu um comercial natalino da Posten, os correios da Noruega, que mostra o bom velhinho beijando um homem na boca.

Escreveu Porciuncula no Twitter: "Estou verificando cada veículo de mídia que divulgou a cena do São Nicolau (Papai Noel). O santo é parte integrante da fé cristã e, até onde eu sei, desrespeitar a fé alheia ainda é crime. Farei uma notícia-crime contra os envolvidos. A mídia tem de respeitar a fé cristã".

É por isso que, volta e meia, ouvimos em um papo de bar com amigos ou lemos nas redes sociais: o que Stanislaw Ponte Preta diria do Brasil sob Bolsonaro? Uma coisa é certa: ele estaria mais atarefado do que nunca.

Nos seus 45 anos de vida, Sérgio Porto jamais fugiu do trabalho. Ficcionista, jornalista, radialista, teatrólogo, humorista, compositor, roteirista e apresentador de televisão, ele tinha sempre um papel na máquina de escrever, só levantando os olhos dela "para passar colírio".

Para dar conta do governo atual, teria de inventar mais uns dez heterônimos e multiplicar os festivais —das tolices, das asneiras, das bobagens, das estultices, das parvoices, das ignorâncias...

A maior diferença em relação ao passado é que o idiota de hoje faz um julgamento elevado de si mesmo, sente-se orgulhoso da própria idiotia. E as besteiras estão carregadas de maldade. ←

Estudo preliminar de Lina Bo Bardi para o vão livre do Masp Masp/Divulgação

# A arquitetura da convivência

[RESUMO] Mulher, estrangeira e intransigente em seus princípios e opções políticas, Lina Bo Bardi, morta há 30 anos, concretizou a fusão de programa com projeto em arquitetura e deixou uma obra profundamente comprometida com o bem-estar geral e a construção do abrigo humano para todos

Por **Marcelo Ferraz**

Arquiteto e sócio-fundador do escritório Brasil Arquitetura, foi colaborador de Lina Bo Bardi de 1977 a 1992 e dirigiu o Instituto Lina Bo e P. M. Bardi de 1992 a 2001

Muito se falou e se escreveu sobre Lina Bo Bardi nos últimos anos, culminando recentemente na publicação de duas biografias e no prêmio póstumo da Bienal de Veneza, o Leão de Ouro.

Lina morreu há exatos 30 anos, em 20 de março de 1992, ainda pouco conhecida mundo afora. No Brasil, sua obra começava a ser mais reconhecida e respeitada à medida que a importância do Sesc Pompeia, então em seus primeiros anos (o centro de lazer foi inaugurado em duas fases: a primeira em 1982 e a segunda em 1986), se consolidava.

O sucesso de sua intervenção radical no conjunto fabril, construído pelos irmãos Mauser nos anos 1930, era tamanho e tão evidente que não poderia ficar fora da agenda da produção arquitetônica da época e do mundo acadêmico. Mesmo os que tentaram tapar o sol com a peneira tiveram que reconhecer a importância de seu original projeto ao se deparar com uma nova luz no cenário da arquitetura brasileira, brilhando no bairro da zona oeste paulistana.

Os críticos eram, em sua maioria, os que apoiaram os 20 anos de ditadura militar e que viam na cultura de resistência e convivência —na qual Lina sempre militou— um inimigo. Eram, também, figuras do próprio meio profissional e acadêmico que negavam a ela, até então, seu merecido lugar no panorama da arquitetura contemporânea brasileira.

Um lugar de importância mais que óbvio, se mirarmos pelos olhos de hoje, 30 anos depois de sua morte. Afinal, o Masp e o Solar do Unhão já eram obras realizadas, mas não haviam sido ainda digeridas e aceitas em meio às correntes hegemônicas do fazer arquitetônico brasileiro.

Lina sempre foi um caso à parte e sabia perfeitamente seu lugar, onde devia estar e acompanhada de quem. Quando se negava a participar de eventos ou publicações que a colocavam no segundo ou terceiro escalão de profissionais brasileiros, diante de nossa insistência para que ela participasse, não hesitava em dizer: "Se for com Niemeyer ou Lucio Costa, eu topo".

O fenômeno Lina está em processo de decantação e há ainda muito de sua obra a ser esmiuçado e compreendido. Mulher, estrangeira, casada com um poderoso e polêmico diretor do mais importante museu de São Paulo, o Masp, discreta e recolhida em sua casa e seu trabalho, mas alimentando lendas e mitos, intransigente em seus princípios e opções políticas, Lina incomodava muito. Uma vez morta, abriu-se o espaço para bons trabalhos críticos, mas também para sua folclorização.

Com os novos ares trazidos ao país pelo fim da ditadura militar, o Sesc Pompeia apontava a arquiteta que fundia programa com projeto, sem possibilidade de separação, em uma retroalimentação mútua que resultava em arquitetura de uso pleno, arquitetura em que todos se sentem em casa, em que todos compartilham e são acolhidos ao mesmo tempo.

Uma verdadeira ação arquitetônica, nos moldes das vanguardas europeias do começo do século 20, retomando a discussão em torno da ideia de obra de arte total, a "Gesamtkunstwerk" de Wagner, ou do Teatro Total, de Gropius e Piscator. Imbuída desse espírito e já com três décadas de Brasil na bagagem, Lina enfrentava a difícil realidade de terceiro-mundista.

Muitos poderiam dizer que toda arquitetura sempre foi feita assim: programa e depois projeto. Onde está a diferença? Talvez, revelando um pouco do método de trabalho de Lina, seja possível arriscar argumentos que fazem diferença nos resultados.

Lina começava seus projetos pelo fim. Explico: seu programa consistia em visualizar o projeto pronto e, mais que isso, em uso; pessoas em ação nos espaços, convivendo, se divertindo, criando. Sim, criando, porque a arquitetura não se encerra com o fim das obras, ela se faz viva e vital a partir do momento em que é habitada, no uso e na experiência do espaço.

Lina nunca quis para a arquitetura o simples recipiente de funções, mas algo além: um propulsor de ações, movimentos, encontros, criações e até tensões, arquitetura para fazer pensar, provocar os neurônios. São muitas as polêmicas sobre seus trabalhos, que vão dos cavaletes de vidro do Masp às cadeiras duras do teatro do Sesc Pompeia, passando pelas soluções "pobres", como costumava dizer em tom provocativo sobre a Igreja do Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, ou chamando de feios o Masp e as torres de concreto do Sesc Pompeia.

Para ilustrar esse método —começar pelo fim—, cito alguns projetos. No centro histórico de Salvador (1986), Lina desenhou (projetou) uma cena de crianças brincando na praça municipal, tomando banho em uma cascata chamada por ela de "cachoeira de Pai Xangô".

Na reforma do Palácio das Indústrias, em São Paulo (1989), para abrigar a prefeitura municipal, ela começou com a imagem de crianças correndo atrás da banda da Polícia Militar em volta do palácio que, para ela, lembrava um castelinho de brinquedo.

No concurso para o pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Sevilha (1991), Lina iniciou o projeto com o elenco das comidas que seriam servidas aos visitantes — os sorvetes e os sucos de frutas nativas brasileiras, a mandioca em suas infinitas possibilidades gastronômicas e por aí afora.

Muitos são seus estudos aquarelados e anotações de eventos e cardápios para as festas de inauguração de seus projetos, como na Casa do Benin e no Teatro Gregório de Mattos, na Bahia, ou no Centro de Convivência em Cananeia. Os projetos propriamente ditos viriam em seguida ou à medida que as imagens fossem se afirmando como os verdadeiros programas.

Veja, ainda, em uma das inúmeras anotações de Lina com reflexões sobre os mais variados temas, como ela via a arquitetura nessa perspectiva de programa/projeto: "Para um arquiteto, o mais importante não é construir bem, mas saber como vive a maioria do povo. O arquiteto é um mestre de vida, no sentido modesto de se apoderar de como cozinhar o feijão, como fazer o fogão, ser obrigado a ver como funciona a privada, como tomar banho. Ele tem o sonho poético, que é bonito, de uma arquitetura que dá um sentido de liberdade".

O fato, porém, é que Lina estava nadando contra a corrente em seu tempo de atuação. Combateu fortemente o movimento pós-moderno na arquitetura, acusando seus membros de irresponsáveis diante do "esforço enorme da humanidade em construir um mundo mais justo", livre, sem a exploração dos homens e sem fome.

Em uma de suas anotações, diz: "A dureza, a não elasticidade do sistema ocidental é a causa da não aceitação das vicissitudes humanas. Vide o episódio do Post Modern na arquitetura. Philip Johnson acordou de repente, com 70 anos. Teve medo, o tempo passa — com 70 anos é preciso ser conservador, 'rever' o passado".

Sua formação europeia no entreguerras e a vivência dos tempos duros da Segunda Grande Guerra marcaram indelevelmente a sua personalidade. Em uma entrevista ao cineasta Walter Lima Jr. para o documentário "Arquitetura — A Transformação do Espaço" (1982), Lina disse:

"Uma nova arquitetura deveria ser ligada ao problema do homem criador dos seus próprios espaços; uma arquitetura de conteúdos puros, conteúdos que criassem as próprias formas. Uma arquitetura na qual os homens livres criassem os próprios espaços. Esse tipo de arquitetura requer uma humildade absoluta da figura do arquiteto, uma omissão do arquiteto como criador de formas de vida, como artista, e a criação de um arquiteto novo, um homem novo ligado a problemas técnicos, a problemas sociais, a problemas políticos, que abandone completamente a enorme herança mesmo do movimento moderno, que acarreta umas amarras enormes, que são as amarras que produzem a atual crise da arquitetura ocidental. Eu digo ocidental porque o Brasil está tomando parte de uma crise geral da arquitetura que não é somente brasileira, que é uma crise de formalismo, de pequenos problemas, de involuções individuais que nada têm a ver com os problemas do homem atual".

Essa consciência, por outro lado, é que lhe fazia "livre de amarras", como costumava dizer. Não devia seguir moda, modelos, estilos e nem "procurar a beleza, somente a poesia". Ao projetar, procurava mergulhar fundo na realidade do projeto, na geografia física e humana do lugar, tirar daí todas as soluções, ir ao encontro dos anseios, desvendar o programa não evidente, não óbvio. Assim Lina se livrava das amarras. Seu compromisso arquitetônico sempre foi pautado pelas demandas humanas, explícitas e não explícitas.

Isso explica muito de seu sucesso nos dias de hoje. Depois de assistirmos à decadência dos projetos mirabolantes da "arquitetura show", que dominou a cena nas últimas décadas, vemos movimentos de arquitetos e promotores da arquitetura se voltarem àquele fundamento-base —a criação do abrigo humano, seja ele casa ou cidade. Isso está cada vez mais nítido nas bienais, nas indicações e premiações de arquitetos, projetos e ações. Os últimos prêmios Pritzker, o mais importante da área, exemplificam esse movimento.

Em tempos duros, como o que estamos vivendo, as vísceras da sociedade —em nível planetário— se expõem, as mazelas estão por toda parte, a concentração de riqueza nas mãos de poucos é um escárnio. A solidariedade tem que gritar mais alto.

Precisamos de arquitetura e arquitetos que, como Lina, se coloquem a serviço do bem-estar geral, da construção de cidades que não segreguem, que promovam a tolerância entre os diferentes, enfim, que dignifiquem e abriguem a todos indiscriminadamente em uma atitude não somente estética, mas, sobretudo, política.

É utopia? É sonho? Sim, a boa arquitetura sempre foi feita de sonhos. Depois de 30 anos, essa continua sendo a atualidade de Lina. ←

**Lina nunca quis para a arquitetura o simples recipiente de funções, mas algo além: um propulsor de ações, movimentos, encontros, criações e até tensões, arquitetura para fazer pensar, provocar os neurônios**

Adobe Stock

# Estrangeiro vê chances de negócio no país, mas burocracia ainda é entrave

## Mercado para pequenos e médios é mais aberto e tem menos proteção contra capital de fora

Flávia G Pinho

SÃO PAULO Estrangeiros que escolheram o Brasil para viver e empreender investiram mais de R$ 1,6 bilhão por aqui entre 2011 e 2021. O dado, do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), mostra que o país tem oportunidades para o empresário de fora.

Foi o que enxergou o engenheiro americano Christopher Spikes, 43, quando visitou o Brasil em 2010, numa viagem de negócios, ainda como funcionário da consultoria Bain & Company. "Já voltei aos EUA disposto a abrir uma empresa no país, só não sabia de quê. Nem sequer falava português", conta.

Depois de fazer uma imersão para aprender a língua, Spikes voltou para São Paulo, onde viveu entre 2012 e 2014 como diretor no Brasil do site de compras coletivas Groupon (hoje mora no Rio). Esportista, ele não demorou a descobrir onde estava a oportunidade que buscava.

"Notei que faltavam no mercado nacional roupas esportivas para atletas de alta performance com modelagem para o estilo e o gosto das mulheres brasileiras", conta. Assim, Spikes vendeu um apartamento que tinha nos EUA e, com R$ 450 mil, abriu a Authen. A empresa cresce em ritmo acelerado: 130% entre 2020 e 2021.

As roupas esportivas, que ajudam a evitar lesões, estão em 400 pontos de venda, entre lojas físicas e online.

Durante o tempo em que morou em São Paulo como funcionário da Groupon, Spikes teve a chance de antecipar algumas das dificuldades que enfrentaria como empreendedor. Ainda assim, confessa, foi mais difícil do que o esperado.

"Quando você vai colocar a mão no fogo, sabe que vai doer. Mas não imaginei que doeria tanto, o Brasil não é mesmo para principiantes", afirma.

O aspecto mais desafiador, diz ele, foi a burocracia para abrir a empresa. "Você precisa do CNPJ para ter um endereço fiscal, mas deve ter um endereço fiscal para abrir o CNPJ. Vivi umas 18 situações parecidas. O Brasil poderia destravar o seu crescimento reduzindo a burocracia."

Dominar o idioma também não foi fácil. Ele conta que, já com a Authen em operação, demorou até se sentir seguro para conduzir uma reunião. "Até hoje não entendo piadas e tenho dificuldade com alguns sotaques", confessa.

Continua na pág.2

## Veja depoimentos de quem escolheu empreender no Brasil

**LEA MARIA JAHN, 26**
alemã, é humorista e tem 1,6 milhão de seguidores no TikTok

### 'SINTO QUE MUDEI UM POUCO E JÁ BRINCO MAIS. O ALEMÃO É TODO CERTINHO'

Conheci meu marido, Juliano, que é brasileiro, na Nova Zelândia. Moramos um tempo na Alemanha e já estou há cinco anos no Brasil. No início eu não falava nada de português, aprendi conversando com as pessoas. Sinto que mudei um pouco no Brasil e já sou mais aberta, brinco mais. O alemão é todo certinho e misturar piada e trabalho não é nada profissional. Em 2017 abrimos nosso primeiro espaço de comédia em São Paulo, o Salamaleico. Minha rotina durante três anos foi ir até lá para assistir aos outros. Era divertido. Mas eu achava que, por ser alemã, mais séria, não ia conseguir fazer a plateia rir. Em 2019 nós abrimos o Paulista Comedy Club, por onde passaram muitos comediantes, e eu pensei em tentar também. Os primeiros oito minutos do meu [espetáculo de] stand up "O que os alemães pensam sobre o Brasil" viralizaram, e a galera quis ver o show. Mas a pandemia chegou, nós fechamos, e eu comecei a fazer vídeos online. No início a gente ganhava dinheiro só com ingressos dos espetáculos. Depois do meu vídeo, fizemos parcerias com várias marcas e hoje 70% da nossa renda vem da publicidade. Também criamos o Bad Trip, show de stand up que rodou o Brasil em 2021. Queremos nos apresentar na Europa e a ideia é gravar tudo e oferecer o material a plataformas de streaming. **TMM**

**MATE PENCZ, 35**
húngaro, é cofundador da Loft, plataforma digital de compra e venda de imóveis

### 'FUI CONVENCIDO DE QUE O BRASIL SERIA UM BOM LUGAR PARA EMPREENDER'

Venho de uma família de imigrantes. Nasci em Budapeste e aos três anos me mudei com meus pais para a Alemanha, onde cresci. Sempre me senti confortável no desconforto de morar em um país diferente, que traz oportunidades e desafios. Ganhei uma bolsa para estudar fora, em Harvard (EUA) e conheci meu sócio, Florian [Hagenbuch, alemão], em um estágio em Nova York, em 2008. Eu sempre me senti um cidadão do mundo. Depois passei um ano e meio em Londres, no mercado financeiro, e juntei dinheiro. Eu queria empreender, criar a minha própria empresa. O Florian também tinha esse desejo de começar algo do zero. Ele já conhecia o Brasil, tinha morado aqui por um tempo, e me convenceu de que o Brasil seria um bom lugar para empreender. Entre 2010 e 2011, o Brasil parecia estar decolando, e a gente notou uma escassez de empresas de tecnologia no país. Foi quando criamos a Print [ecommerce de produtos gráficos]. Em 2018, nos desligamos da empresa, começamos a investir em outras startups e fundamos a Loft. E começamos a nos dedicar à Loft como potência, como empresa brasileira que poderia ter sucesso internacional e transformar o mercado imobiliário. No ano passado expandimos para o México e temos outros projetos de expansão. **PRM**

**OLGA KOVALENKO**
russa, é youtuber no canal Olga do Brasil, que tem mais de 600 mil seguidores

### 'NOS DOIS PRIMEIROS ANOS EU NÃO RECEBIA NADA. NÃO SABIA QUANDO GANHARIA OS PRIMEIROS R$ 20'

Eu me mudei para o Brasil em 2019, quando recebi uma proposta de uma empresa americana, para trabalhar como tradutora. Não era bem remunerada, mas vim pela oportunidade de conhecer uma nova cultura. Trabalhava durante o dia e, à noite, produzia conteúdo para o meu canal no YouTube, que tem como objetivo a troca cultural. Nos dois primeiros anos eu não recebia nada, tinha poucas visualizações, entre 100 e 500. Eu fazia o roteiro, traduzia, editava e não tinha previsão de quando receberia os meus primeiros R$ 20. O importante do processo é a constância. Quando o canal começou a crescer, muitas marcas e agentes passaram a entrar em contato. Fiz parcerias e vendi alguns anúncios —já trabalhei com a Claro, por exemplo. Conquistei uma credibilidade e cuido disso dia após dia. Não vou recomendar para os meus seguidores algo que eu não tenha gostado de usar. Com a guerra na Ucrânia, surgem muitas fake news sobre os russos, e eu tenho compartilhado no canal informações que a minha família, que está na Rússia, tem me enviado, sobre o cotidiano deles [na última segunda-feira, Olga relatou em um vídeo que seus tios receberam a visita de um funcionário do governo russo pedindo informações sobre ela e que não estava claro se era uma ameaça ou apenas uma coincidência]. **TMM**

## Estrangeiro vê chances de negócio no país, mas burocracia ainda é entrave

Continuação da pág. 1

Ele vê, ainda, a dificuldade para encontrar mão de obra qualificada como oportunidade de capacitação. "Hoje, tenho uma empresa onde os colaboradores sabem que vão se desenvolver em ritmo rápido", diz. Ele tem 50 funcionários.

O casal de chineses Xiaoxiong Jin, 33, e Shen Lei, 34, já conhecia bem o Brasil quando abriu a primeira loja de bijuterias Le Briju, em 2016. Os dois, que adotaram os nomes Jefferson Jin e Ana Shen, vivem em São Paulo desde a adolescência e fizeram faculdade de economia e administração, respectivamente, por aqui.

Nem por isso o desafio foi menor. "O Brasil tem mais oportunidades que qualquer outro país, justamente porque o ambiente é tão hostil, com leis complexas. Aí muita gente desiste", avalia Jin.

O olhar de estrangeiro ajuda a enxergar lacunas do mercado. Ana, por exemplo, diz ter notado que a brasileira compra com frequência e dá preferência a acessórios mais jovens, coloridos e chamativos.

Na hora de elaborar o plano de negócios, o casal levou em conta as diferenças culturais e diz que acertou. A primeira unidade, no shopping Pátio Paulista, foi aberta com catálogo extenso e lançamentos semanais. Deu tão certo que a primeira filial foi inaugurada cinco meses depois, no shopping West Plaza.

E a rede não parou de crescer. Já são oito lojas próprias. Os cerca de 5.000 modelos à venda, nacionais e importados, têm preços entre R$ 10 e R$ 1.000. O ticket médio é de R$ 150, e cerca de metade do catálogo vem da China. Em 2021, a empresa faturou R$ 6,7 milhões e a projeção para este ano é de R$ 9 milhões.

Apesar das dificuldades para lidar com a burocracia brasileira, Jin tem planos ambiciosos e desde 2021 é franqueador. A primeira franquia foi aberta em 2021, em São Caetano do Sul (ABC paulista), e outra será inaugurada em abril, em Manaus. A meta é ter 90 em cinco anos.

"Não é fácil lidar com o jeitinho brasileiro. Mas o Brasil está melhorando. Há alguns anos, era quase impossível fechar uma empresa, o que já não acontece. As leis trabalhistas avançaram", diz Jin.

As oportunidades estão também no universo digital. Nascido na Alemanha e formado em Harvard, nos EUA, Jan Krutzinna, 47, fundou em 2014 a startup ChatClass.

É uma ferramenta de aprendizado que pode ser usada para vários fins, desde aulas de idiomas até aperfeiçoamento para funcionários de empresas. Os conteúdos são transmitidos via WhatsApp.

A afinidade do brasileiro com os meios digitais, diz Krutzinna, e a popularidade do aplicativo no país, foram decisivas para o negócio.

"Desenvolver pessoas através da educação sempre foi minha paixão, e o Brasil tem muito potencial humano, com enormes desafios estruturais. Ajudamos a treinar profissionais que não têm mesa nem laptop. Basta ter smartphone."

A pandemia proporcionou um salto para o crescimento da ChatClass. No período, Krutzinna assinou contrato com empresas como Faber-Castell, Stone e Empiricus. Seus conteúdos sobre sustentabilidade, educação financeira, gestão e vendas chegaram a mais de 180 mil pessoas.

Quando desembarcou no Brasil, o alemão sabia o que o esperava. Nos EUA, ele trabalhou na ONU e foi coautor de um relatório sobre o impacto do empreendedorismo nos países em desenvolvimento.

"A burocracia deve, em tese, evitar fraudes, mas elas seguem existindo. Assim como simplificou processos para os MEIs, o governo deveria adotar a mesma lógica para as startups", afirma.

Para Thiago Batista e Rodolfo Andrade, diretores da BrazilBS, assessoria especializada em imigração e gestão de negócios, a burocracia é a maior pedra no caminho dos estrangeiros que investem no Brasil.

"Há em qualquer lugar, mas somos referência em burocracia redundante. Você preenche um formulário que te autoriza a preencher outro. O estrangeiro demora a compreender", diz Andrade.

A dificuldade varia conforme o estado. São Paulo, diz Andrade, está entre os mais eficientes. Outros são referência em determinados setores.

Mas, de forma geral, o Brasil está cada vez mais aberto a investidores imigrantes, avalia Batista. "Para empresas grandes, entrar aqui ainda é difícil, há muita proteção de mercado. Mas o mesmo não acontece com investidores de pequeno porte, e eles sabem bem as oportunidades."

> Não é fácil lidar com o jeitinho brasileiro. Mas o Brasil está melhorando. Há alguns anos, era quase impossível fechar uma empresa, o que já não acontece. As leis trabalhistas avançaram
>
> **Jefferson Jin, 33**
> fundador da Le Briju

O chinês Jefferson Jin, 33, fundador da loja de bijuterias Le Briju, na unidade do shopping Pátio Paulista Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

## Saiba requisitos para investidor que vem de fora abrir empresa no Brasil

**Marília Miragaia**

SÃO PAULO Estrangeiros em diferentes situações podem abrir empresas no Brasil. Há exigências específicas de cada caso —para quem já reside no país ou busca um visto de negócios ou de refugiado—, mas todos devem observar as restrições de atividades para quem não é brasileiro.

Há cerca de 75 mil empresas da modalidade MEI (microempreendedor individual) formalizadas por estrangeiros no país, segundo a Receita Federal. Para Ariane Vilhena, analista do Sebrae Minas, o número vem crescendo porque é uma opção gratuita e simplificada de formalização, capaz de atender quem não tem muitos recursos ou chega ao país em situação de vulnerabilidade.

O MEI pode ser aberto pela internet (no portal gov.br) e requer que o estrangeiro tenha um documento de identificação no Brasil: Carteira de Registro Nacional Migratório (CRNM), documento provisório de Registro Nacional Migratório ou protocolo de solicitação de refúgio.

Também é necessário ter CPF, mas estrangeiros podem ser dispensados de algumas formalidades aplicadas a brasileiros, como apresentação de recibo da declaração do Imposto de Renda. "Ele [estrangeiro] não vai precisar cumprir algumas exigências que poderiam impedi-lo de abrir a empresa. Nesse sentido, o MEI é uma política pública de inclusão", diz Vilhena.

É importante frisar, continua a analista, que todos os outros requisitos convencionais que regulam o MEI devem ser cumpridos —como o limite de faturamento anual (atualmente R$ 81 mil) e o tipo de atividade (lista disponível no site do governo federal).

O estrangeiro interessado em abrir outra modalidade de empresa no Brasil —EI (Empresário Individual) ou Sociedade Empresária Limitada (LTDA), por exemplo— também pode formalizar o negócio, desde que tenha a documentação que comprove sua residência legal no país, afirma Charles Gularte, vice-presidente de operações da Contabilizei, que dá assessoria a pequenas e médias empresas.

O caminho para a formalização ocorre da mesma maneira: é preciso pedir autorizações e alvarás municipais e estaduais, quando necessários, e registrar um CNPJ e o contrato social da empresa.

O perfil de estrangeiro que costuma atender, diz Gularte, é de profissionais do setor de serviços, em especial de tecnologia, que trabalham com gamificação ou experiência do usuário. "Este é um mercado aquecido dentro e fora do país, e o Brasil oferece uma possibilidade de atuação muito grande, porque não forma especialistas o suficiente para atender à demanda."

Quando se trata do tipo de atividade, existem restrições parciais ou totais para que estrangeiros atuem em determinados setores. É o caso da navegação de cabotagem (feita entre portos de um mesmo país), que pode ter apenas brasileiro como titular individual —no caso de sociedade, ao menos 50% mais uma quota ou ação devem pertencer a brasileiros, que têm de constituir maioria na administração ou ter poder de gerência. Empresas de mineração e de transporte rodoviário de cargas são outros exemplos de atividades que apresentam limitações.

Muitas dessas condições têm como fundamento histórico a proteção a atividades estratégicas, relacionadas à soberania do país, diz Daniel Tavela Luís, professor do curso de direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e sócio da MLuis Advogados Associados.

Por fim, quem deseja pleitear um visto de negócios precisa comprovar capacidade de investimento —cerca de R$ 500 mil, valor que pode cair se a empresa se dedicar ao ramo de inovação. Neste caso, o plano de negócio deve se comprometer com o desenvolvimento de tecnologia no país, diz o especialista.

"Vale o raciocínio: se você quer desenvolver suas atividades no Brasil como efetivo residente, deve gerar empregos no país", explica Luís.

Tatiana Fujita, 40, administra a Livraria Sol, fundada pelo avô no bairro da Liberdade, na região central de São Paulo, em 1949

# Lojas tradicionais querem inovar sem esquecer cliente antigo

## Com filhos e netos, empresas fundadas há décadas por imigrantes buscam novidades sem perder características

**Marina Costa**

SÃO PAULO Abertos há décadas, negócios fundados por imigrantes de diferentes países buscam se modernizar sem abrir mão das tradições que os caracterizam. Para os atuais administradores, o foco é ampliar a presença digital em lojas virtuais e redes sociais.

Especializada em livros, revistas e artigos de papelaria japoneses, a Livraria Sol também divulga produtos no Instagram e vende pela internet, mas é na loja física, onde trabalham nove funcionários, que Tatiana Fujita, 40, percebe os laços com os clientes, sejam eles pertencentes ou não à comunidade nipônica.

Fundada em 1949 a partir da percepção do avô de Tatiana, Yoshiro Fujita, de que imigrantes como ele sentiam falta de ler em japonês, e localizada desde o início no mesmo ponto no bairro da Liberdade, em São Paulo, a Sol até hoje atende isseis (primeira geração de imigrantes japoneses) com seus filhos e netos.

Sob a gestão de Tatiana, que estudou administração de empresas, a livraria também está atenta a novas demandas dos clientes. Ela conta que livros didáticos para estudantes de japonês e mangás (histórias em quadrinhos japonesas) são os itens mais buscados, inclusive por brasileiros que gostam e estudam a cultura e querem aprender o idioma.

"A gente sempre vendeu o mangá, mas a venda tem aumentado cada vez mais, porque entrou na moda do brasileiro. Antes, era mais para japonês e descendente de japonês, mas hoje todos gostam."

Para Enio Pinto, gerente de relacionamento com o cliente do Sebrae, conhecer as novas demandas dos clientes, levar a marca para o ambiente digital e aprimorar a gestão com técnicas de administração novas e especializadas são as principais contribuições que podem ser feitas pelos sucessores em empresas tradicionais.

Por outro lado, estes também são desafios, já que as mudanças devem ser feitas de modo a conservar as tradições e a qualidade entregues pelo fundador.

A inovação pode ser buscada, diz o especialista, com parcerias com outras lojas que tenham itens complementares, para oferecer vouchers de desconto, sempre pensando em melhorar a experiência de consumo e abraçar hábitos das gerações mais jovens.

"Os millennials [nascidos entre 1981 e 1995] são muito focados na experiência. Quando vão adquirir qualquer coisa, querem o benefício do produto, mas também a experiência da aquisição em si."

Manter as características de uma empresa antiga mesmo com a modernização é também preservar os diferenciais que cultivaram os chamados advogados de marca —clientes engajados que frequentam o local e o recomendam aos outros. Se se afastam disso, as empresas correm o risco de quebrar, diz o especialista.

"O ideal é manter as tradições, agregar gestão profissionalizada e fazer a transformação digital do negócio, mas se isso compromete de alguma maneira o que era entregue, é melhor manter mais 'jurássico', em termos de gestão, porque aquilo viabilizou o seu sucesso até então."

As peças da alfaiataria Plas são feitas de forma artesanal, em pequenas remessas, desde que o imigrante francês Maurice Plas abriu o ateliê na rua Augusta, em São Paulo, em 1954. Hoje, os chapéus, boinas e camisas são confeccionados por Robert, 57, enquanto a administração fica a cargo de Maurice, 55, ambos filhos do fundador.

O principal canal de vendas é a internet. Em 2020, com a pandemia, a loja foi fechada, mas há um showroom (espaço físico que funciona como mostruário) na Vila Cordeiro (zona sul) para quem deseja experimentar uma peça antes de comprar. O atendimento é com hora marcada.

Segundo Maurice, o negócio manteve a clientela mesmo com o fechamento do ponto na rua Augusta. Isso, diz ele, é reflexo do trabalho que fez enquanto atuava com o pai, morto em 2015. Ainda nos anos 2000, antes das redes sociais, ele apostava no contato com os clientes via email, enviando fotos dos produtos.

"Papai era aquele comerciante bem à moda antiga. Ficava na frente da loja olhando e abordando as pessoas, então via [a web] com muita descrença no começo. Quando viu que as pessoas estavam chegando pela internet, começou a mudar de opinião e a gostar", conta Maurice.

A loja ganhou uma página simples, pela qual as pessoas consultavam endereço, telefone e pediam por email para ver os produtos, também nos anos 2000. Foi apenas em 2017 que o site foi reformulado para hospedar o ecommerce. Para o futuro, Maurice pretende ampliar a presença da alfaiataria nas redes sociais, sobretudo no Instagram.

Enio Pinto, do Sebrae, ressalta que outro desafio para as empresas tradicionais é garantir que a experiência digital seja tão boa quanto o serviço oferecido presencialmente. Nesse contexto, ele avalia que um ponto físico continua sendo importante, algo de que não se pode abrir mão.

"No negócio tradicional, a loja física é a embaixada da marca. Mais do que qualquer outro, esse tipo de negócio precisa ter um ambiente presencial para entregar uma experiência completa."

Um dos planos de Murilo Campos, 28, é ampliar o acervo da Livraria Calil e ocupar mais salas em um prédio comercial na República, centro de São Paulo. Com a mãe, Maristela Calil, 60, ele administra a livraria fundada pelo avô descendente de libanês em 1949 e especializada em compra, venda e restauração de obras raras.

Na transição entre as três gerações, ele percebe diferenças na gestão e no relacionamento com os produtos. "Meu avô nunca deu preferência à venda. Ele mantinha os livros de que gostava aqui na livraria e, por isso, acabou formando uma grande biblioteca."

Murilo avalia que a mãe tem mais aptidão em reconhecer obras raras, enquanto a ele cabe implementar tecnologias de organização do acervo, que agilizam a tarefa de encontrar títulos na estante. A loja também vende online, numa plataforma de livros usados, o que garantiu crescimento de 300% em 2020, diz ele.

"Neste ano, a gente focou livros do modernismo na internet por causa da Semana de 1922", conta. Ele afirma, ainda, que pretende produzir conteúdo para as redes sociais divulgando o negócio e compartilhando informações sobre o nicho de obras raras.

> Papai era aquele comerciante bem à moda antiga. Ficava na frente da loja olhando e abordando as pessoas, então via [a web] com muita descrença no começo. Quando viu que as pessoas estavam chegando pela internet, começou a mudar de opinião e a gostar
>
> **Maurice Plas**
> administrador da alfaiataria Plas

### Veja depoimentos de quem escolheu empreender no Brasil

**REGAN ZANES, 32**
americano, é criador de conteúdo digital sobre turismo

**'MINHA PAIXÃO É VIAJAR PELO PAÍS E MOSTRAR SEUS LUGARES INCRÍVEIS [PARA OS ESTRANGEIROS]'**

Em 2014 eu trabalhava em uma companhia nos EUA que tinha um programa de rotação de funcionários da área de finanças. Tínhamos que passar um tempo em outras cidades, e Belo Horizonte estava na lista. Nenhum dos meus amigos queria vir para o Brasil, a gente nem sabia onde BH ficava, mas eu vi uma oportunidade de conhecer um novo lugar. O povo brasileiro é o mais doce que eu já vi, é fácil fazer amigos. Viajei muito por Minas Gerais, encontrei lugares lindos e percebi que o mundo não conhece o Brasil. Comecei a compartilhar fotos e vídeos documentando a natureza, falando sobre como eu me sinto aqui. Após seis meses, tive que voltar para Chicago, mas já havia decidido viver no Brasil. Procurei outra empresa que tivesse filial aqui e em 2018 consegui uma transferência. Um ano depois eu entendi que não queria mais trabalhar em escritório. Minha paixão é viajar pelo Brasil e mostrar seus lugares incríveis. Quando o gringo procura informações sobre a Serra do Cipó (MG) ou Ilhabela (SP), ele não encontra, é difícil para a gente. Então comecei a me dedicar 100% à minha conta @thegringoinbrazil, no Instagram. Com o tempo, fui fazendo parcerias, mas eu recebo em reais, infelizmente [risos]. No futuro, penso em ter uma agência de turismo e talvez uma marca de roupas. **TMM**

**NATTANAELLA VERDUGA, 26**
americano-equatoriana, é criadora da Sh'T Happens, marca de streetwear

**'BUSCO A COMBINAÇÃO PERFEITA ENTRE O QUE É GRINGO E O QUE É BRASILEIRO'**

Numa viagem a Paris, conheci brasileiros que me convenceram a visitar o Brasil. Cheguei em 2015, achando que passaria 20 dias, mas foi só conhecer o Rio para perceber que queria morar aqui. Não tinha muito dinheiro, meu meio de transporte era o skate. Gosto de conversar, e aprender português foi fácil. A marca Sh'T Happens surgiu quando recebi uma herança do meu avô e queria fazer algo útil com o dinheiro. Eu estava me conhecendo melhor, entendendo meu estilo. Na época, quando contei para a minha família que sou bissexual, senti pela primeira vez que podia ser eu mesma e me vestir como quisesse. Passei um ano estudando moda, marketing e administração para abrir a loja, já que não sabia nada sobre isso. Sabia só que eu queria vender roupas do estilo que eu gosto, o streetwear, a moda da rua. Foi um processo pessoal. Percebi que nas minhas criações havia influência da moda do Bronx, em Nova York, onde vivi na infância. A loja tem cada vez mais sucesso online, mas ainda é pequena e sou eu que faço tudo. Também trabalho com audiovisual. No começo da quarentena, fiz um TikTok de brincadeira com um amigo e me identifiquei como Gringa Carioca. Hoje tenho mais de 100 mil seguidores e faço vídeos falando sobre a cultura brasileira do meu ponto de vista. **IL**

**DIMITRI MUSSARD, 38**
francês, é CEO da Abacashi, plataforma de vaquinhas online

**'TEM QUE SER IDEALISTA. VOCÊ NÃO VAI FAZER ALGO QUE PENSA QUE PODE DAR ERRADO, NÃO É?'**

Há 14 anos saí do meu emprego, em uma instituição financeira na França, para explorar outros continentes e mercados. E coloquei o Brasil na minha rota. Uma vez aqui,tive a ideia de criar um projeto para conectar marcas de moda ao público consumidor nacional. O câmbio estava favorável, então a gente conseguiu fazer isso muito bem. Criamos em 2008 a Acaju do Brasil, importamos mais de 200 marcas, e essa foi a minha primeira experiência de no país. O site ainda existe, mas a loja física foi fechada em 2020. Em 2013, abri com o meu sócio, Nicolas De Virieu, também francês, uma rede de gelateria italiana, que acabamos vendendo depois. Em 2017 começamos a trabalhar em outro projeto, a Abacashi, empresa 100% brasileira. Hoje, é minha prioridade. Nós estamos aqui para ajudar as pessoas, para somar em projetos sociais, e isso ficou muito forte com a pandemia. E para nós é isso que interessa, o impacto social. Nesses 14 anos no Brasil tive a oportunidade de trabalhar com importação, distribuição, varejo, investimento de capital nacional e câmbio. Eu brinco e digo para o meu sócio que isso vale como um mestrado. Para ser empreendedor, tem que ser bem louco e idealista. Você não vai fazer algo que você pensa que pode dar errado, não é? **PRM**

A senegalesa Sokhna Serigne Kene Ndiaye em sua loja África Arte, em Laranjeiras, na zona sul do Rio de Janeiro Lucas Seixas/Folhapress

# De acadêmico a ativista, africanos valorizam raízes no setor da moda

## Apesar das dificuldades para obter crédito, empreendedores também têm planos de crescimento

**Eduardo Sodré**

SÃO PAULO As histórias de empreendedores africanos no Brasil têm origens tão diferentes quanto os países do continente. Em um olhar sobre o setor de moda, encontram-se desde acadêmicos que se tornaram microempresários até refugiados que optaram pelo comércio em busca de uma vida nova. Em comum há a dificuldade em lidar com as regras locais em um momento hostil para os negócios.

"Acredito que o denominador comum de todos os empreendedores são os desafios que temos de superar o tempo todo. E ser estrangeira, mulher negra e africana fazem as dificuldades aumentarem", afirma a senegalesa Sokhna Serigne Kene Ndiaye, proprietária da África Arte.

Ela chegou ao Brasil em 2004, com o marido, Mamour Sop Ndiaye. Ele, que já havia se graduado em engenharia elétrica pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), retornou ao país para fazer mestrado e doutorado.

O casal iniciou o negócio para ajudar a pagar os estudos. Hoje Mamour é professor universitário, enquanto Sokhna administra a grife. Além de ter uma loja física em Laranjeiras, bairro da zona sul do Rio, a empreendedora aumentou o alcance da marca por meio de vendas online.

"Já trabalhei com vários produtos do continente africano, como cestaria, máscaras, tecidos e moda em geral, mas acabei focando moda para melhor planejar e gerenciar o trabalho", conta. "Temos praticamente 250 mil seguidores nas redes sociais, além de 10 mil clientes cadastrados no WhatsApp e no email."

Embora tenha experiência comercial no Brasil, Sokhna ainda encontra dificuldade para obter crédito, situação agravada pela alta da taxa Selic. "Em geral, não há acesso [a crédito], e, quando temos, os juros são desumanos."

As taxas elevadas desmotivaram Benazira Djoco a buscar financiamentos. Nascida na Guiné-Bissau, ela é estilista e dona da grife de moda praia que leva seu nome.

"Não quero pegar crédito, tenho outro tipo de ideia para investir. Sei dos perigos e sou muito pé no chão", afirma.

Ela chegou ao Brasil ainda adolescente para concluir os estudos após ter passado por períodos de guerra em seu país. Além de cuidar da sua empresa, Benazira é ativista social e busca orientar outros imigrantes africanos.

"Uma das coisas que as pessoas sempre comentam comigo é que querem se tornar MEI [microempreendedor individual], mas estão com os documentos vencidos. Eu as aconselho a fazerem capacitação e mentoria para terem um norte", diz ela, que menciona o Sebrae e o Acnur (Alto Comissariado da ONU para os Refugiados) como alternativas a quem precisa de apoio.

Vanessa Tarantini, associada de soluções duradouras do Acnur, confirma que um dos primeiros desafios é regularizar o negócio.

Embora não haja um levantamento oficial, Vanessa diz que, nos eventos de capacitação promovidos pelo Acnur, cerca de 40% dos estrangeiros presentes não têm empresa registrada. Uma das barreiras é a dificuldade em entender as regras do Brasil. As informações disponíveis, diz, não são suficientemente claras.

"Ainda que não sejam reconhecidos como refugiados, os estrangeiros podem ter o MEI ou ser contratados até para vagas de trabalho temporário. O que falta é informação e acesso, porque há dificuldades com o idioma, por exemplo", afirma Vanessa.

O advogado Jonathan Mazon, sócio do escritório Junqueira Ie, explica que há complicações no caso de a empresa ser estabelecida a partir do exterior, o que torna o processo mais burocrático.

"Quando o negócio é constituído por estrangeiro residente no Brasil, o processo é praticamente idêntico ao que seria aplicável a um brasileiro residente no país", afirma.

Mas os problemas de informação não são exclusivos de pequenos empreendedores.

"Entender a legislação societária e as regras tributárias são aspectos extremamente difíceis e custosos para qualquer companhia estrangeira que pretenda investir no Brasil. A infraestrutura logística, a obtenção de insumos e a mão de obra são desafios adicionais", afirma a advogada Liz Dell'Ome, que integra a Associação Americana de Advogados de Imigração.

As dificuldades, contudo, não limitam os planos de crescimento. "Estudo o comportamento do mercado nos países e cidades que pretendo atingir para saber como posso levar o meu produto e verificar a aceitação", conta Benazira.

Sokhna, da África Arte, está mais cautelosa. Muitas das atividades de sua empresa, como eventos realizados em São Paulo, Minas Gerais e Bahia, foram interrompidas devido à pandemia e à variação cambial. "O momento não é de expansão, é de sobrevivência. Existem muitas variáveis que não dependem da gente."

Para quem resistiu à pior fase da crise sanitária, é tempo de recomeço. Após 12 anos comercializando suas roupas em uma banca de rua, a senegalesa Diamou Fallou Diop, mais conhecida como Mama, abriu há dois meses sua primeira loja.

Mama conta que já trabalhava com moda no Senegal, mas enfrentou problemas em seu país —chegou a ter tecidos e máquinas de costura furtadas de seu ateliê. No Brasil desde 2007, tenta refletir a cultura de seu país nas criações: todos os tecidos são importados do continente africano e chegam pelo aeroporto de Guarulhos. "Às vezes a Polícia Federal deixa a mercadoria entrar, às vezes tudo é apreendido."

Mesmo antes de alugar sua loja física —que fica na praça da República (centro de São Paulo) e se chama Mama Nossa Cultura—, Diamou já era MEI. Hoje ela emprega três funcionários, e entre os clientes estão os atores Flavio Bauraqui e Bukassa Kabengele.

Histórias como a de Mama mostram que não há grandes dificuldades para se legalizar o próprio negócio no Brasil, mas ainda existem muitos pontos a evoluir.

"Apesar de estarmos melhorando, o ambiente empreendedor ainda é complexo no Brasil. Temos muita insegurança jurídica com uma legislação trabalhista antiga, apesar da reforma de 2017 ter flexibilizado alguns pontos", afirma Roque Almeida, presidente-executivo da empresa de inteligência de negócios Matter&Co.

"Outro desafio é a baixa qualificação da mão de obra. Encontrar as pessoas certas para trabalhar no seu negócio, e no tempo certo, é bem complicado para empresas iniciantes."

Perguntada sobre como faz para lidar com tantas questões, Sokhna, da África Arte, responde com uma frase atribuída à sua ancestralidade. "Para muitos as dificuldades são montanhas, mas o que nos faz tropeçar são as pedras no caminho", diz. "Optei por ser empreendedora, tenho que assumir todos os riscos."

# Europeus abrem pousadas no litoral em busca de sol e renda

**Luciana Alvarez**

LISBOA A possibilidade de trabalhar e viver em uma praia idílica, com sol o ano todo, alimenta em muitos estrangeiros o sonho de abrir uma pousada no litoral brasileiro.

Na costa do país, sobretudo no Nordeste, há uma presença forte de "gringos" no setor de hotelaria, embora seja impossível quantificar quantos são eles e de onde vêm.

Quem trabalha com turismo sabe que há muitos europeus no litoral, mas o perfil do empresário e do tipo de empreendimento é múltiplo.

"A nossa costa é uma região de grande interesse entre empresários estrangeiros desde as décadas de 1980 e 1990", afirma Simone Scorsato, CEO da Brazilian Luxury Travel Association (BLTA). A maioria, diz ela, é formada de pequenos e médios empresários.

Sem grandes luxos, mas com muita dedicação, a portuguesa Emília Moutinho, 63, mantém uma pousada fundada por seu pai há quase 40 anos na praia em que Pedro Álvares Cabral desembarcou.

"Os portugueses que chegaram aqui não eram nada burros. Este lugar é lindo demais", diz ela, que é dona da pousada Aldeia Portuguesa, em Santa Cruz Cabrália (BA).

A pousada Aldeia Portuguesa, em Santa Cruz Cabrália, na Bahia Divulgação

Ter uma "pousadinha" era o sonho do pai de Emília para complementar a renda da aposentadoria. "Foi em 1983 que meu pai começou a construir [o imóvel]. Na época as praias eram desertas e sem luz [elétrica]", recorda.

O trabalho, porém, logo se mostrou demais para o aposentado, e em 1988 a filha comprou a propriedade.

Ao longo dos anos, Emília foi ampliando a pousada. Hoje, a Aldeia Portuguesa recebe até 115 hóspedes simultaneamente, tem 15 funcionários fixos e conta com espaço para eventos, salão de beleza, lanchonete e lavanderia. Tudo foi feito sem recorrer a empréstimos, ela diz. "À medida que entrava dinheiro, fui crescendo, melhorando. Se não sobrava, não investia."

Para a empresária, o mais importante é saber se adaptar.

"Qualquer imigrante sabe que vai encontrar outros costumes, outra cultura. Para ter negócio de turismo, é preciso seguir as tendências e perceber que tipo de serviço o hóspede quer a cada momento".

O câmbio favorável também atrai o estrangeiro. Com a moeda valorizada frente o real, europeus, por exemplo, conseguem usar recursos próprios para investir no Brasil, explica Juliana Parmiggiani, professora de turismo do Senac.

"Com moeda mais forte, estrangeiros conseguem montar aqui negócios que não seriam capazes em seus países."

De acordo com o Ministério do Turismo, existem hoje 6.183 pousadas em todo o Brasil. A nacionalidade dos proprietários, porém, não consta dos registros, e a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis também não sabe estimar quantos estabelecimentos estão nas mãos de estrangeiros.

A capacidade financeira para abrir um negócio, o vento e a água morna do mar foram os elementos que atraíram o belga Sam Gaillard, 40, para Icapuí (CE). Ele estava a ponto de abrir uma escola de kitesurfe na República Dominicana quando foi convidado por um amigo a conhecer a região.

"Em 2007, vim visitar por três semanas e foi vento sem parar, a todo momento do dia. Já tinha ido para todo canto, mas aqui é fenomenal. O Ceará é abençoado", afirma.

No ano seguinte, com "um sócio e uma barraca", ele fez sua primeira temporada no Brasil como instrutor de kitesurfe. Para oferecer aos alunos de fora um lugar para dormir e comer, os sócios construíram um restaurante e uma pequena pousada, a Kite Mansion.

Com demanda alta para a pousada, Gaillard se afastou das aulas de kitesurfe para focar a expansão do negócio.

"Decidi investir, tinha capital. Fiz reforma, criei infraestrutura, coloquei piscina com vista para o mar. Senti que acabava gastando mais, que as pessoas queriam ganhar em cima por eu ser estrangeiro, mas se fosse na Bélgica seria tudo muito mais caro", diz.

Além das belezas naturais e das boas oportunidades de negócios, questões pessoais também motivaram estrangeiros a abrir negócios ligados ao turismo pelo Brasil.

O belga Pieter Van Poppel, 39, virou sócio da pousada Maris Paraty, em Paraty (RJ), por amor. Ele conheceu sua mulher, Mariana Murta, quando viajava pelo Brasil em 2010.

Por quatro anos, voltou sempre ao país para reencontrá-la. Mas queria ficar por aqui em definitivo. "Ela é muito tropical, não gosta de frio, nem pensei em pedir para que ela se mudasse", conta.

A sogra dele, que era dona da pousada, mas estava cansada do trabalho, ofereceu a propriedade ao casal. "Nunca tive o plano de ter uma pousada, mas apareceu a chance e aceitei", diz ele, que já fez de tudo no próprio negócio, de assar bolo a cuidar do jardim.

O trabalho foi recompensado: a Maris Paraty foi eleita em 2020 a melhor pousada da América do Sul no ranking da TripAdvisor. E o casal pôde ampliar o número de funcionários, de um para cinco. O próximo projeto, afirma Van Poppel, é montar um ateliê em Paraty.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Emiliano Capozoli/Estúdio Folha

Vila Mariana une clima tranquilo e acolhedor a oferta de comércio, serviços, lazer e localização privilegiada

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo • caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Levi Bianco/Brazil Photo Press/Folhapress

Avenida 23 de Maio

# COMPLETO

## Um dos bairros mais seguros e tranquilos de São Paulo, a Vila Mariana oferece localização privilegiada, mobilidade ímpar e uma oferta excelente de comércio e lazer

A Vila Mariana é daqueles bairros que estão no imaginário afetivo de muitos paulistanos. Ruas tranquilas e seguras, moradores antigos que se conhecem e comércio que conecta as pessoas.

O bairro, um dos mais seguros de São Paulo, de acordo com ranking do Instituto Sou da Paz, mantém essas características, mas ao mesmo tempo não para de se desenvolver.

Bem localizado, apresenta uma mobilidade ímpar, está próximo a shoppings e importantes centros comerciais e de negócios, oferece diversas opções de lazer, gastronomia e serviços, além de estar entre dois dos mais charmosos parques de São Paulo.

A Vila Mariana abriga três estações de metrô (Paraíso, Ana Rosa e Vila Mariana, que dão acesso às linhas 1-azul, 2-verde e 3-vermelha, 4-amarela e 5-lilás) e dezenas de linhas de ônibus.

O bairro é servido por importantes vias como as ruas Sena Madureira, Domingos de Morais e Vergueiro e as avenidas Lins de Vasconcellos e 23 de Maio. Também permite acesso rápido à avenida Paulista e à Faria Lima, dois dos principais centros de comércio e negócios da capital.

A estrutura de comércio e serviços da Vila Mariana permite que o morador resolva todas as demandas do cotidiano em sair do bairro.

A região abriga supermercados como Pão de Açúcar, Extra, Carrefour e Dia, empórios, padarias, pet shops, bancos e farmácias, entre outros serviços.

Os shoppings Pátio Paulista e Metrô Santa Cruz completam as ofertas de comércio, com bons mix de lojas e salas de cinema.

A Vila Mariana atrai muitos estudantes que buscam vaga em faculdades como ESPM, Unifesp e Belas Artes, e em escolas que são referência no país, como Bandeirantes, Madre Cabrini, Arquidiocesano e Liceu Pasteur.

Também é referência em saúde, com a presença de importantes hospitais. Entre os mais renomados estão instituições como Albert Einstein, Dante Pazzanese e Santa Joana.

**LAZER**

A Vila Mariana consegue manter a tranquilidade e ainda abrigar ótimas atrações de lazer.

O Sesc Vila Mariana é uma delas. O local abriga shows, peças teatrais e exposições.

Já o Museu Lasar Segall abriga o acervo do pintor lituano, um dos primeiros artistas modernistas a expor no país, e um cinema.

A sétima arte também está representada na Cinemateca Brasileira, que preserva a memória do audiovisual brasileiro e exibe filmes.

A poucos minutos do bairro estão alguns dos melhores museus da cidade, como Masp, na Paulista, o MAC, o MAM, a Oca e o Afro Brasil, no Ibirapuera.

A Japan House e o Centro Cultural São Paulo também estão localizados nos arredores da Vila Mariana.

Rua Domingos de Morais

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Rubens Chaves/Folhapress

Obelisco do Ibirapuera

# VERDE POR TODOS OS LADOS

Localizada entre o parque do Ibirapuera e o da Aclimação, Vila Mariana oferece oportunidade única de bem-estar e lazer aos moradores

De um lado o Ibirapuera, do outro, o Aclimação. Localizado entre dois dos mais charmosos parques de São Paulo, a Vila Mariana oferece ao morador a oportunidade única de morar perto da natureza.

O parque Ibirapuera tem 1,5 milhão de metros quadrados que abrigam bosques, lago, jardins, trilhas para corrida e caminhada, playgrounds e equipamentos esportivos. No parque também estão instalados alguns dos principais centros culturais da cidade: MAM (Museu de Arte Moderna), MAC (Museu de Arte Contemporânea), Museu Afro Brasil e Fundação Bienal. O Auditório Ibirapuera, por sua vez, é palco de shows, peças de teatro e espetáculos de dança.

Outra charmosa atração do parque é o Jardim Japonês, entregue pela colônia japonesa no quarto centenário da cidade de São Paulo em 1954.

Além do jardim repleto de plantas e árvores ornamentais, o local apresenta uma construção inspirada no Palácio Katsura de Kyoto. Na parte dos fundos da construção, há um lago repleto de carpas.

O Ibirapuera também é um ótimo destino para quem gosta de boa gastronomia.

O Prêt, no MAM, oferece um cardápio contemporâneo com ótimos vinhos e sobremesas.

No Vista, localizado no MAC, o chef Marcelo Corrêa Bastos apresenta sabores de todos os cantos do país, utilizando ingredientes nacionais e apresentações únicas. O restaurante tem uma bela vista do parque.

**ACLIMAÇÃO**

Com seu icônico lago, o parque da Aclimação é um dos mais tradicionais e charmosos da cidade. O parque permite contato com a natureza e momentos de calma durante o passeio por seus 112 mil m². Sua flora é composta por bosques que abrigam espécies como eucalipto, ipê-branco, jacarandá, cedro, pau-brasil e pinheiro-do-paraná. Um jardim japonês permite momentos de tranquilidade e contemplação.

O parque também oferece uma série de atrações para quem quer se exercitar ou praticar esportes. Há pista para corrida e caminhada, equipamentos de ginástica, campo de futebol e quadras de vôlei e basquete.

As crianças também podem se divertir no playground.

Jessica Ashley é coach de relacionamento especialista em divórcios e atua em Chicago, nos EUA Evan Jenkins/The New York Times

> **Você demonstra suas emoções e se comporta como um ser humano. Sou como uma melhor amiga que ao mesmo tempo oferece assessoria profissional**
>
> **Tirzah Stein**
> coach

# Coaching vira opção na busca por namoro e por divórcio

## Tipo de aconselhamento cresceu durante a pandemia nos Estados Unidos

F5

**Alix Strauss**

THE NEW YORK TIMES A primeira conversa telefônica entre Sofia Montijo, 37, e Samantha Burns durou duas horas, em novembro de 2020, e o tema principal foi a vida amorosa de Montijo.

De lá até maio do ano passado, as duas mulheres, que vivem em Boston, se concentraram no histórico de relacionamentos malsucedidos de Montijo, em conversas de uma hora realizadas a cada duas ou três semanas via FaceTime, e em mensagens de texto e emails semanais.

Para Montijo, as conversas foram suplementadas por lições de casa e livros de exercícios; o pacote todo lhe custou US$ 3.500 (R$ 17,6 mil).

Em junho, Montijo começou a namorar com seu parceiro atual. Ela descreveu o relacionamento entre eles como o de maior sucesso em sua vida. "Eu sabia que precisava mudar meus padrões de relacionamento, e encontrar alguém que fosse especialista nisso", ela disse sobre a contratação de Burns, que é psicoterapeuta e em 2015 criou um negócio para orientar pessoas em seus namoros, relacionamentos e até mesmo separações.

Antes da pandemia, Burns disse que costumava receber cinco pedidos de informações de potenciais novos clientes a cada semana. O número dobrou, de lá para cá, segundo ela, porque as pessoas passaram a ter tempo para estudar seus relacionamentos e prestar atenção nelas mesmas.

Como resultado, ela e outros coaches de relacionamentos dizem ter registrado um avanço no número de interessados pelo seu trabalho, que busca encontrar um caminho organizado e orientado por objetivos para a vida amorosa. Alguns dos clientes, como Montijo, veem o serviço como uma alternativa a uma terapia, que muitas vezes se concentra mais no passado e em analisar processos.

Embora nunca tenha recorrido a um terapeuta, Montijo disse que uma terapia parece mais apropriada para alguém que tenha deficiência de atenção, porque é possível falar sobre todos os assuntos". Ela acrescentou que procurou Sam para compreender especificamente como poderia namorar de uma forma melhor.

Tanto coaches quanto terapeutas querem ajudar as pessoas, explicou Burns, "mas os 'coaches' são especialmente capacitados em uma determinada área, e querem que seus clientes também sejam".

"O processo de 'coaching' permite feedback direto e mudança", ela disse. "Com ele, você estabelece um objetivo e se dá um determinado prazo para cumpri-lo."

Max Alley, que vive em Nova York, no distrito de Queens, em 2018 deixou seu emprego como gerente de relacionamento com o consumidor do Coffee Meets Bagel, um app de encontros, para criar a Matchup Coaching, que se especializa em encontros online. Antes da pandemia, ele disse que conquistava cinco ou seis clientes novos por mês; agora, são nove ou 10.

Ele atribuiu esse aumento no número de cientes ao fato de que a pandemia fez dos encontros online o melhor caminho para conhecer alguém. "As pessoas perceberam que sua presença digital importava mais do que a física", disse Alley, que cobra US$ 200 (R$ 1.000) por uma consulta inicial de duas horas, que inclui dicas sobre como escrever uma boa biografia resumida e selecionar fotos, e US$ 100 (R$ 500) por hora por sessões adicionais de acompanhamento.

Jessica Ashley, coach de divórcios em Chicago cuja especialidade é assessorar mães envolvidas em separações, disse que o aspecto de estabelecimento de metas do coaching se tornou especialmente atraente para seus clientes porque pode criar estrutura e oferecer realizações tangíveis em um período em que essas duas coisas talvez estejam em falta nas vidas de todos.

"O 'coaching' está passando por um bom momento porque precisamos de alguém que fique ao nosso lado e faça um plano", ela disse, "e depois nos diga que somos capazes de cumpri-lo."

Como muitos coaches, Ashley oferece seus serviços via pacotes, entre os quais um plano de três meses e preço inicial de US$ 3.300 (R$ 16,6 mil) e um plano de seis meses com preço inicial de US$ 6.000 (R$ 30,2 mil).

Os períodos de volta às aulas e posteriores às férias costumavam ser mais movimentados antes da pandemia, ela disse, mas em 2020 e até a metade de 2021 o movimento foi forte e constante. Ashley acrescentou que conquistou o dobro do número de clientes que tinha antes da pandemia.

O coaching não requer diplomas ou capacitações específicas, porém, e Ashley adverte que ele se tornou "um setor inundado de não especialistas". Ela aconselha qualquer pessoa interessada em contratar um coach de relacionamento a solicitar credenciais, por exemplo um certificado.

Ashley concluiu um curso de certificação desenvolvido pela Divorce Coaching, uma empresa da Flórida certificada pela International Coaching Federation, que é reconhecida como a principal organização de credenciamento do setor.

Muitos coaches oferecem consultas complementares via vídeo ou telefone aos clientes potenciais, que devem perguntar sobre esse tipo de atendimento caso ele não tenha sido anunciado especificamente. Escolher o coach certo, disse Ashley, muitas vezes depende de "encaixe, química, confiança e compreensão da experiência".

Corinne Reynolds, 41, diretora de avanço na Metropolitan Family Services, em Chicago, onde ela mora com a filha, contratou Ashley em janeiro de 2020 quando estava se divorciando.

Ainda que estivesse em terapia, Reynolds se sentia desolada pela situação. A pandemia tornou as coisas ainda piores, ela disse, ao agravar sua sensação de isolamento.

"A terapia parecia interminável. Eu precisava de alguém que me desse conselhos, me ajudasse a formular um plano e a programar minhas ações", disse Reynolds, que trabalhou com Ashley por seis meses.

"Ela me ajudou a encontrar um advogado e a descobrir meu caminho no sistema judicial. Revisou meus documentos. Também aderi ao grupo de mães que estavam passando pela mesma experiência e que ela organizou no Facebook, o que me ajudou a me sentir menos sozinha".

Tirzah Stein, assistente social credenciada em Denver, recentemente deixou seu emprego naquele ramo para criar a NearlyWed Coaching, que se especializa em coaching para casamentos e pré-marital. Desde que abriu seu negócio, em setembro, ela já atendeu a 24 clientes, e em fevereiro conquistou mais 18, disse.

Porque a abordagem dos coaches é diferente da adotada pelos terapeutas, afirmou Stein, eles podem desenvolver uma intimidade com os clientes que os ajuda a atingir suas metas.

"Ser 'coach' não o submete às mesmas limitações que um terapeuta", disse Stein, que cobra US$ 550 (R$ 2.700) por quatro sessões de uma hora e US$ 800 (R$ 4.000) por oito sessões. "Você demonstra suas emoções e se comporta como um ser humano. Sou como uma melhor amiga que ao mesmo tempo oferece assessoria profissional."

Carly Wright, 37, que trabalha em combate a incêndios e com atendimento paramédico, e Chloe Wright, 33, psicóloga, fizeram quatro meses de consultas conjuntas com Stein antes de seu casamento, realizado dia 8 de janeiro em Denver. O casal, que vive em Fort Collins, Colorado, tinha opiniões diferentes sobre a cerimônia de casamento ideal, mas sentia que terapia não era o foro adequado para resolver suas diferenças.

"Eu não queria fazer terapia de casal porque não tínhamos um problema em nosso relacionamento", disse Carly Wright. "O que tínhamos era um problema específico quanto a um evento, que nós estávamos abordando de modos muito diferentes".

Wright acrescentou que o coaching ajudou o casal a ver o ponto de vista do parceiro. Stein contou o que fez em seu casamento, e como seus outros clientes estavam lidando com a mesma situação — algo que um terapeuta não poderia fazer.

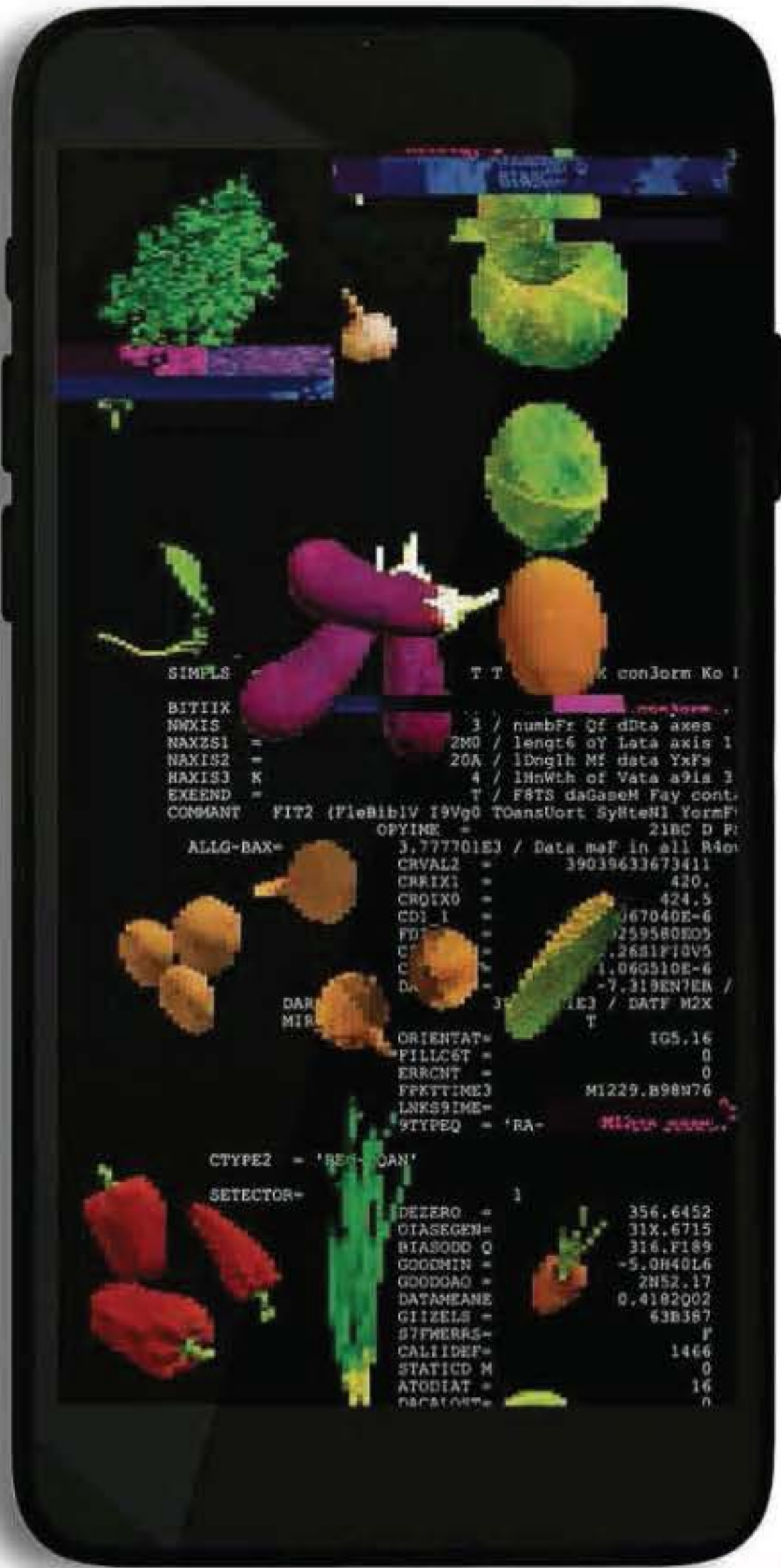
Tradução Paulo Migliacci

## LEIA TAMBÉM

**saúde**
Aplicativos colocam inteligência artificial para ajudar na dieta p. 2

**terra vegana**
Pasteizinhos de batata são lembrança que ficou da Polônia p. 3

**saúde**
Nos EUA, clínicas de cetamina ficam no limite do uso recreativo p. 4 e p. 5

**f5**
'Kardashians da Itália' dominam redes exibindo vida de luxo p. 6

Empresas apostam na inteligência artificial para dieta saudável Yoshi Sodeoka/The New York Times

# Aplicativos usam a inteligência artificial para ajudar na dieta

## Plataformas reúnem dados do usuário para indicar um cardápio personalizado; médicos recomendam cautela

**SAÚDE**

**Sandeep Ravindran**

THE NEW YORK TIMES Depois de 20 anos vivendo com diabetes tipo 2, Tom Idema tinha perdido a esperança de controlar a doença. Ele tentou muitas dietas sem sucesso e até pensou em fazer cirurgia para redução de peso. Quando seu empregador lhe ofereceu a oportunidade de experimentar um novo aplicativo de dieta que usa inteligência artificial para controlar o açúcar no sangue, ele topou.

Idema, 50, enviou uma amostra de fezes para sequenciar seu microbioma e preencheu um questionário online com sua taxa de açúcar, altura, peso e condições médicas. Os dados serviram para criar um perfil dele, ao qual acrescentou medições contínuas de açúcar no sangue durante algumas semanas.

Depois disso, o aplicativo, chamado DayTwo, classificou diferentes alimentos conforme fossem bons ou ruins para o açúcar no sangue de Idema, para ajudá-lo a fazer melhores escolhas alimentares.

Depois de quase 500 dias usando o programa, seu diabetes está em remissão e seus níveis de açúcar no sangue caíram para o limite superior do normal. E apesar de o aplicativo DayTwo não visar a redução de peso, Idema passou de 145 quilos para 103 quilos.

"Estou usando calças de tamanhos que não usava desde o colégio", contou Idema, que é administrador da Universidade Central de Michigan em Mount Pleasant.

DayTwo é apenas um de uma série de aplicativos que oferecerem guias de alimentação com inteligência artificial.

Em vez de uma dieta tradicional, que muitas vezes tem uma lista definida de alimentos "bons" ou "ruins", esses programas se assemelham a assistentes pessoais que ajudam a pessoa a fazer escolhas saudáveis rapidamente.

Eles se baseiam em pesquisas que mostram que os corpos reagem de maneira diferente aos mesmos alimentos, e as escolhas mais saudáveis provavelmente serão únicas para cada indivíduo.

O aplicativo DayTwo usa um algoritmo baseado na pesquisa feita por Eran Elinav e Eran Segal, do Instituto Weizmann de Ciências, em Israel, que fundaram a empresa em 2015.

No ano passado, a companhia descobriu que, quando usavam seu algoritmo para encontrar uma dieta compatível com o microbioma e o metabolismo de um indivíduo, ela era melhor para o controle do açúcar no sangue do que a dieta mediterrânea, considerada uma das mais saudáveis do mundo.

"Em vez de medir os alimentos pelo conteúdo calórico para criar uma dieta saudável, você precisa começar a medir o indivíduo", explica Elinav.

Essa tecnologia é relativamente nova e diz respeito apenas ao açúcar no sangue. A dieta mediterrânea, entretanto, se apoia em décadas de pesquisa e provavelmente continuará sendo o padrão-ouro de alimentação saudável nos próximos anos. Ainda assim, para pessoas como Idema, a IA como a da DayTwo pode facilitar a manutenção de padrões alimentares saudáveis.

O algoritmo do aplicativo pode identificar padrões e aprender com os dados, com ajuda humana.

Ele analisa os dados das respostas de açúcar no sangue de diferentes indivíduos a dezenas de milhares de refeições diferentes para identificar características pessoais —idade, sexo, peso, perfil do microbioma e várias medidas metabólicas— que explicam por que a glicose de uma pessoa aumenta com certos alimentos e a de outra pessoa, não.

O algoritmo usa essa análise para prever como determinado alimento afetará o açúcar no sangue e atribuir uma pontuação para cada refeição.

O DayTwo, atualmente disponível apenas para empregadores ou planos de saúde, não para consumidores, é um de vários aplicativos baseados em IA que recomendam refeições mais saudáveis.

Outra empresa, a ZOE, também gera notas de refeições e está disponível diretamente aos consumidores, por US$ 59 (R$ 296) mensais. O algoritmo do ZOE usa dados adicionais, como níveis de gordura no sangue, além de testes de microbioma e nível de açúcar no sangue.

O algoritmo foi capaz de prever como o açúcar e as gorduras no sangue de uma pessoa respondem a diferentes alimentos em um grande estudo de 2020 liderado por um dos fundadores da empresa, Tim Spector, professor de epidemiologia genética no King's College, em Londres.

O campo da nutrição personalizada ainda está na fase pioneira, e especialistas dizem que é importante evitar modismos. Muitas empresas se oferecem para testar microbiomas e oferecem recomendações dietéticas orientadas por IA —além de vender suplementos—, mas poucas se baseiam em testes cientificamente rigorosos.

Em geral, quanto mais abrangentes forem as reivindicações de saúde e perda de peso feitas pelas empresas, menos confiáveis serão as evidências em seu apoio.

"Acho que agora tudo está badalado demais, infelizmente", disse Eric Topol, fundador do Instituto Scripps de Pesquisa Translacional.

Os dados usados por aplicativos como DayTwo e ZOE também captam apenas uma fração da interação entre o microbioma intestinal, nosso metabolismo e a dieta. Certamente há muitos outros fatores, incluindo a genética, que afetam o metabolismo e são ignorados pelos atuais programas de inteligência artificial.

"Isso não conta toda a história, e apenas otimizar a glicose não será suficiente para criar a dieta perfeita para você", disse Casey Means, cofundador e diretor médico da empresa de saúde digital Levels.

Os aplicativos de IA podem levar os usuários a ingerir alimentos que são bons para evitar picos de açúcar no sangue e diabetes, mas podem ter efeitos colaterais.

Por exemplo, quando Topol experimentou o aplicativo DayTwo, suas recomendações para controlar o açúcar no sangue —como comer espinafre e framboesas— eram ricas em ácido oxálico, o que poderia ter induzido pedras nos rins. Isso porque o aplicativo não levou em consideração seu risco preexistente para essa condição.

Mas muitos especialistas esperam que os aplicativos de IA personalizados sejam mais fáceis de seguir e criem melhores comportamentos alimentares em longo prazo.

Para Idema, os efeitos das dietas personalizadas já são tangíveis, mais recentemente quando seus níveis de açúcar no sangue melhorados lhe permitiram saborear o bolo de aniversário de sua filha.

"Eu estava com o monitor de glicose na época e fiquei bem dentro do limite, então meu corpo lidou bem com isso. Estou numa situação muito, muito melhor agora e, na minha mente, esse programa salvou minha vida."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

# Veja erros de higiene na cozinha que põem a sua saúde em risco

AGÊNCIA FAPESP Pesquisadores do Centro de Pesquisa em Alimentos (FoRC) investigaram os hábitos de higiene e práticas relativas à higienização, manipulação e armazenamento dos alimentos nas residências dos brasileiros. Os resultados mostram que uma parcela expressiva da população adota medidas inadequadas que a deixa mais exposta a doenças transmitidas por alimentos, ou DTAs.

A pesquisa foi realizada com 5.000 pessoas de todos os Estados brasileiros (a maioria mulheres entre 25 e 35 anos e com renda entre quatro e dez salários mínimos). Dentre os participantes, 46,3% disseram ter o hábito de lavar carnes na pia da cozinha, 24,1% costumam consumir carnes malcozidas e 17,4% consomem ovos crus ou malcozidos em maioneses caseiras e outros pratos.

"Lavar carnes, especialmente a de frango, na pia da cozinha pode espalhar potenciais patógenos no ambiente, representando uma prática de risco", explica o coordenador da pesquisa, Uelinton Manoel Pinto, professor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP e integrante do FoRC, um Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) da Fapesp.

O consumo de alimentos de origem animal malcozidos ou crus também apresenta risco microbiológico, já que o recomendado é cozinhar o alimento a uma temperatura mínima de 74 °C para garantir a inativação de patógenos que podem estar presente no produto cru.

"Nem todo produto cru de origem animal contém microrganismos patogênicos, mas existe esse risco e o cozimento adequado garante que eles sejam eliminados ou reduzidos a níveis seguros", sublinha Manoel Pinto.

Com respeito às práticas de higienização de verduras, 31,3% costumam fazer a higienização apenas com água corrente e 18,8% com água corrente e vinagre. Para higienização de frutas, 35,7% utilizam apenas água corrente e 22,7% também detergente.

"Para a higienização segura de verduras, legumes e frutas que serão consumidos crus a recomendação é lavar com água corrente e utilizar uma solução clorada com contato mínimo de dez minutos, seguido de novo enxágue em água corrente", diz o pesquisador.

O percentual de pessoas que usam água com solução clorada, no estudo, foi de 37,7% (para verduras) e 28,5% (para frutas). Vale ressaltar que vegetais que serão cozidos ou frutas que serão consumidas sem a casca não precisam passar pela desinfecção em solução clorada.

Ao fazer compras em supermercados, a maioria dos participantes (81%) não utiliza sacolas térmicas para transportar alimentos refrigerados ou congelados até suas residências.

"Em um país como o Brasil, onde as temperaturas chegam facilmente a 30 °C em várias cidades durante o ano todo, é fundamental que os produtos perecíveis sejam transportados em condições adequadas, dentro de uma sacola térmica", recomenda a pesquisadora Jessica Finger.

Com respeito às sobras de alimentos, 11,2% dos participantes relataram armazená-las na geladeira passadas mais de duas horas do preparo, o que representa risco à segurança dos alimentos.

"Não é recomendado deixar alimentos prontos por mais de duas horas sem refrigeração, visto que a temperatura ambiente favorece o crescimento microbiano nesses alimentos. Essa é uma das principais práticas responsáveis por surtos de doenças de origem alimentar", diz Singer.

Evidenciou-se também que era comum entre os participantes descongelar os alimentos em temperatura ambiente (39,5%) ou dentro de um recipiente com água (16,9%), o que também não é adequado, visto que os alimentos devem ser mantidos a uma temperatura segura durante o descongelamento, podendo ser realizado na geladeira ou no micro-ondas.

A maioria dos participantes (57,2%) relatou armazenar as carnes na geladeira utilizando a própria embalagem que contém o produto. De acordo com os pesquisadores, esta prática é questionável, uma vez que é preciso utilizar um recipiente adequado para evitar o gotejamento do suco da carne e a contaminação de outros alimentos estocados.

A boa notícia é que, em relação à temperatura dos refrigeradores, dos 1.944 registros coletados, 91% ficaram entre a faixa de temperatura recomendada de 0 a 10 °C. Esse dado é importante, pois pode ser utilizado em estudos de modelagem para prever a multiplicação de microrganismos nos alimentos refrigerados.

A pesquisa levou à elaboração de um guia para orientar a população sobre a forma correta de armazenar os alimentos na geladeira.

Com informações da Assessoria de Comunicação do FoRC

Frutas e legumes devem ser higienizados com água e solução clorada por ao menos dez minutos Pixabay

# Batata, cebola e trigo formam tríade da receita dos pierogi

**Tradição da minha avó é das poucas memórias que temos da Polônia e representa cozinha da inventividade**

**TERRA VEGANA**

Luisa Mafei

Pasteizinhos de batata com cebola, por anos acreditei que fossem uma invenção da minha avó, mas são um prato típico de países do leste europeu, como a Ucrânia (onde são conhecidos como varenyky) e a Polônia (onde são chamados de pierogi).

Nos encontros de família, eles sempre marcaram presença, ao lado do chucrute, dos embutidos feitos em casa, do pão caseiro e do que eu sempre chamei de "sopa de beterraba", mas é borscht.

Não imaginava que dessem tanto trabalho para ser preparados. Os pasteizinhos sempre apareciam ali, na minha frente, envoltos por cebola dourada e recheadíssimos de batata amassada com mais cebola.

Restava a mim comer uns sete e encostar o garfo, e ouvir o "mas já, filhinha?" da minha avó. Agora entendo: quando passamos horas de pé na cozinha, queremos que todos passem horas sentados comendo. É o mínimo.

Para ninguém se desencorajar a preparar os pierogi, vou revelar o truque da minha tia: a massa de pastel, vendida na feira, pode fazer as vezes da massa caseira.

Num passe de mágica, a bancada e o teto cheios de farinha, a ginástica de sovar, o improviso da garrafa de vinho na falta de um rolo para abrir a massa, o copo de vidro e seu esforço enérgico para formar círculos, tudo isso, puf, some.

É abrir o saco, usar uma camada dupla de massa para segurar bem o recheio, e pronto —para garantir uma versão 100% vegetal, não se esqueça de perguntar ao feirante qual o tipo de gordura utilizada.

Dica de vegana chata: se ele responder "margarina", não comemore antes da hora e siga o seu inquérito: "Você pode me dizer a marca da margarina? Preciso saber se leva leite na composição, obrigada".

Dê um Google na marca e descubra. Por legislação, a margarina pode conter até 3% de gordura láctea no total do perfil de gordura do produto —olha só que pegadinha.

O atalho da massa, no entanto, é capaz de cortar aquele momento final em que comemos e nos orgulhamos da nossa própria criatura. O "uau, fui eu que fiz" pode ser substituído por um "parabéns, time, nós fizemos!"

Se for para botar a mão na massa, que sejam pelo menos quatro. Daí, sim, vale a pena.

A receita da minha avó, filha de poloneses, é quase vegana. Eu substituí o ovo por uma colherada extra de margarina 100% vegetal.

No recheio, minha avó nunca usou queijo ou carne de porco, como aparecem em algumas versões. Trigo, batata e cebola: a tríade da cozinha pobre, da cozinha da guerra, da resistência, da inventividade para se ter algum prazer enquanto aviões rasgam o céu e famílias perdem um membro ou todos.

A família da minha avó fugiu para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, e se instalou no interior do Paraná, em terras que receberam muitos poloneses e ucranianos, como Guarapuava e Ponta Grossa.

Minha avó sabe falar polonês até hoje, embora nenhum de nós fale. Tem 93 anos, é absolutamente lúcida, mas não sabe dizer de que região da Polônia seus pais vieram.

É uma história que foi, como tantas outras, apagada. No final, a guerra não faz nem vencedores, nem perdedores. Restam apenas batatas.

Os pastéis pierogi Luisa Mafei/Folhapress

## Pierogi

**Massa**
**Ingredientes**
- 2 ½ copos de farinha de trigo
- 1 copo de água
- ¼ xícara de manteiga vegana derretida, ou de margarina 100% vegetal
- 1 colher de chá de sal

**Recheio e coberturas**
**Ingredientes**
- 4 batatas
- 4 cebolas
- Óleo de girassol, o quanto baste
- Sal e pimenta preta a gosto
- Cebolinha e queijo vegano (completamente opcional, para finalizar)

**Preparo**
- Junte numa panela a água, a manteiga vegana e o sal. Leve para o fogo médio para derreter.
- Adicione a farinha de trigo numa tigela. Abra um buraco no meio e transfira a mistura de água e manteiga derretida. Envolva com a ajuda de uma espátula de silicone, fazendo movimentos circulares, até formar uma bola.
- Transfira a massa para uma bancada enfarinhada e sove suavemente por 5 minutos.
- Faça uma bola com a massa e transfira para uma tigela untada com azeite.
- Pincele azeite por toda superfície da massa (o azeite é uma alternativa mais sustentável do que o filme plástico para preservar a umidade da massa). Deixe descansar por uma hora.
- Cozinhe as batatas até amolecerem completamente.
- Descasque e amasse. Tempere com um pouco de sal e pimenta preta.
- Corte as cebolas ao meio. Descasque as metades e em seguida corte em tiras meia-lua. Cubra ligeiramente o fundo de uma frigideira grande com óleo de girassol.
- Leve ao fogo máximo e, quando estiver quente, junte a cebola. Mexa de tempos em tempos, até a cebola ficar completamente dourada, quase queimando. Desligue o fogo e tempere com um pouco de sal.
- Adicione 1/3 da cebola dourada na batata amassada, para o recheio. Misture bem.
- Divida a massa em quatro pedaços. Abra um pedaço de massa sobre uma bancada enfarinhada, com a ajuda de um rolo. A massa não deve ficar muito fina. Corte círculos com a ajuda de um copo ou de um cortador redondo. No centro de cada círculo, adicione uma colher de sopa rasa do recheio. Feche a massa, unindo as bordas em formato de uma meia-lua. Sele bem a borda, apertando a massa com a ponta dos dedos.
- Repita o passo anterior com as três partes restantes da massa.
- Leve os pasteizinhos para cozinhar em água fervente, de seis a oito de cada vez. Quando eles subirem à superfície, conte mais dois minutos e retire da panela com a ajuda de uma colher escumadeira. Reserve em um prato.
- Os pasteizinhos estão prontos para serem consumidos, com a cebola dourada por cima. Outra possibilidade é finalizar na frigideira aquecida com um pouco de azeite, de um dos lados, para ficar crocante. Decore com a cebolinha e o queijo vegano e consuma imediatamente

**Dicas**
- As sobras de massa rendem um belo macarrão rústico. Corte em tirinhas e leve para cozinhar em água fervente por quatro minutos, escorra e sirva com o molho de sua preferência.
- Os pierogis podem ser congelados: modele e distribua numa tábua e leve ao congelador sem cozinhar previamente. Quando estiverem completamente congelados, os pasteizinhos podem ser armazenados em um saco.

# Para Dia Mundial Sem Carne, molho bolonhesa vegetariano leva cogumelos

**RECEITAS DO MARCÃO**

Marcos Nogueira

Aproveito que este domingo (20) é o Dia Mundial Sem Carne para apresentar uma versão vegetariana de uma receita ultra-maxi-carnuda: a do molho bolonhesa.

Eu como carne com prazer e tenho algumas divergências com os vegetarianos. Mas sei da importância, para o ambiente, de se reduzir o consumo de bifes e, consequentemente, os rebanhos que transformam florestas em pasto.

Além do mais, com o preço absurdo da carne, vem bem a calhar aprender algumas receitas gostosas que dispensam esse ingrediente.

A coisa que mais me irrita na culinária vegetariana é a substituição da carne por produtos industriais que tentam imitá-la. São proteínas desenvolvidas em laboratório, insípidas, que buscam ser o que não são e acabam não sendo coisa alguma.

Nenhuma maçaroca de soja jamais será igual a um hambúrguer bovino. O resultado é sempre pior.

Em compensação, substituir a carne por um vegetal que mantém seu caráter pode resultar em pratos originais e deliciosos. Há ótimos hambúrgueres de grão de bico, de feijão, de cogumelos.

O cogumelo, aliás, é um contumaz substituto da carne em receitas vegetarianas.

Por seu gosto algo terroso, quase carnoso, delicioso, ele consegue dar muita personalidade à comida.

Na bolonhesa, o cogumelo passa pelo processo de cozimento lento —três horas ou mais— que transforma sabor e textura dos componentes. Apenas não espere que ele se transforme em carne moída no final.

Eu usei uma mistura de portobello, champignon e shitake. Acho que deve ficar especialmente bom com o cardoncello (eryngui), mais firme, mas não o encontrei. Faça com as variedades que achar no mercado ou tiver à mão.

[...]

**Com o preço absurdo da carne, vem bem a calhar aprender receitas gostosas que dispensam esse ingrediente**

Picar os cogumelos bem miudinhos é importante pela aparência e sensação na boca que remetem à bolonhesa de carne.

Lembre-se que os fungos absorvem água, portanto os pedaços vão crescer no decorrer do preparo do molho.

Tudo na receita é bem semelhante ao ragu de carne tradicional, mas falar em tradição é um pouco fora de propósito quando você substitui o ingrediente principal do prato.

Eu temperei o molho com ervas, que não aparecem normalmente no ragu bolonhês. Uma colherada de missô também dá uma boa turbinada.

E não estresse demais com o formato da massa, faça a que achar melhor. Apenas tenha em mente uma coisa: esta receita é 100% vegana se você usar massa de água e farinha, como o macarrão italiano de trigo duro. Com massa de ovos e queijo ralado, deixa de ser vegana, mas ainda é sem carne.

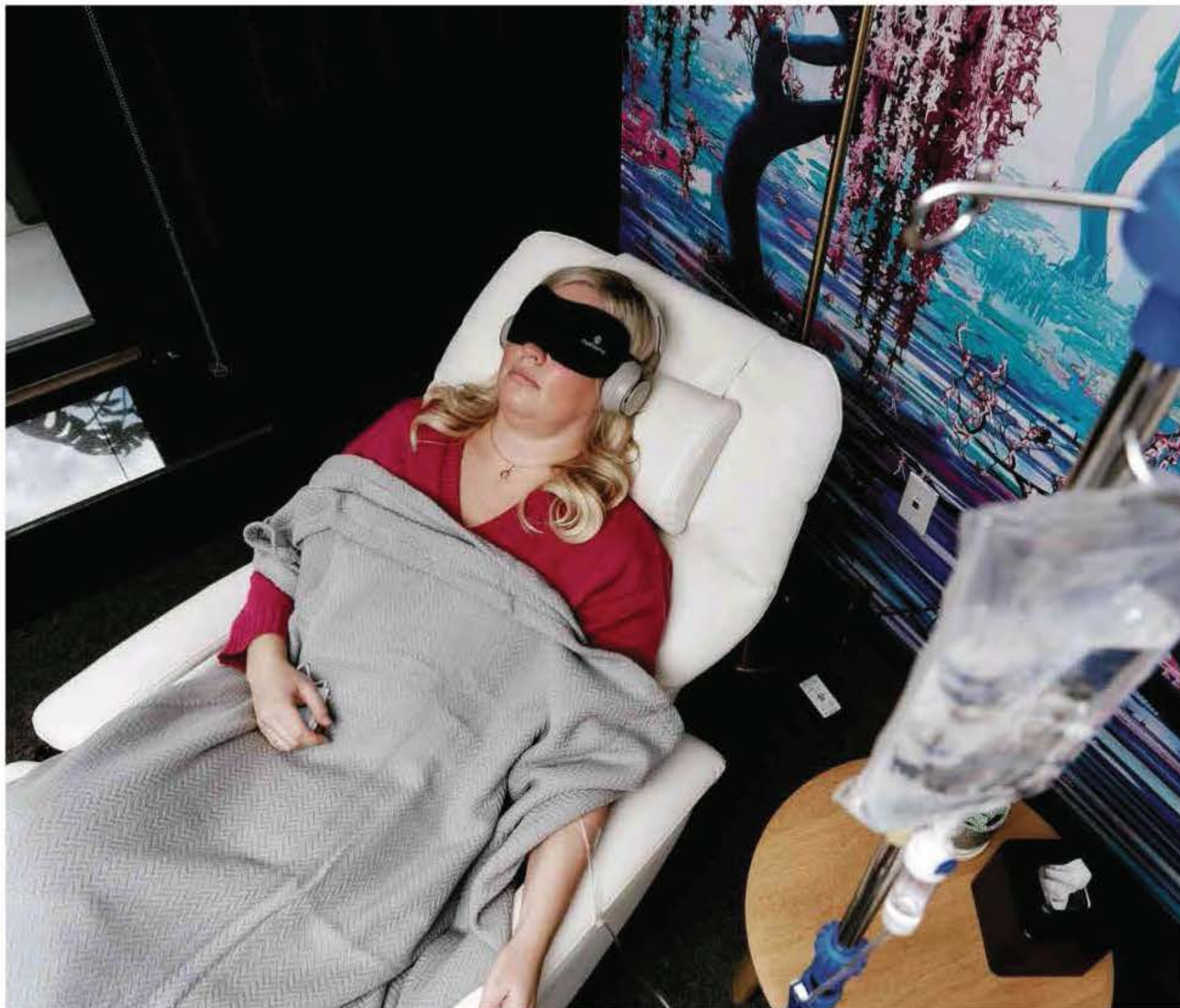
Por falar em queijo, experimente trocá-lo por farinha de rosca tostada no azeite com alho e ervas.

Massa com molho bolonhesa vegano Marcos Nogueira/Folhapress

## Bolonhesa de cogumelos

**Rendimento**: 4 porções
**Dificuldade:** média

**Ingredientes**
- 1 cebola
- ½ cenoura
- 2 talos de salsão
- 2 colheres (sopa) de azeite
- 300 g de cogumelos frescos
- 1 lata de tomates pelados
- 200 ml de vinho branco ou tinto
- Tomilho e manjericão frescos
- Sal e pimenta-do-reino à gosto

**Modo de fazer**
- Pique a cebola, a cenoura e o salsão o mais miúdo que você conseguir. Refogue os legumes no azeite por 5 minutos.
- Acrescente os cogumelos, também picadinhos, e um pouco de sal. Refogue até evaporar a água que se soltará.
- Acrescente o tomate. Para "lavar" a lata dos tomates, encha-a até a metade com vinho. Complete com água e despeje o conteúdo na panela.
- Cozinhe o ragu em fogo bem baixo, com a panela destampada, por 3 a 5 horas. Adicione água sempre que secar e mexa.
- Adicione as ervas, ajuste o sal, tempere com pimenta e sirva quente, com a massa de sua preferência.

Cassandra Cooksey fez seis sessões do tratamento com cetamina na clínica Nushama em novembro passado Fotos Victor Llorente/The New York Times

# Clínica de cetamina nos EUA atua no limite entre uso medicinal e recreativo

## Locais veem brechas na lei para usarem a substância, apesar de tratamento não ser aprovado

**SAÚDE**

**Marisa Meltzer e Dani Blum**

THE NEW YORK TIMES A Clínica de Wellness Psicodélico Nushama foi decorada para parecer um lugar de felicidade serena. "O ambiente não é de um hospital ou clínica, mas de uma jornada", define Jay Godfrey, ex-estilista cofundador do espaço ao lado de Richard Meloff, advogado que se converteu em empreendedor no setor da canabis.

A "jornada", neste caso, é provocada pela cetamina administrada por via intravenosa como tratamento de transtornos de saúde mental, apesar de esse tratamento ainda não ter sido aprovado pela Food and Drug Administration (FDA).

"Pensei: como se parece a bem-aventurança?", diz Godfrey. Na clínica Nushama, que ocupa todo o 21º andar de um edifício no centro de Manhattan, ela ganhou a aparência de 3.000 flores de seda em cores pastéis penduradas do teto e uma TV de tela plana na sala de espera que exibe um NFT (token não fungível) com nenúfares e guirlandas de folhas que, quando se olha mais de perto, percebe-se que são minúsculas ninfas. E o papel de parede combina com a paisagem.

Godfrey fechou sua firma de moda e fundou a Nushama em 2020. Disse que ficara desencantado com o mundo da moda e que vinha usando substâncias psicodélicas para sua própria saúde mental havia muitos anos, depois de se sentir inspirado pelo best-seller "How to Change Your Mind" ("Como Mudar sua Mente"), de Michael Pollan.

> **Acho que o conceito de 'spa para o cérebro' trivializa tanto a doença quanto o tratamento**
>
> **Joshua Berman** diretor médico de psiquiatria interventiva na Universidade Columbia

O momento de iluminação —que Godfrey descreveu como "uma experiência de coração se abrindo"— ocorreu no início da pandemia, quando ele se deu conta: "Posso levar esses remédios às pessoas".

Pode ser uma vocação, mas a virada de rumo profissional que ele descreveu, passando da moda para o "wellness" (bem-estar), aconteceu num momento em que havia menos necessidade das roupas que ele criava, enquanto o interesse por psicodélicos como tratamentos alternativos de saúde mental era crescente.

Investidores estão apostando em várias startups psicodélicas, incluindo serviços de delivery e opções de turismo de luxo. A clínica Nushama é apenas um exemplo de algo que muitos veem como sendo a nova fronteira da saúde, que está conseguindo operar com fiscalização limitada graças a brechas legais e algumas pesquisas convincentes.

A FDA não autoriza o uso de cetamina para tratamentos de saúde mental, mas permite que a droga seja usada como sedativo, de modo que é possível obter uma receita médica dela em Nova York.

A agência autorizou uma versão de cetamina conhecida como escetamina, administrada na forma de spray nasal, a ser usada para saúde mental, mas apenas para casos de depressão resistente a tratamentos —e, embora a escetamina contenha um componente molecular da cetamina, a FDA diz que as duas drogas não são iguais.

Em outras palavras, o tratamento com cetamina oferecido na clínica Nushama é um uso não prescrito da droga, e representantes da FDA, da Comissão Federal de Comércio e da Drug Enforcement Administration (agência que implementa a legislação sobre drogas nos EUA) disseram que não regulamentam o uso de drogas para fins não prescritos por médicos —logo, que não poderiam comentar sobre as tais clínicas.

Não existe nada de suspeito no uso não prescrito de drogas, de maneira geral, disse Mason Marks, membro sênior da Escola de Direito de Harvard e especializado na regulamentação de psicodélicos.

Mas, para ele, os provedores da droga precisam tomar cuidado para não exagerar nas promessas que fazem sobre os seus benefícios, especialmente quando as evidências de sua eficácia são limitadas.

Segundo Dan Iosifescu, psiquiatra na N.Y.U. Langone, a cetamina também tem o potencial de causar dependência, fato que intensifica o risco de seu uso, mesmo em ambientes terapêuticos.

Muitos pesquisadores e profissionais de saúde mental consideram a cetamina eficaz para tratar a depressão quando outras drogas não surtiram efeito. Mas o site da Nushama diz que a clínica emprega a droga para tratar transtornos alimentares, transtorno obsessivo compulsivo, dependência química e dor crônica, condições para as quais há muito menos evidências de sua eficácia.

"Acho que o conceito de 'spa para o cérebro' trivializa tanto a doença quanto o tratamento. A cetamina é um tratamento médico que deve ser usado para tratar doenças significativas", como depressão grave ou ideações suicidas, afirma Joshua Berman, diretor médico de psiquiatria interventiva na Universidade Columbia.

"Ela não foi desenvolvida para oferecer experiências agradáveis, relaxantes ou novas para pessoas entediadas ou pessoas preocupadas, mas sadias."

O que mais preocupa os especialistas talvez seja o fato de que cabe aos centros individuais determinar se e como os pacientes serão atendidos por profissionais de saúde mental.

"Há muita utilização não prescrita da cetamina. É altamente preocupante porque, na maioria das vezes, ela não é acompanhada por psicoterapia alguma", diz Natalie Ginsberg, representante da Associação Multidisciplinar de Estudos Psicodélicos (Maps), entidade de pesquisas e advocacia.

> **Há muita utilização não prescrita da cetamina. É preocupante porque, na maioria das vezes, ela não é acompanhada por psicoterapia**
>
> **Natalie Ginsberg** representante da Maps

Para ela, é crucial que os centros que empregam cetamina incorporem a terapia ao longo de todo o processo dos seus pacientes.

Depois de marcar consulta na Nushama, os pacientes passam por uma avaliação psicológica virtual com Steven Radowitz, diretor médico do centro (Meloff disse que a Nushama evita usar o termo "pacientes" internamente, optando por "clientes" ou até mesmo "membros").

A clínica rejeita estimados 10% dos potenciais pacientes se eles carecem do que chamam de "uma boa base ou rede de apoio" ou se têm histórico de abuso de substâncias, hipertensão ou não foram tratados previamente por uma condição psiquiátrica.

Já se uma pessoa chega com um diagnóstico de dor concomitante, a primeira consulta é com a Elena Ocher, executiva médica e chefe clínica, que obteve seu diploma em medicina na Rússia da Universidade Médica Estatal Pavlov São Petersburgo e se formou em neurocirurgia na Academia Médica Militar S.M. Kirov, também em São Petersburgo.

Ocher dirige clínicas de tratamento de dor no Upper East Side e no Brooklyn. Godfrey a conheceu por intermédio de um cirurgião plástico que também é seu amigo.

Uma semana antes de uma infusão de cetamina, os pacientes vão à clínica para um exame médico presencial que inclui eletrocardiograma, exame de pressão arterial e de saturação de oxigênio.

Eles também podem ser atendidos pela enfermeira psiquiátrica especializada Devorah Kamman, que passou a fazer parte da a equipe há cerca de três semanas.

Continua na pág. 5

1 Sala de sessões em grupo 2 Cerca de 3.000 flores de seda em cores pastéis decoram o teto da clínica 3 Corredor com as 18 salas de tratamento 4 Cardápio do local inclui chá de menta, frutas frescas e barras de granola

*Continuação da pág. 4*

Mas a Nushama não tem a obrigação legal de oferecer atendimento em saúde mental aos pacientes, e um representante dela disse originalmente que é possível passar por todo o processo da clínica sem ser atendido por um profissional de saúde mental. De lá para cá, a clínica modificou essa política.

Kamman, a única profissional de saúde mental que integra a equipe, agora vai avaliar qualquer paciente que não tenha seu médico próprio, disse a clínica. Mas não estará presente quando os pacientes receberem as infusões.

Não é exigido que os pacientes estejam fazendo terapia. "Não posso obrigar as pessoas a começar a buscar atendimento médico ou de um terapeuta", diz Radowitz.

Outras clínicas são mais exigentes. "Todos os pacientes de nossa clínica precisam ter um psiquiatra externo com quem se consultam e precisam ser encaminhados por ele", afirma Paul Kim, diretor de uma clínica na Johns Hopkins Medicine que oferece tratamento com escetamina.

No Soundmind Center, centro de cura psicodélica localizado na Filadélfia que emprega cetamina, um profissional de saúde mental diplomado trabalha com cada paciente ao longo de todo seu atendimento, disse a fundadora do centro, Hannah McLane.

"Para realmente tratar o problema subjacente do paciente é preciso conversar com ele. É preciso haver um profissional que ministre a terapia."

A clínica Nushama também tem "especialistas em integração" que se reúnem com os pacientes para discutir as intenções deles antes de cada sessão de infusão, vão à sala de tempos em tempos para acompanhar o que está acontecendo e retornam ao final. Mas esses coaches não são profissionais de saúde licenciados; segundo Radowitz, "são mais como babás".

Cada uma das 18 salas de atendimento da clínica tem o nome de um pioneiro da medicina psicodélica, como Ram Dass.

O paciente recebe uma máscara para os olhos e fones de ouvido para ouvir meditações faladas e música instrumental, que funde elementos musicais orientais e ocidentais.

Cada sala tem uma poltrona de couro de gravidade zero com um grande botão vermelho no descanso de braço com o qual o paciente pode chamar a enfermeira, que em caso de emergência pode suspender a infusão.

A cetamina também pode elevar a pressão e a frequência cardíaca das pessoas, explicou Iosifescu, e algumas pessoas sentem náusea ou desconforto durante as infusões.

A substância também tem o potencial de provocar psicose. Para pessoas com transtornos alimentares, uma condição que a Nushama diz que trata, isso é arriscado, porque pelo fato de terem nutrição pobre elas têm chances mais altas de sofrer problemas cardíacos, disse o psiquiatra.

Uma vez concluído o tratamento, um especialista em integração como o ex-profissional de marketing James Gangemi, 32, entra em ação.

"Depois da sessão, você fica se perguntando: o que faço agora? Como vou enfrentar o trânsito ou meus colegas de trabalho?", conta Gangemi, que chegou à profissão graças a seu próprio uso de psicodélicos. Ele conversa com cada paciente sobre como foi sua experiência. Às vezes, faz exercícios respiratórios com eles.

Um médico verifica os sinais vitais dos pacientes, monitorando sua frequência cardíaca e pressão sanguínea.

Os pacientes são encorajados a passar mais algum tempo na clínica, escrevendo em um diário sobre a experiência.

Podem pedir algo para comer ou beber de um cardápio que inclui chá de hortelã, frutas frescas e barrinhas de granola. Podem chamar uma pessoa para acompanhá-las até suas casas.

A maioria permanece por cerca de uma hora, disse Radowitz. Mas as pessoas são autorizadas a sair após uma avaliação médica rápida e um papo de 15 a 20 minutos com o coach de integração.

Natalie Ginsberg, da Maps, acha preocupante o fato de a janela de monitoramento da clínica ser tão breve.

"Em qualquer forma de terapia psicodélica é realmente importante que haja tempo depois para o corpo e a mente processarem o que aconteceu", diz Ginsberg.

As clínicas que usam escetamina geralmente exigem que um médico supervisione os pacientes por duas horas após a sessão, como mandam os protocolos da FDA.

Radowitz disse que não vê "diferença alguma" entre escetamina e cetamina, contrariando a visão da FDA. Mesmo assim, ele não acha necessário um acompanhamento por duas horas.

Ele reconhece que as práticas da Nushama diferem dos protocolos da FDA para a administração de escetamina, mas não está preocupado com potenciais riscos ou responsabilidade legal. "Isso não me diz respeito", ele disse. "Não tenho problema algum em usar esse medicamento."

Para alguns pacientes, os benefícios potenciais da cetamina pesam mais que os riscos, o status legal e o custo da droga.

A profissional de relações públicas Maria Kennedy, 30, passou pela primeira de suas seis "jornadas" na clínica Nushama em outubro de 2021.

Havia tentado terapia falada e inibidores seletivos de recaptação da serotonina para tratar sua ansiedade e depressão, contou, mas durante a pandemia sentiu-se saindo de controle, isolada e ansiosa em seu apartamento. Seu terapeuta a encaminhou à clínica Nushama.

Kennedy contou que durante as primeiras sessões ela se sentiu flutuando no espaço, aninhada embaixo da máscara de olhos e boiando fora de seu corpo. Em outras sessões a cetamina provocou visões específicas.

Quando a agulha intravenosa era retirada, ela se sentia mais ou menos de volta ao normal. Ela permanecia por algum tempo na clínica, demorando para sair da poltrona aconchegante.

"A única comparação que posso fazer é com despertar depois de um sono maravilhoso", ela disse. Depois de sair da clínica ela ia a um café com seu cachorro e lia alguma coisa enquanto tomava um café ou uma cerveja.

O interesse pelas clínicas de cetamina vem crescendo em todo o país. Desde que foi aberto, em agosto de 2021, o centro SoundMind vem recebendo cerca de cem pessoas novas por mês, em média.

A Boise Ketamine Clinic, no Idaho, está com todos os horários para tratamentos psicoterápicos assistidos por cetamina tomados até o final de abril. Em San Diego, a clínica South Coast TMS and Ketamine teve uma lista de espera de 40 pessoas que aguardavam por meses, até que a clínica elevou seus preços para US$ 1.500 (R$ 7.550) por sessão.

Dustin Robinson, fundador do fundo de capitais de investimento Iter Investments, que enfoca o espaço dos psicodélicos, estima que uma clínica de cetamina padrão com cinco salas, por exemplo, rende entre US$ 75 mil (R$ 377 mil) e US$ 100 mil (R$ 503 mil) ao mês, valor que pode dobrar se todos os horários estiverem tomados.

Segundo ele, a margem de lucro pode passar de 30%, algo que, segundo relatórios da indústria é muito superior à da maioria dos serviços de saúde. "Não há um quadro grande de profissionais e a medicina oferecida custa muito pouco —um valor quase desprezível—, de modo que o custo maior é com os profissionais."

Robinson conhece Godfrey, mas não é investidor na Nushama, que cobra US$ 4.500 (R$ 22.650) por sete sessões.

Os seguros médicos raramente cobrem cetamina para uso em saúde mental, mas podem cobrir se também houver um diagnóstico de dor. A Nushama não faz sessões individuais. "É difícil entrar em forma indo para a academia apenas uma vez", explicou Meloff.

A clínica também promove "jornadas em grupo", para até oito pessoas juntas numa sala grande, por mais ou menos a metade do preço das sessões individuais. Os fundadores da clínica têm grandes planos para eventos que divulguem seu trabalho.

Eles esperam um dia promover aulas de ioga e terapia respiratória no terraço. Também dizem que o plano é ministrar MDMA (ecstasy) ou psilobicina quando (e se) a FDA liberar esses psicodélicos.

Mas enquanto as agências federais não aprovarem o uso de qualquer psicodélico para tratar problemas de saúde mental, clínicas como a Nushama vão continuar a redigir suas próprias regras.

"Sei que esse movimento será impulsionado pela busca do lucro, mas estou fazendo pressão para as pessoas reduzirem suas margens de lucro um pouquinho e contratarem mais terapeutas", diz McLane, do centro SoundMind. "Não é justo para os pacientes que não haja um terapeuta ou facilitador presente ao longo de cada sessão."

Tradução Clara Allain

Chiara (dir.) e Valentina Ferragni em Nova York, após a Semana de Moda Krista Schlueter - 17.fev.22/The New York Times

# Irmãs Ferragni fazem sucesso expondo vida repleta de luxo

**Ao estilo das Kardashians, Chiara e Valentina bombam nas redes e em reality**

FS

Jessica Testa

THE NEW YORK TIMES Quando Chiara Ferragni passou a ser integrante do conselho da Tod's, uma empresa italiana de produtos de luxo, as ações da companhia subiram 12%. Ferragni, 34, tem 26 milhões de seguidores no Instagram e é uma das influenciadoras mais famosas da Europa.

Seus negócios hoje incluem uma marca de roupas e uma agência de talentos. Nada mal para quem começou com um blog de moda e viagens, o Blonde Salad.com.

O termo blogueiro saiu de moda. Agora a palavra em voga é "criador" ou "influenciador". Mas todas essas expressões querem dizer essencialmente o mesmo —a diferença é que foram adotadas em momentos diferentes da história recente.

Nos três casos, estamos falando de pessoas que geram conteúdo online profissionalmente com base em suas próprias vidas: as roupas que usam, as viagens de férias patrocinadas que fazem, os compromissos sociais a que comparecem, sua paixão pelas criptomoedas.

Vinte anos atrás, esse conteúdo era publicado em plataformas como o WordPress e era difícil quantificar seu alcance. Agora, ele surge principalmente no TikTok, no qual os indicadores, que incluem curtidas, comentários e compartilhamentos, são muito mais acessíveis.

Se Ferragni não tivesse criado seu blog em 2009, é possível que criadores como Addison Rae, 21, jovem atriz com 86 milhões de seguidores no TikTok (a quarta conta mais popular do aplicativo) não estivessem ocupando lugares na primeira fila no desfile de Michael Kors no mês passado —o evento mais estrelado da Semana da Moda de Nova York—, a poucos metros de distância da empresária e influenciadora italiana.

Isso porque Ferragni fez parte da primeira onda de blogueiros a desordenar o setor de moda. Na época, um post dela, de Brianboy (socialite de moda filipino) ou de Garance Doré (fotógrafa, ilustradora e autora francesa) podia carregar o mesmo peso publicitário de um anúncio de página inteira em uma revista de moda.

Quando esses primeiros influenciadores passaram a comparecer a desfile de moda, não demorou para que começassem a ser acomodados em companhia dos editores das grandes revistas.

Por muito tempo, a elite da moda rejeitou esse arranjo. "As pessoas costumavam ser esnobes quanto a qualquer coisa que viesse da internet", afirma Ferragni, sentada no saguão do Bowery Hotel, após a Semana de Moda de Nova York.

Agora ela deixou de ser a novata em ascensão e com algo a provar. Um crítico a descreveu na semana passada como "a mãe dos dragões", entre os influenciadores.

Ferragni gosta de assistir a vídeos do TikTok, por exemplo, mas ainda não encontrou seu papel no aplicativo, onde ela atrai apenas um sexto do número de seguidores que tem no Instagram.

"Eu às vezes faço vídeos para o TikTok, mas nem sempre me sinto eu mesma. É aceitável dizer que talvez aquela não seja a minha plataforma. Talvez não seja algo que que eu queira fazer", diz ela.

Assim, de que maneira uma veterana da mídia social pode proteger seu legado, se ela não está conquistando novas plataformas? Ela segue o plano de jogo de Calabasas.

No ano passado, uma das séries de TV originais mais assistidas na Itália foi o reality show "The Ferragnez", estrelado por Ferragni e seu marido, Fedez, um rapper italiano que a pediu em casamento no palco, em 2017. A cobertura da cerimônia, em 2018, foi tão ampla quanto a do casamento do príncipe britânico Harry com Meghan Markle.

Assim como as veteranas Kardashians nos EUA, eles permitiram a presença de câmeras em todos os momentos da nova vida a dois, incluindo suas sessões de terapia de casal. "É importante não retratar sempre uma vida feliz e perfeita", disse Ferragni.

Outros integrantes do reality show são a mãe de Ferragni (uma romancista que tem 630 mil seguidores no Instagram), seu pai dentista (135 mil seguidores), e suas irmãs Francesca, 32, (1,3 milhão de seguidores) e Valentina, 29 (4 milhões de seguidores).

Chiara Ferragni não vê nada de estranho no fato de toda sua família ter conquistado seguidores nas redes sociais. Seus fãs virtuais "simplesmente amam o estilo de vida."

"Eles gostam de você, simplesmente. Interessam-se por tudo que esteja conectado a você", o que inclui parentes e amigos, explica ela.

> **"Eles gostam de você, simplesmente. Interessam-se por tudo que esteja conectado a você**
>
> **Chiara Ferragni**
> influenciadora digital, sobre seus 26 milhões de seguidores

Apenas sua irmã mais nova a seguiu ao mundo da moda. Valentina criou uma linha colorida de joias finas, de gênero neutro, lançada em setembro de 2020 e descrita como "fácil de usar". O primeiro design dela para o Valentina Ferragni Studio foi um pendente em V para brincos chamado Uali, seu apelido, e que ela definiu como "um tributo a mim mesma".

A linha de joias se expandiu e agora inclui gargantilhas, braceletes e anéis, e todas as peças incorporam o logotipo da designer, um V volumoso. A companhia tem apenas algumas funcionárias, sempre mulheres com menos de 30 anos, e alega que todos os produtos são artesanais e produzidos localmente. A linha é vendida por 400 joalherias italianas e pela rede de lojas de departamentos Rinascente.

Como costuma ser o caso entre celebridades irmãs, Valentina e Chiara Ferragni são muito parecidas: as duas usam cabelos repartidos no meio, têm olhos azuis reluzentes, quase sempre maquiados com sombra brilhante, e optam por figurinos em cores vistosas.

Quando tinha 15 anos, Valentina costumava fotografar as roupas da irmã. Antes mesmo que o blog Blonde Salad tivesse sido criado, Chiara conquistava seguidores no Flickr, um serviço de hospedagem de imagens e rede social para entusiastas da fotografia.

Chiara postava imagens no Flickr como se fossem um diário, em oposição a, por exemplo, pores do sol ou closes de flores exóticas. "As pessoas me odiavam", ela lembra.

As irmãs foram criadas em Cremona, na Itália. A mãe delas, Marina Di Guardo, amava tirar fotos e gravar vídeos com as meninas a despeito de não ter como compartilhá-los publicamente. Di Guardo trabalhou no showroom da grife Blumarine, e por isso suas filhas se interessavam por moda desde pequenas.

Antes que o blog de Chiara decolasse, a ambição de sua irmã mais nova era ser arquiteta ou decoradora de interiores. Valentina ainda se lembra de ir ao seu primeiro desfile de moda em Milão com Chiara, cerca de sete anos atrás, e de ter medo "porque eu não sabia o que fazer".

Ela estava de macacão jeans e usava um chapéu, e posou para fotos ao lado da irmã. A descontração de Chiara diante das câmeras causava inveja em Valentina.

A caçula afirma que continua a querer ser como Chiara, mas percebe que existem limitações. "Para algumas pessoas, eu serei sempre a segunda. Mas na verdade somos pessoas diferentes. Somos as duas loiras e temos o mesmo sobrenome, mas uma é Chiara e a outra é Valentina", diz.

Ainda assim, quando sua irmã é uma magnata da moda e líder do que alguns veículos de mídia italianos designam como "a família real", ficar em segundo lugar não é exatamente a pior coisa.

Embora "meu sobrenome 20 anos atrás fosse apenas um sobrenome", conta Valentina Ferragni, também provou ser uma vantagem em um mercado superlotado. O Valentina Ferragni Studio informou que sua receita em 2021 foi de 5 milhões de euros (R$ 27,6 milhões no câmbio atual).

É um mercado no qual Chiara Ferragni também decidiu entrar, no final de 2021, um ano depois de Valentina ter lançado sua marca de joias. "Nossas linhas não concorrem", garante Chiara. As joias da irmã mais velha são bijuterias, cristais e correntes com motivos decorativos em forma de coração.

Fabio Maria Damato, o gerente geral da Chiara Ferragni Collection e da Blonde Salad, reconheceu que inicialmente "o pessoal de negócios ficou preocupado". Mas logo se tornou claro que as duas irmãs estavam adotando abordagens diferentes e administrando companhias diferentes. (Afinal de contas, Kim e Kylie Kardashian não vendem cada qual sua linha de maquiagens?)

Damato começou a trabalhar com Ferragni cinco anos atrás. Ex-jornalista de moda, ele apareceu em "The Ferragnez" e em "Chiara Ferragni: Unposted", documentário de 2019 sobre a influenciadora, sempre no papel de braço direito de Ferragni, ajudando-a tanto a vestir roupas complicadas quanto a se acertar em situações de negócios difíceis, como a retomada de controle sobre a Blonde Salad, criada por Chiara e um ex-namorado.

Mesmo agora, enquanto a empresa busca ativamente investidores externos, Ferragni não tem planos de ceder o controle do negócio que leva seu nome. Mas, tendo em vista o fato de que os blogs morreram e que as pessoas "não vão mais a sites", ela abriu mão do Blonde Salad. O blog parou de veicular conteúdo novo, que agora ela reserva ao Instagram.

"Nós discutimos fechá-lo, mas decidimos mantê-lo aberto só por ser parte da história e da minha história", disse.

Houve um momento, no final do ano passado, em que essa história parecia ter chegado a um clímax. Embora Ferragni tenha aparecido nas capas de dezenas de revistas internacionais nos últimos dez anos, ela por fim apareceu, em outubro, nas páginas da Vogue italiana, a mais respeitada revista de moda de seu país.

A estética da Vogue Italia sempre foi mais artística e abstrata, suas tendências, mais controversas e sua consciência social, mais aguçada do que a de outras edições da revista. Mas, no começo de 2021, a Vogue anunciou uma mudança de estratégia a fim de consolidar a liderança de todas as suas publicações internacionais.

Isso levou à promoção de uma jovem, Francesca Ragazzi, ao posto de editora chefe da Vogue Italia. Uma de suas primeiras decisões foi colocar Ferragni na capa de uma edição dedicada a "recomeços", e a editora a definiu como "a protagonista ideal para interpretar essa nova direção".

O selo de aprovação da Vogue Italia —enfim!— foi sinal de uma mudança mais ampla na moda do país, por muito tempo comandada por estilistas e executivos mais velhos, e companhias familiares que costumam ser resistentes ao que as "próximas gerações" tenham a dizer, segundo Damato.

Em Milão, mais do que em outras capitais mundiais da moda, é difícil chegar ao sucesso antes dos 45 anos.

"Quando éramos jovens e estávamos começando, era difícil", disse Damato. Isso está mudando, e não só por conta do apoio de Ragazzi a Ferragni, ele acrescentou, mas também por causa da rede crescente de jovens estilistas, entre os quais Giuliano Calza, da GCDS, e Gilda Ambrosio e Giorgia Tordini, da Attico.

A geração mais velha da moda italiana "tem um bom conhecimento mútuo e respeito mútuo, mas eles não querem trabalhar juntos", afirma Chiara. "Nossa geração se apoia mais."

Ferragni aponta que essa é uma nova maneira de fazer negócios, na Itália. E isso também é boa notícia para a caçula da família, Valentina, em seus esforços para ao mesmo tempo se manter próxima da irmã e trilhar um caminho próprio.

> **"Eu amaria que as pessoas compreendessem que somos duas pessoas diferentes, temos dois negócios diferentes, duas sociedades diferentes, duas marcas diferentes**
>
> **Valentina Ferragni**
> caçula do clã, sobre a irmã Chiara

"Eu amaria que as pessoas compreendessem que somos duas pessoas diferentes, temos dois negócios diferentes, duas sociedades diferentes, duas marcas diferentes", afirma Valentina. "Mas ajudamos uma à outra. Talvez um dia façamos uma colaboração", especula a empresária.

Tradução Paulo Migliacci